O GAÚCHO

José de Alencar



O GAÚCHO



JOSÉ DE ALENCAR

1870

Prólogo

Que significa este nome — Sênio — no frontispício de livros que vozes benévolas da imprensa já atribuíram a outrem?

Cada um fará a suposição que entender.

Era preciso um apelido ao escritor destas páginas, que se tornou um anacronismo literário. Acudiu esse que vale o outro e tem de mais o sainete da novidade.

Porventura escolhendo aquela palavra, quis o espírito indicar que para ele já começou a velhice literária, e que estes livros não são mais as flores da primavera, nem os frutos do outono, porém sim as desfolhas do inverno?

Talvez.

Há duas velhices: a do corpo que trazem os anos, e a da alma que deixam as desilusões.

Aqui, onde a opinião é terra sáfara, e o mormaço da corrupção vai crestando todos os estímulos nobres; aqui a alma envelhece depressa. E ainda bem! A solidão moral dessa velhice precoce é um refúgio contra a idolatria de Moloch.

10 de novembro de 1870.

LIVRO PRIMEIRO

O PEÃO

I

O PAMPA

Como são melancólicas e solenes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguai e seus afluentes!

A savana se desfralda a perder de vista, ondulando pelas sangas e coxilhas que figuram as flutuações das vagas nesse verde oceano. Mais profunda parece aqui a solidão, e mais pavorosa, do que na imensidade dos mares.

É o mesmo ermo, porém selado pela imobilidade, e como que estupefato ante a majestade do firmamento.

Raro corta o espaço, cheio de luz, um pássaro erradio, demandando a sombra, longe na restinga de mato que borda as orlas de algum arroio. A trecho passa o poldro bravio, desgarrado do magote; ei-lo que se vai retouçando alegremente babujar a grama do próximo banhado.

No seio das ondas o nauta sente-se isolado; é o átomo envolto numa dobra do infinito. A âmbula imensa tem só duas faces convexas, o mar e o céu. Mas em ambas a cena é vivaz e palpitante. As ondas se agitam em constante flutuação; têm uma voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam a cada instante ao sopro do vento; há nelas uma fisionomia, um gesto.

A tela oceânica, sempre majestosa e esplêndida, ressumbra possante vitalidade. O mesmo pego, insondável abismo, exubera de força criadora; miríades de animais o povoam, que surgem à flor d'água.

O pampa ao contrário é o pasmo, o torpor da natureza.

O viandante perdido na imensa planície, fica mais que isolado, fica opresso. Em torno dele faz-se o vácuo: súbita paralisia invade o espaço, que pesa sobre o homem como lívida mortalha.

Lavor de jaspe, embutido na lâmina azul do céu, é a nuvem. O chão semelha a vasta lápida musgosa de extenso pavimento. Por toda a parte a imutabilidade. Nem um bafo para que essa natureza palpite; nem um rumor que simule o balbuciar do deserto.

Pasmosa inanição da vida no seio de um alúvio de luz!

O pampa é a pátria do tufão. Aí, nas estepes nuas, impera o rei dos ventos. Para a fúria dos elementos inventou o Criador as rijezas cadavéricas da natureza.

Diante da vaga impetuosa colocou o rochedo; como leito de furacão estendeu pela terra as infindas savanas da América e os ardentes areais da África.

Arroja-se o furacão pelas vastas planícies; espoja-se nelas como o potro indômito; convole a terra e o céu em espesso turbilhão. Afinal a natureza entra em repouso; serena a tempestade; queda-se o deserto, como dantes plácido e inalterável.

É a mesma face impassível; não há ali sorriso, nem ruga. Passou a borrasca, mas não ficaram vestígios. A savana permanece como foi ontem, como há de ser amanhã, até o dia em que o verme homem corroer essa crosta secular do deserto.

Ao pôr do sol perde o pampa os toques ardentes da luz meridional. As grandes sombras, que não interceptam montes nem selvas, desdobram-se lentamente pelo campo fora. É então que assenta perfeitamente na imensa planície o nome castelhano. A savana figura realmente em vasto lençol desfraldado por sobre a terra, e velando a virgem natureza americana.

Essa fisionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos; mas logo após ressumbra tão funda tristeza que estringe a alma. Parece que o vasto e imenso orbe cerra-se e vai minguando a ponto de espremer o coração.

Cada região da terra tem uma alma sua, raio criador que lhe imprime o cunho da originalidade. A natureza infiltra em todos os seres que ela gera e nutre aquela seiva própria; e forma assim uma família na grande sociedade universal.

Quantos seres habitam as estepes americanas, sejam homem, animal ou planta, inspiram nelas uma alma pampa. Tem grandes virtudes essa alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez são indígenas da savana.

No seio dessa profunda solidão, onde não há guarida para defesa, nem sombra para abrigo, é preciso afrontar o deserto com intrepidez, sofrer as privações com paciência, e suprimir as distâncias pela velocidade.

Até a árvore solitária que se ergue no meio dos pampas é tipo dessas virtudes. Seu aspecto tem o que quer que seja de arrojado e destemido; naquele tronco derreado, naqueles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, há uma atitude atlética. Logo se conhece que a árvore já lutou à sua nutrição. A árvore é sóbria e feita às inclemências do sol abrasador. Veio de longe a semente; trouxe-a o tufão nas asas e atirou-a ali, onde medrou. É uma planta emigrante.

Como a árvore, são a ema, o touro, o corcel, todos os filhos bravios da savana.

Nenhum ente, porém, inspira mais energicamente a alma pampa do que o homem, o gaúcho. De cada ser que povoa o deserto, toma ele o melhor; tem a velocidade da ema ou da corça; os brios do corcel e a veemência do touro.

O coração, fê-lo a natureza franco e descortinado como a vasta coxilha; a paixão que o agita lembra os ímpetos do furacão; o mesmo bramido, a mesma pujança. A esse turbilhão do sentimento era indispensável uma amplitude de coração, imensa como a savana.

Tal é o pampa.

Esta palavra originária da língua quíchua significa simplesmente o plaino; mas sob a fria expressão do vocábulo está viva e palpitante a ideia. Pronunciai o nome, com o povo que o inventou. Não vedes no som cheio da voz, que reboa e se vai propagando expirar no vago, a imagem fiel da savana a dilatar-se por horizontes infindos? Não ouvis nessa majestosa onomatopeia repercutir a surdina profunda e merencória da vasta solidão?

Nas margens do Uruguai, onde a civilização já babujou a virgindade primitiva dessas regiões, perdeu o pampa seu belo nome americano. O gaúcho, habitante da savana, dá-lhe o nome de campanha.

II

O VIAJANTE

Corria o ano de 1832.

Na manhã de 29 de setembro um cavaleiro corria a toda brida pela verde campanha que se estende ao longo da margem esquerda do Jaguarão.

Deixara o pouso pela alvorada e seguia em direção ao nascente. Para abreviar a jornada, se desviara da estrada, e tomara por meio dos campos, como quem tinha perfeito conhecimento do lugar.

Não o detinham os obstáculos que porventura encontrava em sua rota batida, mas não trilhada. Valados, seu cavalo morzelo os franqueava de um salto, sem hesitar; sangas e arroios atravessava-os a nado, quando não faziam vau.

Era o cavaleiro moço de 22 anos quando muito, alto, de talhe delgado, mas robusto. Tinha a face tostada pelo sol e sombreada por um buço negro e já espesso. Cobria-lhe a fronte larga um chapéu desabado de baeta preta. O rosto comprido, o nariz adunco, os olhos vivos e cintilantes davam à sua fisionomia a expressão brusca e alerta das aves de altanaria. Essa alma devia ter o arrojo e a velocidade do voo do gavião.

Pelo traje se reconhecia o gaúcho. O ponche de pano azul forrado de pelúcia escarlate caía-lhe dos ombros. A aba revirada sobre a espádua direita mostrava a cinta onde se cruzavam a longa faca de ponta e o amolador em forma de lima.

Era cor de laranja o chiripá de lã enrolado nos quadris, em volta das bragas escuras que desciam pouco além do joelho. Trazia botas inteiriças de potrilho, rugadas sobre o peito do pé e ornadas com as grossas chilenas de prata.

O morzelo, cavalo grande e fogoso, não tinha bonita estampa. Vinha arreado à gaúcha; as rédeas e o fiador mostravam guarnições de prata; eram do mesmo metal os bocais dos estribos à picaria e o cabo do rebenque de guasca, preso ao punho da mão direita.

Na anca do animal enrolava-se o laço abotoado à cincha, e do lado oposto os fiéis das bolas retovadas de couro, que descansavam no lombilho de um e outro lado. Pela perna esquerda do cavaleiro descia a ponta da lança gaúcha, cuja haste presa à carona apoiava-se de revés no flanco do animal.

Quem não conhecesse os costumes da província do Rio Grande do Sul, suporia

que esse cavaleiro ia naquela desfilada correr alguma rês no campo; ou fazer uma excursão a qualquer charqueada próxima. Mas as pessoas vaqueanas reconheceriam à primeira vista um viajante à escoteira.

Com efeito, ao lado do gaúcho galopavam relinchando três cavalos, qual deles mais lindo e garboso; porém nenhum tão valente e brioso como o morzelo, que os distanciava a todos, apesar de montado; e não era animal que precisasse ser advertido pelo roçar das chilenas.

Estava fresca a manhã. Em setembro ainda reina o inverno na campanha; e nesse dia soprava o minuano, vento glacial, que desce dos Andes. Apesar do sol que dardejava em um céu límpido e azul, o frio cortava.

Depois de algum tempo de marcha, avistou o gaúcho no meio do campo o rancho de um posteiro, que assim chamam nas estâncias os vaqueiros incumbidos de guardar o gado solto. Encontram-se destas choupanas de distância em distância pela extensão dos grandes pastos.

O viajante botou o animal para o rancho.

Pela porta aberta via-se no interior um homem deitado no chão sobre um pelego, e um fogo a arder no fundo.

— Olá, amigo, Deus o salve!

— Para o servir, respondeu o posteiro virando-se de bruços e levantando a cabeça.

— Sabe-me dizer se o coronel estará em Jaguarão?

— Homem, deve estar.

— Então não sabe com certeza?

— Até anteontem lá estava. Mas de um momento para outro pode ser preciso em outra parte. Ainda mais agora que os castelhanos aí andam na fronteira, fazendo das suas.

Abrindo o ponche, o gaúcho tirara da guaiaca, espécie de bolsa de couro atada à cinta, um cigarro de palha e o preparava com a destreza de fumista consumado.

— Bem; antes da noite saberei, disse tirando lume do fuzil.

Entretanto o peão, erguendo-se do pelego, se aproximara da porta e olhava com atenção para o viajante.

— A modo que estou conhecendo ao senhor? acudiu ele.

— Pode ser, chamo-me Manuel Canho, para o servir.

— Outro tanto; Francisco da Graça, mas todos me conhecem por Chico Baeta, um seu criado. Seu nome não me é estranho. Manuel Canho... De Ponche-Verde?

— Isso mesmo.

— Bem dizia eu. Agora me alembro; foi em umas corridas no Alegrete, há coisa assim como dois anos a esta parte. O senhor não esteve lá?

— Fui um dos que correram.

— Bem sei; e ganhou aos vencedores. Pois é isso, que eu tinha cá na ideia. E querem ver?

Proferindo estas palavras, o Chico Baeta afastou-se do morzelo para melhor examiná-lo.

— Não há dúvida. Foi este o moço?

— É verdade!

— Eh pingo! exclamou o peão, dando com entusiasmo uma palmada na anca do animal.

Só compreenderá a energia da exclamação do Chico Baeta quem souber que pingo é o epíteto mais terno que o gaúcho dá a seu cavalo. Quando ele diz "meu pingo" é como se dissesse meu amigo do coração, meu amigo leal e generoso.

— Que faísca! Sr. Manuel Canho. Enquanto os outros ginetes, e os havia de fama, levantavam a poama na quadra, cá o morzelinho fez trás, zás, e fuzilou na raia como um corisco.

Canho estava gostando de ouvir o elogio feito a seu animal: o cavalo é uma das fibras mais sensíveis do coração do gaúcho. Mas alguma coisa instigava o viajante, que fazendo um esforço interrompeu o peão.

— Então se me dá licença, vou-me andando. Careço de estar hoje na vila sem falta.

— O churrasco está na brasa, se é servido?...

— Obrigado; ficará para outra vez. Antes do descanso ainda tenho que fazer umas cinco léguas.

— Pois, amigo, até mais ver.

— Com o favor de Deus.

— Olhe; se vir lá pela vila a Missé, dê-lhe memórias; diga-lhe que em havendo uma folga, lá me tem para bailarmos o tatu.

— Farei presente, respondeu rindo o Canho que já ia longe à desfilada.

Naquele andar fez o viajante a porção de jornada que tencionava, e aproximou-se do arroio da Candiota, um dos afluentes do Jaguarão, que atravessa a campanha de norte a sul, na distância de algumas léguas da cidade.

Medindo a altura do sol conheceu que era perto de meio-dia; já a seriema afinava a garganta para soltar o canto.

Parando à sombra de uma árvore na beira do rio, o gaúcho saltou no chão, e sacou em um momento os arreios do animal. Enquanto o morzelo se espojava na grama para desinteiriçar os músculos entorpecidos pelo arrocho da cincha, o viajante batia o fuzil, e tirava fogo para acender um molho de galhos secos.

A sela é ao mesmo tempo a bagagem do gaúcho; esse viajante do deserto, como o sábio da antiguidade, pode bem dizer que leva consigo quanto possui.

A xerga lhe serve de cama; a sela forrada com o lombilho, de travesseiro. Nas caronas traz a maleta com a roupa de muda; na guaiaca patacões ou onças que constituem todo seu pecúlio. Entre a xerga e a manta, estende um pedaço de carne que o calor do animal cozinha durante a jornada.

Manuel fez com presteza seus arranjos para a sesta; e deixando a carne a tostar sobre o fogo, aproximou-se do rio para lavar as mãos e o rosto. A janta foi expedita. Uma grande naca de carne com alguns punhados de farinha; e água bebida no bocal do estribo, que o rapaz teve o cuidado de lavar para dar-lhe a serventia de copo.

Atirou-se então sobre a cama forrada com o pelego; e fumou dois cigarros de palha enquanto descansava.

— Hoje em Jaguarão; e daqui a oito dias, Deus sabe aonde! Talvez contigo, pai, lá em cima; murmurou o gaúcho engolfando os olhos no límpido azul do céu.

Meia hora não tinha decorrido, que o gaúcho levantou-se de um salto, e tirou do céu da boca o som com que a gente do campo costuma falar aos animais. A tropilha que pastava ali perto, conduzida pelo morzelo, aproximou-se gambeteando.

— Cá, Ruão!

Arreado o animal, pulou o gaúcho na sela e atravessando o rio, partiu a galope.

Seriam cinco horas e meia, quando no azul diáfano do horizonte se desenhou iluminada pelo arrebol da tarde a torre da igreja do Espírito Santo, que servia de matriz à vila de Jaguarão.

Receoso talvez de que o último raio do sol se apagasse, deixando-o ainda em caminho, o gaúcho afrouxou as rédeas ao Ruão, que lançou-se como uma flecha.

III

O AGOURO

Sobre uma pequena ondulação, que cingem de um e outro lado dois pequenos córregos, está assentada a cidade, então vila de Jaguarão, à margem esquerda do rio do mesmo nome.

Naquela tarde do dia 29 de setembro de 1832, havia no povoado uma agitação, que indicava algum fato extraordinário. Os habitantes em turmas enchiam as ruas, e especialmente a das Palmas, que fica fronteira ao quartel.

A razão desse ajuntamento, e do alvoroto que se percebia entre o povo, podia conhecê-la quem se desse ao trabalho de escutar as falas daqueles bandos de curiosos.

— Foram batidos?

— Completamente. Rivera caiu sobre eles que foi uma lástima.

— E Bento Gonçalves os prendeu?

— Não vai desarmá-los?

— Ande lá, acudiu um tropeiro, que o Lavalleja é um duro. Há de tirar a desforra.

Com efeito, Juan Lavalleja, o herói da independência de Montevidéu, sua pátria, tendo-se revoltado contra o Presidente da República, Frutuoso Rivera, fora afinal derrotado pelas forças legais e obrigado a passar a fronteira.

Pisando território brasileiro foi o caudilho intimado pelo coronel Bento Gonçalves, comandante da fronteira do Jaguarão, para entregar as armas, ao que submeteu-se sem resistência.

Fronteiro ao quartel, e em face da nossa tropa, formou a força rebelde. Os soldados com o semblante carregado esperavam o momento solene de depor as armas. O sentimento dessa humilhação era partilhado por grande parte da população, imbuída de certo espírito militar.

Lavalleja dirigiu a seus companheiros de infortúnio palavras de animação, que produziram efeito contrário. A cólera concentrada prorrompeu em queixas amargas e violentas recriminações.

Afinal consumou-se o ato. Os soldados deixaram as armas em terra, e foram recolhidos presos ao quartel. D. Juan Lavalleja entregou a espada ao coronel Bento Gonçalves, que o hospedou em sua casa, enquanto não lhe dava destino.

Dispersava-se o povo, comovido pela triste cerimônia, quando o galope do cavalo de Manuel Canho ressoou no princípio da Rua das Trincheiras.

O gaúcho apeou à porta de uma venda que dava pousada. Depois de recolher seus animais ao potreiro, e guardar os arreios no canto que lhe destinaram, sentou-se no alpendre e pediu uma cuia de mate.

Já sabia o que desejava. O coronel estava na vila; logo mais, quando ele tivesse dado as providências sobre o destino da gente desarmada, iria o rapaz procurá-lo.

No alpendre estava diversas pessoas conversando sobre o acontecimento do dia:

— Se é verdade o que dizem, observou um seleiro com ar de mistério, o coronel não desarmou o homem lá muito pelo seu gosto.

— Ora esta do Lucas Fernandes! Se ele não quisesse, quem o obrigava? Não é assim?

— Decerto!

— Ainda não é tempo.

— De quê? perguntou um ferrador.

— Olhem; desta ninguém me tira. O coronel antes queria ter filado o Frutuoso, do que o Lavalleja!

— Mas por quê, Félix?

— Vocês verão.

O coronel Bento Gonçalves da Silva, veterano da guerra da Cisplatina e comandante da fronteira de Jaguarão e Bagé, era então o homem mais respeitado em toda a campanha do Rio Grande do Sul. Franco e generoso, bravo como as armas, vazado na mesma têmpera de Osório e Andrade Neves, montando a cavalo como o Cid campeador, era Bento Gonçalves o ídolo da campanha.

Os homens o adoravam; as mulheres o admiravam. O mais sacudido rapaz achava coisa muito natural que as moças bonitas chegassem à janela para ver passar o elegante velho, com seu talhe alto e espigado, e seu peito amplo e bombeado como a petrina do brioso ginete.

Sensível a essa fineza do belo sexo, o veterano alisava o bigode grisalho, pagando com um sorriso os olhares coados pelas rótulas. Ao mesmo tempo consolava os rapazes, fazendo-lhes um aceno com a mão, ou dirigindo-lhes algum dito picaresco.

Da influência que exercia Bento Gonçalves sobre o ânimo da população, pode bem dar uma ideia o que dizia há pouco um dos camaradas reunidos no alpendre da pousada: “Se ele não quisesse, quem o obrigava?” Estas palavras traduziam a convicção daquela gente. Para os habitantes do interior, o coronel era o rei da campanha; ninguém tinha o direito de lhe dar ordens; desarmara Juan Lavalleja porque assim lhe aprouvera, como poderia protegê-lo, unir-se a ele, e marchar sobre Frutuoso Rivera.

Havia então no Rio Grande do Sul outros coronéis, e entre eles o veterano Bento Ribeiro, que devia figurar posteriormente na história de sua província de uma maneira tão triste, apagando as páginas brilhantes que sua espada leal tinha escrito em mais de um campo de batalha.

Mas o coronel por excelência, aquele em quem o povo havia personificado o título, como o mais bravo e digno, era Bento Gonçalves. De uma à outra fronteira da província, os estancieiros muitas vezes não sabiam ou não se lembravam quem era o presidente e o comandante das armas; mas qualquer peão ouvindo falar no coronel, sabia de quem se tratava; e não se metessem a tasquinhar nele, que a faca de ponta saltava logo da bainha.

Continuava a prática entre os fregueses da venda:

— Cá por mim, se eu fosse o coronel, o que fazia era passar uma coleira vermelha ao pescoço do Lavalleja.

Estas palavras eram de um carneador. Coleira chamava ele no seu estilo pitoresco ao degolo que todas as manhãs fazia nas reses destinadas ao corte da charqueada.

— Ora, que mal fez o homem?

— Já se esqueceu do levante de Montevidéu?

— Não vejo crime em libertar um homem sua pátria, acudiu o Lucas Fernandes. Fez ele muito bem, e nós cá não estamos muito longe de seguir o mesmo caminho. As coisas vão mal; o governo do Rio não dá importância aos homens da província. Já não demitiram o coronel porque têm medo.

— Lá isso é verdade! Atrevam-se que hão de ver o bonito.

— Não é por falta de vontade dos de Montevidéu que não cessam de pedir.

— Pudera! Se não fosse o coronel, entravam eles por esta fronteira como por sua casa.

Eram os pródromos da revolução que devia prorromper três anos depois. A semente aí estava lançada na população, e se desenvolvia com o vento sedicioso que soprava do Prata.

Uma voz infantil soara na rua perguntando:

— Papai está aí?

Lucas Fernandes voltou-se para a menina que subia os degraus do alpendre.

— Que queres, Catita?

— Já se foi a tropa, papai?

— Pois não viste?

— Ora! cuidei que iam brigar!

— Olhem a pequena! exclamou o ferrador a rir. Então você queria ver-nos brigar com os castelhanos?

— Queria; há de ser bonito!

— Assim, gauchinha! acudiu um tropeiro repuxando o bigode.

— Ainda hás de ter esse divertimento, Catita, redarguiu o Lucas Fernandes. Tão depressa achasses tu um bom marido.

— Pois não há de achar? Tão guapa moçoila! Aqui estou eu que se ela não refugar... Hein! Catita, que diz? Há de ser minha noiva.

— Quem conta com soldado? O noivo dela é cá o degas, que já nos ajustamos! Tornou o tropeiro piscando o olho.

Sorria no entanto a menina com certo arzinho de malícia que frisava o botão de rosa da boquinha a mais gentil. Ao mesmo tempo movendo lentamente a fronte em sinal de recusa, meneava as duas longas tranças de cabelos negros, que, ondeando pelas espáduas, desciam até à bainha da saia curta de lila encarnada com vivos pretos.

Era realmente um feitiço a Catita. Seu talhe de treze anos, esbelto e airoso, não tinha as formas da donzela, mas já no requebro faceiro ressumbrava a graça feminina. Os olhos negros, como os cabelos, ela os trazia sempre a meio vendados pelas róseas pálpebras; por isso, quando alguma vez se desvendavam,

parecia que seu rosto se tinha banhado em jorros de luz.

A tez, quem a visse, em repouso, sob a negra madeixa, cuidaria ser alva; mas nas inflexões do colo e dos braços percebia-se, como sob a transparência da opala, uns reflexos de ouro fusco. Então conhecia-se que era morena; e o tom cálido de sua cútis lembrava o aspecto das brancas praias de areia, iluminadas pelos últimos raios do sol.

— Estão aí perdendo seu tempo. Ela já me deu sua palavra. Não é, moça?

— Sai-te, gabola, que o dunga está aqui, disse um peão plantando-se no meio da casa com a mão esquerda no quadril, e a direita no ar brandindo a faca.

— Está bem, não vai a brigar, acudiu Lucas Fernandes rindo. Qual deles escolhes, Catita?

— Eu, papai?

— Pois então?

— Eu... disse a menina esticando a perna bem torneada, e arqueando o pezinho calçado com um sapato de marroquim azul.

Suspensa um momento nessa figura de dança, enquanto percorria com olhar brejeiro os sujeitos da roda, acabou a frase descrevendo uma pirueta graciosa.

— Eu não escolho nenhum!

— Ora aí está! disse o Lucas soltando uma gargalhada.

— Qual! Já está fazendo melúrias.

— Meu noivo... Querem saber qual é?

— Então sempre escolhe!

— Ai que já estou me lambendo!

— Quem é?

— Olhe!

No canto oposto do alpendre, estava o Manuel Canho, sentado no parapeito, com o cigarro na boca, e a vista divagando pelos campos que se estendiam além do córrego, às abas da cidade. Inteiramente alheio ao que passava junto, o gaúcho parecia de todo absorvido em suas cogitações.

Esta expressão de recolho íntimo apagava certa aspereza de sua fisionomia.

Visto assim de perfil, com a fronte descoberta, os cabelos que a brisa agitava, e o talhe desenhado pelo traje pitoresco do gaúcho, era sem dúvida um bonito rapaz.

Foi a ele que se dirigiu Catita; e tocando-lhe no ombro, voltada para os outros, disse:

— Este!

— Não vale! exclamou o peão.

Sentindo no ombro a mão da menina, o gaúcho voltou-se com um olhar interrogador.

— É você que eu quero para meu noivo, disse-lhe Catita a sorrir.

— Quando for viúva, então sim, serei seu noivo! respondeu o gaúcho em amargo tom de ironia.

Afastou-se a menina com um espanto misturado de pesar. Da gente da roda, uns não viram no dito do gaúcho mais do que uma chufa, e riram; outros não lhe deram atenção.

Catita, porém, tomou aquela estranha resposta de Canho como agouro; e teve nessa noite um sonho bem triste.

IV

O PADRINHO

Soavam trindades na torre da matriz.

Manuel Canho ergueu-se e esperou de cabeça descoberta pela última badalada; depois do que, saiu na volta da Rua das Palmas onde morava o coronel.

Estavam à porta o cabo de ordens e uma récua de camaradas paisanos ao serviço do coronel. Não havia então na campanha do sul homem ou estancieiro importante que não se acompanhasse de um bando de gaúchos. O número desses camaradas, que lembram os acostados da Idade Média, indicava o grau de preponderância e riqueza do patrão.

Voltara Bento Gonçalves do quartel, e enquanto serviam a ceia, foi ter na sala com seu prisioneiro, D. Juan Lavalleja.

O caudilho dava sinais bem visíveis de mau-humor, no cenho carrancudo e na impaciência com que trincava a ponta do cigarro de palha. Por momentos arrependia-se do que tinha feito, e lamentava não ter morrido combatendo contra Frutuoso Rivera ou Bento Gonçalves, antes do que sujeitar-se à humilhação de render as armas. E a quem? A brasileiros.

Não obstante, no meio desta apoquentação, lá surdia no ânimo do ambicioso caudilho uma ideia, que ele ruminava com a mesma pertinácia do dente a morder a palha do cigarro.

Com a entrada de Bento Gonçalves, a sofreguidão de Lavalleja aumentou. Correspondendo apenas com um gesto seco à saudação do hóspede, ergueu-se e começou a percorrer a varanda de uma a outra ponta, em passo de carga. Pelo que lembrou-se o coronel de assobiar o toque de avançar a marche e marche.

Ou porque o gracejo do hóspede o excitasse, ou porque era chegado o momento da explosão, Lavalleja veio como uma bomba parar em face do coronel, e exclamou com uma voz taurina, atirando aos ares um murro furioso:

— Coronel, o senhor não é um homem!

Como aquela palavra abalou Bento Gonçalves, que achou-se em pé de repente, afrontando em face o oriental! Mas não passou de um primeiro assomo; a alta estatura que a indignação erigira perdeu a rijeza ameaçadora; no rosto anuviado perpassou o sorriso plácido e sereno das grandes almas, que uma cólera

pequena não conturba. São essas almas como o grande oceano; qualquer borrasca não o agita; para subvertê-lo é preciso o tufão dos Andes.

— O senhor é meu prisioneiro e hóspede desta casa, general, disse Bento Gonçalves sentando-se com a maior calma. Em outro momento e outro lugar, eu lhe mostraria que um brasileiro não vale um, mas dez homens; enquanto que são precisos dois castelhanos para fazer meio brasileiro. O senhor deve saber disto.

— Outro tanto lhe podia eu retorquir; mas não estou agora para bravatas. Digo e repito que não é um homem, Sr. Bento Gonçalves, pois se o fosse, seria o primeiro de todo este Rio Grande. Em vez de coronel se faria general. Que vale o comando desta fronteira para quem pode, estendendo a mão, apanhar a presidência da província?

— Que pretende dizer com isto, general?

— Caramba! No momento em que Bento Gonçalves quiser, o Rio Grande do Sul será um Estado independente como a Banda Oriental. Está bem claro agora? Para arrancar minha pátria ao jugo do império bastaram trinta e três heróis; bem sei que um deles era D. Juan Lavalleja. O senhor que tem por si toda a campanha, deixa-se aqui ficar bem repousado, a chupitar seu mate como uma velha; e pica-se porque lhe digo que não é um homem. Mas decerto que não o é. Minha mulher, D. Ana Monteroso, teria vergonha de praticar semelhante fraqueza; ainda que é mulher de quem é, todavia...

— De que lhe serviu ao senhor, diga-me, fazer a divisão da Cisplatina? retorquiu o coronel com ironia. Lá está seu compadre, dentro do queijo; e eu obrigado bem contra minha vontade a desarmar o herói da independência de sua pátria, como um rebelde.

— Lá isso não vem ao caso; é a sorte da guerra. Hoje ganhou meu compadre a partida, amanhã chegará a minha vez; todavia, cá entre nós, quem manda é o mais forte; não somos governados por um menino de sete anos.

— Quem governa é a lei, respondeu Bento Gonçalves em tom seco.

— Burla, coronel; este mundo é governado por duas coisas: a força ou a astúcia. O mais, isso de lei, de liberdade e justiça, são palavras sonoras para o povo, que no fim de contas não passa de um menino a quem se acalenta com um chocalho... O Rio Grande lhe pertence, coronel, como a Banda Oriental a mim, D. Juan Lavalleja.

— Vamos cear, general.

— Então deixa passar a ocasião?

— Sou brasileiro; nasci cidadão do império; e assim hei de viver, enquanto

houver liberdade em meu país, porque para mim a liberdade não é uma burla para enganar o povo, mas o primeiro bem, que não se perde sem desonra, e não se tira sem traição. Quando eu me convencer que para ser livre, é preciso deixar de ser imperialista, não careço que ninguém me lembre o que me cabe fazer. O coronel Bento Gonçalves saberá cumprir seu dever.

Dando esta resposta com tom enérgico, o rio-grandense guiou o caudilho à varanda onde tinham posto a ceia.

Em uma das extremidades da longa mesa, estavam colocados dois pratos com talheres de prata destinados ao dono da casa e seu hóspede. Diante deles fumegava um grande assado de couro, e um peixe que enchia a imensa frigideira de barro. Havia além disso ervas e legumes.

Já estavam na varanda os gaúchos da comitiva do coronel, os quais lhe deram as boas-noites. O Canho adiantou-se para beijar a mão de Bento Gonçalves que era seu padrinho.

— Oh! Estás por cá, Manuel?

— Cheguei esta tarde.

— Como vai a comadre?

— Boa, graças a Deus.

— Estás um rapagão! Abanca-te; vamos cear.

O coronel tomou lugar à cabeceira, dando a direita ao hóspede. Na outra ponta da mesa sentaram-se os camaradas e Manuel, em bancos de madeira; cada um tirou um prato da pilha que havia no centro e colocou-o diante de si.

Depois de servido o dono da casa e o hóspede, os pratos eram levados pelo escravo copeira para a outra extremidade, onde os gaúchos iam tirando seu quinhão com a faca de ponta que traziam à cinta.

— Vamos ao peixe, general, disse Bento Gonçalves servindo a Lavalleja. Então, Manuel, andas de vadiação ou isto é volta de negócio?

— Nem uma, nem outra coisa. Vim só para falar a meu padrinho.

— Pois fala, rapaz; não percas tempo.

— É sobre um particular.

— Está bem; então logo mais.

Terminada a ceia, enquanto os outros tomavam mate e fumavam, o coronel fez ao gaúcho um gesto para que este o acompanhasse à sala.

— Que particular é esse? Alguma gauchada, aposto?

— Vim pedir a bênção de meu padrinho, para me dar felicidade, e mesmo porque talvez lá me fique!

— E para onde te botas?

— Para Entre-Rios.

— Buscar o quê?

— O homem que matou meu pai!

— Hein!... Depois de tanto tempo?

— São coisas que não esquecem nunca.

— Não esquecem, bem sei; mas se perdoam; talvez o sujeito esteja arrependido.

— Melhor; Deus o absolverá.

— Visto isto, estás decidido?

— Desde muito tempo. Há cinco anos a esta parte que descobri o homem lá em Entre-Rios, e então pela festa vou sempre para aquelas bandas, ver se ainda lá está.

— Estiveste invernando-o antes de charqueá-lo? replicou o coronel a rir.

— Sabe Deus quanto me custou deixá-lo sossegado todo este tempo. Mas eu precisava trabalhar primeiro, para que a mãe ficasse com alguma coisa. Tudo pode acontecer; e afora eu, não tem ela quem a ajude.

— E Bento Gonçalves não está aqui, rapaz?

— Meu padrinho tem muitos por quem olhar; não pode chegar para todos. Se eu não voltar, sempre ficará com que acender o fogo.

— Que diz tua mãe a tudo isto?

— Ela não sabe.

Bento Gonçalves deu duas voltas pela sala.

— Escuta, Manuel. Teu coração te pede o que vais fazer? Sentes que sem isso não poderás viver descansado? Fala verdade.

— Se eu não vingasse o pai, ele me renegaria lá do céu e não quereria para filho um poltrão ingrato.

— Com a breca! Meu ofício não é de padre! exclamou impetuosamente o coronel. Vai, rapaz; segue teu impulso. Tenho fé em que hás de honrar as barbas de teu padrinho; se chegar tua hora, o que não há de suceder, descansa em paz, que eu velarei sobre tua mãe.

— Obrigado, meu padrinho; bote-me sua bênção.

— Deus te abençoe e te acompanhe, Manuel.

Beijou o gaúcho a mão vigorosa do coronel, que ria-se estrepitosamente para disfarçar a comoção.

Quando Manuel recolhia-se à pousada, ouviu uns rufos de guitarra coados pelas frestas esclarecidas de uma rótula da vizinhança. Ao som do acompanhamento arrastado, uma voz maviosa, de timbre infantil, dizia com terna expressão uma cantiga brasileira. O gaúcho apesar de preocupado pôde ouvir as seguintes coplas:

A minha branca pombinha.
Com tanto amor a criei;
Depois de bem criadinha,
Fugiu-me; por que, não sei.

Quis beijar o seio dela,
Bateu as asas, voou;
A minha pombinha bela,
Foi gavião que a levou.

— Bravo, Catita! exclamou a voz do Lucas Fernandes.

V

O PÁREO

Dias depois, já em outubro, na sala de uma pousada da província de Entre-Rios, estavam reunidos vários andantes, invernistas e também alguns capatazes da vizinhança.

Ente outros pousara ali um chileno que vinha de Mendoza ou Córdova, e contava atravessar toda a campanha até o Rio Grande do Sul. Espécie de mercador ambulante, misto de mascate e de aventureiro, costumava ele percorrer as cidades e povoações do interior à cata do bom negócio, como da boa-vida.

Trazia duas ou três mulas carregadas com uma partida de fazendas de lã e seda, porém especialmente de chapéus-do-chile, palas de vicunha, e guarnições de prata para arreios de montaria. De caminho ia chatinando a sua mercadoria, e comprando animais, que mais adiante negociava, se lhe ofereciam bom lucro.

Quando tinha a bolsa recheada, e achava encanto no lugar, deixava-se ficar uns oito ou quinze dias, quantos bastavam para concluir alguma aventura amorosa, ou para tirar a sua desforra dos parceiros que no jogo da primeira lhe haviam limpado as onças.

Ao cabo de uma ou duas semanas, partia-se uma bela manhã, mais ligeiro da bolsa, porém, contente de si, e prazenteiro sempre; levava a alma cheia da plena confiança que adquire o homem errante, habituado à boa e à má fortuna, afeito ao sol e à chuva.

Neste circuito, muitas vezes consumia o nosso chileno dois ou três anos. Frequentemente chegava até Sorocaba, onde a grande feira de animais costuma reunir em maio grande número de marchantes de diversas paragens. Estes concursos têm grande encanto para o viajante que pode assim reviver as recordações de cada terra por onde passou. Além disso, na mesa do jogo e nas apostas, corre o ouro a rodo: fazem-se páreos fabulosos que afrontam os mais destemidos.

Estas coisas, o mascate gostava de ver para contá-las mais tarde nalgum ponto remoto, onde ele pudesse figurar como herói da história, no meio de alguma roda de bonitas muchachas.

Vendidas todas as fazendas, e apuradas as barganhas feitas pelo caminho, voltava o chileno a prover-se de uma nova carregação para continuar a vida

nômade a que se habituara desde a infância. Essa locomoção constante era um elemento de sua existência; seu espírito superficial saciava-se logo das impressões de qualquer lugar, e carecia de uma diversão.

As pessoas, reunidas na varanda, pitavam o infalível cigarrito de palha, sorvendo a goles o mate chimarrão. A conversa, frouxa em começo, veio a cair sobre a gineta, que é juntamente com as histórias de briga e namoro o tema favorita da conversa dos gaúchos na campanha.

— Pois, senhores, é o que digo, exclamou o chileno. Nenhum será capaz de montar a égua que trago aí.

— Talvez seja ela tão chiquita, D. Romero, que um homem não a possa montar, e somente um gambirra, acudiu com ar sardônico um dos camaradas.

Os outros aplaudiram.

— Uma coisa é rir, amigos, e outra fazer, redarguiu o chileno.

— Pois sem dúvida que se há de montar, D. Romero, disse um invernista de São Paulo.

— Quer experimentar?

— Mande o senhor puxar a sujeitinha cá para o terreiro! disse erguendo-se um paraguaio.

D. Romero dirigiu-se ao dono da pousada:

— Faz favor, amigo, para satisfazer aos senhores.

Enquanto se foi buscar o animal que estava preso à soga no pastinho, contou D. Romero, como em caminho o apanhara de surpresa perto de um desfiladeiro, há três dias passados. Desde então fizeram ele e os dois camaradas que trazia, os maiores esforços para montá-lo; mas desistiram.

— Ainda não encontrei quem se atrevesse! concluiu o chileno.

Um sorriso incrédulo, no qual se embebia sofrível dose de arrogância e motejo, circulou pelos campeiros.

— Porventura os senhores duvidam? perguntou D. Romero assombrando-se.

— Não se duvida do conto, mas do animal, que seja como quer o amigo; e se não veremos.

— O senhor vem lá da terra onde se monta em carneiros ou lhamas, como

lhes chamam, disse outro companheiro.

— Com licença, tenho visto os melhores ginetes e também entendo do riscado.

— Topa o senhor alguma coisa?

— Tudo, amigo. Tão guapa estampa de animal, não quero que haja em toda esta campanha até Chuquisada. Em Buenos Aires, Montevidéu, ou Porto Alegre. O ponto é apresentá-la que logo me choverão as onças. Pois, senhores, se algum dos presentes for capaz de montá-la, a égua é sua.

— Valeu! exclamou o paraguaio estendendo a mão ao chileno.

— Palavra de D. Romero.

— Bravo! exclamaram em coro. Venha a rapariga.

— Ei-la aí! disse o dono da pousada, apontando.

Ao lado da casa, junto à mangueira, aparecera com efeito o animal, trazido por um rapazinho que servia de peão. Não tiveram, porém, os companheiros tempo de examinar a égua; porque instantaneamente achou-se ela no pátio diante do alpendre. Com dois corcovos unicamente devorara a distância de muitas braças, que a separava da casa.

Se não fosse tão ligeiro, o rapazinho não escaparia da fúria com que a égua se arrojara para mordê-lo; felizmente conseguiu ele alcançar o moirão, onde passou a laçada do cabresto, pondo-se fora de alcance.

Na presença da gente que a cercava, a égua estacou, raspando o chão com a pata arminada de branco. Pôde-se então admirar-lhe a perfeição da estampa. Desta vez, contra o costume, não havia exageração da parte do chileno; era com efeito um soberbo animal.

Talhe esbelto e fino sobre alta estatura; cabeça pequena, colo cintado e garboso, pelo qual se encrespavam as longas crinas, esparsas como os anéis de basta madeixa; a anca roliça, ligeiramente bombeada e ondulando com os reflexos ardentes do luzido pêlo; os ilhais a se retraírem com um espasmo nervos; e finalmente uma roupagem baia, que nos cambiantes luminosos parecia veludo tecido a fio de ouro; tal era a imagem viva e palpitante que os gaúchos tinham diante dos olhos.

Animada por um assomo de cólera, essa beleza equina desenhava na imaginação daqueles homens os contornos voluptuosos de alguma gentil morena da redondeza, quando sucedia irritá-la uma palavra ou gesto de seu namorado. Ao mesmo tempo despertavam no ânimo de cada um os brios do picador, embora o fero olhar que desferiam as grandes pupilas negras da égua, sofreasse

os ímpetos dos mais destemidos.

De momento a momento, aspirava o indômito animal uma golfada do vento agreste dos pampas. Escapava-lhe então do peito um nitrido plangente e merencório, que enternecia, como o soluço da selvagem mãe implorando o filho perdido.

Passando o primeiro movimento de curiosidade, e feitos na linguagem pitoresca a campanha os elogios do lindo animal, aproximaram-se todos, fechando o círculo em torno do moirão.

Nesse instante ergueu-se do alpendre, onde estivera deitado sobre o pelego, um gaúcho, que veio recostar-se ao parapeito. Ninguém ali o conhecia, a não ser o dono da pousada, com quem trocou algumas palavras.

O desconhecido chegara durante a noite e vinha de longe, ao que parecia. Estava descansando da jornada, quando o borborinho das vozes, e as risadas que soltavam os andantes, o despertaram. Excitado da curiosidade, pôs-se a contemplar a cena do terreiro, que ele via perfeitamente daquela posição elevada.

Fora longa e renhida a luta dos peões com o animal, antes que lhe deitassem a mão. Em se adiantando algum mais afoito, a égua juntava e de um salto espantoso se arremessava longe, disparando aos ares o coice terrível, e encrespando o pescoço para morder.

Conheceram afinal que era impossível levar sua avante pelos meios ordinários. Foi então laçado o animal pela garupa em um dos corcovos, e jungido ou antes, enrolado ao moirão. Preso assim da cabeça e dos quadris, ficou tolhido de todo o movimento; mas um tremor convulso percorria-lhe o corpo, e a polpa da narina trepidava com as baforadas do hálito ardente, que se coalhavam na fria temperatura da manhã como frocos de fumaça.

Em um ápice estava a égua arreada. Eram a cincha, o peitoral e as rédeas, feitos de couro cru, que lá chamam guasca, e depois de seco resiste ao aço.

— Quem vai, gente? perguntou um da roda.

Ninguém respondeu.

— Esfriou-lhes a gana! Exclamou o chileno com riso motejador.

— Eu cá estava à espera dos senhores para não dizerem que lhes tomava a mão, disse afinal o paraguaio. Visto ninguém querer, vamos nós bailar, rapariga.

— Nada, o amigo que primeiro apostou, deve ter a dianteira. Não é, senhores?

— Pois decerto.

— Então, perguntou o paraguaio dirigindo-se ao chileno: o animal é de quem montar. Está dito?

— E escrito.

— Não há mais arrepender?

— Palavra de um guasca. Arrebenta, mas não arrepende.

— Bravo! exclamaram em roda.

Para ter jeito de montar, afrouxou o paraguaio o laço que prendia os quartos do animal ao tronco; e ajustando as rédeas, pôs o pé na soleira do estribo.

Imediatamente aos olhos dos campeiros atônitos passou uma coisa subitânea, confusa e estrepitosa; uma espécie de turbilhão para o qual só há um termo próprio.

Foi uma erupção.

Abolara-se a égua, como a serpente quando se enrosca para arremessar o bote. Retraiu-se o flanco sobre os quadris agachados, enquanto a tábua do pescoço arqueou dobrando a cabeça ao peito intumescido. De súbito, esse corpo que se fizera bomba, estourou. Espedaçados, voaram os arreios pelos ares e o paraguaio, arremessado pelos cascos do animal, rolava no chão.

— Irra! gritou o invernista.

Viram os campeiros desenvolver-se daquele turbilhão de pó uma forma elegante e nervosa que relanceou por diante deles estupefatos. A égua desaparecera; mas ouvia-se ainda o estrépito cadente do rápido galope.

VI

A BAIA

Calmo na aparência, mas abalado no ânimo, assistira o brasileiro à cena anterior, encostado à pilastra do alpendre.

— Que eguazinha, hein, Manuel Canho? disse o dono da pousada aproximando-se.

Respondeu o rio-grandense com um sorriso, levantando os ombros desdenhosamente.

— Não sabem levá-la.

Chegava no entanto o chileno, muito contente de si, a galhofar com a roda dos companheiros, entre os quais vinha derreado e coberto de poeira o gabola do paraguaio.

Manuel caminhou direito a D. Romero.

— Tenho dez moedas nesta guaiaca, disse ele erguendo a aba do ponche, quer o senhor recebê-las pela égua?

— Por dinheiro algum a vendo; mas se tanto a cobiça o amigo, por que não a leva de graça? Basta montá-la, retorquiu o chileno com ironia.

— Então sustenta a aposta?

— Está entendido.

— Mande tocar o animal, Perez, disse o brasileiro voltando-se para o dono da locanda.

Os outros olharam surpresos para Manuel Canho; embora não conhecessem qual a habilidade do brasileiro na gineta, era tal a façanha, que todos à uma duvidaram do bom resultado. Pasmos com o arrojo do gaúcho, e ainda mais com a confiança e singeleza de seu modo, se preparavam para assistir a segundo trambolhão, e rir à custa do rio-grandense, como tinham rido à custa do paraguaio.

Posto cerco ao animal, os peões conseguiram depois de alguns esforços, tocá-lo para o gramado.

— Basta, disse Manuel, agora deixem a moça comigo.

Tinha a baia parado a alguma distância e vibrava o olhar cintilante sobre a gente reunida então perto do alpendre. Suspensa na ponta dos rijos cascos, longos e delgados, de cabeça levantada, cruzando a ponta das orelhas finas e canutadas, com o pêlo erriçado e a cauda opulenta a espasmar-se pelos rins, parecia o animal prestes a desferir a corrida veloz.

O Canho adiantou-se alguns passos, cravando o olhar na pupila brilhante da baia, ao passo que soltava dos lábios um murmurejo semelhante ao rincho débil do poldrinho recém-nascido, quando busca a teta materna. No semblante rude e enérgico do moço gaúcho se derramava um eflúvio de ternura.

Ao doce murmurejo, as orelhas do animal titilaram com ligeiro estremecimento, enroscando-se como uma concha, para colher algum som remoto, esparso no ar. Fita no semblante de Manuel a vista ardente e sôfrega, dir-se-ia que a inteligente égua interrogava o pensamento do homem e queria compreendê-lo.

À medida que ela inalava o fluido magnético do olhar do gaúcho, uma expressão meiga e terna se refletia na pupila negra. Serenava a braveza e cólera acesas na próxima luta. O pêlo riçado ia-se aveludando, as ranilhas de suspensas pousavam sobre a relva, enquanto os flancos clássicos, alongando-se, perdiam a torção dos músculos, retraídos para o salto.

Lentamente, a passo e passo, aproximou-se o gaúcho, até que pôde estender-lhe a mão sobre a espádua. A égua arisca arrufou-se de novo. Rápido foi o assomo; outra vez soara a seu ouvido, mais terno e plangente, o débil ornejo, ao tempo que a mão, instrumento e condutor d'alma humana, alisava-lhe a anca e a selada com um doce afago.

Estava o generoso bruto aplacado e calmo, mas ainda não rendido. Cingiu-lhe Manuel o colo garboso com abraço de amigo, e encostou-lhe na cabeça a face. Os olhos de ambos se embeberam uns nos outros e se condensaram em um mesmo raio, que fluía e refluía da pupila humana à pupila equina.

Que palavras misteriosas balbuciavam os lábios do gaúcho ao ouvido do indômito animal, com a mão a titilar-lhe os seios, e os olhos a se engolfarem no horizonte límpido por onde se dilatavam os pampas?

O bruto entendia o homem. Quando Manuel aspirou as baforadas da fria rajada que vinha do deserto, a égua espreguiçou o lombo, recurvando o pescoço para estreitar o gaúcho; e um relincho de alegria arregaçou-lhe o beiço.

Em profundo silêncio assistiam os companheiros ao colóquio do bruto com o homem. Essa luta da razão com a força é sempre eloquente e admirável; aí patenteia-se o homem, rei da criação: o triunfo não pertence unicamente ao indivíduo, mas à espécie.

Vendo Manuel, depois de repetidos afagos, passar a ponta do cabresto pelo pescoço do animal, os campeiros tomaram fôlego. Seus olhares se cruzaram, transmitindo uns a outros a expressão da própria surpresa, e buscando o sinal da alheia. O pensamento, que assim flutuava nesses olhares, reproduzia-se a trechos em exclamações breves e entrecortadas:

— Então?

— É verdade?

— Quem diria?

— Monta?

— Ele, parece...

— Também creio.

— Nunca pensei.

— É de pasmar.

— Só mandinga!

Atento aos gestos de Manuel, o chileno não tirava os olhos do ponto. Ouvindo os ditos dos companheiros, retorquiu com despeito:

— Até montar, ainda há que ver.

Com efeito a baia recusava entregar o focinho ao cabresto. Encrespando de novo o pêlo, empinou-se para soltar o galão, e arremeter pelo pasto. Já as patas repeliam o chão, e o talhe da égua, lançado como uma seta, perpassava nos ares.

— Não dizia! exclamou D. Romero com ar de triunfo, voltando-se para a roda.

A resposta foi uma exclamação estrepitosa, que prorrompeu dos lábios dos companheiros:

— Bravo!

Quando o vulto esbelto relanceava por diante dele, o Canho, com incrível ligeireza, salto no espinhaço da égua, que lá se foi a escaramuçar pelo campo, gineteando graciosamente e vibrando os ares com nitridos de prazer.

Depois de algumas voltas, quis o rapaz trazê-la ao terreiro, mas encontrou resistência, que depressa venceu. Amaciando-lhe as finas sedas da clina com a mão direita, se debruçou ao pescoço para abraçá-la. O inteligente bruto, de seu lado, voltou o rosto para ver o semblante do gaúcho, e talvez agradecer-lhe sua carícia.

Domada, ou antes, rendida ao amor e à gratidão, a baia aproximou-se do terreiro sacando com gentileza e elegância, como faria o mais destro corcel em luzida cavalhada.

— Ganhou o animal, amigo, mas assim eu não o queria decerto.

— Que pretende o senhor dizer com isso?

Era de Manuel a pergunta; começada longe, acabou em face do mascate, onde veio cair de um salto o irado gaúcho, que se arremessara de cima do animal, apertando na cinta o cabo da faca.

O chileno empalideceu de leve:

— Não se afronte, que não há razão. O que eu disse, repito. A égua abrandou de repente, ou por estar cansada, ou por outro qualquer motivo: o caso é que não está como dantes.

Vexou-se o Canho de seu arrebatamento, reconhecendo que não havia realmente motivo para tanto. Mas sentia ao mesmo tempo que a presença do chileno produzia nele uma desagradável impressão.

As súbitas antipatias são incompreensíveis; é este um mistério d'alma, que a ciência ainda não conseguiu perscrutar. Parece que há no magnetismo animal, como na eletricidade da atmosfera, um fluido de repulsão e um fluido de atração; um pólo para o amor e outro para o ódio.

Foi sem dúvida sob a influência deste último que uma aversão irresistível se estabeleceu logo do brasileiro para o chileno. Recente era o encontro; Manuel o tinha visto pela primeira vez há cerca de uma hora; poucas palavras trocara com ele, e não obstante parecia-lhe que desde muito tempo o detestava.

Entretanto a figura de D. Romero era mais própria para despertar sentimentos benévolos. Mancebo de vinte e cinco anos, tinha um semblante prazenteiro; o negro bigode e a pêra destacavam-se bem sobre uma tez alva e rosada. Era mediana a estatura, mas de um porte airoso, embora com excessivo donaire que afeta geralmente a raça espanhola.

Trajava o mancebo com a garridice de cores muito apreciada pela gente da campanha. Lindo pala chileno, com listras de amarelo e escarlate, caía-lhe dos

ombros até pouco abaixo da cintura. Pela abertura da gola de veludo com abotoadura de ouro, via-se o peito da camisa de fina Irlanda. As botas eram de couro de vicunha, tão bem curtido que imitava a camurça. Trazia um chapéu de palha alvo com o linho de que parecia tecido; esse primor lhe havia custado oito onças em Santiago.

VII

O AMANSADOR

À admiração que provocara a façanha do gaúcho sucedera certo menoscabo. As multidões são assim; ondas batidas por dois ventos, o entusiasmo e a inveja.

— A égua já foi amansada, não tem que ver! dizia um da roda.

— Aposto que fugiu há tempos de algum pasto, acudiu outro.

— Também vou para aí. A fúria não foi grande.

— Decerto! Queria-se ver a força da gineta!

— Assim qualquer faria.

Voltou-se Manuel já de ânimo sereno, designando o animal com um aceno da mão estendida:

— Pois a égua aí está, senhores. Quem quiser que a monte. Se é tão fácil!

Alguns dos peões se adiantaram para outra vez tentarem cavalgar o animal: não deram, porém, dez passos. Mal lhes pressentiu o intento, a égua, volvendo sobre as mãos de um tranco, e upando as ancas, arremessou tal cascata de coices, que afugentou os fanfarrões, obrigados a buscarem refúgio no alpendre.

Então a formosa besta correu para junto do gaúcho que estava arredio, e começou a roçar por ele o pescoço como se o afagasse. Sossegou-a ele amimando-lhe o pêlo dourado; e voltando-se para os companheiros, interpelou-os com ar de mofa:

— Então, não há quem queira?

Nenhum respondeu: falavam entre si.

— O homem tem partes com o diabo! Cruzes!

— O caso é que ninguém sabe donde saiu.

Entretanto Manuel tinha de novo montado, e desta vez, com toda pachorra, sem que a égua fizesse o menor movimento de impaciência. Antes mostrava ela grande contentamento de obedecer ao gesto do gaúcho.

— Guarde a égua, sem medo, Manuel Canho, que bem a ganhou, disse o dono da pousada.

O brasileiro fez um gesto de assentimento; e aproximou-se do alpendre.

— Esta é a gineta que eu uso e aprendi de meu pai. Ela faz do cavalo um amigo e não um cangueiro. Mas também, senhores, se o bicho é mau, da casta que for, de dois ou de quatro pés, fiquem certos que no continente também os sabemos ensinar. Caso haja por aí algum deste lote, minha gente, botem-no para cá e verão.

Cortejou com o chapéu. Os da roda não sabiam que fazer; se deviam zangar-se ou chasquear.

— Amigo Perez, disse no entretanto o gaúcho; por favor tenha mão aí nos arreios enquanto volto.

— Então vai longe?

— Conforme! Vou levar esta moça que está com saudades! Coitada... respondeu o gaúcho amimando o colo do animal.

Passou a égua a tronqueira do pasto; foi transpô-la e desfechar em uma corrida veloz, à desfilada. Com pouco sumiu-se nos longes do horizonte. Por algum tempo ainda ouviu-se o vibrante e generoso henito que estridava nos ares, com o clangor argentino de um clarim.]

Simples era o segredo da proeza do gaúcho. Como todos os outros picadores ali presentes na estância, conhecera do primeiro lance de vista, que a égua estava parida de próximo. Esta observação, a que não deram os mais nenhum valor, produziu nele profunda impressão.

Sua alma comovida por sentimentos afetuosos pôs-se em contato com o instinto do animal; operou-se a transfusão; os íntimos impulsos da recém-mãe se refletiram no coração terno do mancebo. Compreendeu o desespero, a saudade bravia pelo filho abandonado e a cólera terrível contra aqueles que a tinham arrebatado às doçuras da amamentação.

Quando nitria a égua, fitando nele os olhos ou tomando o faro da campanha, era como se lhe falasse.

Desde criança lidava Manuel com animais; fora esse o ofício de seu pai; não havia em toda a campanha do Rio Grande amansador de fama que se comparasse com o João Canho. o que mais se admirava no moço gaúcho não era contudo a destreza, na qual excedia de muito ao pai; porém sim a dedicação que ele tinha à raça hípica.

Havia entre o gaúcho e os cavalos verdadeiras relações sociais. Alguns faziam parte de sua família; outros eram seus amigos; aos mais tratava-os como camaradas ou simples conhecidos.

Com os irmãos e amigos vivia em perfeita intimidade; consentia que lhe roçassem a cabeça pelo ombro, ou lambessem-lhe a face. Muitas vezes comiam em sua mão; andavam constantemente soltos; não havia cabresto nem soga para eles; era corcéis livres.

Tinham esses membros da família suas vontades, que o chefe respeitava por uma justa reciprocidade. Se acontecia agastar-se algum, e a consciência de Manuel o acusava, era ele quem primeiro cedia; e assim faziam-se as pazes.

Aos camaradas não consentia o gaúcho aquelas familiaridades; ao contrário, os tratava com certa reserva. Saudavam-se pela manhã ao despontar do dia; e à noite, na ocasião de recolher. Comumente se encontravam na hora da ração: comiam juntos, os brutos no embornal, o homem na palangana.

Na opinião de Manuel o cavalo e o homem contraíam obrigação recíproca; o cavalo de servir e transportar o homem; o homem de nutrir e defender o cavalo. Se um dos dois faltasse ao compromisso, o outro tinha o direito de romper o vínculo. O homem devia expulsar o cavalo, o cavalo devia deixar o homem.

Só em um caso o Canho castigava o ginete brioso: era quando o bruto se revoltava. Então havia luta franca e nobre; os dois contendores mediam as forças, e o mais hábil ou o mais vigoroso vencia o outro. Na sua adolescência, até aos quinze anos, fora o gaúcho batido muitas vezes; mas já ia para sete anos que tal coisa não lhe sucedia.

Fora desse caso do desafio, o rebenque e as chilenas eram trastes de luxo e galanteria. Somente usava deles em circunstâncias extraordinárias, quando era obrigado a montar em algum cavalo reiúno e podão, desses que só trabalham como o escravo embrutecido à força de castigo.

Tinha o gaúcho inventado uma linguagem de monossílabos e gestos, por meio da qual se fazia entender perfeitamente dos animais. Um hup gutural pungia mais seu cavalo do que a roseta das chilenas; não carecia das rédeas para estacar o ginete à disparada: bastava-lhe um psiu.

Enfim o cavalo era para o gaúcho um próximo, não pela forma, mas pela magnanimidade e nobreza das paixões. Entendia ele que Deus havia feito os outros animais para vários fins recônditos em sua alta sabedoria; mas o cavalo, esse Deus o criara exclusivamente para companheiro e amigo do homem.

Tinha razão.

Se o homem é o rei da criação, o cavalo serve-lhe de trono. Veículo e arma ao

mesmo tempo, ele nos suprime as distâncias pela rapidez, e centuplica nossas forças. Para o gaúcho, especialmente para o filho errante da campanha, esse vínculo se estreita.

O peixe careca d'água, o pássaro do ambiente, para que se movam e existam. Como eles, o gaúcho tem um elemento, que é o cavalo. A pé está em seco, faltam-lhe as asas. Nele se realiza o mito da antiguidade: o homem não passa de um busto apenas; seu corpo consiste no bruto. Uni as duas naturezas incompletas: este ser híbrido é o gaúcho, o centauro da América.

Contavam muitas coisas a respeito de Manuel Canho.

Não passava ele por lugar onde visse um cavalo enfermo ou estropiado que se não apeasse, fosse embora com pressa, para o socorrer. Sangrava-o, se era preciso; cauterizava-lhe as feridas; e até quando já o animal se não podia erguer, ele o arrastava para a sombra e ia buscar-lhe água no chapéu em falta de outra vasilha.

Tinha comprado alguns cavalos que os donos arrebentavam de mau trato, unicamente para lhes dar repouso e assegurar-lhes velhice sossegada. Por causa de um destes protegidos seus, que um vizinho derreou, teve ele uma briga feia que felizmente acabou sem desgraça. O vizinho de uma satisfação completa, alforriando, a pedido do gaúcho, um reiúno que tinha feito a campanha de 1812.

Não via o Canho castigarem barbaramente um animal, sem tomar o partido deste. Por isso afirmavam que era ele o gaúcho mais popular entre os quadrúpedes habitantes das verdes coxilhas banhadas pelo Uruguai e seus afluentes, o Ibicuí e o Quaraim.

Em qualquer ponto onde estivesse, precisando de um cavalo, não carecia de o apanhar a laço: bastava-lhe um sinal e logo aparecia o magote alegre a festejá-lo, oferecendo-se para seu serviço. O trabalho era escolher e arredar os outros, pois todos queriam prestar-se, como seus amigos que eram, uns por gratidão, outros por simpatia.

Quando partia, o acompanhavam algumas quadras, curveteando a seu lado, como demonstração de amizade. Afinal paravam para segui-lo com a vista, até que sumia-se por detrás das coxilhas.

Estâncias havia em que anunciava-se a chegada de Manuel pelo relincho estridente, que é o riso viril e sonoro do cavalo. Era o gaúcho recebido e afagado na tronqueira pelos camaradas saudosos, que vinham apresentar-lhe o focinho, rifando com ciúmes uns dos outros.

Se acontece passarmos à vista da casa de algum amigo, lhe dirigimos um olhar, dando-lhe mesmo de longe os bons-dias. Assim, contavam que os cavalos amigos de Manuel, quando subiam o teso que ficava fronteiro à sua casa,

rinchavam de prazer, abanando a cauda com alegria.

Tais eram os contos que referia a gente da campanha. Verdadeiros ou não, todos neles acreditavam; e até apontavam-se pessoas que tinham sido testemunhas dos fatos.

VIII

A BARGANHA

Por sangas e coxilhas, galgando encostas e transpondo barrancos lá vai a baia campos afora.

É um adejo essa corrida; tem a velocidade dos surtos e ao mesmo tempo a serenidade do remígio de uma águia. Não se ouve o estrupido dos cascos na terra, nem parece que tocam o chão. Nesse deslize rápido e suave, sente o cavaleiro despontar-lhe asas ao corpo, enquanto o pensamento, docemente embalado, colhe os voos e adormece.

Descambava o sol.

Fez alto Manuel à beira de um arroio, onde havia frescura d'água, sombra e relva. Perto erguia-se uma choça, perdida no meio dos pampas, como uma árvore da floresta, cuja semente veio trazida pelo vento.

A égua estava ardendo por esticar os músculos e espojar-se na grama.

— Sossegue, moça! disse o gaúcho sorrindo.

Com um molho de ervas secas esfregou-lhe o pêlo banhado de copioso suor; e só depois disso, consentiu que ela se rolasse pelo capim e estancasse a grande sede, não de um fôlego, mas por diversas vezes. A impaciência materna era assim moderada pela inteligente solicitude do gaúcho.

Enquanto o animal retouçava aparando os tufos da grama viçosa, que vestia as margens do arroio, tratou o gaúcho de refazer as forças.

A choça estava deserta e a porta presa apenas por uma correia. No interior, composto de uma só quadra, havia de um lado a cama feita de estiva e forrada de pelegos; do outro o brasido onde assava uma grande naca de charque, suspensa em um espeto. Conhecia-se que a ausência da pessoa que aí habitava era recente, pois a carne apenas estava tostada na parte exposta ao fogo.

Entrou Manuel sem hesitação. No deserto, uma habitação não é mais do que um pouso. Alguém o levanta; o peão de alguma estância que por aí pousou; um caçador talvez, se não um evadido da sociedade. E o rancho lá fica abandonado; aquele que aí chega depois é hóspede, como o outro que há de vir mais tarde.

Nessa vasta solidão, onde o homem, ludíbrio da natureza, não se possui a si mesmo, a propriedade não é mais do que a ocupação.

Nunca tivera o gaúcho ocasião de refletir sobre essa comunidade do deserto, que entretanto agora ele compreendia por uma intuição. Com a consciência de seu direito, tirou do espeto a carne já assada e comeu, tendo o cuidado de substituí-la por outro pedaço, que separou das mantas estendidas nas varas da palhoça.

Finda a colação, deitou-se para descansar um instante. Decorrido algum tempo, ouviram-se passos e assomou no vão da porta o vulto de um homem robusto. Dos largos ombros pendiam-lhe, á guisa de abas de ponche, dois pelegos de carneiro; tinha a cabeça descoberta, e não trazia mais roupa do que uma tanga de velha baeta encarnada.

Vestia a parte nua do corpo, cara, braços e pernas, um pêlo ríspido e fulvo, semelhante ao do caititu. Na mão direita empunhava um chuço, cuja haste grossa e faceada servia ao mesmo tempo de vara e de clava. Na esquerda suspendia pelas quatro patas, como se fosse algum coelho, o tigre que matara poucos momentos antes.

Correu o desconhecido os olhos pelo interior, prescrutando o que passara em sua ausência. Vira os passos do gaúcho e do animal nas margens do arroio.

— Deus o salve, amigo! disse Manuel erguendo-se.

— Para o servir, respondeu o desconhecido.

Era rouca e áspera a voz, porém articulada. No primeiro instante pareceu estranho que saísse fala humana daquela boca hirsuta, como o focinho de uma fera.

— Por que não se deita? perguntou ao gaúcho com rispidez.

Atirando a caça à banda, comeu o desconhecido a naca de carne, ainda crua, que estava sobre o braseiro. Para beber água foi ao arroio e estendeu-se de bruços pela margem. De volta ao rancho, aproximou-se dos pés do leito onde o Canho estava deitado; e puxando um dos pelegos que o forravam, estirou-o no chão e deitou-se.

Nesse momento meteu a égua a cabeça pela porta. Dando com o gaúcho sentado, fitou nele os olhos, e começou a ornejar baixinho, como para chamar a atenção do companheiro. Acudiu-lhe Manuel erguendo-se.

Que alegria ao vê-lo aproximar-se! Que afagos trocados entre os dois amigos! A Morena alongava o pescoço, estendia o focinho para os longes da campina; e roçava a espádua pelo gaúcho, vergando faceiramente o ombro, como se o convidasse a montar e partir.

— Ainda não, Morena; coma e descanse primeiro, dizia Manuel, amimando-lhe o colo; há de ver o pequerrucho, mas a seu tempo!

Durante as doze horas de conhecimento que tinham, já conseguira o amansador fazer-se compreender perfeitamente da baia. Era a égua um inteligente animal; e depressa aprendera a linguagem pitoresca e simbólica inventada pelo gaúcho para suas relações sociais com a raça equina.

Puxando levemente a baia pela orelha, obrigou-a Manuel a pastar um trevo gordo e apetitoso que estofava as fendas de uma lapa. A Morena quis recalcitrar, mas cedeu submissa ao olhar imperioso do gaúcho.

Por uma terna solicitude sofreava Manuel os impulsos do amor materno, poupando as forças da égua, que na impaciência de ver o filho, e talvez salvá-lo, podia matar-se. Tão comum é essa sublime insensatez na criatura racional, que não pode admirar no bruto!

Voltando à palhoça, deu o gaúcho com o caçador que o observava da porta.

— Quer barganhar a égua?

— Não! respondeu Manuel com rispidez.

Esta proposta o desgostou.

— Dou-lhe em troca...

Volveu o homem o olhar à sua pessoa e o devolveu em torno, buscando um objeto que servisse para a barganha proposta: descobriu a alguns passos, meio enterrada, uma velha chilena de ferro, torta e desirmanada.

— Dou-lhe em troca esta chilena!... Não faça pouco. A sua de prata, ou de ouro que fosse, não valia tanto. Saiba que pertenceu ao famoso capitão Artigas, cavaleiro como nunca houve no mundo, nem há de haver.

Sorriu-se Manuel.

— Vale muito, nem digo o contrário. Mas a égua não me pertence.

— De quem é então?

— De ninguém. É livre.

— Está zombando?

— Dou-lhe minha palavra. É livre, tão livre como eu, disse o gaúcho com firmeza.

— Bem: neste caso, eu a tomarei para mim.

— Com que direito?

O caçador grunhiu uma espécie de riso, que insuflou-lhe as ventas largas.

— Vê aquela onça? Esta manhã era mais livre do que a égua.

— Perca a esperança, que a égua não há de ser sua.

— Por que então?

Fitando no caçador um olhar límpido e sereno, respondeu o gaúcho com pausa:

— Porque eu não quero.

— E como se chama você, homem?

— Manuel Canho, para o que lhe aprouver.

— Pois digo-lhe eu, Pedro Javardo, que a égua há de ser minha.

— E eu juro, palavra de um brasileiro, que se tiver o atrevimento de pôr-lhe a mão, hei de montá-lo como um porco-do-mato que é, para cortá-lo com estas chilenas.

— Está você falando sério?

— Experimente.

— Veja em que se mete. Ainda não achei homem que me fizesse frente.

— Pois achou um dia.

— Tenho eu força neste braço como um touro.

— Touros costumo eu derrubar todos os dias no campo.

— Então não se desdiz?

— Tenho mais que fazer do que aturá-lo. Vou longe e com pressa.

Carregando o chapéu na testa, passou o gaúcho com arrogância por diante do caçador; atirando-lhe aos pés uma moeda de prata, entrou no rancho, e cortou um pedaço de carne para a viagem.

Ao sair não viu mais o caçador. Conhecedor, porém, da índole pérfida desses abutres de espécie humana, habitantes do deserto, redobrou de vigilância.

Não tinha dado dois passos, quando Pedro, oculto numa ramada, se arremessou contra ele, com um salto de tigre. Estava, porém, o gaúcho prevenido, e desviou-se a tempo; sacando a faca esperou o inimigo de frente.

A esse tempo a baia aproximou-se; quando Manuel ia montar, o caçador, já armado com o chuço, investiu furioso.

IX

AMIGAS

Sentindo os joelhos do gaúcho a lhe cingirem os rins, a égua disparou, sibilando nos ares como uma seta.

Rangeram os dentes de raiva ao Javardo; metendo a mão por baixo do ponche desenrolou da cintura um laço, que num ápice girou-lhe duas vezes em torno da cabeça, e foi arremessado longe com força desmedida.

A Morena estancou de repente. O laço a colhera pelos peitos. Procurou Manuel na ilharga sua faca para cortar a trança de couro, que prendia o brioso animal, porém, não a achou; com a pressa de montar resvalara da cinta.

Entretanto o caçador com os pés fincados no chão, fazia grande esforço para conter o ímpeto do animal, que ficara como suspenso na corrida veloz, com as mãos erguidas e unicamente apoiada sobre os cascos posteriores.

— Hup, Morena! gritou Manuel debruçando-se sobre o pescoço da égua.

A baia retraiu-se como o gato selvagem quando prepara o salto. Não decorreu um instante; o corpo robusto do caçador, arrancado como um cedro que o pampeiro arrebata, rolou pela encosta. Assim arrastado, bateu acaso no toco de um pinheiro e pôde trançar nele as pernas.

Bruscamente sofreada, a égua estacou de novo, mas para colher as forças e arrancar mais impetuosa. A trança do laço estalando foi açoitar a cara de Pedro que rugiu como um touro.

Manuel voltou ao lugar onde lhe caíra a faca para a apanhar. Outra vez a corrida veloz da Morena fendeu o imenso deserto, que se dilata pelas margens do Paraná.

Levanta-se a lua.

O vulto do astro se reflete nas águas de um banhado. Entre o céu e a terra flutuam tênues vapores que os raios da lua nova infiltram de uma luz cerúlea e rociada. Sob essa gaza suave e transparente se desdobra, como um lençol, a vasta planície.

Duas vezes durante a noite apeou Manuel para dar fôlego ao brioso animal. A mãe sôfrega por chegar relutava sempre; alongando o pescoço para o horizonte, soltava um relincho penetrante e ansiado.

Na sua impaciência, abandonava por momentos o gaúcho e avançava pelo campo fora. Mas voltava logo arrependida e submissa.

Por que o animal selvagem e livre não corria onde o chamava o instinto com tamanha veemência? Tinha ele necessidade do homem, carecia do auxílio do amigo? ou uma força desconhecida o prendia à vontade superior que o tinha domado?

Quem o pode saber?

Apesar de seu desejo de satisfazer o impulso da baia, Manuel usava da severidade necessária para impedir um esforço que podia ser fatal. Ele sabia que o teor da paixão é sempre o mesmo no homem, como no bruto.

Ao alvorecer, o deserto muda de fisionomia: perde a expressão harmoniosa e suave, para tomar um aspecto agreste. O senho é torvo. Há nas aspérrimas devesas, que irriçam agora o horizonte, traços de um semblante carrancudo.

Já não ondulam docemente, espreguiçando pelo campo em brandos contornos, as lindas colinas que a imaginação pitoresca dos gaúchos chamou coxilhas, ao recordar a curva sedutora da moreninha. Também não se retraem mais com leve depressão os vales macios que semelham o regaço da donzela.

As formas da campanha se convulsam agora. São belas todavia; ainda se percebem alguns contornos maviosos; mas pertencem a um corpo rijo e inteiriçado.

Grupos de pequenos penhascos vestidos de uma vegetação ingrata e sáfara anunciam essa fase do deserto: são como as primeiras enervações da natureza dos pampas. Sucedem algumas rampas áridas incrustadas de grandes seixos dispersos, estilhaços de primitivas explosões. Afinal levantam-se grandes molhos de esguios alcantis, cobrindo a lomba dos cerros, como híspidas cerdas.

Quando atingiu Manuel as orlas crestadas da bronca região, um bando de urubus, vindo de remotos sítios, voava na direção do cerro.

Descobriu-os a égua; soltando um gemido fremente e aflito redobrou de velocidade. No desespero do temor que a arrastava, parecia querer lutar de rapidez com o abutre. Aspirava o ar com sofreguidão, coando no olfato as mínimas emanações trazidas pela brisa. De vez em quando vibrava um henito agudo e estridente, como o rugido da leoa; imediatamente estendia as orelhas para recolher algum tênue som remoto, em resposta ao seu ofegante apelo.

Chegou enfim.

A meio da fragosa encosta havia um largo pedestal de rocha, sobre o qual se

erguiam como grupos de colunatas, algumas touças de palmeiras.

Quase ao rés-do-chão abrira o granito uma fenda estreita; dentro via-se alguma relva e plantas que sem dúvida povoavam a caverna. Os urubus piavam, esvoaçando de rama em rama.

Foi aí, que a égua arquejante esbarrou a corrida; não se podendo mais ter sobre os pés caiu de joelhos; metendo o focinho pela fenda, arrancou do peito um clangor inexprimível. Ia de envolta nesse brado o nitrido argentino, que é o grito de júbilo do cavalo com o rincho áspero e brusco, lamento de uma dor súbita.

Não cessava a mãe aflita de farejar o interior da caverna, e lastimar-se ornejando submissamente. Esse primeiro instante foi só do filho, que ali estava, ainda vivo sim, mas prestes a exalar o último alento. Não se lembrou de nada mais; nem dela, nem mesmo do amigo generoso e dedicado que a trouxera. Pouco se demorou porém essa atonia.

Ergueu a fronte e pôs no gaúcho olhos ternos e suplicantes, ao passo que a pata copada e rija batia a fenda da rocha; consolou-a Manuel afagando-a com a mão e o doce murmurejo que falava ao coração materno. Nas farpas da pedra, gretada pela parte interior, estavam grudadas por visgo branco réstias finas e macias de um pêlo alazão: da parte exterior, porém, via-se pelo resbordo, molhos de fios alvacentos.

Levantara-se a Morena e pela rampa íngreme subira ao respaldo do penhasco. Ali estava entre os troncos das palmeiras, sob um arbusto embastido, a cama de folhas e grama, que servira de berço ao filho. Entre o fino capim, sobre a crosta argilosa do rochedo, descobriam olhos vaqueanos o rastro de um casco pequeno e ainda vacilante, a julgar pela leve depressão da terra. Baralhado com este o rastro maior do puma, seguindo um trilho de sangue na direção da selva. Em todo o circuito, desde a fenda até à mata, o chão estava profundamente escarvado pelos cascos da égua.

Para o fundo, o terrado declinava e abrupto sumia-se por funda barranca; era aí o ventre da caverna a que a fenda servia apenas de glote. Acompanhando o movimento do animal que em risco de precipitar-se alongava o pescoço, sondava Manuel as profundezas da gruta.

Nesse momento ouviu-se um som débil e flente que vinha da fenda. A mãe aflita correu para ali e tornou a chamar ansiosamente o filho. Entanto os ramos se afastavam e outra égua, de pêlo tordilho, se aproximou, seguida do seu poldrinho; viera trazida pelo rincho da companheira. Eram amigas; abraçaram-se cruzando o pescoço e acariciando-se mutuamente as espáduas. Depois de trocadas estas primeiras carícias, a recém-chegada começou uma série de movimentos entrecortados de rinchos que deviam ser a narração eloquente dos sucessos anteriores. A Morena atendia imóvel.

Presenciou o gaúcho do alto aquele terno colóquio, que veio completar a notícia colhida na confissão da baia e na investigação do terreno. Sabia agora toda a verdade do triste acontecimento.

Havia oito dias que tivera a Morena um lindo filho alazão. Uma tarde, quase ao escurecer, o puma assaltara a malhada do poldrinho, que recuando intrépido para fazer face ao inimigo, escorregara pela rocha e caíra na gruta. Acudira a mãe; perseguiu o animal carniceiro, e lhe fendeu o crânio com as patas. Quando fazia os maiores esforços para tirar o filho, foi ali cativa do chileno, atraído pelos rinchos angustiados. Na sua ausência conseguira o poldrinho galgar até à fenda e introduzir por ela o focinho. Foi então que a tordilha, condoída do órfão, se roçara com a lapa a fim de pôr-lhe as tetas ao alcance. Amamentou-o assim alguns dias; mas os torrões argilosos, onde pisava o animalzinho, cederam aprofundando-o pela caverna.

Lá devia estar, pois, inanido, a soltar o último alento.

X

MAMÃE

Sem hesitar penetrou Manuel na gruta.

Era difícil a entrada, pela angústia da passagem, que formava a laringe da caverna; a garganta já era estreita e sinuosa; mas ali duas cartilagens do rochedo cerravam o canal. A saliva que segregavam as porosidades calcárias do granito, umedecia todo esse tubo, e o forrava de um muco limoso.

Compreendia-se bem como a caverna devorara tão rapidamente o poldrinho. A imitação da jiboia o envolvera da baba, para que resvalasse ao longo da garganta. Mais uma semelhança que mostra o padrão uniforme de cada região da terra. As monstruosidades da natureza animada têm um ar de família com as monstruosidades da natureza inerte. O elefante, o maior quadrúpede, é filho do Himalaia. A sucuri, a maior serpente, é natural do Amazonas. O pássaro gigante habita os cimos da América sob o nome de condor, e os da Ásia sob o nome de roque.

Depois de longos e contínuos esforços, conseguiu o rapaz arrancar da gorja do rochedo uma das guelras. Ficaram-lhe as mãos ensanguentadas; mas nem reparou em tal coisa. Introduziu a cabeça, logo após os ombros e surdiu enfim no ventre da caverna. O poldrinho arquejava a um canto. Imediatamente o suspendeu com ternura e mimo, cingindo-o ao seio, para transmitir-lhe o calor vital. Mal gemera a cria, apareceu na entrada a ponta do focinho da Morena.

Em risco de estrangulação a mísera mãe se alongara pela gruta a dentro, soluçando e rindo; soluçando pelo filho moribundo, e rindo pelo filho ainda vivo; duplo sentir e avesso, que somente se explica pelo fluxo e refluxo do oceano, a que chamam coração.

Ergueu Manuel o poldrinho, que a égua segurando pelas clinas tirou fora da gruta e pousou sobre a relva, deitando-se para o conchegar a si.

Em semelhante situação, a mulher mãe embebia a criança de lágrimas e beijos, e a cerrava ao seio para aquecê-lo ao seu contato. A égua mãe lambeu o filho e o cobriu todo de uma baba abundante e vigorosa. No fim de contas a carícia materna é a mesma no coração racional, como no coração animal; uma extravasão d'alma que imerge o filho e uma influição do filho que se embebe n'alma.

A mulher chora, soluça, beija e abraça; a égua lambe, e nesse único

movimento há a lágrima, o soluço, o ósculo e o amplexo: o amplexo da língua, que é o abraço inteligente do animal.

Enquanto assim procurava a baia reanimar o poldrinho, estavam contemplando-a, mudos e igualmente comovidos, o Manuel de um lado, do outro a tordilha. Esta deitava sobre a amiga uns olhares longos; de vez em quando castigava a travessura de seu poldrinho, arredando-o de si, quando se ele chegava para acariciá-la. Não queria ela, a mãe feliz, dar àquela mãe desventurada o espetáculo de sua alegria.

Aquecido pela baba ardente do seio materno, foi o coitadinho a pouco e pouco recobrando o alento. Fazendo um esforço, pôde a Morena roçar as tetas roliças pela boca ainda imóvel do filho.

Aí interpõe-se o Manuel, que espiava esse instante. Tinha a égua corrido cerca de vinte horas sucessivas, intercaladas apenas de um breve repouso. O suor que pouco há alagava-lhe o corpo, ainda perla sua roupagem macia. Arqueja ainda a vigorosa petrina, e o resfolgo é ardente como o fumo de uma cratera.

Receia o gaúcho que esse leite agitado, não só pela fadiga, como por abalos profundos, seja, em vez de licor vital, mortífero veneno. Tira, pois, o poldrinho do regaço materno, apesar da relutância da Morena, que afinal cede. Fora necessária alguma severidade; Manuel, com o fragmento do laço, peara-lhe as mãos, obrigando-a assim a repousar para melhor tratar depois do filho.

Tomando então o poldrinho no colo, chamou a tordilha que ligeira acudiu oferecendo as tetas para amamentar o pobrezinho desfalecido. A primeira sucção foi débil e intermitente; depois mais forte e contínua. Não consentiu porém o gaúcho que mamasse muito; e recebida a suficiente nutrição, restituiu-o à mãe sôfrega por ele.

Caíra o poldrinho no delíquio natural depois de longa privação de alimento; sucedeu um sono reparador, que ele dormiu no regaço e sob os olhos da mãe. Também esta, colhendo alguns molhos de relva fresca e nutritiva, sossegou da agitação e fadiga de tão longa corrida.

Consentiu a tordilha então que o seu pirralho brincasse, mas longe, para não acordar o camarada; e Manuel batendo o isqueiro chamuscou um pedaço de charque para o almoço.

Era passada uma hora.

Abriu os olhos o poldrinho, inteiriçou os membros trôpegos, e erguendo o curto focinho, soltou um suave ornejo, que na linguagem da natureza exprime o eterno e sublime balbucio da criança, e na linguagem dos homens se traduz por esta palavra-hino:

— Mamãe.

Palavra inata, que o espírito traz do céu, como traz a consciência de sua origem. Quando Deus encarna as almas, para semear a terra, imprime-lhes dois emblemas indeléveis: a consciência da divindade e a intuição da maternidade; o verbo divino e o verbo humano.

Quem pode afirmar que o animal seja ateu? Os mugidos merencórios do gado ao pôr do sol, os descantes das aves na alvorada, os uivos lastimosos do cão durante as noites de luar, o balido das ovelhas alta noite, sabe alguém acaso se esta é ou não a prece do filho da natureza?

O sentimento da maternidade, esse é de uma evidência muitas vezes humilhante para a raça humana. Em todo o corpo onde há uma réstia de vida, reside uma voz para balbuciar o verbo humano. Desde o rugido do leãozinho até o imperceptível estalido da larva, todo o ente gerado diz — mãe.

Também seio, dotado de faculdade conceptiva, nenhum há que não palpite íntima e profundamente ao eco daqueles sons. Parece que ele conserva a sensibilidade interna do contato com o filho que gerou; a dor, como a alegria, se comunica e transmite de um a outro por misteriosa repercussão.

XI

ADEUS

Cabriola a Morena em volta do filho, agora de todo reanimado. Não parece já aquela ardente natureza, cheia de paixão; tornou-se menina; ei-la agora travessa rapariga, a saltar sobre a relva em dias de folgares. Como alegre caracola, e atira as upas lascivas, soltando relinchos de prazer. As dengosas moreninhas das margens do Jaguarão, não se requebram com mais gracioso donaire, ao som da viola.

Não é só amor, paixão e culto, a maternidade; mas também e principalmente uma reprodução da existência. Renasce a mãe no filho, volve à puerícia para simultaneamente com ele, a par e passo, de novo percorrer a mocidade e a existência. Deus lhe deu essa faculdade de se desviver, para que transviva na prole; sem isso, como seria possível à débil criatura romper os limbos da infância?

Há duas concepções.

A primeira, material, que produz o feto: é a mais breve e a menos dolorosa. Este parto reduz-se à dilaceração do seio quando o rasgam as raízes da nova existência que desponta. Dores cruas, mas inefáveis; lágrimas congeladas, mas que se diluem em júbilos santos!

Desde que nasce o filho, logo a mãe de novo o concebe, mas dentro d'alma; há aí um seio criador, como o útero; chama-se coração.

Dura esta gestação moral, não meses, porém anos; os estremecimentos íntimos e os repentinos sobressaltos se transmitem; há um cordão, invisível, que prende o coração-mãe ao coração-filho, e os põe em comunicação. A vida é uma só, repartida em dois seres.

Admirável solicitude da natureza! O grelo, que borbulha, rompe a terra protegido pelas rijas cápsulas da semente. O ovo é o primeiro berço da cria, cujo germe tem em si. Na entranha, da serpe também está o regaço e o ninho, que recolhe a prole débil. Nenhum animal, porém, realiza a segunda gestação, a que chamam infância, como seja a sariguê; o filho nasce duas vezes; a primeira vez para a mãe; a segunda vez para si.

Semelhante à membrana que forra o seio do animal, é a solicitude do coração da mulher e a ternura que envolve a criança, formando um berço para a alma do filho. Por isso não há dor que se compares ao parto do coração materno, a essa

dilaceração d'alma quando separa de si o filho já criado, que nasce enfim para os trabalhos da vida.

Cada filho é, pois, uma nova mocidade para a mulher. A mãe só envelhece, como a árvore, quando lhe estanca no seio a seiva, que devia despontar em renovos e viços. Que importam as rugas do córtice e as carcomas do tronco?

A flor é a eterna juventude; e o filho é flor.

Que lindo poldrinho o da Morena! Uma pelúcia de cor alazã, macia como a felpa de um cetim, vestia-lhe o corpo airoso e gentil. Tinha ainda certa desproporção das formas, que em sendo belas, como as dele, aumentam a graça da meninice.

Afastara-se Manuel para descansar o corpo sobre a grama. Enquanto festejava a baia seu poldrinho, sem nunca se fartar de o ver e possuir, dormiu o gaúcho um sono breve, mas profundo e reparador. Era tarde caída quando despertou.

Voltava a tordilha, guiando as selvagens coudelarias, que vinham felicitar a exilada pela sua boa volta aos cerros nativos. Os relinchos de prazer, as alegres cabriolas, não tinham que invejar ao mais terno agasalho da família que revê a irmã perdida. Se diferença houve foi a favor dos agrestes filhos dos pampas. Nenhum se lembrou que era mais uma fome para a comunhão. O cavalo é sóbrio e generoso.

Erguendo-se o gaúcho, dispararam os magoes, e sumiram-se por detrás de um cerro. A baia, porém, foi ter com as irmãs e conseguiu que tornassem. Outra vez apareceu o bando, mas parou em distância ao sinal do chefe, soberbo alazão, cuja estampa magnífica desenhava-se em miniatura no lindo poldrinho recém-nascido. O altivo sultão do selvagem harém avançou cheio de confiança.

Tinha a Morena contado o que por ela fizera seu benfeitor?

O pai do magote e o gaúcho saudaram-se como dois reis do deserto. Não houve entre eles afagos, nem familiaridades; mas uma demonstração grave de mútuo respeito e confiança.

Quanto, porém, às companheiras da baia, essas apenas viram o alazão aproximar-se do gaúcho, fizeram-lhe uma festa como não se imagina. Manuel recebeu-as a todas com a efusão e prazer que sentia por essa raça predileta. A umas alisava o colo, a outras penteava as clinas, ou amimava-lhes a garupa. E todas se espreguiçavam de prazer e trocavam sinais de grande afeição, como se fossem amigos de muito tempo.

Nunca Manuel sentira tamanho prazer. Achar-se no meio daqueles filhos livres do deserto: admirar de uma vez tão grande número de lindos e altivos corcéis;

deleitar-se na contemplação das estampas mais elegantes e garbosas; admirar a casta em sua pureza, e nos mais belos tipos, enobrecidos pela independência e liberdade; há gozo que se compare a este para um peão?

O avaro, nadando em ouro, não teria as inefáveis emoções de Manuel naquele momento, ao meio dos magotes que o festejavam, escaramuçando em torno. Também ele era filho do deserto, e desejaria fazer parte daquela família livre, se outros cuidados não o chamassem além.

Cuidou enfim o gaúcho da partida. Cumprira o dever de... Ia dizer de humanidade e talvez não errasse; tão inteligente e elevado era o sentir dessa alma pelo brioso animal, que ele prezava como o companheiro e amigo do homem! Para ele, que devassava e entendia os arcanos da organização generosa, o cavalo se elevava ao nível da criatura racional. Tinha mais inteligência que muitas estátuas ermas de espírito; tinha mais coração que tantos bípedes implumes e acardíacos.

Não direi contudo dever de humanidade, mas de fraternidade, o era decerto; posso afirmá-lo. Manuel considerava-se verdadeiro irmão do bruto generoso, bravo, cheio de brio e abnegação, que lhe dedicava sua existência e partilhava com ele trabalhos e perigos.

Teria a si em conta de um egoísta e cobarde se não seguisse os impulsos de seu coração restituindo um ao outro aquela mãe órfã ao filho desamparado. Agora que estava, uma tranquila e contente, o outro salvo e reanimado, e completa pela mútua adesão aquela dupla existência, podia-se ir sossegado; e o devia quanto antes, que um dever imperioso o reclamava em outro lugar.

Esse dever, sim, era humano; era a vingança do filho contra o assassino que lhe roubara o pai.

Segurou Manuel com o fragmento do laço do caçador uma égua rosilha, que já não tinha poldrinho a amamentar. Nenhuma resistência fez o animal; todos se haviam rendido à influência misteriosa do gaúcho; e todos desejavam tanto mostrar-lhe seu afeto, que houve quase querelas e arrufos de ciúmes pela preferência dada à rosilha.

Quem mais se agitou com esta escolha foi a Morena. Embebida até então com poldrinho, toda ela era pouca para a satisfação e alegria daquela restituição. Multiplicava-se; havia tantas mães nela quantos sentidos; uma nos olhos, que embebiam o filho; uma nos ouvidos, que o escutavam; uma na língua, que o lambia; uma nas ávidas narinas que o farejavam; uma no tato com que o conchegava.

Mas onde estava ela sobretudo era naquele sexto sentido, exclusivamente materno, que reside nas tetas lácteas, o sentido da sucção, pelo qual a mãe sente que se derrama no corpo do filho, e se transporta gota a gota para aquele outro

eu.

Percebendo o movimento do gaúcho, foi a égua arrancada ao jubilo materno pela lembrança do que devia ao benfeitor. Correu para ele; e afastando meio agastada a rosilha, cingiu com o pescoço a espádua do amigo.

Manuel abraçou-a entre sorriso e mágoa.

— Pensavas tu, Morena, que me iria sem abraçar-te?... Adeus!... Levo de ti muitas saudades. A corrida que demos juntos, nunca, nunca hei de esquecê-la!... Duvido que já alguém sentisse prazer igual a esse. Falam outros das delícias de abraçar uma bonita rapariga; se eles te apertassem como eu a cintura esbelta, voando por estes ares!... Adeus! Lembranças ao alazãozinho.

Arrebatando-se à emoção da despedida, pulou o Manuel no costado da rosilha, e apartou-se daquele sítio. No momento em que virava o rosto, que tinha voltado para ver a baia, esfregou as costas da mão pela face esquerda.

Seria uma lágrima que brotava ali?

Ficou-se imóvel a égua, com a grande pupila negra fita no cavaleiro que afastava-se rapidamente. Seu peito arfava com ornejo profundo, que parecia um soluço humano.

XII

VOLTA

Ao cabo de algumas quadras, ouviu Manuel estrupir longe, pela campina aquém, outra corrida, mais veloz que a sua.

Pensou que fosse a repercussão do galope de seu cavalo, mas conheceu que se enganava. Voltando o rosto viu a Morena, que breve se perfilou com a rosilha.

Algum tempo seguiu assim unida, como em parelha. Sensível àquela demonstração de carinho, o gaúcho se derreou para recostar sobre as espáduas da amiga.

Mas o poldrinho chamou a mãe, que estremeceu; mordendo irada a rosilha, correu à disparada para o filho, e logo tornou ainda mais rápida ao cavaleiro, a quem breve alcançou. Ganhando a dianteira á rosilha, fê-la esbarrar um instante. De novo a reclama a voz do sangue; mas não lhe cede de todo a gratidão.

Ainda trôpego e débil, o poldrinho mal ensaiava os passos sobre a encosta. A Morena ora o instigava à corrida, ora se arremessava em seguimento do cavaleiro, soltando o hênito plangente da saudade; já volve, já avança, quando não hesita, partida entre dois impulsos e cativa de duas vontades em um só corpo.

Compreendeu então o gaúcho os extremos da gratidão do animal. A mãe não queria mais separar-se do amigo que lhe salvara o filho. Para bem certificar-se, o gaúcho perscrutou o desejo da baia na grande pupila negra e límpida, que ela fitava em seu rosto.

Esses dois seres trocaram longo e profundo olhar; nesse contato de duas almas soldou-se o vínculo de uma amizade que devia durar até à morte.

Sem apear-se, suspendeu Manuel o poldrinho que travessou na cernelha, amparando-o com o braço, como uma criança. Conheceu-se a alegria da Morena pelo riso harmonioso e vibrante, e pelas gambetas que deu a travessa.

Partiram todos, desta vez, sem estorvo. Passadas as primeiras horas, a Morena, que em princípio se mostrara prazenteira e contente, começou a dar sinais de impaciência; de vez em quando mordia o pescoço da rosilha; se esta se desviava do rumo em que iam ambas desfiladas, obrigando assim o gaúcho a afastar-se dela, imediatamente arrojava-se contra, repelindo a companheira, como se quisesse disputar-lhe o cavaleiro.

Bem a entendia Manuel: eram ciúmes. O amor que toma o homem à cavalgadura, sabia o gaúcho que é retribuído sinceramente. O ginete tem orgulho do cavaleiro que o sabe montar; como tem o soldado de seu general.

Não consente, porém, o amansador que se fatigasse a Morena, por causa do filho que tinha de amamentar, e por isso recusa o lombo que lhe ela oferecia. Debalde a faceira para o tentar alonga-se como uma flecha, e excede na corrida à rosilha. Debalde colhendo os flancos, se lança aos arremessos, como a corça, prometendo naqueles surtos as delícias da equitação; Manuel resiste a tudo, por amor do alazãozinho.

Dormiu o gaúcho numa restinga de mato.

Por madrugada ouviu Manuel longe uns ornejos de zanga, e não vendo a Morena, seguiu-lhe a pista. Acabava ela de despedir a rosilha, e vinha aos saltos, contente e folgando, oferecer o costado ao cavaleiro. Seria ingratidão recusar; depois de amamentado o alazãozinho, partiu aquela família selvagem, que se tinha formado no deserto, em face da natureza.

Ao pino do sol, encostou-se Manuel com uma tropilha, à frente da qual reconheceu D. Romero.

— Bons-dias, amigo, já vem de volta? Então foi buscar o poldrinho também? Dessa não me tinha eu lembrado.

— Viva, senhor, respondera o gaúcho secamente.

— Quer o amigo por ela com poldrinho duzentos patacões? Tenho que fazer um mimo a certa moçoila... É pegar da palavra, enquanto não me arrependo.

Nada mais natural do que oferecer preço por um cavalo, objeto de comércio. Alguns donos até se desvanecem com as boas propostas que lhes fazem. Cada preço alto é um brasão de fidalguia para o animal.

Irritou-se entretanto o Manuel com o oferecimento do chileno. Pareceu-lhe aquilo uma afronta igual à de pôr a preço uma pessoa de sua família, uma irmã.

— Se lhe pesam seus patacos, pinche-os, que não faltará quem os apanhe, respondeu com tom ríspido.

— Por pouco se escandaliza o amigo! disse o chileno sempre calmo e polido.

— Até ver, senhor.

Por volta da noite, chegou o gaúcho à pousada, de onde saíra havia quatro dias. O Perez já não o esperava mais, cuidando lá consigo que o homem levara a breca, arrebentado com a égua aí sobre algum barranco.

Depois de bem agasalhada a Morena e o poldrinho, trouxeram um bom assado de couro com escaldado, que o Manuel comeu, escanchado na ponta do banco que lhe servia de mesa.

Aí contou Canho ao Perez os incidentes de sua jornada pelo deserto, tais como eu fielmente os reproduzi. O que porventura parecer estranho, corre por conta do gaúcho, em cuja existência, aliás, havia muitas coisas, que não se compreendiam.

— Caramba! exclamou Perez. Por uma noiva, e pelo pequerrucho que lhe ela desse, você não fazia mais do que pela égua e seu poldrinho.

O Canho ficou no semblante do entrerriano os olhos surpresos. Estranho sorriso perpassou-lhe nos lábios.

— Por uma mulher, nada!

— Ai, que você está mordido, Canho! Alguma lhe fizeram. Essas raparigas são assim mesmo: gostam de moer a gente, como pimenta em almofariz.

— A mim, não, que não lhes dou este gostinho.

— Ora!

— Acredite, se quiser; mas digo-lhe que nunca até hoje me bateu o coração por mulher; e desejo morrer assim. Não pode haver maior desgraça para um homem!

— Também isso é demais.

— Eu as conheço. Gostam de todos, mas não podem viver para um só: se morre aquele a quem pertenciam, já não se lembram dele; e começam a querer bem a outro. Mas é só pelo gosto de terem um companheiro; não que elas sejam capazes de sacrificar-lhe tudo.

— Muitas são assim, não há dúvida.

— Todas, Perez. Onde acha você uma rapariga capaz de fazer o mesmo que a baia? Porque eu salvei-lhe o filho, tornou-se cativa; e para me acompanhar e me servir deixou sua terra, suas amigas e sua liberdade.

— Lá nesse ponto, também nós homens não nos podemos gabar.

— Nem eu digo o contrário. Todos os amigos juntos não valem o Morzelo que foi de meu pai; mas os homens, ao menos, não enganam tanto!

O Perez deu boa-noite ao Canho; e foram ambos se acomodar. O gaúcho,

porém, não pôde pregar olho, durante muitas horas; o voo sussurrante de um morcego, que adejava no pátio, o sobressaltou.

Ergueu-se por vezes; foi ao pasto ver se a égua dormia, e se o poldrinho desprotegido era vítima do vampiro. Fazia um frio intenso; acendeu um pequeno fogo de ossos, porque não havia no campo outra lenha; mas só descansou quando pôde com a haste da lança abater o morcego.

XIII

A MALIGNA

No dia seguinte o gaúcho estava de pé ao primeiro vislumbre da madrugada. Encilhou o Ruão e despedindo-se de Perez, se pôs a caminho.

Três horas andadas, avistou uma casa sobre a esplanada da coxilha. Seu coração bateu com alvoroto. Ali morava o assassino de seu pai. Chegara enfim o dia, o momento da vingança esperada pacientemente.

Quando o Canho, parada um instante, olhava a casa, passaram por ele duas pessoas a cavalo; um frade e um peão de cor preta.

— Parece que o homem não escapa mesmo, padre.

— Com o favor de Deus tudo é possível, filho; mas ele está muito mal.

— Uma coisa tão de repente. Não há uma semana que fizemos juntos o rodeio.

Canho sentiu-se inquieto. Pelo caminho que seguiam, os dois cavaleiros decerto vinham da casa. Seria o dono a pessoa, de cuja enfermidade eles falavam?

Desceu o gaúcho o lançante da colina e aproximou-se vagarosamente da casa, espreitando-lhe a aparência, com receio de confirmar suas apreensões. No terreiro que havia em frente, brincava uma criança de 8 anos, cavando um buraco na terra com a cana partida de um velho freio.

— Menino, o Barreda está em casa?

— Meu pai?... Está sim.

— Eu queria falar-lhe.

— Mas ele está doente!

— Ah! está doente! De quê?

— De doença!... A gente tem chorado muito porque ele não escapa. Agora mesmo saiu o frade que veio para a confissão.

Manuel pensativo não escutava a tagarelice do menino.

— Diga-me; quando a gente morre, enterra-se numa cova assim, não é? tornou o menino apontando para o buraco aberto no chão. Mas este ainda está pequeno para o pai; é preciso cavar mais. Depois bota-se uma cruz, não é?

— Pode-se ver seu pai?

— Entre!

A sala estava deserta; mas em um aposento contíguo, ouviam-se gemidos, prantos sufocados, e vozes abafadas. Era o quarto do enfermo. Chegando-se à porta, o gaúcho pôde ver o Barreda prostrado na cama e sucumbido a uma febre violentíssima.

Ninguém fez reparo no recém-chegado. No campo, onde a morada do pobre, como do rico, está aberta sempre ao viajante, o hóspede não é um estranho. Além de que nesses momentos solenes a casa como que se transforma em templo, onde todos entram levados pela curiosidade do terrível mistério que a alma tenta perscrutar.

Outra razão especial ainda havia para demover de Manuel a atenção das pessoas reunidas no aposento do moribundo. Todos os olhos estavam fitos em uma velha curandeira que nesse momento examinava o Barreda. Depois de lhe ter virado as capelas dos olhos, torcido as asas do nariz, e beliscado as bochechas, a mulher estava agora ocupada em examinar os braços e o peito do enfermo.

Achou ela alguma coisa, porque segurando as cangalhas de chumbo no nariz adunco, e aproximando a candeia com a mão esquerda, esteve a examinar pausadamente o lugar, que esfregou com um pouco de aguardente.

Acabado o exame, deitou a candeia no gravato, e levantou-se espalmando as mãos nas cadeiras derreadas com o cansaço de estar tanto tempo curvada. Os olhares dois circunstantes fisgaram-se no semblante da velha como se quisessem arrancar-lhe dos lábios à força o segredo da ciência. Ela o compreendeu. Acenando com a cabeça de um e outro lado, para aproximar em círculo as pessoas presentes, resmungou à meia voz:

— Não tem que ver! Eu disse logo que me chegou o recado; não passa de bexigas. Lá está a primeira borbulha; mas não chega a sair, concluiu ela abanando a cabeça.

A palavra bexiga produziu soçobro nas pessoas presentes. A mulher redobrou de pranto; quanto aos mais, parentes e curiosos, foram-se esgueirando pela porta do quarto a pretexto de estar muito quente; e com pouco desapareceram, tremendo à suspeita de lá o contágio da terrível enfermidade.

Foi-se também a curandeira, porque não houve quem lhe oferecesse boa paga para ficar. A mulher do Barreda, essa não tinha acordo para cuidar de

semelhante coisa.

A todo este movimento assistiu Manuel encostado ao umbral da porta, atônito e perplexo.

Viera com um fim, e achava-se ali como suspenso, ante aquele espetáculo, que o impressionara profundamente. Não era a primeira vez que testemunhava o ato supremo do passamento de um homem. Vira peões esmagados embaixo de um cavalo rodado; outros estripados pelas pontas do touro bravo; o próprio pai caíra a seus olhos com o coração traspassado; mas essa agonia lenta e solene, nunca a tinha contemplado.

De repente o enfermo estortegou na cama; com a voz trôpega, cortada pelo soluço, murmurou:

— Água!

No aposento ninguém mais estava; Manuel circulou com os olhos os cantos e percebendo um cântaro de barro, encheu a caneca, e matou a sede ao moribundo. Para isso foi preciso passar-lhe o braço pelas costas e erguer o busto.

XIV

O ENFERMEIRO

Repetidas vezes Barreda, devorado pela febre, pediu água. A mulher aproximava-se de momento a momento, receando ser chegado o transe supremo; depois ia de novo atirar-se a um canto, onde ficava como desfalecida.

Vendo Manuel o desamparo em que estava o enfermo, pelo desespero da mulher e medo que inspirava a outros o contágio da moléstia, não teve ânimo de retirar-se naquele instante. Custava, porém, à sua natureza enérgica assistir impassível ao sofrimento de uma criatura, sem tentar um esforço qualquer para salvá-la.

Veio-lhe de repente à lembrança um caso que ouvira a seu pai. Saiu fora, montou a cavalo, e pouco depois voltou com um novilho, que laçara e prendeu ao lado da casa, na estaca do curral ou mangueira.

O enfermo passara do torpor à excessiva inquietação.

— Tire a roupa de seu marido, que eu já volto. Vou buscar um remédio que há de fazer-lhe bem.

Abatido o novilho com uma pancada na nuca, em um instante Manuel esfolou-o ainda meio vivo; e correndo à casa, envolveu o corpo do enfermo na pele tépida e sangrenta.

Feito o quê, esperou pelo resultado, assando na brasa um pedaço da carne do novilho para matar a fome.

Seu pai muitas vezes lhe contara que na campanha da Cisplatina, o capitão de uma companhia caíra doente com uma febre de cavalo. O cirurgião do regimento empregara em vão todos os meios para fazê-lo suar. Pela manhã quando se carneava uma rês, dissera ele a rir, vendo arregaçar o couro: “Que bom lençol! Se me tivesse lembrado, embrulharia em um desses o capitão. Não há febre que resista a semelhante cáustico”.

O que o cirurgião não pudera fazer, acabava o gaúcho de pôr em prática.

Ou fosse pela energia do remédio, ou pelo vigor da organização, operou-se na enfermidade uma crise salutar, manifestando-se durante a noite reação franca, anunciada por abundantes suores; de madrugada remitiu a febre, e Barreda caiu num sono profundo.

Manuel passou a noite, como o dia, fazendo o ofício de enfermeiro. Apenas deixava o aposento do doente para ir ver seus amigos, a baia e os outros animais a quem havia acomodado no potreiro, tendo o cuidado de fazer com um molho de trevo seco uma cama bem macia para o poldrinho.

Durante dois dias o gaúcho velou sobre o doente, como faria por um amigo. A mulher já reanimada cobrara sua atividade; mas espavoria-se com a ideia de ficar só, e pediu ao Canho que não se fosse antes de ceder de todo a moléstia.

Ao terceiro dia já Barreda, apesar de muito fraco, dava acordo de si e atendia ao que se passava em torno. A primeira coisa em que reparou foi naquele sujeito, cujas feições não podia distinguir, pela obscuridade do aposento e debilidade de sua vista. Além disso o desconhecido calcara o chapéu desabado e erguera a gola do ponche.

— Quem é? perguntou o enfermo com voz extenuada.

Canho estremeceu.

— O senhor não me conhece. Vinha para tratar um negócio, mas encontrei-o de cama. Ficará para outra vez.

— É verdade. Estou aqui de molho, que não sei se arribarei desta.

— O pior já passou, agora é ter paciência

— Que remédio! Olhe, que foi uma boa peça que me pregou esta macacoa! Precisava ir à casa do Perez receber um dinheiro que me deve um chileno; se não, é capaz de abalar sem pagar-me.

— Já ele o fez! Encontrei-o ontem caminho de Corrientes.

— Diabo! Faz-me falta esse dinheiro, disse Barreda agitando-se na cama.

— Não se agonie; vou buscá-lo.

— Como?

— Alcançarei o homem. Dê-me o sinal.

O doente chamou a mulher, que tirou da mala um vale assinado por D. Romero e o entregou a Manuel. Este partiu, no encalço do mascate.

Quatro dias depois estava de volta com o dinheiro. O doente dormia; Manuel não quis vê-lo; falou à mulher. Pela primeira vez, depois de tantos dias, Manuel olhou de frente para essa criatura, que fora a causa involuntária da morte de seu pai. Ainda mostrava quanto devia ser bonita há dez anos passados.

O gaúcho desviou a vista com repugnância; e entregando as moedas que recebera do chileno, tratou de pôr-se novamente a caminho. Esse lugar, que já não era o da caridade e não podia ainda ser o da vingança, causava-lhe horror.

Quando se dirigia ao potreiro para montar, encontrou o menino com que falara no primeiro dia.

— Então vai embora?

— Vou; mas voltarei logo. É pena que você não tenha mais dez anos.

O menino estremeceu com o olhar que lhe deitou o gaúcho.

Em caminho, pela primeira vez, refletiu Manuel sobre os últimos acontecimentos, em que se achara envolvido, sem o esperar. Até então não se dera ao trabalho de pensar a este respeito; mas agora, na monotonia de uma jornada perdida, seu espírito era arrastado malgrado pelas recordações tão vivas ainda.

Era possível que ele, filho de João Canho, houvesse um momento sustido nos braços o assassino de seu pai; e não para matá-lo, mas para servi-lo?

Acreditaria alguém que ele, trazido àquele lugar pelo desejo da vingança, se tivesse desvelado durante alguns dias pela salvação do causador de sua desgraça?

Sua própria razão não concebia como isso acontecera. Às vezes vinham assomos de dúvida, que se desvaneciam logo ante a realidade tão recente. Manuel tinha a consciência de sua natureza ríspida e concentrada; a indiferença e frieza que mostrava em seu trato, não provinham de um hábito somente; eram a repercussão interior da pouca estima em que o gaúcho tinha geralmente a raça humana.

Entretanto, nos últimos dias ele fora tão outro, do que era realmente! Desvelos e solicitude que nunca tivera por pessoas de sua família, como os sentira por um estranho, pelo homem que maior mal lhe fizera neste mundo?

O espírito de Manuel agitou-se algum tempo nesse caos de seu coração; até que afinal, desprendeu-se uma centelha e os lábios murmuraram:

— Eu tenho de matá-lo!

Aí estava a razão. Aquele homem era sagrado para ele como a vítima já votada ao sacrifício. Aquela vida lhe pertencia; fazia parte de sua alma; pois era o objeto de uma vingança tanto tempo afagada.

A ideia de que ele havia de matar o Barreda, tornava Manuel compassivo não para o assassino de seu pai, mas para o enfermo que se revolvia no leito de dores.

LIVRO SEGUNDO

JUCA

I

PONCHE-VERDE

Ponche-Verde é o nome de um arroio que deságua no grande rio Ibicuí, próximo a suas nascentes.

Não há melhor arquivo para guardar as tradições e costumes de um povo, do que seja uma etimologia topográfica. Na página imensa do solo nacional, escreve a imaginação popular a crônica íntima das gerações. Cada nome de localidade encerra uma recordação, quando não é uma lenda ou mito, que se vai transmitindo de idade em idade até perder-se nas obscuridades do tempo

Quem sabe hoje por que chamaram ao arroio — Ponche-Verde? Acaso o banhado onde ele nasce, coberto de limo, traça a forma característica daquele trajo? Ou será a fina relva das margens, que de longe imita a lustrosa pelúcia do pano?

Talvez nem uma, nem outra coisa. Porventura algum drama vivo, onde representou sinistro papel aquela parte do vestuário nacional do gaúcho, imprimiu à localidade o nome simbólico, hoje vago e incompreendido.

Em todo caso aí está um traço fisionômico da campanha rio-grandense: o tipo gaúcho.

Nas margens desse arroio pelejou-se, em 26 de maio de 1843, um combate, em que Bento Manuel derrotou as forças rebeldes sob o comando de Davi Canabarro. Foi este o prólogo da campanha que pôs termo à revolução; o epílogo coube ao bravo barão de Jacuí escrevê-lo com a brilhante vitória de Porongos.

Além, onde a campina se alomba, como o dorso de uma anta, próximo à foz do arroio, havia uma casa com alpendre para o nascente. À direita pequeno curral, a que na província dão o nome de mangueira: na frente uma grande figueira, isolada em meio do campo; à esquerda uma ramada ou choça para os animais.

Embaixo, já na margem do Ibicuí, viam-se cinco ou seis ranchos esparsos pela campina; alguns pertenciam à estância cuja casaria destacava-se no horizonte, em meio de um bosque de arvoredos frutíferos; outros, à gente pobre a quem o proprietário consentia habitarem em suas terras.

O mais próximo povoado ficava a duas léguas de distância, no passo de D. Pedrito, sobre o Ibicuí, onde mais tarde se erigiu a freguesia de N. S. do

Patrocínio.

Era sobretarde.

Estavam no alpendre da casa duas mulheres. A mais idosa, viúva de quarenta e cinco anos, conservava na tez o lustre da mocidade: tinha ainda uma bela fisionomia e passaria por formosa se não fora a excessiva gordura. Quanto à outra, era menina de quinze anos, e muito linda.

Não tinham a mínima semelhança: e contudo ao vê-las ambas ao lado uma da outra se conhecia logo que eram mãe e filha. Os afetos de que estamos possuídos exalam constantemente de nosso íntimo uma perspiração moral. Talvez haja em torno de nós uma atmosfera de sentimento para a alma, como há uma para o pulmão.

Sentada em um banco, de mãos enlaçadas sobre o regaço, acompanhava a mãe os graciosos movimentos da filha, a folgar pelo gramado. Um terneiro alvo e brincão tentava escapar-se para correr após a vaca; porém a travessa menina, atalhando-lhe o passo e cingindo-lhe os braços pelo colo, impedia o intento.

Ouviu-se relinchar ao longe um cavalo. Erguendo os olhos deu a menina com um cavaleiro que transmontara a fronteira eminência. Distraída do folguedo, ficou um instante imóvel, com as mãos juntas e a vista atenta. Logo após, exclamou batendo palmas:

— Manuel!... Manuel!...

— Onde, Jacintinha?

— Olhe mãezita! Respondeu apontando.

— Vejo!

Voltara a mãe os olhos na direção do cavaleiro; a filha deitou a correr e foi com sensíveis mostras de prazer, caminho da tronqueira, a encontrar-se com a pessoa que chegava.

Com pouco ali apareceu o Canho, montado no Morzelo e seguido da Morena e do poldrinho, que trotavam no meio da tropilha. Apeou o gaúcho para apertar a mão de Jacintinha, e dirigiram-se ambos ao alpendre, depois de algumas palavras trocadas. Quem observasse a menina naquele instante, havia de reparar na sua expressão constrangida. Um motivo qualquer retinha-lhe nos lábios, e até no gesto, a efusão de sentimento, que só pelos olhos e a furto lhe escapava. Manuel, porém, não se apercebia disso; da irmã não vira mais que o vulto; se lhe perguntassem de repente a cor de seu vestido, com certeza não soubera responder.

Saiu a viúva ao encontro do filho, logo que ele passou a tronqueira. A dois terços do caminho se encontraram, nenhum porém se havia apressado; o gaúcho adiantou-se porque seu andar era naturalmente mais desembaraçado do que o da matrona.

— Adeus, meu filho. Estais bom de saúde?

— Bom, minha mãe, obrigado. E Vm.cê, como lhe vai?

— Sempre na mesma, graças a Deus!

Subiram ao alpendre.

Deixara-se Jacinta ficar atrás, para correr ao poldrinho e o abraçar enchendo-o de meiguices. Dir-se-ia que reconhecera o animalzinho a irmã de seu amigo, ou se embelezara pela gentileza da donzela. Apesar de sua arisca braveza, consentiu em ser acariciado; e chegou mesmo a brincar com sua nova companheira.

— Que bonito poldrinho, que ele trouxe, mãezita"! exclamou Jacinta. Tão engraçadinho!

Manuel, voltando para o grupo original, envolveu num olhar de ternura as duas juventudes, da irmã e do animalzinho.

— Fizestes bom negócio com a égua, Manuel? Quanto destes por ela?

— Nada, minha mãe.

— Ah! Foi presente que vos fizeram? Por quanto pretendeis vendê-la? Alguns vinte patacões?...

— Não é de venda! respondeu o gaúcho laconicamente, descendo ao pátio.

Nem sinal deu a viúva de estranheza por aqueles modos, aos quais sem dúvida estava mais que habituada. Chamou a filha para mandar aprontar a ceia.

— Manuel há de estar com fome! Sem dúvida não jantastes, meu filho?

— Pouco e cedo.

— Então vai, Jacintinha.

Tudo isto era dito com o tom calmo e frio das coisas costumeiras. Ninguém acreditara que ali estavam mãe e filho, no primeiro instante de chegada, após uma ausência de meses.

Enquanto lhe preparavam a ceia, foi Manuel agasalhar com a maior solicitude

a Morena e o filho, não esquecendo os outros cavalos. Consumiu nesse mister uma boa hora; não obstante os repetidos chamados da irmã, só deixou seus camaradas, quando os viu bem acomodados, feita a cama de palha, e distribuída a ração da noite.

Então decidiu-se a cear; contando porém visitá-los antes de dormir.

A refeição era parca: churrasco, bocado clássico das campanhas sulinas, queijos, origones ou passas de pêssego. Manuel comia rapidamente e de cabeça baixa; seu olhar uma só vez não procurou o semblante das duas mulheres, para colher ali um vislumbre de prazer por sua chegada.

Francisca de seu lado, cochilando na costumada pachorra, com as mãos cruzadas sobre o regaço, olhava o filho sossegada. Não assim Jacintinha.

Com os lindos pregados no semblante de Manuel, meio reclinada sobre a mesa, cintilante de vivacidade, espiava ela o menor desejo do irmão par servi-lo prontamente. Se porém o gaúcho erguia a cabeça, ela se enleava trêmula, não tanto de receio, com do prazer de ser olhada.

Terminada a refeição, preparou Jacintinha o chimarrão; enquanto Manuel chupava a bomba, trocaram-se entre as três pessoas da família algumas palavras, calmas e compassadas, sem efusão, mas também sem o mínimo ressentimento.

— A mãe não teve novidade? Vai passando bem?

— Assim, assim, Manuel; já me sinto pesada. A gordura é demais.

— Mãezita não gosta de andar, observou a menina.

— Como vai a bragadinha, Jacinta?

— Ah! Morreu, Manuel!…

— Coitadinha! Como? … perguntou o gaúcho enternecido.

— A mãe deu-lhe um coice! respondeu Francisca rindo.

Manuel ergueu-se de mau modo, dando as boas-noites, e saiu para o terreiro, donde ganhou a estrebaria. A Morena e o filho o receberam com mil carícias, que ele retribuiu; arranjou-lhes de novo a cama, com receio de que não estivesse bem macia, escolhendo-lhes alguns molhos do capim mais tenro; depois do quê, recolheu a seu aposento, que ficava numa espécie de sótão por cima da manjedoura.

II

O PAI

Que anomalia era a fibra cardíaca desse homem?

Coração para uma raça bruta, músculo apenas para sua própria espécie e até para sua família.

Quanto se expandia em amor e dedicação com os animais, seus prediletos, tanto se retraía com frieza e indiferença ante as mais doces afeições de sangue que o cercavam.

Não se explica semelhante aberração. Talvez que algumas particularidades da infância de Manuel aventem a razão desse teor d'alma tão avesso da natureza.

Eis o que referiam sobre a família e a infância do gaúcho.

João Canho, pai de Manuel, era o primeiro amansador ou peão de toda aquela campanha; à sua destreza em montar e governar o animal com qualquer das mãos deveu ele o apelido que adotou por nome.

Servira o amansador com Bento Gonçalves na campanha da Cisplatina; pelejara corajosamente em vários combates; e depois de feita a paz, viera estabelecer-se com sua mulher e dois filhos em Ponche-Verde, onde vivia pobremente de sua arte, à qual juntava a perícia de ferrador e alveitar.

Aos oito anos já sentia-se Manuel orgulhoso das proezas do pai. Quando ouvia o antigo soldado recordar suas campanhas e contar as valentia que praticara com um camarada de nome Lucas, do qual sempre se lembrava com saudades; quando sobretudo via o potro mais terrível subjugado em um momento pelo destemido peão, o gauchito enchia-se de admiração.

Não fossem falar de façanhas de heróis, que ele as desdenharia por certo. Não havia para o menino outra glória senão aquela; nada no mundo se podia comparar, no espírito do filho, à fama do pai.

A alma do menino foi-se moldando naturalmente pelo que admirava. A vida de peão inspirava-lhe entusiasmo. O baguá era para ele o símbolo da força e da fereza; domar o cavalo selvagem, o filho indômito dos pampas, significava o maior triunfo a que podia aspirar o homem. O amansador era o rei do deserto.

Ao mesmo tempo, sempre em contato com a raça equina, revelava-se a seu espírito infantil as grandes qualidades desse animal de paixões nobres e

generosas, capaz das maiores dedicações, intrépido, sóbrio, leal, paciente na ocasião do sacrifício, impetuoso no momento do perigo.

O menino sentia em si essa mesma natureza, o germe daquelas virtudes, e assim gradualmente ia-se operando em seu caráter uma espécie de identificação entre o cavalo e o cavaleiro. Era a misteriosa formação do centauro.

No meio dessa existência tranquila, a asa negra da desgraça roçou pela casa de João Canho.

Foi em maio de 1820.

Estava o amansador uma tarde pitando no alpendre, enquanto a mulher ninava ao colo o Juquinha, o último filho. Viu João aproximar-se um cavaleiro à disparada, e pouco depois esbarrar no terreiro. apeou-se rápido e correu para o gaúcho.

— Não me conhece, amigo?

O Canho surpreso respondeu:

— Pode ser; mas não me recordo.

— Sou o Loureiro, de Alegrete. Venho do Salto; os castelhanos juraram empalar-me, e me vêm no encalço. Estou perdido se o amigo não me der um abrigo.

— Entre, senhor; esta casa está a seu dispor.

— Mas se eles souberem que eu me refugiei aqui, não lhes poderei escapar.

— Fique descansado.

Entrou o Loureiro, a quem Francisca, pela recomendação do marido, agasalhou o melhor que pôde. Entretanto João Canho, em pé no alpendre, olhava o horizonte onde aparecia ao longe um ponto que vinha crescendo. Eram sem dúvida os castelhanos.

Pouco depois apearam-se quatro gaúchos orientais. Um deles, mais apressado, tomou a mão:

— Está em sua casa, amigo, um homem de Alegrete, que chegou neste instante. Queremos falar-lhe!

João hesitou um momento, se devia negar a presença do Loureiro em sua casa. Repugnava-lhe mentir; tanto mais quanto essa mentira era inútil. Os castelhanos tinham naturalmente visto na poeira o rasto fresco do animal.

— O homem está aí dentro, senhores. Agora o falar-lhe, é outra coisa. A que respeito?

— Sobre um negócio urgente.

— Mas qual é?

— Ele sabe.

— Ah! é o negócio que ele sabe? disse o Canho sorrindo.

— Justo!

Pois esse pediu-me ele que o tratasse em seu nome.

— E o amigo aceitou?

— Por que não? Estou pronto sempre a servir um patrício.

— Pois olhe, desta feita não andou bem, asseguro-lhe.

— Veremos.

Os castelhanos se impacientavam, cruzando entre si olhares suspeitos.

— Vamos ter com o homem.

Atravessou-se na frente o João Canho com ar resoluto.

— Senhores, o homem está descansando. Se querem fazer outro tanto, ali está o rancho.

— Falemos claro, amigo. Viemos à caça do sujeito, e por força que o havemos de levar.

— Daqui desta casa, não; salvo se ele mesmo quiser ir.

— Veja que somos quatro, e estamos disposto a ir às do cabo.

— Ainda que fossem vinte. Nesta casa ninguém entra sem licença de seu dono, e este sou eu para os servir, senhores.

Manuel que de dentro ouvira a altercação, saiu fora no alpendre movido por infantil curiosidade. Seu pai, de pé nos degraus da escada, aproveitando um instante em que os castelhanos se consultavam entre si, voltou-se para o gauchito:

— Corre; diz ao homem que fuja para a estância! Um cavalo selado, no quintal, já!… Tua mãe que feche a porta; eu os entretenho por cá; ele que se

musque!

Estas palavras, rápidas e impetuosas, foram lançadas à meia voz no ouvido do menino, que de seu próprio impulso, e empurrado pela mão sôfrega do pai, ganhou de um salto a porta.

Era o tempo em que os castelhanos havendo tomado partido, caminhavam para o alpendre em atitude ameaçadora. O Canho recuou, mas para alcançar de um pulo o canto onde estavam seus arreios. Travando das correias das bolas, que tangidas pelo braço robusto, giraram como um remoinho em volta da cabeça, caiu sobre os adversários.

Os orientais, já senhores do alpendre, fugiram para o terreiro com medo de serem esmagados pela arma terrível. Em pé sobre a escada, o Canho os dominava outra vez, e repelia com vantagem os repetidos ataques.

Um dos orientais, armado de uma lança, no momento de subir ao alpendre, correra à janela com o intuito de penetrar na casa. Quando Canho voltou-se armado com as bolas, atento ao movimento dos outros adversários, não viu aquele que lhe ficava de esguelha e se havia encolhido.

Por algum tempo, durante a luta dos outros, ele forcejou para arrombar a janela; vendo, porém, que João Canho levava de vencida diante de si pela ladeira abaixo os outros já bem maltratados, mudou de plano. Agachou-se por detrás do parapeito, com a lança pronta.

Desejara Manuel depois que deu o recado voltar para junto do pai; porém, não consentiu a mãe, que fechou a porta, tirando a chave. Espreitavam ambos pelo olho da fechadura o que se passava fora, quando o menino avistou o oriental agachado.

— Ele vai atacar o pai! exclamou o menino.

A mesma ideia da emboscada atravessou o espírito da mulher, que abriu de repente a porta. Manuel precipitou-se armado com uma faca imensa, e chegando defronte o oriental, disse-lhe com raiva:

— Eu te mato!

Não se mexeu o oriental; ficou na mesma posição; apenas fez um gesto breve ameaçando o menino com a lança; porém este, longe de fugir, encarou com o sujeito, receando que se sumisse, antes de o pai chegar.

João Canho voltava da coça que dera nos castelhanos, os quais ainda o seguiam de longe, mas para apanharem os animais e safarem-se. Nisto Francisca, debruçada no alpendre e trêmula de susto, soltou um grande brado para advertir o marido do perigo dela e do filho, ameaçados pelo sujeito

agachado.

— Corre, João!

Vendo o oriental frustrado seu intento de surpreender o adversário, ergueu-se para ganhar o terreiro e escamar-se. Mas João Canho, pensando que o grito da mulher era para adverti-lo da volta dos castelhanos por ele repelidos, voltara-se rapidamente e pusera-se em defesa, espreitando onde poderiam estar os assaltantes.

Aproveitou-se o oriental desse engano; de um salto caiu no terreiro e cravou a lança nas costas de João Canho. Ferido, o amansador soltou um rugido medonho, e voltou-se com tal sanha, que o oriental espavorido pulou no cavalo e desapareceu.

Quando ele sumia-se com os companheiros, o amansador expirava nos braços da mulher.

Manuel em pé, ao lado daquele grupo fúnebre, segurava maquinalmente a lança assassina, que tinham acabado de arrancar da ferida. Foi nessa posição, com os dentes rangidos e os lábios crespos de cólera, que ele recebeu a extrema bênção do pai.

III

O PADRASTO

Nunca soube-se com certeza da causa por que os quatro castelhanos perseguiam Loureiro. Mais tarde este deu algumas explicações, a instâncias dos amigos; porém notava-se na história por ele contada sensível lacuna, e muita confusão.

Estabelecido com negócio de fazenda em Alegrete, fora Loureiro até o Salto para comprar um sortimento de mercadorias de que precisava sua loja. Aproveitou a ocasião para ver Concórdia, cidade argentina que fica na margem ocidental do Uruguai.

Demorando-se alguns dias na pousada, se travou de razões com um sujeito de nome Barreda, capataz de uma estância de Entre-Rios, que aí estava também de volta de Buenos Aires. Resultou da altercação desafiar o castelhano a Loureiro, que achou mais prudente mudar de ares.

Voltou imediatamente ao Salto, e mandando sua bagagem por Uruguaiana, tomou em direção a Bagé, onde tinha umas cobranças que fazer. Seguia seu caminho quando, chegando ao alto de uma coxilha, disse o peão:

— Aqueles vêm com pressa!

Referia-se a alguns cavaleiros que despontavam ao longe, e se aproximaram rapidamente. Loureiro lembrou-se do desafio e estremeceu. Como escapar? Na campanha não é fácil achar um refúgio; por toda a parte o horizonte aberto e descortinado.

— Queres ganhar uma dobra? Veste o meu pala, e deita a correr diante daqueles sujeitos.

O camarada compreendera: apenas uma ondulação do terreno o escondeu, trocou pelo pala vermelho seu ponche azul; recebeu as moedas e despediu-se a correr. Entretanto o Loureiro contornou a coxilha, cuidando sempre de manter-se fora da vista dos cavaleiros.

Sucedeu o que ele esperava. Os castelhanos, pois eram eles, vendo fugir ao longe o homem de pala vermelho a quem perseguiam, não repararam na falta do outro cavaleiro, e o deixaram à esguelha abrigado pela rampa do terreno.

Apenas os viu passar, Loureiro deitou a correr não mais para Bagé, nem para

o Salto de onde saíra, e sim para Ponche-Verde, que era a fronteira mais próxima do ponto onde se achava.

Essa era a história contada por Loureiro. Mais tarde, porém, falou-se de um namoro da mulher do Barreda com o negociante, que se apaixonara pelos belos olhos da espanholita. O marido, tendo-os surpreendido, desafiara o continentista, que fugira naquela mesma noite.

A notícia da morte de Canho chegou ao Loureiro em Alegrete, dois meses depois. Penalizou-o em extremo aquela desgraça a que ele dera causa. Lembrou-se da viúva que ficara ao desamparo com dois filhos menores; e sentiu-se obrigado a amparar a família órfã.

Fez uma viagem a Ponche-Verde com essa intenção.

Francisca era ainda muito bonita; as roupas de luto realçavam sua tez fina e delicada; e as lágrimas, derramadas pela perda do marido, tinham acendido em seus lindos olhos um fulgor irresistível.

Loureiro não foi insensível a esses encantos. Rendido à beleza da viúva, teve um impulso generoso, que o fez refletir por muitos dias, antes de tomar qualquer resolução definitiva. Afinal, aproveitando um momento em que estava só com a viúva, disse-lhe:

— Fui eu, sem querer, a causa da desgraça que a senhora sofreu, perdendo seu marido. Se pudesse restituí-lo, sem dúvida que o faria. Não podendo, faço quanto está em mim: ofereço-lhe, para o substituir, outro que há de estimá-la tanto ou mais.

Francisca chorou, e não respondeu. As palavras do Loureiro foram repetidas por toda aquela redondeza, como um trecho eloquente. Não houve quem não aplaudisse o seu ato, como um rasgo admirável de generosidade. Vieram os vizinhos em chusma a felicitar a viúva; as amigas se desfizeram em elogios à bondade e mais prendas do noivo.

Francisca aceitou sem repugnância a mão que lhe ofereciam. O casamento foi marcado a princípio para o fim do luto; porém tanto insistiram sobre a necessidade de abreviar o ato, tanto falaram da satisfação d’alma do defunto, por ver sua esposa e filhos amparados, que se antecipou a época.

Uma pessoa não fora ouvida, que, entretanto, acompanhava com ansiedade o desenvolvimento do drama da família. Era Manuel, então na idade de nove anos. Sombrio e taciturno desde a morte do pai, o menino gastava o tempo com os arreios, o cavalo, as roupas e armas do amansador, o que ele considerava sua exclusiva e também única herança. Podiam dispor do mais, da casa e do campo; daquilo não, que lhe pertencia, como insígnia ou brasão de família.

Esta solidariedade das gerações não é um privilégio da aristocracia. A alma imortal, em qualquer nível da sociedade, tende a projetar-se no futuro, além do túmulo; por isso tem necessidade de criar raízes profundas nas tradições do passado.

A olhar durante horas e horas aqueles objetos órfãos do dono, Manuel sentia derramar-se pelo seio uma força imensa, que de repente o crescia de muitos anos. De menino ficava quase homem: e então uma voz íntima lhe anunciava que o filho havia de ser digno do pai.

Quando o Loureiro voltou a Ponche-Verde, da primeira vez, o menino o recebera com repugnância, mas sem aversão. Não podia ser indiferente a causa da morte do pai; esse indivíduo era uma legenda viva de sua desgraça; o coração confrangia-se em face dele. Por outro lado, seu espírito infantil reconhecia a inocência do negociante; e por vezes contemplava nele o documento eloquente do valor e generosidade de João Canho.

Tornando porém o sujeito repetidas vezes, e recebido com mostras de bom agasalho pela viúva, começou o menino a incomodar-se com as visitas. Desejara que sua mãe não acolhesse com bondade o estranho, e nem mesmo o visse. Se no princípio afastava-se do Loureiro, agora, mal o avistava, saía para evitar que lhe falasse. Durante a visita, levava a chamar pela mãe sobre qualquer pretexto, e a importuná-la com o fito de fazer que deixasse a companhia do hóspede.

Já próximo do casamento, uma das amigas da viúva talvez de acordo com esta, deu-lhe a primeira notícia.

— É mentira! É mentira!… gritou a criança em desespero.

Como insistisse a mulher, afirmando ser verdade, Manuel atirou-se a ela com furor, rasgando-lhe a roupa e arranhando-lhe o rosto com as unhas. Foi necessário que a mãe o castigasse. A pobre alvissareira jurou nunca mais se intrometer com semelhante diabrete.

Dias depois, estando Loureiro em casa da viúva, sucedeu sair ao campo, depois do almoço, para dar uma volta a pé. Observou ele que Manuel o seguia, e demorou-se a esperá-lo, talvez com o desejo de granjear enfim as boas graças do teimoso menino. Este, porém, que o viu parar, fez o mesmo. Seguiu pois o negociante, mas sempre acompanhado de longe pelo filho de Canho. A tentativa reproduziu-se duas vezes sem resultado.

Muito adiante, percebeu Loureiro perto de si ligeiras pisadas; voltou-se. Ali estava o menino, e trazia empunhada uma grande faca, maior que o seu braço; sem dúvida era a de João Canho.

Receou Loureiro que o menino, projetando alguma travessura, viesse a ser vítima da arma:

— Para que é esta faca, Manuel?

— Para te matar!

— A mim? Que mal lhe fiz eu, meu filho?

— Não sou teu filho!… gritou a criança querendo ferir.

Enquanto o negociante subtraía-se aos golpes, esforçando por arrancar a arma das mãos do menino, ele rangia os dentes, repetindo com voz surda:

— Não hás de casar com minha mãe!… Não quero!

Francisca apenas soube do que era passado, quis castigar o filho e o faria sem a intervenção de Loureiro. Depois ficou a cismar se o menino teria razão naquela repugnância. As pessoas do seu conhecimento a quem ela comunicou seus receios, os desvaneceram, zombando de semelhantes escrúpulos. Não passavam de caprichos de criança os aborrecimentos do Manuelzinho. O melhor remédio para isso era apressar o casamento; breve o menino se acostumaria com o padrasto, e acabaria por estimá-lo, como devia.

Casou-se enfim a viúva. Nesse dia ninguém viu Manuel.

— Onde estaria?

Abraçado com a cruz de pau que indicava, no meio do campo, o lugar onde repousavam as cinzas de João Canho.

IV

MORZELO

Uma semana depois do casamento, Juca o filho mais moço da viúva, que teria cerca de três anos, adoeceu.

A princípio a enfermidade se apresentou sem o mínimo caráter de gravidade; não fizeram caso. Dias depois o mal tomou de repente um aspecto assustador, e ao cabo de algumas horas sucumbiu a criança.

Ficou a mãe inconsolável, não só da perda de seu filho mais querido, como também do pouco zelo que tivera no começo da moléstia. O marido a acompanhou no pesar; os vizinhos e pessoas da casa, todos, se mostraram sensibilizados com a morte do menino.

Manuel foi exceção no luto, como havia sido na alegria.

Enquanto os mais choravam, ele brincava risonho com o irmãozinho morto e já posto no caixão.

Uma rapariga, que ali estava, pergunto-lhe:

— Você não tem pena de seu maninho?

— Pena de quê?… Ele vai para onde está nosso pai. não quis o outro que lhe deram, não!… Também eu hei de ir, mas depois que tiver feito uma coisa!

Com a perda do irmão, ainda mais arredio da casa tornou-se o menino, do que era desde o casamento. Passava o tempo a campear, comia nos ranchos com os peões, e muitas vezes sucedeu por lá dormir. A mãe descansava sabendo que ele estava bom; e deixava-o em plena liberdade. A presença do filho produzia um vexame inexplicável, se não era um vago remorso.

Alguns meses passados, Loureiro falou em mudar-se para sua casa do Alegrete; a mulher acedeu prontamente a esse desejo, e começaram os preparativos. Ambos sentiam certa repugnância por estes lugares.

Manuel declarou desde logo que não sairia da casa paterna, senão amarrado. Resolveram pois não contrariá-lo; havia na vizinhança um velho peão, homem de confiança, a quem se podia incumbir a guarda do menino, até que o isolamento em que ia ficar vencesse a sua obstinação.

Tinha o negociante destinado a tarde da véspera da partida para fazer suas

despedidas aos moradores da estância. Nesse desígnio se encaminhou para a varanda onde guardavam os animais.

Ali estava Manuel sentado em um cepo, divertindo-se em escovar o pêlo de um cavalo. O animal nada tinha de bonito; era alto, ossudo e esgalgado, mas saía-lhe fogo dos olhos, e a firmeza dos jarretes anunciava sua força e impetuoso vigor. Chamava-se Morzelo; fora o cavalo predileto de João Canho, o sócio de seus triunfos nas parelhas, o companheiro fiel de suas excursões e viagens. Não havia em toda a campanha de Bagé um corredor de fama como aquele.

— Arreie meu cavalo, disse o Loureiro a um peão que saía da choça.

— O cavalo está se ferrando.

— Não há aí outro animal?

— Só o Morzelo, que foi do defunto.

— Pois arreie.

Manuel estremecera. Vendo entrar o peão, atirou-se ao peito do cavalo, cingindo-lhe o pescoço com os braços, e procurando defendê-lo com seu corpo contra o intento do rapaz, que se preparava par selar o animal.

— Não arreia que eu não deixo! exclamou o menino com raiva.

Lágrimas de cólera e dor saltavam-lhe dos olhos, e caíam sobre a cabeça do animal que ele apertava ao peito para subtraí-lo ao freio. O Morzelo, dócil e submisso, deixava abraçar-se pelo menino; mas a sua pupila negra às vezes incendiava-se e desferia rápidas centelhas.

Acudiu o negociante que ouvira os gritos de Manuel e, retirando-o à força, acenou ao peão indeciso:

— Ponha o freio!

— Não há de pôr! gritou Manuel. Quer tomar o cavalo de meu pai, como já tomou a mulher. Está muito enganado!

O teimoso menino, aproveitando-se da comoção que suas palavras tinham produzido no negociante, escapou-se e travou do freio, forcejando por tirá-lo da mão do peão. Nova luta se travou entre Loureiro e o enteado, a quem o desespero duplicava as forças.

O negociante irritado subjugou o menino contra as varas da ramada, enquanto o peão, assoviando com certa indiferença escarninha, acabava de arrear o animal.

— Solta-me, demônio! gritava Manuel.

— Meio, sossegue, se não quer que o amarre.

— Tu és capaz?

O peão acabara de selar o cavalo, que puxara para fora da ramada. Prendendo Manuel dentro da palhoça, o negociante saltou na sela, antes que o alcançasse o menino que forcejava por abrir a cancela, mal segura com uma correia.

Vendo Loureiro montado no cavalo, sucumbiu o menino. Com o semblante horrivelmente pálido, os braços caídos e o corpo vacilante, seus olhos pasmos projetavam-se das órbitas, com o arrojo de sua alma, para o animal que não podia proteger.

Entretanto o Morzelo, parado ainda, fitava de esguelha a pupila nos olhos do menino, soltando um relincho soturno, que lhe arregaçava o beiço, e mostrava a branca dentadura. Seria acaso um riso sardônico do cavalo?

O caso é que os olhos do menino irradiaram; e do choque dos dois lampejos súbitos, chispou uma centelha ardente. Nesse momento, não obedecendo o Morzelo ao toque das rédeas, o negociante roçou-lhe as esporas. Estremeceu todo o brioso cavalo, mas estacou, na aparência calmo; foi quando o negociante fincou-lhe as rosetas, que ele girou sobre os pés com espantosa rapidez, e atirou-se pelo campo fora aos trancos, semelhante a uma bala que salta fazendo chapeletas.

O menino seguia a cena com ansiedade; seu peito ofegava; a respiração ardente lhe crestava os lábios entreabertos; por vezes seu rosto como que imbutia-se em uma lividez marmórea, cuja expressão era má e sinistra.

De repente soaram dois gritos: um de prazer, outro de angústia.

O Morzelo, abolando o corpo, rodara pela cabeça, esmagando o cavaleiro no chão duro e pedregoso. Quando o peão chegou em socorro do negociante, já o achou moribundo.

A esse tempo o cavalo correra para Manuel que o abraçou, e saltando ligeiramente na sela, começou a ginetear pelo campo. O árdego animal, pouco antes furioso contra um cavaleiro destro e robusto, agora dócil e submisso sob a mão débil de um menino, escaramuçava pelo gramado soltando relinchos de alegria, e amaciando o galope para não sacudir o gauchito.

V

AGUAIACA

Levaram o estancieiro em braços para a casa. Oito dias depois faleceu em consequência do desastre.

Ficou Francisca outra vez viúva. Os dois infortúnios, sofridos dentro de um ano, embotaram a pequena dose de sensibilidade que lhe coubera em partilha. Tornou-se de uma indiferença extrema para os desgostos, como para os prazeres. Quando, meses depois, deu à luz uma menina, filha póstuma do segundo matrimônio, este acontecimento não passou para ela de um acidente material; algumas dores curtidas, e mais uma cria na casa.

Manuel cresceu, mas sempre concentrado e misantropo. Parecia que essa alma em flor, crestada ao desabrochar, se confrangera em um capulho negro e rijo. Lá se encontra no algodoeiro, entre as cápsulas cheias de alvo e macio cotão, algum enfezado aleijão herbáceo que nutre as larvas. Era o coração do rapazinho um aborto semelhante.

O espírito guarda ainda mais do que a matéria as primitivas impressões. É uma lâmina polida a consciência do menino, onde a luz da razão nascente esgrafia com extraordinário vigor as primeiras imagens da vida. Muitos outros raios projetam depois em nós sombras vigorosas, que todavia não desvanecem esse estereótipo indelével da infância.

Para Manuel, o mito da realidade, bem cedo esboçado, foi a morte do pai. ele entrou no mundo pelo pórtico da dor. O triste acontecimento, que o arremessou prematuramente da infância à adolescência, coincidiu com os outros fatos, que, embora restritos ao círculo da família, e encerrados em um breve espaço de tempo, formaram uma espécie de miniatura da vida. Nessa página se desenhou em esforço a imagem da existência humana.

Das criaturas mais queridas do homem que se finara, uma, sua esposa e companheira, subtraíra-se à memória daquele a quem jurara eterna fidelidade e se entregara a um estranho. Outra, o Juquinha, débil criança, desprendida deste mundo desde que lhe tinham morto o pai, roubado a mãe, voara para o céu.

Os camaradas, esse apêndice da família, haviam passado do serviço de Canho para o do Loureiro com a maior indiferença. Não pareciam ligados a seu antigo patrão, mas ao dono da casa qualquer que ele fosse.

Não achava pois o menino em torno de si um coração humano, que se

identificasse com sua dor, e partilhasse a saudade que enchia-lhe a alma. Só o cavalo, só o Morzelo, parecia compreendê-lo.

Esse amigo fiel não esquecera o dono, nem esmorecera. Depois da morte do amansador, não consentiu que ninguém o montasse a não ser o filho, porque este aprendera do pai a falar-lhe. Quando o intruso da casa teve o arrojo de cavalgá-lo, suportou paciente a afronta, mas para vingar o senhor.

Era essa a interpretação dada por Manuel à catástrofe que matou Loureiro. Não lhe passava pela mente que esse acontecimento fosse filho do acaso, enxergava nele a punição de um crime, e uma lição que o brioso animal infligira à mulher ingrata.

Assim o primeiro símbolo do amor que se gravou n'alma de Manuel não foi uma figura humana, porém o vulto de um corcel.

Isolou-se o menino cada vez mais do seio da família. Um cilício moral interpôs-se entre o filho e a mãe; da parte desta era quase um remorso; da parte daquele um profundo ressentimento. À natureza inerte da viúva faltavam as ternas expansões do amor materno, que podiam ainda mesmo dilacerando-lhe a alma nos espinhos, penetrar o coração de Manuel e atraí-lo.

Mais tarde Jacintinha talvez pudesse vencer o afastamento do irmão e trazer de novo seu coração ao regaço da família. Adorava ela Manuel, mas tal respeito lhe infundia o gaúcho, que a enleava e retraía. De um lado o rapaz sentia-se tomado de simpatia pela menina; porém recalcava este impulso e o combatia, porque via nele uma cumplicidade com o esquecimento de Francisca pela memória de João Canho. Podia ele amar a filha do homem que fora causa da morte do pai? Devia considerar sua irmã o fruto de uma união que ele condenava como um perjúrio e uma ingratidão?

Foi deste modo que a alma do gaúcho emigrou, da família primeiro e depois da sociedade humana, para a raça bruta que simbolizava a seus olhos a fidelidade, a dedicação e a nobreza. Seu coração ermo e exilado buscou naturalmente na comunhão dessas criaturas a correspondência dos sentimentos inatos ao homem.

De semelhante exotismo moral há milhares de exemplos no mundo. Não vemos a cada instante indivíduos nascidos no seio de uma família honesta ou de uma classe superior, que se aclimatam na sentina da sociedade? Em Manuel a aberração fora mais profunda, pois o lançara longe de seus semelhantes; felizmente, porém, o coração não se depravou; conservava suas afeições, elos morais que só desamparam a criatura quando o vício gasta a alma; acreditava no amor e na amizade; sentia a atração do bem. Mas toda esta seiva robusta se transplantara para regiões estranhas e diferentes daquelas, onde viçam e florescem as paixões humanas.

Desertando das afeições domésticas, não se eximira contudo o rapaz de seus deveres de filho e irmão. Cedo compenetrou-se da responsabilidade que pesava sobre ele como chefe da família. Loureiro, tido em conta de abastado, só deixara dívidas; a pequena loja pouco valia; e faltando quem a dirigisse, nada.

Ficar no mesquinho espólio de João Canho uma guaiaca de couro de veado, bordada a fio de seda em pontos de debuxo. A aba ou capirota da bolsa, era abotoada por uma moeda de prata. No centro de uma cercadura de rosas, via-se um coração vermelho traspassado por uma seta verde. Já tinham as cores desbotado com o tempo, mas o trabalho estava perfeito, e revelava ainda sua primitiva beleza.

Fora esse o presente de amor que Francisca dera ao Canho, quando se namoravam. Manuel, chamando a si exclusivamente os objetos de uso pessoal do pai, que a mãe deixara à sua disposição, encontrou a bolsa e chorou. Como fizera com a roupa e outros trastes, guardou-a para um dia trazê-la consigo, quando fosse homem. Aceitando o encargo que lhe deixara o pai de prover à decente subsistência da família, o rapaz lembrou-se da bolsa, e abrindo-a para medir a capacidade, murmurou consigo:

— Cheia de onças e patacões, juntamente com a casa, chegaria bem para minha mãe viver sossegada o resto de seus dias, e dar um dotezinho a Jacinta. Então poderei dispor de mim; se morrer, não farei falta a ninguém!…

Depois de ficar um instante pensativo, concluiu:

— É preciso que eu encha a bolsa.

Desde então a escarcela, fechada dentro de uma mala, recebeu todo o dinheiro que o rapaz ganhou com seu trabalho. Tinham decorrido quase doze anos depois da morte de João Canho, quando o gaúcho conseguiu enchê-la.

Nesse dia Manuel foi rezar junto à cruz de pau, e repetir o juramento que tinha feito, de vingar a morte do pai. Nada mais o detinha; assegurara o futuro da família; agora podia dispor livremente de sua existência.

À noite, ao recolher-se, Manuel disse a Francisca:

— Esta madrugada saio para Entre-Rios.

— Boa viagem, meu filho.

— O que tem nesta bolsa é para a mãe e Jacintinha.

— A que vem isto agora?

— Talvez eu não volte!

— Manuel! balbuciou a viúva.

Jacintinha chorava.

O gaúcho afastara-se para escapar à emoção, mas parou na porta, de costas voltadas para a mãe e a irmã; hesitava; de repente voltou apressado, abraçou a ambas, e desapareceu.

Nos olhos borbulhava uma lágrima, que não chegou a brotar, pois logo estancou.

Partira Manuel, e aí estava de volta, sem ter cumprido ainda o seu terrível juramento. Depois de dois meses de ausência, não achou um sorriso para a mãe e a irmã, de quem se podia ter separado para sempre.

VI

MANO

No dia seguinte ao da chegada, mal rompeu a alvorada, já estava o gaúcho com seus novos amigos, a baia e o poldrinho. Tirou-os fora para respirarem o ar frio da manhã, e brincarem sobre a relva. Enquanto caracolavam alegremente mãe e filho, Manuel, sentado num cocho de pau lavrado, estava-se a lembrar de um bonito nome para dar ao poldrinho.

Jacintinha, aparecendo no alpendre, os viu e aproximou-se. Não deixava a menina de sentir sempre um invencível acanhamento quando chegava-se perto do irmão. O amor que lhe tinha a arrastava muitas vezes; e outras mais a arredava; porque ela vivia entre dois receios, de importunar o irmão com sua insistência, ou de o desagradar com sua esquivança.

Ao avistá-la, o primeiro gesto do gaúcho foi de enfado; não pela irmã, mas por ele que desejava estar só, para gozar da companhia de seus amigos. É necessário advertir que havia um pudor extremo na afeição que Manuel votava aos animais. Se o encontrassem a abraçar algum e a amimá-lo, como já tinha acontecido, corava. Era a sós que as expansões de seu coração desafogavam-no livremente.

— Oh! como é bonitinho, Jesus! Que veludo!… E as clinas!… aneladas como os meus cabelos!

Estas exclamações soltara-as Jacinta cruzando as mãos de admirada. Depois de um instante de contemplação, sentou-se na outra ponta do cocho, e fazendo covo e regaço do vestido, começou a chamar o poldrinho com essa linguagem especial que têm as mulheres para cada espécie de animal, desde os pintainhos. Ao mesmo tempo que os lábios apinhados exalavam um som muito semelhante a um muxoxo contínuo, batia ela com os dedos no regaço.

Parece que a menina enfeitiçou o poldrinho, pois não tardou ele em vir aos pulos pôr-lhe a cabeça ao colo, e entregar-se nos seus braços. Sem mais cerimônia começou Jacintinha a beijá-lo, e fazer-lhe cócegas nas orelhas; daí um momento eram os maiores camaradas, e folgavam travessamente pelo gramado.

Foi de ciúme o primeiro movimento de Manuel, ao ver a simpatia das duas crianças; e lembrando-se que o pai de Jacintinha roubara Francisca à memória do esposo, e ao amor do filho, irritou-se.

Não bastava que lhe tivessem desterrado o coração da família, ainda por cima

vinham magoá-lo no exílio, perturbando suas inocentes afeições e seduzindo o objeto delas?

Nisto reparou na égua, que a alguns passos olhava a menina a folgar com o poldrinho. Um estranho não veria no animal coisa que lhe despertasse atenção. Para o gaúcho, porém, a baia tinha uma atitude; aquela posição frouxa e descansada sobre as quatro patas, exprimia, em um animal brioso e árdego, certo embevecimento de ternura, que ameigava-lhe o coração. A moça, criada no campo, é assim; quando a fronte reclina, e o pezinho buliçoso dorme sobre a esteira, não há que ver, tocaram-lhe no coração.

Mas, além do gesto, a baia sorria de prazer, e Manuel bem lhe percebia os palpites que estremeciam os rins e se comunicavam, em doces vibrações, à longa e basta cauda. Estava o animal possuído de uma terna emoção que o enlevava.

Compreendeu Canho que a mãe sentia-se feliz vendo o contentamento do filho. Os raios daquela pupila cintilante penetraram em sua alma, e apagaram as sombras que um mau sentimento já aí espargia.

De repente o espírito do gaúcho achou-se envolto em uma dessas ilusões agradáveis, que se estendem pelos horizontes da imaginação como lindas miragens. Representou-lhe a mente um casal de belas criancinhas, brincando na esteira; ao lado de uma linda moreninha que os contemplava rindo-se de gosto.

E a ilusão foi tal, que Manuel começou a ver nas ondulações do lustroso pêlo da baia as inflexões de um colo airoso e os requebros sedutores do talhe da rapariga; nos saltos do poldrinho a graciosa petulância do menino. Ao mesmo tempo que por estranha confusão lhe parecia que as tranças aneladas de Jacintinha se desatavam pelas espáduas como a formosa clina de uma poldrinha, e o pé travesso batia o chão com a altivez e ardimento de um casco gentil.

Arrancou-o do êxtase a voz da irmã.

— Como se chama ele, Manuel?

— O poldrinho? … Não sei.

— Ah! ainda não tem nome!… Pois há de ser Destemido!

O gaúcho abanou a cabeça.

— Então, Voador.

Repetiu Manuel o gesto negativo.

— Está bom… Relâmpago?

— Não, disse Canho apanhando a lembrança que despontara. Há de chamar-se Juca.

— Juca!… O maninho que…

Cravando um olhar rijo na menina respondeu ele pausadamente:

— Sim; o mano que morreu.

— Bravo! exclamou Jacintinha batendo as mãos.

E repetindo aquele gazeio do princípio, começou de chamar o poldrinho, intermeando-lhe o nome.

— Juca!… Juquinha!… tome, tome!…

Correndo a ela o poldrinho, cingiu-o ao solo e o levou a Manuel.

— Ande, sô Juca, ande, venha abraçar o mano! Assim!…

A exclamação da menina, ao ouvir o nome do poldrinho, fora direita ao coração do gaúcho. Aplaudindo essa ressurreição de um ente querido na pessoa do lindo animal, Jacintinha entrara no ádito daquela alma exilada da sociedade humana. Juca era o elo que os unia, pois a menina se elevava até ele, considerando-o como um irmão. Pela vez primeira, Manuel estreitou a irmã ao peito, cingindo-a e ao poldrinho em um mesmo abraço. A égua veio roçar a cabeça ao ombro do gaúcho; e assim consagrou-se a doce comunhão daquela nova família.

— E ela?…

— Chama-se Morena, respondeu o gaúcho, beijando a baia entre os olhos.

VII

A LANÇA

Tinha decorrido um mês quando Manuel se pôs de novo a caminho para as margens do Uruguai, que atravessou no passo de Itaqui. Montava a Morena; adiante trotava o Juca, e ao lado gineteavam o Morzelo, o Ruão e o resto da tropilha.

Desta vez o gaúcho ia devagar; receava chegar cedo; tinha medo que sua vingança lhe escapasse ainda.

No fim da outra semana, estava em Entre-Rios, na casa de Perez. Quis perguntar pelo Barreda, e hesitou. Se ele tivesse morrido? Pouco durou essa inquietação. O entrerriano passara pela pousada na véspera.

Manuel tomou outra vez, depois de três meses, a direção da casa. Avistando-a, recordou-se do espetáculo a que assistira, e sentiu um movimento de compaixão, que logo abafou.

O gaúcho não tinha ódio ao Barreda.

A vingança da morte do pai não era para sua alma a satisfação de um profundo rancor; mas o simples cumprimento de um dever. Ele obedecia a uma intimação que recebera do céu; à ordem daquele que sempre tinha presente à sua memória. E obedecia friamente, com a calma e impassibilidade do juiz, que pune em observância da lei.

Foi por isso que desta vez, avistando a casa, não sentiu a menor emoção.

Recolheu a tropilha em um capoão e mudou os arreios da Morena, em que viera, para o Morzelo. O generoso cavalo, amigo fiel de João Canho, também devia ter sua parte na vingança.

Eram 11 horas do dia; uma trovoada estava iminente, que nublava o céu, obumbrando os raios do sol.

Manuel atravessou a esplanada a galope, e chegando à porta da casa, bateu com o cabo da lança. Instantes passados, apareceu na soleira um homem de baixa estatura e forte compleição, orçando pelos 50 anos. Era o Barreda; sua aparência já não conservava o menor vestígio da grave enfermidade.

O gaúcho não deu tempo a que o entrerriano o reconhecesse, nem mesmo o interrogasse.

— Tu não me conheces, Barreda. Sou Manuel Canho, filho do homem que assassinaste cobardemente. Bem sabes o que me traz aqui à tua porta, depois de doze anos.

O castelhano recuara por precaução, apenas percebera o intento do gaúcho:

— Não tenhas medo: se eu fosse um assassino como tu, há muito tempo já teria te estendido morto, antes que soltasses ai Jesus! Vim para te matar em combate, e restituir a teu coração a lança que deixaste no corpo de meu pai. Encilha o cavalo, toma as armas, e sai cá para o campo.

— Então reza o credo, que és um homem morto.

Fechou-se a porta, e o Canho, parado a uma quadra, esperou o entrerriano. Este não tardou, vinha bem montado, e trazia um arsenal de armas: pistolas nos coldres, faca à cinta, lança na garupa, e as bolas meneadas na mão direita.

Os dois inimigos arremeteram com igual sanha. À meia carreira o Barreda lançou as bolas; mas o Morzelo, atento e destro nesse exercício, parou, e de um tranco pôs-se fora do alcance do terrível projétil. Brandindo a lança, Manuel correu então sobre o castelhano.

Mas este já tivera tempo de armar as pistolas, e com elas em punho esperava o gaúcho para atirar pelo seguro, a alguns passos de distância. Não logrou seu intento, pois o gaúcho fazendo escaramuçar o Morzelo, procurou de longe iludir a pontaria, para precipitar-se contra o inimigo apenas este lhe deixasse uma aberta, e cravar-lhe a lança.

Foi então uma luta de rapidez e agilidade entre cavalos e cavaleiros; enquanto estes mudavam de atitude a cada instante, ora mascarando-se com o corpo do animal, ora, quando fugiam à desfilada, voltando a frente para não perder os movimentos do inimigo, os cavalos de seu lado apostavam de ligeireza e força nos galões que davam para o lado, e na prontidão com que empinavam para rodar sobre os pés, ou arremessar o salto.

Afinal o gaúcho, aproveitando um descuido, investiu contra o Barreda, que desfechou um sobre outro seus dois tiros. Longe de se estirar pelo flanco do animal para cobrir-se, Manuel se expôs para não sacrificar o Morzelo: mas ele confiava na sua ligeireza e na segurança do olhar. A cada tiro mergulhava, por assim dizer, no espaço que o separava da terra.

Ágil também, o castelhano evitou a ponta da lança, mas com o choque dos dois animais, esbarrado na disparada lhe resvalou um pé até o chão. Nada seria, pois facilmente ganharia ele a sela, se o Morzelo não tivesse mordido com raiva o pescoço do castanho.

Vendo-se desmontado, Barreda correu para ganhar a porta da casa, onde se ouvia alarido e choro de mulher.

Tomando então a manopla, e fazendo voltear as bolas, o gaúcho atirou-as; o castelhano caiu estropiado a cinquenta passos da casa. Em um instante Manuel estava sobre ele, calcando-lhe o pé no peito.

— Pede perdão a Deus, que chegou tua hora.

O castelhano de raiva emudecera.

A mulher do Barreda prostrava-se nesse momento aos pés de Manuel, implorando compaixão para o marido. Riu-se o gaúcho com dureza e escárnio:

— Virá outro marido para a consolar.

Arredando a desgraçada mulher, chegou o ferro da lança aos olhos do castelhano:

— Conheces!… É a lança com que há doze anos feriste meu pai à traição. Eu jurei que havia de cravá-la em teu coração, mas depois de vencer-te em combate leal. Chegou o momento.

Com uma calma feroz, espetou o ferro da lança, no corpo do assassino de seu pai, atravessando-lhe o coração como faria com uma folha seca.

Morzelo, que se conservava imóvel ao lado, durante toda esta cena, avançou a um sinal do senhor, e porventura ensinado, pisou com a pata a face contraída do moribundo, que ainda estremeceu, ante essa derradeira afronta.

Enquanto a vítima se debateu nas vascas da agonia, Manuel a contemplou friamente. Quando se apagou o último vislumbre de vida, se afastou sem lançar um olhar de compaixão à mulher desmaiada.

Nessa ocasião, o cavalo do morto chegou-se ao corpo para o farejar, soltando lamentos de dor. Comoveu-se o gaúcho com essa prova de amizade; e aproximando-se acariciou o animal.

Queria ele consolá-lo da perda que sofrera?

Súbito cortou os ares um henito fremente e aflito, ao tempo que reboava pela campanha o estrondo de um tiro.

Manuel Canho tombou, rolando pelo chão.

VIII

A CRUZ

Tanto que Manuel lanceara o entrerriano assomava no teso fronteiro um peão.

Era esse o mesmo negro que, dois meses antes, o gaúcho encontrara perto da casa, em companhia do frade chamado para confessar Barreda. Pertencia ele à estância da qual era capataz o morto.

Percebendo o que sucedera, e conhecendo que seu auxílio já não podia salvar a vítima, colheu o negro as rédeas ao cavalo, que a princípio arremessara na esperança de chegar a tempo. Saltou no chão, e por cima da sela, armado o trabuco, preparou a pontaria com a maior atenção.

Quando teve bem firme pela mira a bota direita do gaúcho, o que lhe dava certeza, com o desconto da arma, de atravessar o coração da vítima, um sorriso de caçador arregaçou o beiço do negro, que desfechou o tiro.

Antes porém que batesse o cão da espingarda na caçoleta, repercutira a dois passos um relincho agudo.

Era a Morena. Saindo do mato, onde a deixara o gaúcho, a égua parara um instante no alto da lomba, e estivera contemplando de longe a cena do combate. Chegava justamente o peão, cujos movimentos despertaram a atenção do corajoso e inteligente animal.

Pressentiu a égua que a pontaria feita pelo peão ameaçava a existência de seu amigo, do homem que a restituíra a seu filho? Ou obedeceria ela a um impulso repentino, levada unicamente pelo desejo de correr ao lugar onde estava o Morzelo?

Ninguém sabe até onde se pode elevar o instinto do bruto generoso, sobretudo quando se põe em comunicação com almas da têmpera de Manuel Canho.

Arrancando aos galões, a Morena dispara como uma bala. Ao passar por junto do peão, desfechou-lhe nas costas um coice que o atirou de bruços sobre a macega, aos pés do cavalo; e foi esbarrar junto ao corpo de Canho, estendido numa barroca do terreno.

Estancando aí para farejar o corpo, sobre o qual também o Morzelo estendia o focinho, a égua soltou outro relincho estridente, e rodando sobre os pés volveu a corrida com igual velocidade, na direção onde havia tombado o peão. Tão pouco

tempo decorrera, que este ainda não se recobrara da dor e surpresa, e jazia emborcado no chão.

Ouvindo o estrupido do animal que se aproximava e receoso de uma nova refrega, o negro levantou a cabeça a custo, e estremeceu. A égua estava sobre ele; porém, coisa mais terrível do que o vulto do animal tinham distinguido seus olhos.

Na altura do braço esquerdo da Morena, onde termina a omoplata, apareceu-lhe um semblante ameaçador que o espavoriu. Ao mesmo tempo, semelhante à projeção de mola de aço, vibrou um punho que arrebatou-lhe da mão o trabuco fumegante.

O Canho pois não estava morto, como supusera o negro, nem sequer ferido.

Para o gaúcho, o rincho era a palavra do cavalo; ele compreendia o sentido dessa linguagem rude, mas enérgica. Na Morena sobretudo, nenhuma impressão, nenhum movimento traduzia a voz do inteligente animal, que não repercutisse fielmente n'alma do rio-grandense.

Ouvindo-lhe o nitrido, Manuel adivinhou às primeiras notas o soçobro do temor e a angústia, pela trêmula vibração da voz sempre límpida e argentina. Voltando-se de chofre, entreviu rapidamente o salto da égua e o vulto do negro com o trabuco apontado para ele. Antes do pensamento já o instinto da conservação o tinha lançado ao chão, contra uma leiva natural do terreno, que o podia proteger.

Fora inútil, se a Morena o não tivesse prevenido, derrubando o negro antes que o tiro partisse. A mãe extremosa acabava de pagar sua dívida de gratidão ao homem que lhe salvara o filho, salvando por sua vez a existência do generoso amigo.

Manuel o compreendeu; quando ele caiu, já o tiro havia soado, e contudo não fora ferido, nem ouvira sibilar a bala. Estremeceu, pensando que em sua dedicação o intrépido animal se houvesse sacrificado, arrojando-se contra a arma assassina.

Com que extremo de gratidão e alegria não cingiu ele o colo da Morena, inquieta por vê-lo no chão! A égua, porém, não lhe deu tempo de acariciá-la, pois voltou sobre os pés, levando suspenso à espádua o gaúcho seguro apenas pela ponta da bota na anca, e pela mão esquerda segura na cernelha. Não passara de todo o perigo; o negro ainda conservava na mão a arma homicida.

Arrebatando-a, Manuel a brandiu nos ares, para esmigalhar o crânio do inimigo. Este, erguendo meio corpo sobre os cotovelos, juntou as mãos, implorando compaixão.

Ainda o gaúcho pôde ver o movimento quando já desfechava o golpe;

imprimindo à arma diverso impulso, foi ela, girando como a pedra de uma funda, cair longe numa touça de macega.

— Vai enterrar teu capataz, disse Manuel.

O negro obedeceu à ordem. A haste da lança, cravada no coração da vítima, surdia fora da cova cerca de uma braça. Manuel quebrou um troço da outra lança com que pelejara Barreda, e atou-o de través com um tento de couro cru, formando os braços de uma cruz.

Terminada assim a triste cerimônia, procurou no campo uma pedra para deitá-la no pé da cruz, sendo ele o primeiro a praticar esse ato de piedade e respeito pelas cinzas do morto.

Muita gente ignora o que significa esse costume de chegar o passante uma pedra para a cruz, erigida à beira do caminho. É uma singela devoção do povo. Em falta de lousa, sela-se o túmulo com um cômoro de seixos.

Quando Manuel partiu desse triste lugar, sentiu na face uma ligeira umidade: era lágrima, ou gota de suor que lhe escorria da fronte?

Atravessando a Banda Oriental, o gaúcho passou a fronteira em Jaguarão. Queria ver Bento Gonçalves e falar-lhe. Depois do que fizera, carecia para viver tranquilo da aprovação de seu padrinho. O coronel era para ele o símbolo da coragem, da honra, da justiça, da virtude. Aquilo que ele achasse bom devia merecer a graça de Deus.

Bento Gonçalves tinha em Camacã duas propriedades: a chácara do Cristal, residência habitual de sua família, e a estância de São João, distante daquela quatro léguas. O serviço militar porém o retinha constantemente em Jaguarão, onde aquartelava o 4º regimento de cavalaria, cujo comando reunia ao da fronteira.

Muitas vezes o chamavam fora da vila as necessidades do serviço, ou visitas às próximas estâncias, nas quais havia de ordinário jogo forte de parada. Como todo o homem habituado a uma existência cheia de perigo e agitações, o coronel carecia das emoções desse passatempo.

IX

A VIOLA

Em caminho da fronteira, que ele acabava de transpor para a vila, teve Manuel a fortuna de encontrar o coronel. O comandante oriental, D. Frutuoso Rivera, o convidara para uma tertúlia.

— Pois agora é que voltas, rapaz? exclamou o coronel, reconhecendo o afilhado. Já te supunha estaqueado!

— Ainda não, meu padrinho! disse o gaúcho a rir.

— É que os tais amigos são da pele do cão; o cuchillo não lhes cochila na mão, replicou o coronel fazendo um trocadilho com o nome castelhano de punhal.

— Desta vez, cochilou e está dormindo, que só há de acordar no dia do juízo.

— Então?…

Esta pergunta do coronel foi acompanhada de um revés da mão direita estendida, figurando o bote de uma espada.

— Nada; plantei-lhe no coração a lança que ele deixara lá em casa há doze anos.

— Conta-nos isso, rapaz. Quero ver como te saíste.

O coronel suspendeu a perna no estribo, e descansando sobre o quadril, dispôs-se a ouvir a narração do Canho.

O gaúcho referiu tudo o que passara entre Barreda e ele; mas simplesmente, sem encarecer a sua intrepidez e destreza nem desfazer no adversário. O gaúcho tinha consciência, mas não orgulho de seu valor. Para um rio-grandense, e especialmente para o filho de João Canho, ser bravo, tanto como o mais bravo, era obrigação. Não havia mérito nisso.

— Muito bem, Manuel.

— Então, meu padrinho, acha que não me saí mal?

— Caramba! Desafiaste sozinho teu inimigo e o mataste em combate leal, escapando à traição! Melhor do que isso não há! Até serviste de médico e enfermeiro ao sujeito; e o puseste são para a viagem do outro mundo.

Acompanhou o coronel estas palavras com uma grande risada. Nesse momento excitou-lhe a atenção um salto da égua. O lindo animal, vendo a comitiva do comandante, parara em distância; mas a pouco e pouco se fora aproximando. Como tentasse um camarada pôr-lhe a mão na espádua, ela relanceou dum pulo, saltando uma touceira de cardos.

— Oh! Que lindo animal trazes tu, Manuel! exclamou Bento Gonçalves com satisfação de picador. É para negócio? Abre preço, rapaz!

— Não, senhor, esta não se vende.

O gaúcho hesitou balbuciando:

— Mas se meu padrinho…

— Nada, Manuel; sei o amor que a gente toma a estes brutos. Aposto que lhe queres tanto bem como à tua namorada.

Na despedida, quando o gaúcho lhe beijava a mão, o coronel deixou-lhe na palma uma onça de ouro.

— Em Jaguarão comprarás uma mantilha de ponto real, e um turbante de plumas: a mantilha é para minha comadre, o turbante para tua namorada.

E dando de rédeas ao ginete, sumiu-se em uma nuvem de pó.

Era dia de Nossa Senhora da Conceição.

A vila tinha ares domingueiros; acabara a missa havia pouco tempo; ainda as ruas estavam cheias de grupos de mulheres com mantilha e homens em trajo de cidade.

Apeou-se Manuel Canho a uma loja, onde se vendiam fazendas, chá, rapé e quinquilharias. Escolheu a mantilha para sua mãe, e um turbante de plumas escarlates para Jacintinha. Naquela época esse toucado era uma das últimas novidades da moda; consistia em uma faixa de cetim bordada a ouro, cingindo a cabeça em forma de coifa, e ornada com duas ou três plumas que se anelavam pelos cabelos.

Acomodados os dois objetos na boceta de folha de pinho, que ele ocultou debaixo do poncho, Manuel encaminhou-se à venda, onde da vez passada tinha pousado.

Junto do balcão estava uma grande roda de peões e gente do povo a beber genebra e a parolar. No alpendre, que seguia em continuação à queda da taberna, via-se também outra roda de peões; estes já haviam molhado a garganta e se entretinham em descantes ao som da viola, a qual ia correndo de mão em mão, à

medida que passava ou acudia a inspiração.

Eram mais ou menos os mesmos sujeitos que aí estavam reunidos no dia do desarmamento de Lavalleja. Na primeira roda destacava o Lucas Fernandes, antigo miliciano que exercia agora o ofício de seleiro. Na segunda se distinguiam o Félix, rapaz sacudido de seus vinte anos, que ainda era aparentado com o seleiro e trabalhava na sua tenda; finalmente o ferrador, o tropeiro, o carneador e o peão, que tinham, havia dois meses, se apresentado como noivos à Catita e por ela foram recusados.

Também aí estava o Chico Baeta fazendo roda a uma formosa rapariga de cabeção de cacondê e saia de cassa branca com ramagens azuis. Era a Missé, que trazia o peão de canto chorado.

No momento em que entrou o Canho, cabia a mão ao carneador, sujeito largo de ombros e corpulento bastante. Tendo aparecido a Catita começou o tocador a requebrar-se para ela, ruminando consigo um mote para cantar-lhe.

Nesse dia estava a Catita toda faceira e cheia de si, com uma saia curta de cetim azul, um corpinho de belbutina escarlate franjada de prata, e sapatinho raso de duraque com meia de renda que mostrava o moreno rosado da perna roliça.

Tinha chegado naquele instante da missa; e ouvindo tanger a viola na venda que ficava contígua à sua casa, correu para lá com a petulância e liberdade próprias da cidade e educação da gente de sua classe.

O carneador, que também era barqueiro, pois remava nas lanchas da charqueada, para trazer a carne à vila onde se baldeava para os iates, lembrou-se de tirar o tema do verso da segunda profissão, mais poética sem dúvida que a de matar reses.

Saiu-se por isso com esta quadrinha:

Lá vem um barco à bolina,
Carregadinho de flor;
É meu coração, menina,
Atopetado de amor.

À cantiga do barqueiro respondeu Catita com um momo de enfado, levantando os ombros desdenhosamente e voltando-lhe as costas. A menina tinha birra antiga do sujeito, não só pelas enormes bochechas e imenso corpanzil, como pelas denguices com que ele a perseguia desde certo tempo.

Já se afastava da roda a menina, quando arrependendo-se ou talvez sentindo o arrojo do estro que também ela cultivava como flor agreste, voltou-se com um riso brejeiro, e ao som da viola tangida pelo carneador, atirou-lhe com a pontinha

do beiço esta resposta.

Sou canoa pequenina
Do rio do Jaguarão…

Repetiu duas vezes este começo, dando tempo talvez para acudir-lhe a rima; por fim terminou assim:

Sou canoa pequenina
Do rio do Jaguarão,

Não vejo barco à bolina,
O que vejo é tubarão.

A última palavra foi acompanhada de uma careta, com que a Catita procurou, insuflando as bochechas, arremedar ao carneador. Uma estrondosa gargalhada, que desnorteou o sujeito, aplaudiu por muito tempo o epigrama da menina.

Corrido, o tocador para não dar o braço a torcer, ainda continuou por alguns instantes a baralhar desengraçadamente na viola, até que descartou-se dela entregando-a ao Félix.

Por sua vez o rapaz fez seus requebros à Catita, que ria-se, mas não lhe dava corda. Havia no trato da menina para com o oficial da tenda de seu pai um ar de superioridade, que percebia-se à primeira vista, e contra o qual Félix não se revoltava; ao contrário o aceitava com humilde submissão. Essa arrogância que ele não sofreria do mestre da tenda, nem de qualquer outro homem, causava-lhe íntimo prazer . via nela um sinal do bem que Catita lhe queria.

Entretanto o Canho, tendo afrouxado a cincha do Morzelo, enquanto descansava, aproximou-se da roda para ouvir os descantes e assistir ao passatempo, não perdendo de vista a Morena e o poldrinho que excitavam a admiração e os gabos dos entendidos.

Catita foi uma das que se recostaram ao parapeito do alpendre para festejar o Juca, nesse dia de uma travessura e gentileza sem igual. Ora gambeteava como um cabrito pela rua afora, subindo ao respaldo das casas; ora começava a fazer afagos e negaças à mãe, pronta sempre a brincar com ele.

Vendo a menina debruçada no parapeito e desejoso de chegar-se, Félix ofereceu a viola a quem desejasse.

— Então, gente, não há quem queira?

Ao que parecia, já estavam todos satisfeitos da brincadeira, pois nenhum dos peões tomou o instrumento, pouco havia tão disputado.

— Já que ninguém quer!… disse o Canho estendendo a mão.

Depois de afinar a viola, e acertar um acompanhamento simples e fácil, porém vivo como o trinado do sabiá, o Canho, encostando-se na ombreira da porta e erguendo os olhos ao céu, como quem procurava ali no azul diáfano o raio da inspiração, começou a descantar.

Sua voz era cheia e sonora. Apesar de um tanto áspera, não deixava de haver doçura nas notas vibrantes que se desprendiam de seus lábios; mas era a harmonia agreste dos lufos do vento no descampado, ou do canto da seriema na macega do banhado.

Começou ele atirando o mote de seu descante, neste rápido estribilho:

Livre, ao relento,
Pobre, sem luxo,
N'asa do vento
Vive o gaúcho.

A atenção geral foi vivamente excitada. As pessoas presentes fizeram roda e ficaram suspensas dos lábios do Canho, cuja fisionomia torva de ordinário, brilhava nesse momento iluminada por lampejos de inspiração.

X

O TURBANTE

Depois de uma pausa, o Canho feriu de novo as cordas da viola. A roda se apoderara do estribilho, que repetiu em coro, respondendo Manuel alternadamente ao mote com uma das coplas da cantiga.

Livre, ao relento,
Pobre, sem luxo,
N’asa do vento
Vive o gaúcho.

Quanto possui, traz consigo,
Dorme no chão sobre a grama,
Serve-lhe o poncho de abrigo,
A xerga da sela é cama.

Livre, ao relento, etc.

No banhado, na coxilha,
Onde pára, chega em casa;
Dá-lhe o churrasco a novilha,
Dos ossos arranja a brasa.

Livre, ao relento, etc.

Ainda não rompe a aurora,
Já no rancho o mate chupa;
Por estes campos afora,
Sempre a correr. Upa!… Upa!…
Livre, ao relento, etc.
No rio é barco, navega,
Montado no seu cavalo;
No campo faísca e cega
Saltando por sanga e valo.

Livre, ao relento, etc.

Ponteiro como o tufão,
Rompendo os montes d’areia,
Pincha a manopla da mão
Que o touro feroz boleia.

Livre, ao relento, etc.

Vence o ginete ligeiro
Na caça o veado arisco.
Tem as asas do pampeiro,
Tem o fogo do corisco.

Livre, ao relento, etc.

A ema veloz alcança,
Como um gigante, seu braço,
Que rijo meneia a trança
E longe arremessa o laço.

Livre, ao relento, etc.

Arreda! Arreda!... No campo
Lá vem roncando a borrasca.
Não é trovão, nem relampo,
Mas sim a fúria dum guasca.

Livre, ao relento, etc.

Senhor de todo este pampa
Que tem o céu por dócil;
Rei do deserto, ele campa
No trono do seu corcel.

Livre, ao relento, etc.

S'está na vila ao domingo,
Na toada da viola
As saudades de seu pingo
Cantando, o peito consola.

Os aplausos que por diversas vezes tinham interrompido o trovador, prorromperam afinal. Onde aprendera o gaúcho letra tão bonita? Era tirada de sua cabeça, ou tomada de alguma cantiga que ouvira nas cidades?

Soltando a última nota, Manuel afastou-se rapidamente e sentou-se na outra ponta do alpendre onde lhe trouxeram almoço. A roda a pouco e pouco se foi dispersando; e instantes depois já não restava senão um ou outro amigo da cachaça, que não podendo bebê-la por falta de cobres, ao menos queria sentir-lhe o cheiro consolador.

De repente sentiu o Canho cingir-lhe o pescoço um colar macio e tépido; eram os braços da Catita que ela tinha enlaçado como uma cadeia. Voltando o rosto

surpreso, viu o gaúcho um rostinho mimoso, banhado em um sorriso provocador, e esclarecido por um olhar lânguido e fagueiro.

— Você me dá aquele poldrinho, sim? dizia a voz, doce como um favo de mel.

Manuel desatou secamente o enlace que o prendia, e desviou-se da menina aborrecido. Aquele pedido lhe parecia uma ofensa; e o modo por que fora feito ainda mais o contrariava.

Arredando-se do lugar onde estivera sentado, procurou esquecer-se da menina; acabado que foi o almoço, acendeu o cigarro, ajustou os arreios, e cuidou de pôr-se a caminho.

Ia montar quando sentiu que lhe faltava alguma coisa: era a boceta que deixara ficar sobre o banco onde a princípio estivera sentado. Voltou a procurá-la.

Catita a tinha visto, e movida pela curiosidade, sem pensar na indiscrição que cometia, a abrira. A vista do lindo turbante a fascinou; quis experimentar se lhe servia; ajustou-o na cabeça; e começou a faceirar-se pelo alpendre, segurando nas saias em ar de mesura.

Nessa ocupação a veio achar o Canho; dos dois o mais enleado não foi ela, que breve recobrou a sua petulância ordinária e saiu-se com um gracejo.

— Já sei que foi para mim que trouxe este lindo toucado. Fico-lhe muito obrigada, disse fazendo-lhe uma mesura. Serve-me perfeitamente; e até diz com o meu corpinho de belbute!

Em verdade não se podia imaginar um enfeite mais gracioso para aquele rostinho gentil, moldurado pelas tranças aneladas de uns lindos cabelos negros. Catita parecia um anjinho de procissão, como os vestem ainda hoje, com um trajo bem profano.

O olhar aveludado que ela deitava a Manuel e o sorriso que lhe brincava nos lábios, ninguém imagina que brilho, que beleza e sedução davam a esse mimoso semblante.

Manuel, alcançando a mantilha, fugiu sem importar-se com o turbante, e tão depressa que nem ouviu a voz da menina a chamá-lo:

— Moço, tome o seu toucado!

Quando o Lucas Fernandes saiu fora, já o gaúcho sumira-se na estrada; daí induziu o seleiro que fora aquilo um meio de dar o presente a Catita. Ele não acreditaria por certo que um homem tão desempenado como o gaúcho tivesse medo de uma criança de treze anos.

Em Bagé comprou o Canho outro presente para Jacintinha, em substituição do turbante. Desta vez escolheu um indispensável, nome que davam então a uns sacos de seda bordados de miçangas.

XI

MANCEBO

Cresceu o Juca.

Manuel esmerou-se em sua educação. A seiva era ardente e generosa; o exemplo da mãe, assim como os conselhos e desvelos do amigo, desenvolveram com extraordinário vigor aquela natureza impetuosa.

Assistindo a essa expansão de força e instintos nobres, sentia o gaúcho júbilos paternos.

As gentilezas do poldro o faziam palpitar; tinha verdadeiro orgulho, não de possuir, mas de dominar pelo amor como uma criatura sua, o bizarro animal.

Quando ia à povoação e a gente corria às portas para vê-lo passar, montada na linda égua, e acompanhado pelo formoso poldrinho que caracolava ao lado, tinha-se o gaúcho em conta do homem mais feliz e invejado de toda aquela campanha.

Às tardes os dois irmãos, pois Jacintinha fora admitida ao grêmio dessa mútua afeição, passavam a brincar com a Morena e o Juca. Manuel, depois que não era só a querer os seus amigos, perdera aquela nímia suscetibilidade de pudor, que dantes tanto o segregou; o exemplo da menina o animava. Demais, quem somente os olhava era Francisca, sentada no alpendre. Essa não se dava do que faziam os filhos; nem mesmo sentia o isolamento moral em que eles a deixavam.

Todavia, no meio do contentamento destes brincos, tinha Manuel às vezes um soçobro. Vinha sentar-se à parte, silencioso. Admirando o donaire da Morena e os flexuosos contornos de suas formas, suspirava; alguma coisa faltava àquela beleza, que ele não sabia definir. Todas as cordas do coração vibravam com as emoções que nele despertava a companhia desses amigos queridos; mas uma havia, que logo depois de percussa, distendia-se brandamente, sob o mágico influxo de uma saudade que se dilatava além, pelo tempo afora.

O gaúcho não tinha outro passado, além da infância monótona e triste que vivera naquela estância; todas as suas recordações estavam encerradas na casa paterna. Entretanto às vezes sentia ele vagas reminiscências de uma delícia inefável, que lhe invadia os sentidos e se apoderava de toda sua alma. Então errava-lhe ante os olhos uma linda imagem de mulher vaga e indecisa, que talvez já vira, mas não se lembrava quando; e, coisa singular, essa imagem assomava como uma transformação do vulto gracioso da Morena.

Muitas outras vezes, punha-se Manuel a observar a menina e a baia, e inadvertidamente se esquecia ao ponto de compará-las, como se fossem criaturas da mesma espécie: duas raparigas, uma ainda menina, e a outra já moça. Pareciam-lhe mais lindas que os anelados cabelos louros de Jacinta, as clinas negras e crespas da baia. Era alva a menina, alva como o leite derramado sobre uma conchinha de nácar. Ao irmão se afigurava que seria mais sedutora nas faces e pelo colo da mulher, uma tez ardente e voluptuosa como a tinha a Morena. Esbelteza de talhe, mimo de formas e graças titilantes de beija-flor, ninguém as possuía como a filha do Loureiro; e contudo aquela vigorosa carnação das ancas e o esgalgo dos rins, que debuxavam a estampa da baia, Manuel as contemplava com deleite. Devia de ser aquele o tipo da beleza na mulher.

De repente as duas criaturas se confundiam, ou antes se transfundiam. Esse vulto gracioso de menina crescia, tornava-se donzela e revestia as prendas que ele invejava da Morena, para uma bonita moça. E daí, dessa alucinação dos espíritos, surgia um sonho ou visão, que um poeta chamara seu ideal; mas para o rude gaúcho era apenas seu feitiço.

Essa visão tinha o moreno suave e o sorriso fagueiro da menina que ele vira em Jaguarão; mas sobretudo, a cintilação do olhar que lhe traspassara o coração como a faísca de um raio.

Depois de semelhantes desvarios, ficava o gaúcho preso de um estranho acanhamento. Não se chegava para as duas criaturas; nem mesmo se animava a deitar-lhes os olhos. Se acaso alguma delas vinha fazer-lhe uma das costumadas carícias, o esquisito rapaz se afastava corando. Em compensação redobrava seu carinho pelo poldro. Abraçava-o com transportes veementes, e o envolvia da mística efusão paternal, que é uma refração do amor conjugal. Quando o homem estreita o filho ao coração, ele sente palpitar naquele tenro seio duas vidas; a primitiva donde ele gerou-se, que é uma vida dúplice e mútua, e a recente, borbulha ainda aderente ao tronco por dois pontos, a teta materna e a mão do pai.

Não obstante o crescimento precoce de Juca, não quis Manuel embotar esse vigor nascente: deixou que se expandisse livremente na plenitude da natureza selvagem. Aos três anos porém atingira o potro seu completo desenvolvimento. Aquela gentileza infantil dos primeiros pulos cedeu ao arrojo viril do salto e ao passo altivo do corcel. O casco batia e escarnava o chão com ufania; já a pupila incendiava-se com os fogos da paixão, e o relincho, que ele soltava aos ares, tinha a máscula vibração do clarim.

Enfim estava Juca um mancebo.

Quem já provou o contentamento de se reviver no filho homem, compreenderá o que sentiu Manuel nesses dias. Pela primeira vez montou ele o

soberbo ginete, e deu algumas voltas pelo campo. Insensivelmente lhe acudiu a lembrança daquele tempo em que seu pai, João Canho, o levava, a ele novato, em sua companhia para habituá-lo a viajar.

Tinha Juca a beleza da mãe com que se parecia na elegância do talhe e esbelteza da forma. Entretanto sob essa estampa, igualmente fina e delicada, palpitava uma estrutura mais nervosa e robusta. A mesma roupagem dourada não tinha as suaves ondulações da baia; ao contrário, inflamava-se com vivos e brilhantes reflexos.

XII

CAMARADA

Enquanto aí nesse canto desliza a existência obscura e tranquila do Canho no seio da família, além ensaia-se o drama terrível que breve há de ensanguentar a província e transformá-la em um campo de batalha.

Desenvolvia-se nesse momento o prólogo da revolução, que não tardaria a romper.

Desde 1832, quando se realizou em Jaguarão o desarmamento de D. Juan Lavalleja pelo coronel Bento Gonçalves da Silva, plantaram-se na província os germes de uma conspiração, no sentido de proclamar a independência da república. O caudilho oriental tinha empregado os maiores esforços para fomentar essa propaganda, que favorecia seus planos de trêfega ambição.

Data desse tempo a criação das sociedades secretas, ramificadas por todos os pontos da província. Aí se preparavam, sob a invocação de liberdade, os elementos políticos para a revolução, cuja tendência real havia de ser determinada no momento pelos homens de influência, que assumissem a direção dos acontecimentos.

Retirando-se da província, onde permanecera algum tempo, Lavalleja, de volta a Buenos Aires, obteve para o futuro estado a proteção secreta de Rosas, já elevado à ditadura, pela necessidade da salvação pública, como o declarou o congresso. Acompanhara ao caudilho o Fontoura, que tão saliente papel veio a representar na república de Piratinim. Naturalmente assistiu ele às conferências onde se planejou a grande Confederação do Prata, formada dos três estados independentes: de Buenos Aires sob a ditadura de Rosas, Montevidéu sob a ditadura de Lavalleja, e Rio Grande sob a ditadura de Bento Gonçalves.

Nesse partido que se preparava para a resistência armada, havia uma fração que era francamente republicana, e aspirava à independência para formação de um estado unido da grande Confederação do Rio da Prata. O espírito republicano dominava essa fração a tal ponto que desvanecia de momento a repugnância tradicional das duas famílias da raça latina. Mais tarde essa antipatia se teria de manifestar, como sucedeu com a Cisplatina.

Neto e Canabarro eram a alma da opinião republicana.

A outra fração muito mais numerosa do partido da resistência não tinha ideias de separação e independência. Limitava-se a restaurar e manter o que chamava

liberdade, palavra tão vaga na linguagem dos partidos, que em seu nome se cometem os maiores atentados contra a lei e a justiça.

A essa numerosa parcialidade, da qual era chefe incontestado Bento Gonçalves da Silva, o homem de maior influência na província, aderiram sinceramente não só os liberais da campanha como a classe militar, decaída do antigo lustre com a política democrática e pacífica, inaugurada pela revolução de 7 de abril.

Assim, por uma contradição muito frequente em política, dois interesses opostos, mas ofendidos, se reuniam para destruir o obstáculo comum. É o efeito dos governos fracos e perplexos como foi o da regência trina; sofrem ao mesmo tempo a irritação dos aliados e o desprezo dos adversários.

Por muito tempo Bento Gonçalves, apesar da sedução do mando supremo, que sorria à sua ambição, resistiu às instâncias do grupo republicano. A história lhe fará essa justiça: que sua energia, a lealdade de seu caráter, e o grande prestígio de seu nome, contiveram a revolução, desde muito incubada no ânimo da população.

Porventura não atuaria no espírito do coronel o princípio monárquico tão fortemente quanto o sentimento da nacionalidade e sobretudo da dignidade da raça. Como brasileiro devia repugnar-lhe a comunhão com os povos de origem espanhola, que ele, veterano encanecido nas pelejas, havia combatido desde os primeiros anos.

Nem podia escapar à sua perspicácia o futuro que estava reservado ao Rio Grande, na sonhada confederação. Fora preciso cegar-se completamente para não conhecer que o novo estado seria mais uma presa do caudilho feliz, que nos devaneios de sua ambição aspirava à restauração do antigo vice-reinado de Buenos Aires, para trocar então por uma coroa o chapéu de ditador.

Receoso da agitação que se manifestava na província, o governo da regência chamara à corte Bento Gonçalves, e afirma-se que ele voltara disposto a empregar sua influência em bem da ordem pública. A verdade é que, embora acusado de excitar os ânimos, não se aproveitou para proclamar a revolta de tantas ocasiões que lhe ofereceram repetidos motins, especialmente o de 24 de outubro de 1834.

Bem longe de defender a revolução, a julgou talvez com extrema severidade. Não foi unicamente um crime político, um atentado à integridade do Império, foi mais do que isso: foi um grande erro que felizmente não se consumou. A separação do Rio Grande seria um sacrifício de sua nacionalidade, que brevemente ficaria absorvida, senão aniquilada pela anarquia das repúblicas platinas. Não se decepa um membro para dar-lhe força.

A história, superior às paixões, restabelecerá a verdade dos fatos. Não é meu propósito antecipá-la. Dessa página apenas destaco o vulto do homem que

figurou como protagonista da tragédia política, em cuja cena também se representou o drama simples e obscuro que me propus narrar.

Sucediam-se os dias na vaga expectativa de um acontecimento, que parecia inevitável, quando correu a notícia da demissão de Bento Gonçalves, apeado pelo presidente dos dois comandos, o do 4º corpo de cavalaria e o da fronteira de Jaguarão. Esse e outros atos de energia teriam sopitado a resistência, cuja fraqueza contagiava os auxiliares da administração. A mudança do presidente, talvez com uma concessão a Bento Gonçalves, reanimou seu partido, sem contudo satisfazê-lo.

A demissão do coronel foi considerada como um desafio lançado pelo governo à revolução; e portanto estabeleceu-se na campanha uma convicção de que o rompimento dessa vez era inevitável. Esse ato enchera a medida do descontentamento.

Manuel soube da notícia em uma estância próxima, onde a trouxera um peão chegado naquele momento de Bagé. Entrando em casa, achou a mãe e Jacintinha sentadas numa esteira a trabalhar.

— O coronel foi demitido!

Não se disse mais palavra. Todos compreendiam o alcance do fato. Passado o primeiro movimento de surpresa, Francisca levantou-se e foi procurar a mala velha de João Canho; enquanto a filha tratava de arranjar a roupa do irmão, a velha limpava a reiúna, encostada e sem serventia desde 1812. Manuel de seu lado revistava seus arreios, o laço e as bolas, consertando ou substituindo as peças estragadas.

Estes preparativos de longa ausência, talvez eterna, duraram dois dias. Ao cabo deles, o gaúcho abraçou a mãe e a irmã, que se debulhavam em pranto, e montando no Juca, partiu a galope acompanhado da Morena e mais tropilha.

Em caminho soube que o coronel já não estava em Jaguarão, e se retirara à sua estância. Seguiu, portanto, na direção de Camacã, onde chegou ao cabo de oito dias de jornada.

Bento Gonçalves tomava seu mate chimarrão passeando na varanda.

— Então, que novidade é esta?

— Eu assim que soube, vim. Bem si que meu padrinho não precisa de mim; mas o coração me pedia.

— E por que não hei de precisar de ti, rapaz? disse Bento Gonçalves abraçando-o. Estava justamente eu à procura de três camaradas valentes e prontos para tudo. Assim arranjo-me contigo que vales por três, mas tens um

corpo só, o que não dá tanto na vista como um farrancho de capangas.

— Força, não terei; mas boa-vontade tenho por dez. Pode ficar certo.

Bento Gonçalves ia frequentemente a Porto Alegre, onde gozava de uma grande popularidade conquistada por seu caráter franco, gênio liberal e maneiras cavalheirescas. Em princípio, essas excursões tinham um fim político; irritado com a demissão, assentara de reagir, ameaçando a presidência com manifestações populares em favor de sua causa.

Satisfeito porém o amor-próprio com o receio que seu nome incutia, descansou na certeza da mudança próxima, não só do presidente, como do governo-geral pela eleição de Feijó para o cargo de regente. O fim das constantes visitas a Porto Alegre já não era senão dar pasto à prodigiosa atividade, consumindo o tempo nos divertimentos da capital, e nos jogos de azar onde se perdiam grandes somas.

Depois de sua chegada a Camacã, era Manuel quem acompanhava Bento Gonçalves nessas excursões frequentes. Naquele tempo não havia segurança pelos caminhos; e um homem da posição do coronel devia ter muitos inimigos, para com razão acautelar-se contra qualquer surpresa.

Tal era porém a confiança que tinha em si e no camarada, que viajava tão tranquilo como no meio de uma escolta.

XIII

A PROMESSA

Uma semana tinha decorrido, depois que Manuel Canho deixara Ponche-Verde.

Deviam ser 10 horas da manhã.

Estava Jacintinha sentada no alpendre da casa ocupada em bordar a crivo uma nesga de cambraieta. Seus dedos ágeis iam debuxando os relevos do desenho, estampado em um molde cujos lavores apareciam sob a transparência do linho.

A linda menina prometera a Nossa Senhora cobrir com uma toalhinha bordada por suas mãos o berço de seu adorado Menino Jesus, para que a Virgem em sua infinita bondade conservasse à mãe o filho ausente.

Por isso, desde muitos dias se ocupava a menina tão assiduamente com esse trabalho. Estava impaciente por cumprir a promessa, e assegurar para seu querido irmão a proteção da Mãe de Deus. Em sai fé ingênua, imbuída das crenças populares, pensava ela que o favor divino dependia dessa humilde oblação. Acabada a toalhinha e levada ao altar para servir no dia de Natal, Manuel ficaria invulnerável; não haveria mal que lhe chegasse mais.

Soou no campo o tropel de uma cavalo. Erguendo os olhos com a curiosidade própria de sua vida retirada e monótona, viu Jacintinha um cavaleiro desconhecido; pelo ar, como pelo trajo, dava mostra de não ser do lugar. Tinha um chapéu de abas curtas e reviradas, com galão à moda espanhola; calções e jaleco de pano verde-escuro bordado com torçal escarlate; faixa de seda vermelha; e botas à escudeira.

O cavaleiro também de seu lado já tinha descoberto Jacintinha, e olhava para ela atentamente. Passando além da casa, voltou-se na sela e assim caminhou algum tempo para não perder de vista a moça.

Seguiu o desconhecido na direção do pequeno povoado, que se compunha apenas de uma dúzia de casebres agrupados na margem do arroio. Não havia decorrido meia hora, quando ele tornou pelo mesmo caminho, passando segunda vez em frente à casa. Agora, porém, trazia o cavalo, a sacar, não só para mais garbo do andar como para disfarce da demora.

Esse passo alto e cadente, que o animal tira com nobreza, apesar de vivo e pronto, pouco avança; e sucede muitas vezes, colhendo a rédea o cavaleiro, ser

marcado no mesmo lugar, à semelhança de um soldado quando executa uma evolução. Foi justamente o que sucedeu daquela vez.

Quase fronteiro ao alpendre, o desconhecido fez o cavalo brincar no mesmo terreno, sem adiantar uma polegada; ao contrário, de vez em quando empinava o garboso ginete, que passarinhando recuava a escarvar o chão.

No meio destes floreios o cavaleiro cortejo com um gesto de galanteria a moça, que excitada pelo rumor erguera os olhos, porém logo os abaixou confusa para o bordado, onde ficaram pregados.

Depois de algumas escaramuças, para chamar de novo a atenção da menina, vendo que era baldado o intento, usou o cavaleiro de uma estratégia. Fez empinar o ginete e soltou um grito fingindo espanto ou medo. Assustada, Jacintinha voltou-se, cuidando que uma desgraça sucedera ao desconhecido.

Mas este, risonho e sempre galante, fez um novo cortejo com o chapéu, e partiu a galope, antes que a menina voltasse a si da surpresa.

No dia seguinte repetiu-se a cena da véspera, com a diferença de que Jacintinha já prevenida noa mostrou a mesma curiosidade, embora até certo ponto a sentisse. Em vez de olhar de frente para o cavaleiro, ela acompanhava de esguelha seus movimentos, parecendo unicamente ocupada com o bordado.

A insistência do desconhecido em passar todas as manhãs afugentou Jacintinha do alpendre ao cabo de três ou quatro dias. De dentro da casa, pela fresta da janela, sem ser vista, reparava quando o mancebo já de volta de seu passeio, sumia-se ao longe; e então ia tomar o cantinho do costume.

Um dia o desconhecido, suspeitando do que passava, depois de ter acabado seu passeio, escondeu-se por perto. Quando a menina tomou seu lugar, ele aproximou-se sem que o percebessem, e ficou enlevado em contemplar a beleza da irmã de Manuel. Por acaso Jacintinha deu com os olhos nele, assim embebido em êxtase e adoração; estremeceu, empalidecendo de susto; quis erguer-se para fugir, mas caiu sobre o banco, e aí ficou palpitando com a cabeça baixa e o corpo inerte.

O desconhecido tinha desaparecido, e três dias não voltou.

À tarde, aparecendo uns dois peões que vinham ver a viúva e saber notícias do Manuel Canho, falaram das novidades da terra e contaram o que se dizia pelas vendas e povoações a respeito da rusga.

— Agora está arranchado na estância um chileno que veio da outra banda, e vai até Cruz Alta; ele diz que a rusga não tarda.

— Pois decerto, desde que demitiram o compadre, acudiu Francisca.

Jacintinha estremeceu, ouvindo falar no estrangeiro. Foi com a voz trêmula e disfarçando sua confusão que ela perguntou a um dos peões, enquanto o outro continuava a conversa com a mãe:

— Esse sujeito que chegou… também vai para a rusga?

— Qual! Anda vendendo seu negócio, e o mais é que traz coisas bem chibantes! Não quer ver? Ele mostra…

— Não! respondeu Jacintinha banhada em uma onda de púrpura.

Quando se retiraram os peões, a moça no meio das cismas em que se enleava seu espírito, murmurou consigo:

— Qualquer destes dias ele se vai embora e eu fico descansada.

A primeira vez que apareceu o desconhecido, depois de sua ausência de três dias, estava completamente outro do que antes parecia. Já não era o cavaleiro risonho e faceiro, porém um mancebo pensativo, acabrunhado por algum oculto pesar; seu formoso cavalo castanho partilhava a tristeza do senhor: não tinha mais o garbo antigo, andava agora a passo, com o pescoço estendido e a cabeça baixa.

Jacintinha, que deixara o alpendre apenas reconheceu de longe o cavaleiro, acompanhando-o com a vista pela fresta da janela, reparou na mudança que se tinha operado no ar e maneiras do mancebo. Teve um pressentimento de que era ela a causa dessa mágoa, e por sua vez reclinou a cabeça pensativa.

Dias depois a moça descobriu que lhe faltava, lá para certa costura, uma tira de fazenda. Consentindo Francisca na despesa, prometeu fazer a encomenda pelo próximo peão que fosse a Sant'Ana do Livramento.

— Quem sabe se o sujeito que está arranchado na estância não terá?

— Ele é mascate?

— O Antônio disse que era.

— Pois mande-a ver.

O peão incumbiu-se da comissão, e no dia seguinte apresentou-se em casa de Francisca o desconhecido cavaleiro, que não era outro senão D. Romero. Avistando-o, Jacintinha arrependeu-se de sua imprudência, e quis remediá-la não aparecendo ao mascate; mas era tarde. Ele a tinha cortejado com um modo tão delicado!

O chileno mostrou a Francisca e à filha uma grande porção de joias e galanterias, que trazia para tentar as damas. As duas mulheres se esquivaram,

dizendo que estes objetos não eram para elas, e sim para gente rica; mas D. Romero tinha palavras tão insinuantes, maneiras tão corteses, que elas não puderam afinal resistir ao desejo de ver coisas tão bonitas.

Na passagem dos objetos de mão em mão, o chileno aproveitou a ocasião para cerrar os dedos mimosos da moça. Ela zangou-se, mas encontrou um olhar suplicante, que a desarmou. Contudo resguardou-se contra nova tentativa.

D. Romero cativara o agrado de Francisca e desde então era bem recebido sempre que se apresentava em sua casa sob qualquer pretexto.

LIVRO TERCEIRO

MORENA

I

A MULA

Cruzando a coxilha grande, que atravessa a província de São Pedro, se alonga a serra do mar, como a bossa granítica daquele espinhaço.

Ao norte ficam as altas regiões, as chapadas da montanha; ao sul dilata-se a imensa campanha que vai morrer nas margens do Uruguai e do Paraná.

Estas vastas campinas, que se desdobram pelas abas da coxilha grande, são como as páginas de um capítulo da história do Brasil.

O dorso da coxilha é o lombo do livro; as folhas espalmam-se de um e outro lado. Aí escreveram as armas brasileiras muita coisa admirável: grandes feitos, combates gloriosos, brilhantes painéis em rude tela.

Que recordações heroicas não despertam os nomes de São Borja, Ibicuí, Rosário, Corumbá, Índia-Morta, São Carlos, Catalã, Taquarembó e Paissandu!

A imperícia e negligência lançaram, é verdade, feias nódoas no brilho daquelas páginas, e algumas por infelicidade bem recentes nódoas. As fronteiras onde outrora foi Artigas batido sucessivamente em vários combates, percorreu-as impune há quatro anos o bárbaro paraguaio, desde São Borja até Uruguaiana; e ao cabo dessa afronta, sitiado por forças três vezes superiores, esfaimado e inanido, logrou uma capitulação honrosa.

Ainda bem que o heroísmo brasileiro acaba de escrever nas laudas selvagens do Paraguai uma grande epopeia. A lembrança daqueles erros do passado, já de todo a apagaram as vitórias memoráveis de Riachuelo, Tuiuti, Curuzu, Humaitá, Itororó, Peribebuí e outras jornadas gloriosas.

Sete anos havia que na campanha rio-grandense cessara o estrépito das armas. Depois que Buenos Aires, temendo a reação do patriotismo brasileiro afrontado com as tristes jornadas de Sarandi e Itusaingó, pedira a paz, a província de São Pedro gozou de alguma tranquilidade. Embora às vezes repercutisse na fronteira a agitação dos estados vizinhos, as labutações pacíficas da indústria sucederam geralmente às lides guerreiras.

Entretanto quem percorresse a campanha no mês de agosto de 1835, observaria certo movimento que não era normal, e desaparecera desde a paz de 1829. Pelas estradas encontrava-se a cada instante gente armada, que ia se reunindo pelo caminho, e formando pequenas partidas; assim como em sentido

inverso, famílias que emigravam de um para outro ponto da província.

O aspecto animado daquela gente, a sofreguidão que se traía em sua marcha, o ar resoluto das fisionomias queimadas pelo suão, eram sintomas bem claros da próxima luta.

Essa agitação que se propagara por toda a fronteira, desde Jaguarão até São Borja, convergia para as proximidades da capital, mas especialmente para as margens do Piratinim. Aí, ao que parecia, era o ponto de reunião; as próximas estâncias situadas à beira do rio, estavam desde muitos dias cheias de hóspedes e peões, recém-chegados.

Onde o movimento se fazia mais sentir, era na estrada que, partindo de Porto Alegre como a aorta dessa nascente civilização, se bifurca na Encruzilhada, e lança as duas artérias tibiais uma para Uruguaiana e outra para Jaguarão. Por esta segunda estrada, em um dos últimos dias de agosto, caminhavam alguns viajantes que se dirigiam da vila do Erval à de Piratinim.

Adiante algumas braças, ia uma moça que teria pouco mais de dezesseis anos, apesar do completo desenvolvimento de sua beleza. A roupa de montar era de ganga; a saia, que se desfraldava em largas dobras, não apagava de todo os contornos das formas graciosas, cujo firme relevo traía-se com o movimento da equitação. O jaquéu justo, talhado à guisa de fardeta curta de soldado e enfeitado de alamares e dragonas de retrós, desenhava com a correção do cinzel antigo um busto encantador.

Era a moça de um moreno suave, que nos momentos de repouso, em contraste com o jaquéu escuro, se desvanecia; porém quando a agitava alguma comoção, sua cútis velutava-se com o fulvo arminho de uma corça. Nunca sob róseas pálpebras brilharam com tão vivo fulgor, mais lindos olhos crioulos, grandes e rasgados; nem brincou, entre lábios feiticeiros, sorriso mais brejeiro e provocador.

Sobre o trançado opulento que lhe cingia a nuca, trazia a moça um chapéu verde-claro, de pêlo de seda e copa alta, com uma fita branca e um ramo de rosas por tope. Atualmente esta parte do traje da formosa cavaleira seria um atentado inaudito contra o bom-gosto e tornaria horrível a mais gentil das amazonas, que pelo verão galopam nos passeios de Petrópolis. Naquela época porém era a moda, e em geral a achavam tão bonita, como a das botas que hoje trazem as senhoras. O caso é que o tal chapeuzinho verde, todo enfeitado, dava ao rosto da moça um arzinho pimpão, que enfeitiçava.

A seu lado ia outra cavaleira mais idosa e cheia de corpo; essa porém montava de escancha como um homem. Era o uso antigo nas províncias do sul. As bandas do vestido aberto de chita, que lhe caíam a um e outro lado, descobriam até o joelho as pernas da gorducha amazona.

Seguiam a alguma distância dois cavaleiros com um traje ambíguo entre paisano e militar; um deles vestia a farda da antiga milícia; o outro apenas tinha barretina e patrona do mesmo uniforme. Ambos porém traziam sobre os ombros o infalível poncho de pano azul, forrado de pelúcia vermelha.

Pouco mais era de meio-dia. O sol abrasava, embora a espaços as baforadas da brisa mitigassem a calma. Crestada pelo sol, a macega parecia o pêlo arrepiado de um mula xucra.

Os dois viajantes haviam interrompido por momentos uma prática bastante animada; o da farda, homem de 50 anos, magro, de barba cerrada, cogitava; o outro, rapaz de 25 anos, tendo passado as rédeas pelo dedo mínimo da mão esquerda, estava ocupado em preparar com a faca a palha para um cigarro.

— Assim mesmo, Sr. Lucas Fernandes, estou quase apostando que a coisa há de dar em nada, disse o mais moço, tirando uma fumaça. Tantas vezes que os homens depois de tudo arranjado se arrependem!

— Hein! respondeu o mais velho, caindo em si da distração. Que diz?

— Digo que ainda tenho meu medo de ver tudo isto dar em água de barrela.

— Medo tenho eu, Félix, de chegarmos tarde, quando já o negócio estiver acabado. Queria ter o gostinho de entrar com o coronel em Porto Alegre, para ensinar aquela cambada.

— Tal e qual o senhor me disse, vai fazer um ano, e não passamos do Erval; agora talvez que fiquemos por Piratinim ou Camacã.

— Se estou dizendo que o negócio desta vez é sério! Quando saía de Jaguarão, o Neto me disse: “Quem for patriota há de estar em Piratinim até o fim de agosto.” Vê você?

— E onde foi ele?

— Ninguém sabe ao certo; mas eu suspeito que foi longe entender-se com os castelhanos; não que precisemos deles, mas para ter as costas guardadas. Sempre é bom.

— Pois olhe, Sr. Lucas, eu cá antes queria ter pelas costas um touro bravo, do que um castelhano manso. A maneira de guardar a gente as costas, é dar neles de rijo. O Neto bem sabe disso.

— Ele lá sabe o que faz, que o tal de Buenos Aires, o Rosas, também está metido nisso. No caso de ser preciso, o sujeito nos ajudará a escovar o pêlo aos imperiais.

— A falar a verdade, eu antes queria sová-los, a eles. Enquanto me lembrar do que fizeram aí por Bagé e Alegrete, que me contou meu pai, não se acaba esta gana que tenho de tirar uma desforra. Quer que lhe diga, Sr. Lucas Fernandes, eu estou que sentiria mais prazer em meter a faca no lombo de um castelhano, do que em abraçar a mais bonita rapariga de Buenos Aires.

— E cuida você, que eu também não lhes tenho vontade? Mas é preciso paciência para suportar por algum tempo ainda; depois que nos tivermos livrado cá da cáfila dos imperiais, então é que os castelhanos hão de ver a cor do riscado. Eles pensam que é uma coisa, mas há de sair-lhes outra muito diversa.

A este ponto foram os dois viajantes obrigados a interromper a conversa, por causa de um pequeno incidente.

A mula em que ia a moça tinha empacado à beira da estrada, e resistia aos esforços da cavaleira. Com as orelhas espetadas, olhos ardentes e pêlo erriçado, o lindo e possante animal parecia farejar algum perigo oculto.

— Que é isto, Catita? perguntou Lucas.

— Esta mula hoje não está boa, Sr Lucas, não sei o que tem, disse a gorducha. Todo o caminho veio torcendo-se, e agora não quer andar!

— Que remédio tem ela? acudiu Félix.

— Não é nada, mamãe! disse Catita.

— Depois levas aí um trambolhão?

— Ora qual, Vidoca! atalhou Lucas.

— Esqueci-me da minha esporinha, por isso está brincando comigo, tornou Catita a rir.

— Espere que eu a ensino.

Félix avançou, vibrando com força o rebenque.

— Heta, mula!

Aquela interjeição enérgica soou ao mesmo tempo nos lábios do rapaz e na anca da mula, onde o látego estalou com força.

A mula partiu escoiceando, no meio das risadas dos dois viajantes. Era destra cavaleira a Catita; apesar dos saltos do animal, ela manteve-se firme na sela, e sem perder a elegância de seus movimentos. Contudo dificilmente continha a mula, que irritada com o castigo corria forcejando por tomar o freio.

Nisto ouviu-se ao longe o rincho sonoro de um cavalo.

Buffon distinguiu no cavalo cinco espécies de rincho, que exprimem suas diversas paixões. O rincho da alegria, no qual a voz se eleva sustentando-se por muito tempo e expira em sons agudos. O rincho da cólera, breve, crebro e estridente, acompanhado pelo estrépito das patas. O rincho do temor, breve também, porém rouco e cheio, semelhante ao rugido do leão. Finalmente o rincho da dor, que é antes um gemido ou estertor da respiração opressa.

Há porém além destes um nitrido vibrante e incisivo que é a interjeição do cavalo, quando chama o companheiro distante. Era desta espécie o que tinha repercutido naquele momento pela campanha.

Respondeu-lhe perto um nitrido mais possante que vibrou pelos ares.

II

O ALAZÃO

A moça erguendo os olhos, viu sobre o alto de uma pequena coxilha, ao lado do caminho, assomar um cavalo.

A formosa estampa se debuxa contra o azul diáfano do horizonte, como uma estátua de bronze sobre alto pedestal. O porte é majestoso; a atitude briosa e arrogante. Com a fronte erguida, coroada pela crina soberba que o vento agita como a juba do leão, o altivo corcel lança pelo vale um olhar sobranceiro. A mão esquerda finca na terra, com o jarrete de aço distendido, enquanto a destra, batendo amiúde mas cadente, escarva ligeiramente o chão.

A roupagem é do mais puro e brilhante alazão, sobre o qual destaca a seda opulenta das crinas e da longa cauda, bem como a orla de branco arminho que cinge-lhe a raiz do casco alto, de rijas tapas, fino e bem copado.

Outrora os mestres da nobre arte da gineta acreditavam que dos quatro elementos da natureza derivavam as cores predominantes na raça hípica, e daí tiravam indícios a respeito das qualidades e defeitos do animal. Assim o preto indicava a terra, o branco a água, o castanho o ar, e o alazão o fogo.

Quem visse o lindo ginete, cujo pêlo cintilava com os raios do sol, acreditaria que realmente aquele soberbo animal tinha nas veias o fogo que dardejava na pupila negra, e cujo fumo resfolgava dos grandes alentos na respiração ardente. Os hipogrifos, que combatiam entre chamas, deviam vestir aquela auréola esplêndida, que envolvia o brioso corcel.

Tinha esse cavalo os traços que entre os árabes indicam o animal de fina raça. Cabeça pequena e descarnada; fronte larga, alçada com ardimento e nobreza; grandes e proeminentes, os olhos límpidos que afrontavam o sol; orelhas curtas, rijas, canutadas, e tocando-se nas extremidades, pescoço largo e na volta garboso, como o colo do cisne; as pernas delgadas e nervosas, mostrando no relevo dos músculos sua firmeza e elasticidade; o peito amplo e vigoroso; a anca redonda, mas fina; os flancos delgados, esbeltos e flexíveis.

Não pertencia, porém, o corcel à aristocracia hípica do Oriente; era um selvagem americano, um filho dos pampas. Viera das tropas bravias que povoam as estepes do Sul; provinha dos baguás que montavam os guaicurus. Tinha melhor genealogia que as coudelarias dos califas; descendia da natureza virgem; nascera no deserto.

Não recebeu a América, do Criador, as três raças de animais, amigos e companheiros do homem, o cavalo, o boi e o carneiro. Este fato, que à primeira vista parece uma anomalia da natureza, revela ao contrário um desígnio providencial. Regenerar é a missão da América nos destinos da humanidade. Foi para esse fim, que Deus estendeu de um pólo a outro este vasto continente, rico de todos os climas, fértil em todos os produtos, e o escondeu por tantos séculos sob uma prega de seu manto inconsútil.

O gênero humano pressentiu esta alta missão regeneradora da América, dando-lhe a designação de Novo Mundo. De feito é nas águas lustrais do Amazonas, do Prata e do Mississipi, que o mundo velho e carcomido há de receber o batismo da nova civilização e remoçar.

Para não exaurir, mas concentrar, a seiva exuberante da terra virgem, despovoou-a o Criador daquelas raças nobres, que ela estava destinada a juvenescer. Mas apenas a semente caiu na vigorosa argila que a esperava, desenvolveu-se com uma possança formidável. Como ao homem europeu e a todos os animais domésticos que formam a família irracional, como a todos os produtos úteis do velho continente, a América adotou o cavalo; mas a este parece que o concebeu no seio do deserto, e o fez selvagem de seus pampas.

Tem o potro americano sobre o potro árabe a grande superioridade da natureza. A liberdade é força e beleza; nem há no mundo outra nobreza real e legítima, senão essa. A elegância da forma, a altivez da expressão, a coragem, o pundonor e o brilho, são donaires que ao homem, como ao cavalo, dá a consciência de sua liberdade.

Do espartano, que ainda hoje nos enche de admiração com o exemplo de seu heroísmo e sobriedade, fazemos o maior elogio nesta frase — "era um cidadão livre". Daquele brioso cavalo se podia dizer da mesma forma, para exprimir com eloquência a sua formosura e nobreza; "era um corcel livre".

Nenhum homem o escravizara jamais; nenhum se atrevera a castigá-lo; era indômito ainda como no tempo em que percorria os pampas nativos. Mas o potro selvagem tinha um amigo, quase um pai, a quem o ligara um profundo sentimento de gratidão. E daí sem dúvida lhe provinha a altivez e majestade que ressumbrava em seu porte.

O contato de nossa raça desvanece no animal o espanto selvagem que sente ainda o mais intrépido na presença do rei da criação. A amizade do homem inspira, sobretudo ao cavalo, uma emulação generosa, um heroísmo admirável. O Bucéfalo de Alexandre, o Morzelo de César, e o Orélia do rei D. Rodrigo, foram dignos dos heróis a quem serviram.

Não tivera a moça tempo de admirar a linda estampa do alazão, porque apenas se desvaneceu ao longe o eco do relincho, ele desceu a coxilha à

disparada, e atravessando a estrada, sumiu-se por detrás de uma restinga de mato.

Aí, encontrou outro animal, no qual era fácil reconhecer a Morena, pelas formas esbeltas e elegantes, vestidas da linda roupagem baia. Fora ela que chamara o filho. Pouco depois apareceram o Morzelo e o Ruão, nossos antigos conhecidos, que tinham seguido de perto o Juca.

Todos juntos se aproximaram do lugar onde estava o Canho deitado sobre o pelego à sombra de uma árvore. O gaúcho não dormia, mas tinha os olhos fechados e o rosto coberto com a aba do poncho. Parecia prostrado pela fadiga; tinha feito em duas semanas mais de duzentas léguas. Quinze dias antes estava em Camacã quando recebeu um recado de Bento Gonçalves que o chamava a toda a pressa.

O coronel lutava com um acesso de cólera terrível. Cruzava o aposento de uma a outra banda, trovejando como um temporal desfeito.

— Por quem me tomam eles!… Pensam que admito semelhante loucura? Estão enganados!… Tinha que ver que eu fosse por minhas mãos entregar o continente ao mazorqueiro!…

Manuel surpreso daquela agitação, esperou que o coronel se apercebesse de sua presença.

— Ah! estás aí?…

Bento Gonçalves foi a uma banca onde estavam emaçadas algumas cartas que ele acabara de escrever.

— Monta a cavalo, Manuel, e não pares enquanto não estiverem entregues todas estas cartas. Começarás pelo Rio Pardo e acabarás em Alegrete, na estância do coronel Bento Ribeiro. Aí poderás descansar. Tens dois soberbos corredores, o Juca e a Morena; és o primeiro peão que eu conheço. Se não deres conta da mão, ninguém mais o fará decerto.

— Fique descansado, meu padrinho, disse o gaúcho.

E partiu.

Na véspera passara por Bagé, de volta de sua comissão: tomara a estrada de Piratinim por um atalho, deixando Erval à direita; e fizera ali uma parada, contando chegar à vila por volta da noite.

Os animais pararam, a olhar afetuosamente o gaúcho; porém o Juca, mais afoito, chegou-se perto e farejou-lhe o rosto para ver se dormia, ou talvez para avisá-lo que era tempo de pôr-se a caminho. Habituado a estas familiaridades,

Manuel descobriu o rosto e correspondeu ao afago do alazão puxando-lhe carinhosamente a orelha.

De repente ecoou pelo campo um grito no meio de confuso tropel.

Erguendo-se rapidamente viu o gaúcho alguns animais de carga a correr pela várzea, e mais longe uma mula corcoveando para arrojar de si a moça que a montava. Um preto se lançara com a intenção de tomar-lhe o freio; porém, o animal furioso o tinha arremessado ao chão.

Quando o alazão passara pelo caminho a todo o galope, acudindo ao chamado da Morena, uma tropilha, que seguia o mesmo caminho dos viandantes, se espantara. As bestas retrocederam de corrida; o rumor dos couros que cobriam a bagagem ainda mais exasperou a mula que tomando o freio disparou, apesar de todos os esforços da gentil cavaleira.

Com o pescoço enroscado, o queixo fincado aos peitos, e o corpo encolhido, a mula assanhada dava saltos e corcovos terríveis. Ora contraía-se toda, e logo distendia-se no arremesso, forcejando para romper os arreios que a ligavam. Catita, porém, não perdia o equilíbrio e fustigava com o chicote a cabeça do animal.

Entretanto aos saltos a mula afastava-se da estrada. Na direção que ela seguia, o terreno elevado e pedregoso formava uma barranca sobre a charneca ou tremedal, a que na província dão o nome de sanga. Se a moça não conseguisse domar o animal, o que não parecia provável, na carreira cega em que ia, a catástrofe seria inevitável.

Tudo isto passara rapidamente ante os olhos do gaúcho. Compreendendo o perigo que ameaçava a moça, ele não teve tempo de refletir. Passou a mão ao laço, atirado sobre a grama junto aos arreios, e saltou no costado do Juca.

III

A PARADA

O alazão arrojou-se e fendeu os ares como uma águia; os pés nem pareciam tocar a terra, de tão rápida que era a corrida.

Com pouco vencendo a grande distância, aproximou-se da mula, que no auge da fúria, disparava em trancos formidáveis. A borda do precipício já não estava longe, e não tardaria que o animal num daqueles saltos precipitasse do barranco abaixo.

A gentil cavaleira sentira a iminência do perigo, e parecia que se preparava para evitá-lo. Sua mão, colhendo as amplas dobras da saia do roupão, revelava a intenção de saltar da sela. Naquelas circunstâncias, em um terreno tão áspero e com a sanha do animal, a resolução da moça podia ser-lhe fatal.

Mas que fazer? Diante estava o precipício do qual aproximava-se com espantosa velocidade. Se tinha de morrer, Catita preferia que fosse antes ali sobre o campo, do que no fundo de um barranco onde talvez seu lindo corpo chegaria dilacerado pelas pontas de pedra e tocos das árvores. Essa ideia triste porém, não se demorou no espírito da moça, passou como uma borboleta agoureira roçando as asas negras por seu espírito e logo se desvaneceu.

A destemida cavaleira, fiada em sua agilidade, contava livrar-se do furioso animal saltando da sela no momento oportuno. Para ela, a catástrofe iminente, cujo desfecho estava tão próximo, ainda não passava de um divertimento. Com a descuidosa imprevidência da mocidade, não podia acreditar que um incidente comum se convertesse para ela em uma desgraça.

Observando os movimentos da moça, Manuel hesitou um instante. Seu plano concebido de relance, na ocasião de saltar sobre o costado do alazão, era alcançar a mula, e travando-lhe do freio subjugá-la para que a moça pudesse apear-se sem perigo. Se, apesar da velocidade do Juca, não houvesse tempo de apanhar a mula por causa da pequena distância em que já estava da barranca, então como recurso extremo, o gaúcho tivera uma ideia:

— É laçar mula e moça tudo junto! disse o Canho consigo.

Por isso tinha passado a mão ao laço no momento de partir; mas percebendo agora na cavaleira o intento de saltar do animal receou ver burlado seu plano. Podia, no momento de alcançar ele a mula, ter já saltado a moça que ficaria então esmagada pelas patas do alazão. Também no atirar o laço via o perigo de

esbarrar a mula bruscamente na ocasião de pular a cavaleira, a qual perdendo o equilíbrio, sucumbiria aos coices do animal enfurecido.

Nesta perplexidade, ainda mais se complicou o caso com um grito que feriu o ouvido do gaúcho, reboando pela campanha:

— Salta, Catita!

Era a voz estrepitosa de Lucas Fernandes que, advertido pelo grito do preto, transmontara a galope, em companhia de Félix, uma pequena coxilha, e vendo o que passava, compreendera o perigo da filha e a única esperança de salvação que restava.

— À direita! acrescentara Félix.

Um movimento que fez a moça para voltar o rosto e um rápido aceno da mão indicavam que ela ouvira a advertência do pai, e apenas aguardava um momento oportuno para seguir seu conselho. Ao Canho não escapou esta muda resposta, que pôs o remate à sua contrariedade.

— Não salte! exclamou ele em tom resoluto.

Ouvindo a recomendação do gaúcho em contrário à sua ordem, o Lucas perfilou-se na sela e arrancou do peito um berro formidável:

— Salta, com mil demônios!

— Não, replicou o gaúcho imperiosamente.

Catita, voltando a custo o rosto, viu de través Manuel que estava apenas a três braças de distância, e compreendeu que ele vinha em seu auxílio. Revoltou-se a vaidade da moreninha contra esse importuno. Antes despenhar-se do precipício, do que dever a salvação a alguém.

Estaria a moça presa já da vertigem dessa corrida veloz, ou era a petulância natural de seu ânimo juvenil, que a fazia brincar assim com a morte? Por uma ou outra causa ela, que um instante concebera a esperança de refrear a mula, castigou-a de novo com força. O animal, já colérico, exasperou-se, arrancando como uma péla.

Mas o alazão, sentindo a leve pressão dos joelhos do Canho, projetou-se como a haste de uma lança arremessada com vigor; e em dois tempos alongou-se pelo flanco da mula, disposto a espedaçar-lhe a cabeça ao menor sinal do gaúcho.

Deitando-se sobre o pescoço do cavalo para tomar o freio à mula, sentiu Manuel uma doce pressão na ilharga, ao mesmo tempo que ressoava a seus ouvidos uma risada zombeteira. Catita estava sentada na garupa do alazão, com a

mão passada pela cintura do gaúcho.

Como isto acontecera, ninguém poderá compreender, tão rápidos e imprevistos foram os movimentos da moça.

Convencida do risco de atirar-se do animal abaixo, Catita hesitava quando percebeu Manuel. Precipitando a corrida da mula para evitar que o gaúcho a salvasse, ela não pretendia sacrificar-se como parecera. Tinha avistado adiante uma árvore, sob cujos ramos ia passar.

Foi ali que Manuel alcançou a mula. Já suspensa a um dos galhos a moça sentou-se tranquilamente nas ancas do cavalo, e ali ficou de garupa, como naquele tempo era usa viajarem as mulheres que tinham medo de montar.

Com a surpresa que sofreu, Manuel esteve um instante perplexo, não sabendo a que atender, se à moça que ria-se ainda, se à mula que fugia sempre. Foi quando o animal com as mãos já erguidas sobre o precipício ia despenhar-se, que Manuel, atirando o laço, o suspendeu em meio da queda.

Para isso o gaúcho se lançara do cavalo abaixo; e apoiando a trança da árvore, imprimira tamanho arranco ao laço que a mula, cingida pelos peitos, rodou, estendendo o costado pelo chão.

Nisso chegaram Lucas e Félix; em um momento estava a mula subjugada pelos dois viajantes, que, depois de tirados os arreios, meteram-lhe o rebenque de rijo.

— Deixa-te de partes, mula! dizia o Félix.

Catita tinha saltado da garupa do alazão, e observava de semblante risonho a luta dos três homens com o animal. Havia em seu rosto gentil uns assomos de orgulho satisfeito, por ter escapado, incólume e sem auxílio, ao perigo.

— Que tal a rapariga, hein? perguntou o Lucas Fernandes.

— Sacudida, como ela só! respondeu o rapaz. Pensei que não aguentasse.

— E eu também! Caramba!

— Ora, papai! disse a moça com um ligeiro muxoxo. Não caio por tão pouco; nem preciso que me segurem para saltar da sela.

Estas palavras foram ditas com direção ao Canho, que enrolava o laço tranquilamente. Acompanhando o olhar da filha, reparou Lucas no taciturno gaúcho.

— Então o senhor não queria que a menina saltasse, camarada? disse o furriel

de milícia com um riso cheio.

— Não, respondeu concisamente o gaúcho.

— E por que razão?

Manuel encolheu os ombros.

— Ele tinha medo que eu caísse debaixo dos pés do alazão. Papai não o viu correndo para agarrar a mula pelo freio; mas quis mostrar que também sou gauchinha! Saltei-lhe na garupa!

— Deveras?

— Tal e qual! disse Manuel sorrindo.

— Assim, rapariga.

Aproximava-se a Maria dos Prazeres, choteando no machinho:

— Sempre escapaste, menina?

— Então, mamãe.

— Jesus! Vi-te em pedacinhos, debaixo dos pés da endemoninhada da besta. Sou capaz de jurar que está espiritada.

— Mamãe teve muito susto?

— Ainda tu falas! Estou sem pinga de sangue.

Entretanto o Canho, tendo enrolado o laço, tocou na aba do chapéu e saltou sobre o Juca.

— Até mais ver, senhores!

— Também nós vamos, disse Lucas Fernandes. Anda, Catita.

A rapariga arregaçando a saia de montar, e apoiando a ponta do pé no bocal do estribo, pulou na garupa do cavalo em que montava o pai.

— O senhor que rumo segue? perguntou o miliciano.

— Parei aqui para descansar, respondeu o Canho, iludindo a pergunta.

— E o mais é que precisamos fazer o mesmo. Não achas, Vidoca?

— Que dúvida, Sr. Lucas. Eu estou que não posso comigo; então com este

susto, estão me tremendo as carnes, como se tivesse frio de maleita.

Contrariado por esta companhia que lhe viera tão fora de propósito, e cogitando algum meio para descartar-se dela, o Canho dirigia-se para restinga de mato onde estivera deitado. Era o único lugar, que por ali havia, próprio para descanso, não só pela boa sombra, como pela proximidade d'água.

Examinando com atenção disfarçada o gaúcho, Fernandes desconfiava que sob aquela reserva taciturna havia algum mistério, que ele procurava com afinco perscrutar.

Naqueles tempos de agitação, que precederam a guerra civil, a suspeita do miliciano era natural. A conspiração lavrara surdamente por toda a província; e receava-se de um momento para outro a explosão.

Depois de alguns instantes de observação, Lucas reatou a conversa.

— Nós cá vamos para Piratinim visitar a madrinha de Catita, minha irmã Fortunata, que nunca viu a afilhada, depois que se fez moça. Se o senhor também segue este caminho, iremos juntos.

— Não sei ainda que rumo tomarei. Tem seus conformes.

— Está bom. Vejo que não quer que se saiba.

Neste ponto, pela estrada que lhes atravessava em gente, na distância de duas braças, passou um cavalo ruço pedrês, baralhando em rápida guinilha. Ia montado por um peão com poncho de baeta encarnada e levava de garupa uma rapariga de seus vinte anos. Com o vento, a saia de chita da rapariga levantava, mostrando as pernas bem torneadas e descalças.

Catita reconheceu a Missé, e disse-lhe adeus:

— Também vamos chegando para a festa, exclamou a rir o peão, e não era outro senão Chico Baeta.

Sabendo que a revolução ia rebentar em Piratinim, o rapaz deitou a roupa na carona, a namorada na garupa, e transportou-se com tudo quanto possuía para sua nova residência.

Tinham os viajantes chegado ao capoão onde Félix e Maria dos Prazeres tratavam de arranjar, sobre a grama, a refeição que tiravam dos alforjes.

IV

CONHECIDOS

Catita, sempre tão pronta para ajudar a mãe quando era preciso, agora sentada à parte sobre a relva, fitava longos olhos no gaúcho, ocupado em arrear o alazão, para se pôr a caminho quanto antes.

No olhar da rapariga brilhavam diversos sentimentos, como em um raio de luz cintilam várias cores do prisma.

Admirava-se Catita da indiferença de Manuel. Ela sabia que era bonita; e quando não fosse tanto como lhe diziam constantemente, não se julgava indigna de merecer um olhar, ao menos de curiosidade. Esse homem que tinha corrido em socorro seu, parecia nem já se lembrar que ela existia e ali estava perto dele.

Contudo não perdera a esperança de atrair a atenção do gaúcho, e por isso lhe estava deitando aqueles olhares dengosos, capazes de enfeitiçar um morto. Lá tinha um certo pressentimento que o rapaz, voltando-se para ela, não partiria assim com aquele desapego.

Mas não era só a faceirice que tinha a rapariga enlevada na contemplação do gaúcho. Essa fisionomia sombria, mas enérgica, a impressionara. Ela adivinhava, sob aquela aparência concentrada e fria, o fogo intenso da paixão, sopitado, como a chama do betume que lastra por baixo d'água.

Ao mesmo tempo esse perfil saliente, de traços acentuados, acordava no fundo de sua memória vagas e indecisas reminiscências, que deviam estar ali desde muito tempo adormecidas. Não sabia a moça se já tinha visto este semblante, ou algum com ele parecido.

Um momento, a vista do gaúcho encontrou o olhar fito da rapariga, e desviou-se com desgosto, como se a tivesse ferido alguma luz muito viva.

Nesse movimento descobriu imóvel, em frente dele, Lucas Fernandes que traçou rapidamente com a mão direita um sinal cabalístico. Manuel sem mostrar surpresa nem dar grande importância ao acidente, reproduziu o sinal.

Aproximou-se então o miliciano com vivacidade, e travando da mão ao gaúcho, deu-lhe o toque simbólico, soprando ao ouvido uma palavra misteriosa.

Com esse reconhecimento, que revelava a existência de um vínculo secreto entre ambos, o Lucas Fernandes pouco adiantou na confiança de Manuel, que se

manteve na mesma reserva.

Embora dedicado e com entusiasmo ao serviço de uma causa, nem por isso a pouca estima que a raça humana inspirava em geral ao gaúcho, se tinha amortecido. Ao contrário, mais em contato com ela, sua alma sentia-se por assim dizer esfrolada ao atrito das paixões torpes e ignóbeis que truaneavam diante dele.

Para Manuel a causa a que se dedicara era um homem, e nada mais. A afeição que recusava à sua espécie se concentrara ultimamente em um indivíduo. Bento Gonçalves se tornara para ele um símbolo, uma veneração. Tinha pelo velho guerreiro admiração profunda; e enchia-o de orgulho a ideia de estar ligado a ele por um laço espiritual.

Não sabia Manuel o que intentava o coronel; e nunca se preocupara com isso. Para quê? Sua missão era acompanhar, servir, defender o seu homem, e morrer quando fosse preciso para salvá-lo ou para vingá-lo. por isso, apenas Bento Gonçalves fora demitido do comando da fronteira de Jaguarão e do 4º corpo de cavalaria, o gaúcho, pressentindo que ele tinha necessidade nesse momento de rodear-se de seus amigos mais leais, partiu logo para Camacã, onde se retirara o coronel.

Bem se vê que importância ligava o Canho à sociedade secreta em que o tinham filiado. No seu modo de ver não passava de um meio de se enganarem os homens uns aos outros. Para servir o coronel ele não queria nem companheiro, nem ajudante: gostava mais de fazer as coisas só.

Como a refeição estivesse pronta, Maria dos Prazeres chamou o marido; e Félix aproximou-se impedindo as perguntas que Lucas ia dirigir ao Canho.

— Vamos ao churrasco? disse o miliciano.

— Nada; já estou pronto, e não tenho tempo a perder.

— Precisamos falar, retorquiu o furriel com intenção.

— Será para outra vez.

Fazendo um cumprimento de través, montou o gaúcho o alazão, que escarvava a terra para devorá-la. Nesse momento, da tropilha que esperava a curta distância, avançou o Morzelo, que veio meneando a cauda farejar o furriel.

De mau humor pela reserva e partida do Canho, o miliciano não reparou no cavalo; mas este começou a dar sinais manifestos de súbita alegria, soltando um ornejo que bem parecia um riso de prazer. Esta circunstância impressionou logo a Manuel; ele sabia que seus cavalos tinham o mesmo gênio arisco e desconfiado do dono; pelo que pareceu-lhe estranha aquela repentina afabilidade do Morzelo.

— O senhor conheceu meu pai? perguntou de chofre o gaúcho a Lucas.

— Seu pai?… repetiu o miliciano.

Os dois olharam-se; só então se tinham lembrado, que nenhum sabia o nome do outro, apesar de estarem juntos e conversando havia meia hora.

— João Canho, de Ponche-Verde!

— Era seu pai? Ora, se o conheci, meu amigo velho de outros tempos, quando no continente havia homens, que hoje parecem mais bonecos de cheiro que outra coisa, sobretudo os tais lá de Porto Alegre. João Canho? Sabe de que idade nos conhecemos?… Espere!… 1798… eu tinha 12 anos e ele 14. Andamos juntos na escola em Rio Pardo.

— Mas então o senhor é o furriel?

— Isso mesmo. Depois, ele seguiu lá seu rumo até que nos encontramos no tempo de Artigas. Os dois Bentos, bem sabe, andavam sempre juntos; eu servia às ordens de um, ele era camarada do outro.

— Estivaram em Taquarembó?

— Em Taquarembó, em São Borja, em Catalã, onde filamos o Verdum. Naquele tempo não se fazia tantas partes, como hoje, para brigar. A gente passava o trabuco a tiracolo, encilhava o pingo, e era só farejar para sentir onde cheirava o chumasco. Agora para se fazer uma rusgazinha de nada, são tantas as histórias que já aborrecem.

— Mas cá o Morzelo, ele também o conhecia, que está aí a fazer-lhe tantas festas?

— Ah! é verdade! exclamou o furriel atentando para o animal. Não tinha reparado; é o cavalo do Canho? Pois não me havia de conhecer! Fui eu que o salvei, e deu-me que fazer! Uma doença dos diabos.

— Lembro-me. Quando o pai foi a Montevidéu? Por sinal que ele voltou no cavalo do senhor.

— Se o Morzelo não podia nem se mexer. Então você conheceu o Lucas, hein, meu velho? disse o furriel amimando o pescoço do cavalo.

Manuel era outro. Uma expressão de alegria expansiva se tinha derramado por seu rosto, antes carrancudo. Sem sentir, apeara-se para melhor prestar atenção às palavras do furriel, e se embebera completamente nas reminiscências que lhe falavam de seu pai.

— Então não quer mesmo? perguntou o miliciano, designando com um gesto o lugar onde estava a mulher convidando-o para comer.

— Jante o senhor, que eu espero.

Sentaram-se os cinco viajantes na grama, ao redor de alguns pratos com churrasco, bolachas, bananas e laranjas.

O Lucas tanto comia, como falava; e Manuel escutava com prazer a evocação de fatos que ele tantas vezes, em criança, ouvira dos lábios paternos.

De quando em quando porém, sentia o gaúcho um constrangimento, encontrando os olhos negros de Catita fitos em seu rosto com uma insistência que ele não compreendia. Esse olhar curioso e ao mesmo tempo provocador, fazia-lhe o efeito de uma farpa no flanco de um touro.

— Come, Catita. Estás aí pasmada!

— Não é para menos, acudiu Félix. O susto que ela teve! Escapou de pinchar-se do barranco abaixo.

— Maria Santíssima! exclamou Vidoca.

— Lá isso, não, atalhou o Canho; na sanga não caía.

— Se já estava quase na beira!

— Mas eu tinha meu laço.

Os outros riram. Catita indignou-se:

— Então o senhor queria laçar-me?

— Pois que dúvida!…

— Se fosse capaz, eu…

A rapariga articulava estas palavras pálida e com um tom de ameaça, mas não pôde concluir; a voz finara-se no lábio balbuciante. Ergueu-se despeitada, vendo o ar desdenhoso com que Manuel pela primeira vez a encarava.

V

REBULIÇO

Fatos de suma gravidade se passavam por aquele tempo.

O partido republicano, de quem Neto era a alma, senão a cabeça, tinha visto com intenso desgosto a hesitação de Bento Gonçalves em proclamar a revolução. Acreditando que justamente irritado com a demissão, o coronel romperia abertamente contra a presidência, esperavam os radicais se apoderarem do movimento para mais tarde em ocasião oportuna o dirigirem a seus fins; o que realizou-se com efeito em 1836, depois da prisão de Bento Gonçalves, vencido no combate do Fanfa.

Conhecendo, porém, que da próxima regência de Feijó confiava o coronel obter reparação dos agravos que sofrera e garantias para o seu partido, os republicanos temeram perder a disposição favorável dos espíritos, criada pela demissão do homem de mais influência da campanha, e resolveram precipitar o acontecimento.

O dia 7 de setembro, aniversário da independência, foi marcado para a revolução, que devia romper ao mesmo tempo na capital e outros pontos da província. Não podendo, nem lhes convindo, dispensar um chefe tão prestigioso como Bento Gonçalves, era sob a invocação de seu nome, que tudo se fazia.

Neto estava em Piratinim, onde procurava reunir ocultamente alguma força com que marchasse sobre a capital e Rio Grande, sendo preciso. Sita em uma eminência, cercada por bibocas e serras cobertas de mato, essa vila oferecia condições favoráveis à defesa no caso de ataque. Por essa razão, e também por sua posição topográfica, foi ela escolhida para centro do movimento.

Para aí pois tinham convergido os mais ardentes partidistas da revolução, aqueles que desejavam tomar nela uma parte ativa, e ter a glória de pelejar os primeiros combates em pró da libertação da província. Entre estes, um dos mais prontos fora o Lucas Fernandes, que, a pretexto de visitar a irmã, se transportara com a família para o foco da revolução.

Chegando à vila na noite do dia em que os deixamos descansando para concluir a jornada, o Lucas não consentiu que Manuel procurasse outro rancho, senão a casa de sua irmã. Não só devia ele essa atenção ao filho de seu velho amigo, como sorria-lhe a ideia de ter por companheiro das novas lutas, o herdeiro do nome e da coragem de seu antigo camarada João Canho.

Aceitou Manuel pousada por aquela noite, contando partir pela madrugada. Embora o coronel lhe permitisse descansar na estância de Bento Manuel, o que não fizera, podendo portanto demorar-se em Piratinim; contudo desejava o mais depressa possível tranquilizar o espírito de seu padrinho a respeito do desempenho da comissão.

O Lucas, porém, não o deixou partir só; sabia que o gaúcho ia a Camacã, e aproveitou o ensejo para ver e aproximar-se do coronel. O antigo miliciano acudira ao apelo de Neto; mas combater sob as ordens imediatas de Bento Gonçalves era uma honra, que ele compraria a custo dos maiores sacrifícios.

Lá se foram portanto os dois à estância de São João, onde acharam o coronel ocupado em trabalhos rurais. Teve Lucas uma primeira surpresa; pensava ele ver ali já pronto um pequeno exército, e Bento Gonçalves à sua frente, disciplinando-o para a guerra. Lembrou-se porém que talvez fosse necessário não originar suspeitas nos legalistas para apanhá-los desprevenidos.

Esperou que o coronel lhe falasse a respeito da revolução; mas correndo os dias sem que isto sucedesse, e aproximando-se o 7 de setembro, animou-se ele a tocar no assunto.

— Qual, revolução! Deixe-se disso; vá para casa e fique sossegado.

Desta vez azoou completamente o furriel; e por muitas horas não esteve em si. Foi pedir explicações a Manuel, que não podia dá-las. Este nada sabia, nem indagava. Em Bento Gonçalves precisando de seu braço estava pronto sempre; cumpriria suas ordens, sem inquirir da razão e fim.

Até que raiou o dia 7 de setembro, tão ansiosamente esperado.

Lucas Fernandes largou-se para a Capela, como chamava então o povo a freguesia do Viamão, por causa da ermida de Nossa Senhora da Conceição, edificada em 1751. É um sítio aprazível, a quatro léguas da capital, de que forma um arrebalde muito concorrido em dias de festa.

Havia ali grande animação no dia 7 de setembro de 1835. Desde muito cedo viam-se pelas ruas bandos de gente do povo, e especialmente peonada, percorrendo as ruas em trajes domingueiros, e com uma faixa verde e amarela. As mulheres traziam o emblema das cores nacionais a tiracolo, os homens na cinta ou no chapéu.

Entrando em uma venda, onde estava de bródio uma grande porção de gaúchos a galhofar e beber, o furriel criou alma nova.

— Hoje é hoje! dizia um da roda piscando o olho para os outros.

— Dia grande, dia de mata galego, acrescentou outro.

— Vão pagar o novo e o velho.

— Eu cá prometi à Nicota que lhe havia de levar de presente um rebenque de guasca feito do couro dum!

Risadas e interjeições pitorescas recheavam o bródio popular. O taberneiro, amarelo e esgazeado, não sabia como se ater. Às vezes enxergava nas fisionomias desabridas dos gaúchos visos de ameaça, que emprestava às suas palavras uma significação horrível. Outras vezes porém o riso gostoso e franco dos homens o tranquilizava até certo ponto, fazendo-lhe pensar que não passavam aqueles ditos de simples chalaça e brincadeira.

— Ah sô galego! gritou a voz taurina do Lucas Fernandes, dando no balcão um murro formidável.

Com a estremeção que sofrera, o taberneiro saltou três vezes sobre os pés, como um dançador de corda.

— Genebra a fartar para esta rapaziada sacudida. E não me respingue! continuou o miliciano atirando uma meia dobla sobre o balcão.

Com este rasgo o furriel ganhou logo as boas graças da súcia; seu tom decidido, as proezas que referiu, e o galão da velha fardeta, elevaram-no enfim por unânime e espontânea eleição ao posto de capitão, que ele aceitou por bem da pátria. Foi o primeiro ato da revolução rio-grandense, essa promoção democrática.

A história talvez não consigne tão importante circunstância; por isso a registramos aqui.

Momentos depois o capitão Lucas percorria triunfante as ruas de Viamão à frente da troça de peões, que ele se propunha disciplinar, afagando a ideia de transformá-la em companhia, e mais tarde elevá-la a batalhão, o que o obrigaria a tomar o posto de coronel. Afinal, quem sabe?… Os generais se faziam daquela massa.

Ansioso esperava o seleiro o sinal para soltar o grito da revolução, quando um cavaleiro a toda a brida esbarrou na praça e meteu-se pelo povo falando ao ouvido de um e de outro. Os gaúchos de orelha murcha iam-se esgueirando, e breve achava-se o futuro batalhão de Lucas reduzido a uma dúzia de farroupilhas, que o acompanhavam ainda ao cheiro da genebra, soltando berros descompassados.

— À capital, camaradas! bradou o furriel. Mostremos a estes poltrões como se briga.

— Viva o capitão! Morram os galegos! respondeu a súcia.

Instantes depois corriam à desfilada pela estrada de Porto Alegre; vários bandos de rapazes e parelheiros que tinham vindo à festa em Viamão foram por patuscada reunindo-se à troça; e assim investiu a caterva pelas ruas da capital fazendo um alarido infernal.

Seriam oito horas da noite.

No estado dos ânimos, esperando-se a cada momento o rompimento da revolução, pode-se imaginar o efeito que produziria aquela cavalgada à disparada pelas ruas da cidade. Acresce que o marechal Barreto avisara da fronteira que estava designado o dia 7 de setembro para o rompimento.

Supuseram todos que a cidade era assaltada.

A guarnição correu a postos. Reboou um tiro de canhão na casa do Trem; tocou a rebate nos quartéis; a guarda de permanentes marchou para o palácio e um piquete de cavalaria saiu a fazer um reconhecimento sobre o inimigo. Por toda a parte não se ouvia senão estrépito d'armas e tropel de animais.

Os festeiros, apenas sentiram o cheiro da pólvora, muscaram-se; houve muito cavalo estropiado e muito parelheiro descadeirado; mas a troça desapareceu como por encanto. Só o nosso intrépido Lucas Fernandes, fantasiando ter ainda atrás de si o batalhão evaporado, fazia floreios de esgrima com a catana, preparando-se para dar uma carga sobre o piquete.

No meio desse entusiasmo foi agarrado por dois permanentes que tiveram ordem de o recolher ao xadrez. Lá ia ele seu destino pela Rua do Ouvidor meditando filosoficamente sobre a sorte das revoluções qual outro Mário, quando um dos soldados pôs-lhe a mão no braço por segurança.

— Largue-me! Por força ninguém me leva.

Era o momento em que passavam dois cavaleiros. Um deles ouvindo aquela voz, esbarrou o animal:

— O que é isto, Sr. Lucas?

— Manuel!… Traído, amigo, traído!

O gaúcho reservou a explicação para mais tarde.

— Deixem o homem, disse ele para os dois guardas.

— E quem é você?

— Eu já lhes digo! replicou Manuel passando a mão ao punho da faca.

O outro cavaleiro adiantou-se:

— Espera lá, rapaz.

Firmando-se nos estribos e tomando o tom do comando disse para os guardas:

— Permanentes, este homem está solto.

— O coronel! murmuraram os guardas.

Era com efeito Bento Gonçalves que chegava da sua estância.

Os guardas se retiraram cabisbaixos.

— Não lhe disse, homem, que se deixasse de rusgas? Iam-no filando! exclamou o coronel a rir.

O furriel guardou nessa ocasião um silêncio eloquente. Mais tarde porém revelou ele a Manuel em confidência um pensamento que levara a ruminar durante muitos dias.

— Ninguém me tira desta. Quem desmanchou a rusga foi o coronel! Que pena! Uma coisa tão bem arranjada.

Manuel sorriu lembrando-se das cartas que por ele enviara Bento Gonçalves a toda pressa, mas não disse palavra.

Desde que entrou no espírito do furriel aquela convicção, Bento Gonçalves desceu três furos em sua admiração e respeito.

— Um homem que desmancha rusgas!… Não tem que ver! O coronel voltou lá da corte com o miolo transtornado.

VI

DESENGANO

Era noite fechada.

Jazia a vila de Piratinim em profundo silêncio, submergida nas trevas. Apenas a trechos ouvia-se, entre os primeiros silvos do temporal iminente, o pio monótono da coruja na matriz, ou um murmúrio de vozes a escapar-se do coice de uma porta.

Era aí a taberna, onde os peões jogavam a primeira ao clarão de uma candeia de graxa cuja luz oscilante e mortiça, filtrando pelos interstícios da porta, cortava a treva espessa como o voo de um pirilampo.

Também, quando passava a rajada, podia-se escutar o chiado sutil de uma guitarra, tocada à surdina. Partiam estes sons de uma casa próxima à igreja de Nossa Senhora da Conceição, que então servia de matriz à paróquia. Um vulto, embuçado em um poncho escuro de gola erguida, caminhava da esquina da rua onde ficava a casa até a torre da igreja, e aí chegando retrocedia. Na ida, como na volta, parava algum tempo à janela da casa, e encostava o ouvido na rótula; então, ouvia-se o tangido soturno da guitarra que ele trazia por baixo do poncho.

Na sala interior dessa casa estavam três pessoas.

As duas cunhadas e comadres, sentadas no vão da janela que abria para o quintal, continuavam a prática de todas as noites. Durante um mês que estavam juntas, não tinham desfiado ainda todo o rosário de histórias e novidades.

Vidoca não acabara de contar as festas e enredos de Jaguarão, nem as faladas dos castelhanos com as raparigas daquela fronteira. Quanto à Fortunata, esta não esvaziaria em um ano o saco dos mexericos de Piratinim, e a crônica de toda a vila, casa por casa.

Um tanto arredada, em um ângulo da sala, Catita cosia à luz da vela colocada em uma cantoneira. Às vezes a mão da rapariga, puxando a linha para cerrar o ponto, ficava um momento suspensa no ar; e notava-se na sua cabeça uma ligeira inflexão. Parecia, pelo ar absorto da fisionomia, que sua atenção era atraída para outro ponto. Mas logo voltava à costura, redobrando de rapidez no ponteado.

O que a distraía eram os sons da guitarra que pipilavam no silêncio da rua, e às vezes se destacavam entre as crepitações da lenha no fogo da cozinha.

— Lucas não vem mais hoje, que diz você? perguntou Fortunata à cunhada.

— Eu sei lá, comadre, quando ele vem? Há um par de dias já que se espera à toa. Com esta história de rusga, o homem anda mesmo que parece uma mosca tonta.

— Mas em parte quem lhe mete tanta caraminhola no casco é aquele malandrinho. Já viu que sujeito mal-encarado, senhora?

— Que quer? O Lucas engraçou com ele. Arrenego de semelhante bisca!

— E onde foi buscar aquele nome de… como é mesmo?

— Não te lembras, Catita?

— O quê, mamãe?

— Como se chama aquele sujeito que foi com teu pai?

— Manuel Canho.

— Ora veja!

— Se isto é nome de gente!

— Mas você não viu outra, comadre. Sabe que apelido ele deitou no cavalo? Juca!

— Tão bom é um como o outro!

— E tem uma égua que chama Moreninha!

— Desaforo! Aquilo é de propósito.

— Quando a mula em que vinha Catita ficou espiritada, pediu-se a ele a égua e não quis dar. Disse que ninguém, senão ele, monta nela! Já se viu que partes?

— Pois eu hei de montar! disse a rapariga batendo com o pé no chão.

— Não há de ser por meu gosto.

— E faz muito bem, comadre.

— Enquizilo com o tal sujeito, que ninguém faz uma ideia; e o Sr Lucas enquanto não lhe suceder alguma, não descansa.

Neste momento a guitarra chilrou com mais força na porta. Catita fez um gesto de impaciência; deitando arrebatadamente a costura sobre o banco onde

estivera sentada, disfarçou dando algumas voltas pelo aposento e afinal dirigiu-se para a frente da casa.

Foi direita à janela; abriu sorrateiramente a rótula e espiou para a rua. O vulto parado à porta aproximou-se mal que a percebeu:

— Que faz você aí, Félix?

— Pois ainda pergunta?

— É escusado andar com estas coisas. Perde o seu tempo!

— Então, Catita, esta é a esperança que você me dá?

— Não tenho outra.

— Não foi o que você me disse em Jaguarão.

— Não me lembro disso.

— Você me disse, que chegando aqui havia de decidir.

— Pois está decidido. Não gosto de você, como hei de ser sua noiva?

— Catita!

— Não quero enganar a ninguém.

— Agora é que fala assim.

— Algum dia disse que lhe queria bem?

— Mas também por que não me desenganou logo?

— Por quê?... Porque você não me aborrecia como agora, que passa toda a noite rondando esta porta. Quem visse, havia de dizer que você é meu namorado.

Félix fez um movimento de cólera; e depois de uma pausa murmurou com voz surda:

— Bem sei a causa disso!

— Ah! Sabe? Está mais adiantado do que eu.

— Não disfarce, Catita. Cuida que eu não tenho olhos para ver?

— O quê?

— Você ficou assim desde que nos encontramos com Manuel Canho. Logo naquele dia você não tirou os olhos dele. Bem reparei.

— Só isso? perguntou a moça com uma risadinha de escárnio.

— Depois, pensa que eu não via como você se enfeitava por causa dele? A cada instante se requebrando, para ver ser o enfeitiçava; mas ele, nem caso?

— Félix, melhor é que você se ocupe com sua vida. Me deixe descansada.

— É para ver se é bom querer bem a quem lhe paga com desprezo.

— Pois se assim é, não tem você de que se queixar. Faça como eu que sofro calada.

— Então confessa? Gosta dele? exclamou Félix furioso. Catita caiu em si.

— Não disse isto!

— É escusado negar. Já sei o que queria; pode ficar descansada que não hei de aborrecê-la mais. Meu negócio agora é com ele.

— Que pretende você fazer, Félix?

— O mesmo que me fizeram; traspassar-lhe o coração, mas com este ferro.

A faca do rapaz luzia nas trevas.

Recobrando-se do soçobro que sentira, a moça proferiu estas palavras com a voz fria e pausada, embora ferida ainda por um imperceptível tremor:

— Vinga-se bem, Félix. É o modo de matar-me mais depressa.

Fechou-se a rótula.

Nesse momento, reboou no princípio da rua um tropel de animais, e um grito estrondoso farpou o silêncio da noite.

— Alvíssaras, patriotas! Viva a revolução!

VII

O SOLUÇO

Três vezes o mesmo grito reboara, ecoando longe nas grotas e fraguedos que cercam o sítio da vila de Piratinim.

As duas comadres, tomadas de susto no meio de sua palrice, não souberam de primeiro momento a que atribuir o estranho clamor, cujo sentido não compreendiam. A ideia vaga de toda a sorte de perigo, desde um simples canhambola, até o assalto por um demônio-legião, perpassou como um raio por seu espírito alvoroçado.

— Santa Bárbara!... murmurou a Fortunata e travou-se com o rosário.

Vidoca, apesar de grande medo, entrevira uma esperança; e com o ouvido atento aguardava a confirmação de uma suspeita. Foi quando pela terceira vez estrugiu o mesmo brado.

— É, é mesmo! Ora essa! exclamou erguendo-se.

— O quê, senhora? balbuciou a Fortunata.

— O Sr. Lucas! Aquele grito é dele!

Correndo para a frente, a Vidoca achou a filha à janela. Catita também reconhecera a voz de seu pai, e de novo abrira a rótula. Seu coração batia precipitadamente contra a soleira; porém não era de medo. Com os olhos alongados pela rua procurava devassar as trevas, para distinguir mais depressa as pessoas que sem dúvida para aí se dirigiam.

Pensava ela que Manuel vinha com Lucas?

Entretanto, aos brados do furriel, toda a vila pôs-se em alvoroço. A peonada, abandonando a gordurenta mesa de jogo saía das tabernas aos trambolhões; abriam-se as casas dos patriotas; o povo apinhava-se nas ruas, que a luz dos fachos começava a esclarecer.

Pouco depois, no meio de um grande clarão avermelhado, via-se o Lucas Fernandes esticado sobre os loros proclamando à multidão que o cercava, suspensa não de seus lábios, mas da barba hirsuta que lhe cobria o rosto como espessa floresta.

— tomamos Porto Alegre de assalto, camaradas! O presidente fugiu, dizem

que para Rio Grande, outros que para a corte duma feita! Bento Gonçalves já pôs outro em seu lugar; com este pode-se contar; é homem seguro. Agora só falta o xumbregas do tal marechal de borra. Mas o coronel não tarda aí para ensiná-lo.

— Viva Bento Gonçalves!

Este grito prorrompeu da turba e foi saudado com uma aclamação frenética de entusiasmo.

— Aquilo é que é homem, prosseguiu o furriel. Éramos cento e cinquenta quando marchamos para a capital; mas bastou ele, o Lucas e o Manuel Canho, nós três, para levarmos tudo raso!

A esse tempo notava-se um novo movimento na multidão. Um sujeito que passava deixou cair algumas palavras entre as quais se ouvira o nome de Neto. Depreendia-se que este acabava de receber notícias do auditório do furriel para o ajuntamento que se formava em frente à casa do chefe republicano.

A multidão foi-se escoando; os fachos desapareceram; e o furriel, completamente isolado, teve de ganhar a casa de Fortunata, só e às escuras. Durante o curto do trajeto, pôde ele meditar sobre a inconstância da popularidade e a ingratidão das turbas.

Achou na porta as mulheres que o esperavam com ansiedade; mas ele entrou carrancudo e sinistro como uma tempestade. Abraçou as três com uma voz de trovão.

— Então o que houve, Sr. Lucas?

— Pois é preciso que diga? Pensavam que eu não havia de voltar cá sem a rusga?

— Mas conte à gente!

— Não tem que contar! replicou o furriel com um tom desabrido.

Ninguém mais tugiu. As duas cunhadas trocaram um olhar, e cuidaram de apressar a ceia.

Catita conservou-se indiferente a toda essa cena: havia em seu belo rosto uma nuvem de tristeza. Quando seus olhos puderam de longe distinguir a figura do pai, no meio da multidão, procuraram ansiosamente ao lado o vulto de Manuel; não o encontrando vendaram-se.

— A ceia está pronta, Sr. Lucas, disse Vidoca.

O furriel ergueu-se:

— Manuel ainda não chegou?

— Aqui, não! responderam as duas comadres.

— Onde se meteria ele?

Os brilhantes olhos de Catita, fitos no semblante de Lucas, pareciam arrancar-lhe as palavras dos lábios. Ela estremecera ouvindo a primeira frase; mas não sabia que pensar. Tinha Manuel chegado à vila com seu pai, ou este o havia perdido de vista desde Porto Alegre?

Nisto bateram à porta; e o gaúcho apareceu.

— Tenham boa-noite, disse ele sem olhar para alguma das três mulheres.

Sentaram-se todos à mesa e cearam. À medida que o furriel calcava o estômago ia-lhe voltando o bom-humor, o entusiasmo revolucionário e a facúndia habitual. Então, sem que lhe pedissem, contou às mulheres as suas proezas na tomada de Porto Alegre; não esquecendo as façanhas do Canho, que em sua opinião se mostrara digno do pai.

Na situação em que tinham ficado os negócios políticos no dia 7 de setembro, era realmente para surpreender o desenlace, cuja notícia acabava de chegar a Piratinim.

Mas, depois daquele dia, alguns amigos de Bento Gonçalves o tinham convencido de que a revolução era inevitável. Nada a podia mais conjurar, no ponto a que haviam chegado as coisas. Se o coronel recusasse tomar a direção do movimento, ele se transviaria com toda a certeza e produziria as consequências que os espíritos moderados desejavam evitar. O meio mais seguro de prevenir a separação da província era sem dúvida a revolução; ela tirava o pretexto aos republicanos.

Persuadido por estas razões, Bento Gonçalves partira para Camacã, de onde a 20 de setembro marchara sobre a capital à frente de 150 gaúchos. Derrotada na ponte da Azenha uma pequena força de 40 praças da guarda nacional, nenhum obstáculo mais encontrou. O presidente, baldo de recursos para opor à rebelião, embarcou-se a bordo de uma escuna de guerra e retirou-se para a cidade do Rio Grande, tentando organizar aí a resistência.

Senhor da capital, onde assumira a presidência o cidadão Marciano José Ribeiro, Bento Gonçalves, investindo-se do comando das armas, despachou imediatamente Manuel Canho com uma carta para Neto, em Piratinim, comunicando-lhe os últimos acontecimentos e avisando-o da necessidade de bater quanto antes o tenente-coronel Silva Tavares, comandante de uma força estacionada no Erval.

O Lucas, apenas soube que Manuel partia, resolveu acompanhá-lo; convencido de que em Porto Alegre não havia mais inimigo a combater, o furriel queria aproximar-se do lugar onde acreditava que ia travar-se a luta.

Chegando à vila naquela noite, enquanto o miliciano proclamava às turbas, Manuel procurou Neto para entregar-lhe a carta; e ordenando-lhe este que fosse descansar e voltasse no dia seguinte, dirigiu-se então para a casa de Fortunata, onde acabava de entrar.

Enquanto o furriel se desfazia em bravatas, sentia o gaúcho o brilho dos olhos de Catita fitos em seu semblante; e às vezes passava as mãos arrebatadamente pela fronte como para espancar uma obsessão do espírito.

De novo bateram à porta. Desta vez era o Félix que vinha a pretexto de ver o mestre. Ao entrar, o rapaz sorriu com amargura, relanceando um olhar que passou por Catita e foi cravar-se em Manuel.

— Estás contente, hein, rapaz! disse-lhe o Lucas; e recomeçou pela décima vez a história de sua ilíada.

Félix porém não o escutava. Toda sua atenção estava empregada na rapariga e no gaúcho. A princípio, assustada com a presença do rapaz, Catita disfarçara as olhadelas apaixonadas que pouco antes deitava sobre Manuel; porém logo depois irritada daquela coação, arrostou as iras do ciumento, voltando-se completamente para o gaúcho e ficando como absorta no seu rosto.

Félix tiritava de raiva; e por longe perpassou-lhe a ideia de puxar a faca e cravá-la uma e muitas vezes no coração da rapariga. Ainda assim não se vingava, porque lhe parecia que a ponta de aço não cortaria como o gume daquele olhar com que ela lhe atravessava o coração.

O furriel, exausto das novidades e repleto de pirão, se debruçava sobre a mesa e começava a afinar o ronco.

— Vá se deitar duma vez, Sr. Lucas, disse a Vidoca.

— São mesmo horas de se recolher a gente.

Com esta despedida formal, ergueram-se, o Félix para sair, e o Canho para ganhar pelo quintal um puxado, feito à direita da casa, e onde o haviam arranchado.

— Tenho um particular com o senhor! disse Félix ao gaúcho com voz soturna e apontando para o corredor de saída.

Canho fez um gesto afirmativo:

— Boa-noite. Podem encostar a porta que eu fecharei; não vou longe.

Saíram os dois. Até dobrarem o canto não trocaram palavra. Manuel esperava um tanto surpreso, porque não lhe ocorria qualquer motivo para explicar aquela entrevista com ares de mistério.

Finalmente parou Félix e voltando-se para o companheiro, disse-lhe sacando fora o poncho:

— Esta noite um de nós deve matar o outro!

— Por quê? perguntou Manuel com sossego.

— Pois pergunta?

— Decerto, respondeu o Canho sem mudar de tom. O motivo por que você me quer matar, pouco me importa saber; eu nunca perguntei à jararaca por que morde a gente. Mas para que eu o mate, é preciso ter uma razão; não mato gente à toa.

— Você bem sabe a razão, tornou Félix rangendo-lhe os dentes. Eu gosto de Catita!

— E que tenho eu com isso?

— Você também gosta dela.

Respondeu-lhe um riso de escárnio.

— Logo vi que não estava no seu juízo. Aposto que veio da venda? redarguiu o Canho.

— Não tenho que lhe dar satisfações. Estou aqui para brigar e não para sofrer desaforos.

— Nem eu para ouvir mentiras.

— Nega que ela gosta de você?

— Vou dormir; adeus!

— Não disfarce, foi ela mesma que me contou esta noite, há bocadinho.

— Pois perde seu tempo!

— Mas enquanto você viver, ela não fará caso de mim.

— E por isso me quer matar? Pois olhe: não estou disposto a morrer por causa

de mulheres. Procure outro motivo, que por este decerto não brigamos.

Ecoou perto um som abafado, semelhante a um soluço. Os dois voltaram-se para conhecer a causa, e viram apenas um vulto que dobrava a esquina fronteira; adiantando-se alguns passos, levados pela curiosidade, chegaram à rótula de uma casa cujo interior aparecia iluminado por entre a fresta da janela cerrada.

Exalava de dentro um ambiente espesso, carregado com a fumaça de graxa e de tabaco, bem como um surdo zumbir de muitas vozes, misturado com o tinir de moedas, com o sussurro da guitarra e o estalo das cartas batidas sobre a banca. Facilmente se percebia que estava na taberna a costumada roda de jogo.

— Quer apostar a briga? perguntou Félix de repente.

— Está feito. Assim é melhor.

Félix empurrou a porta, e os dois penetraram no corredor.

O vulto desaparecera.

VIII

A DAMA

Ouvindo, ou antes suspeitando o convite que Félix dirigira ao Canho no momento de sair, Catita foi à janela.

Para quê? Nem ela o sabia; talvez para ver a direção que os rapazes tomavam, ou para escutar as primeiras palavras que entre si trocariam. Com o rosto colado nas frestas da rótula esperou que os dois saíssem.

O silêncio profundo que ambos guardavam assustou a rapariga. Presa de uma ansiedade cruel correu à porta, ganhou a rua e protegida pela escuridão pôde, esgueirando-se ao longo das paredes, acompanhar Manuel e Félix, sem que eles a percebessem.

Assim, a poucos passos deles, oculta no vão que havia entre duas casas, pôde ouvir toda a conversa. Quando, porém, Manuel recusou brigar com Félix por sua causa, a alma da rapariga, confrangida pelas palavras de desprezo, estalou em um soluço. Receosa de trair-se resvalou para dobrar a próxima esquina e de todo afastar-se; foi nessa ocasião que os dois viram seu vulto e quiseram segui-lo. Mas ela se tinha encoberto no oitão da casa.

Depois que Manuel e o companheiro entraram na taberna, Catita arrastada pela ardente curiosidade foi, transida e perplexa, encostar o rosto à rótula. A noite ameaçava chuva; de vez em quando vinha uma rajada que traspassava; e contudo sentia a moça brasar-lhe a fronte. Repeliu sobre as espáduas a mantilha que trouxera, apertando a mão contra o peito para sopitar as rijas palpitações do coração, que faziam tremer a gelosia.

Pela fresta que deixavam as abas da janela cerrada, Catita viu através do xadrez da rótula um aposento esclarecido por três ou quatro candeias de latão. No centro havia uma pequena mesa oblonga sobre a qual estavam apinhadas umas quinze pessoas, gaúchos e peões, atentas ao jogo. No fundo, a Missé tocava na guitarra um lundu, ao som do qual sapateavam alguns rapazes.

Manuel tomou lugar a um canto da mesa, defronte de Félix. Enquanto os outros continuavam o jogo da primeira, armaram eles um pacau para decidir a aposta. Da primeira cartada o Canho bateu nove e ganhou a partida.

— Bem lhe disse eu que não havíamos de brigar.

— Veremos! disse o rapaz a voz surda.

Manuel encolheu os ombros.

— Não há mais quem queira?

— Topo eu! exclamou o Chico Baeta, atirando um patacão sobre a mesa.

Correram as cartas, e Manuel ganhou não só esta como as partidas seguintes. As moedas de prata passaram da bolsa do peão para as mãos de seu feliz parceiro.

— Quer ir tudo contra o Pombo? Olhe que é um pingo de mão cheia.

— Vá! respondeu Manuel cortando o baralho.

A sorte ainda o favoreceu. Chico levantou-se desesperado.

— Que veia! exclamaram os outros.

— Ninguém resiste.

— Não dá mais desforra? perguntou Chico desesperado.

— Enquanto quiser.

— Pois eu paro a Missé.

— A Missé? replicou Manuel com um sorriso interrogador.

— Não conhece? Pois veja que bonita rapariga. Vem cá, Missé!

— Que é isto? perguntou a rapariga aproximando-se da mesa.

— O Chico parou você no jogo, disseram algumas vozes.

— Hein?

— É para me desforrar, Missé! Mas se não queres!

— Desde que você empenhou sua palavra!… respondeu a rapariga com a voz repassada de mágoa.

Uma lágrima lhe desfiou lentamente pela face:

— Não te desconsoles, meu bem. Olha, se eu te perder, amanhã arremato para mim as primeiras balas dos caramurus, a troco das relhadas e laçaços que hei de arrumar-lhes. E se isto tem de suceder, não é melhor que fiques amparada?

— Deixa-te dessas ideias, Chico. Havemos de ganhar: eu tenho boa mão; quero cortar o baralho.

Um riso jovial espancara de repente a melancolia do lindo rosto da rapariga e espargira nele o brilho da esperança.

— Então valeu? perguntou o Chico a Manuel.

— Eu topo tudo! respondeu este.

Desde o princípio da cena que cessara o jogo da primeira; todos os parceiros, agora atentos ao pacau, aguardavam a decisão da partida de empenho.

A Missé talhou as cartas. Cada um dos dois parceiros tirou três alternadamente do baralho colocado no centro. Cabia a mão ao Chico. Este no meio a ansiedade geral, começou a filar o ponto na palma. A primeira carta voltada sobre a mesa era um quatro, as duas restantes emborcadas uma sobre a outra, escorregavam lentamente ao atrito dos dedos do jogador.

— Figura! disseram em torno, vendo aparecer a pluma do valete de espadas.

O Chico não falava; todo ele estava nos olhos. Ajeitando as duas cartas e voltando-as em sentido contrário, começou a filar a terceira; era esta a que devia determinar o ponto, e portanto as probabilidades do ganho.

— Queremos isto bem chuleado! disse um peão.

— Vê logo, Chico! atalhou a Missé impaciente.

— Qual! Pois aí é que está a graça!

Manuel, deitando no meio da mesa, sob uma pilha de moedas, suas três cartas cobertas, se derreara contra o banco e olhava a sorrir o rosto do parceiro agitado pelas várias comoções do jogo.

— Quadrejou!

Esta exclamação partiu dos lábios de alguns que distinguiram primeiro no alto da carta as quinas de dois losangos de ouro; quando estes levantavam a cabeça para resfolgar daquela atenção imóvel, os outros por sua vez gritaram, vendo as duas marcas no lado da carta:

— Ainda quadreja!

A emoção e curiosidade tocavam agora o auge; com um cinco, o Chico bateria pacau. Todos os olhos estavam presos no branco da carta, que subia lentamente espremida pelos dedos convulsos do jogador. Ninguém respirava; quanto à Missé

e o amante, pareciam assombrados.

— Envido! acudiu Manuel rindo.

O Chico abaixou as cartas, e esperou um momento. Não havendo quem aceitasse o envite, continuou a filar o ponto com a mesma lentidão. De vez em quando parava, tolhido pela emoção; até que afinal levantou-se dum ímpeto, como impelido por súbita explosão; entanto o peito arquejante respirava estrepitosamente soltando, ou antes, aspirando uma palavra, que soltara-se de todos os lábios.

— Pintou!

Com efeito aí estavam espalhadas na mesa as três cartas, o valete, o quatro e o cinco de ouros que faziam nove. O Chico tinha batido pacau, e tiritava de prazer. Abraçado com a Missé começaram ambos a sapatear um passo de tatu, chorando como duas crianças, tanta era a alegria. Os outros companheiros contemplavam enternecidos aquela cena.

— Pois eu ainda envido! disse Manuel com a maior calma.

Houve geral surpresa. Já todos supunham a partida ganha, quando se levanta aquela voz para lembrar que ainda faltava alguma coisa; pois não se conhecia o ponto do contrário.

— Ah! quer empatar? disse Chico com um riso amarelo.

— Empatar?... Quero ganhar!

— Mas olhe que foi pacau batido!

— Há outro mais valente do que esse.

— O de ás.

— E o de coringa.

— Então envida mesmo?

— Já disse.

— Pois topo.

Fizeram-se várias paradas, casando moeda com moeda; e todos ansiosos esperaram pelo desfecho da partida, cujo interesse cada vez subia de ponto.

— Olhem; o ás aí está, disse Manuel voltando com a ponta da unha a primeira das três cartas, e o coringa também.

O Chico e os parceiros do envite empalideceram, vendo quase realizado o dito do Canho.

— E a outra? disse um, apontando para a última carta.

— Esta, não tem que ver, é figura, e não passa de uma dama para fazer cortesia à moça.

Acabando de proferir estas palavras, que ele endereçou com um sorriso à Missé, o gaúcho voltou rapidamente a carta. Foi profundo o assombro; era com efeito uma dama; o Chico tinha perdido. O dinheiro, o cavalo e a amante pertenciam ao Canho.

Quando passou a confusão que seguira ao primeiro espanto, viu-se o Chico apertando pela última vez a Missé em seus braços.

— Não chores, meu bem. Faz de conta que eu morri! Amanhã vou te esperar lá no outro mundo!

Manuel segurou-o pelo braço no momento de passar a porta.

— Faz-me um favor?

— Qual?

— Aceite o Pombo, como lembrança da primeira vez que nos vimos, há cerca de três anos. Não se dirá que Manuel Canho separou um gaúcho de seu melhor amigo. O mais, o dinheiro e a mulher, acha-se a cada canto; porém o cavalo, que nos entende, e se liga ao nosso destino no trabalho e na guerra, na vida e na morte, este, uma vez perdido, custa a achar outro, quando se acha. Senhores, boa-noite!

Dirigindo esta saudação às pessoas presentes, o Canho ganhou a rua; tinha dado alguns passos, quando um vulto deslizou na sombra e conchegou-se a ele. Que sorriso de desprezo perpassou nos lábios do gaúcho!

— É mulher!... murmurou ele.

O temporal, que ameaçava desde o princípio da noite, estava prestes a desabar; as serras de nuvens negras, amontoadas no horizonte, começavam a inflamar-se. À luz crebra e lívida dos relâmpagos, a vila adormecida assomava como o espectro de uma ruína no foco de um incêndio.

Voltando-se nesse momento, viu a mulher de longe um vulto que os seguia; com a mão convulsa travou do braço do gaúcho e levou-o por diante até sumirem-se no fim da rua.

Tinham os dois chegado a uma das extremas da vila, em lugar ermo, onde a escarpa íngreme do terreno formava um barranco profundo.

Manuel passou o braço pela cintura da mulher, e sentiu um corpo trêmulo e agitado que se apoiava nele. Mas nesse momento aquele seio arquejou, estalando num soluço.

Afastou-se o gaúcho rapidamente, arredando com um movimento brusco o talhe da moça. Com esse movimento abriu-se a mantilha, que deslizando sobre os ombros, deixou descoberta a cabeça da desconhecida. Rasgava-se nesse momento um relâmpago, que iluminou o belo rosto de Catita.

Manuel ficou imóvel em face da aparição incompreensível. Entretanto os relâmpagos sucediam-se e no meio dessa auréola deslumbrante ele via aquele mesmo olhar que três anos antes o fascinara e desde então cintilava nas sombras da sua alma.

Dominando afinal aquele encanto, o gaúcho quis afastar-se, porém a moça tomou-lhe o passo, cruzando as mãos para suplicar-lhe que não a deixasse. Catita assistira a toda a cena da taberna, e fora com o coração ralado de ciúmes que ela acompanhara Manuel para impedir o seu encontro com a Missé.

— Manuel! balbuciou a moça.

As palavras expiraram no lábio trêmulo, mas desfolhando-se num sorriso que enlevava.

O gaúcho lançou um olhar para o barranco; era um precipício; mas não estava ali em face, outro mais perigoso? Não se abria diante dele no sorriso fascinador daquela mulher, numa voragem para sua alma?

Travando do galho de uma árvore, Manuel arremessou-se, e desapareceu na espessura da folhagem.

Catita caiu de joelhos.

Ao grito que rompeu-lhe do seio, acudiu uma pessoa; era a Missé, que a tinha seguido de longe.

IX

BOMBEIRO

Os dias seguintes foram chuvosos. O manto espesso da cerração, desdobrando-se pelos cerros e coxilhas, tornava a campanha triste e soturna.

Cerca de doze léguas de Piratinim, para as bandas do Erval, no rancho de uma estância, perdido no meio do campo, estavam reunidos seis peões que parolavam, comendo um grande churrasco; fora, os cavalos arreados e presos à soga sem freios, pastavam na grama.

— Então você acha, Félix, que o Neto ainda está em Piratinim?

— Pois que dúvida!

— E que gente terá?

—Uns duzentos, mas olhe que é boa gauchada.

— Eu não lhe dou nem metade; e não passam de farroupilhas.

— Talvez que amanhã os vejamos de perto, disse Félix a rir. Tomara eu!

Neste ponto os animais deram aviso. Um dos peões saiu fora do rancho para correr os olhos pelo campo; mas nada avistou que lhe despertasse a atenção. Entretanto os cavalos continuavam a indicar, por seu ar espantadiço, a aproximação de alguém. Com as orelhas espetadas, perscrutavam eles uma restinga de mato que ficava a alguma distância.

Suspeitoso o peão saltou na sela e botou-se para o lugar. Pareceu-lhe ver um vulto perpassar entre a folhagem, e não se enganava: de feito um cavaleiro ali estava desde algum tempo agachado entre as árvores, à espreita do que passava pelo campo. Conhecendo pelos movimentos do peão, que fora, senão percebido, ao menos suspeitado, tratou de evitar o encontro que parecia infalível, pois a língua de mato, além de estreita, era um raleiro, que de perto facilmente se devassava com a vista.

Um selvagem naquelas circunstâncias subiria ao cimo das árvores, para ocultar-se no mais basto da folhagem; mas nada separa um gaúcho de seu cavalo no momento do perigo: seria o mesmo que deceparem as pernas do centauro, e o reduzirem a um tronco mutilado.

Ganhando a orla oposto da mata, o desconhecido fez deitar-se numa biboca

funda e cheia de capim a tropilha que trouxera; e cobriu tudo isso com algumas braçadas de folhas secas. Então estendeu-se pelo flanco do Morzelo de modo que era impossível descobri-lo do lado oposto. Um dos pés apoiava na orelha esquerda do cavalo, o outro o animal o segurava nos dentes como a cana do freio; finalmente, com a mão escondida no cabelo da cauda, o desconhecido parecia colado ao corpo do quadrúpede.

Quando o peão chegava à restinga viu à esguelha um cavalo estropiado, que se afastava pelo campo manquejando. Bateu o mato e nada descobriu de suspeito; retirou-se portanto convencido que o vulto não era outro senão o do Morzelo arrebentado por alguma viagem.

Entretanto o animal, sempre manquejando, ganhou uma canhada, que não se podia ver do rancho, e escondeu-se numa touça de sarandis. Aí o cavaleiro descansando da posição incômoda, mas sempre alerta, permaneceu até cair a noite.

Manuel, pois era ele, separando-se bruscamente de Catita, na noite de sua chegada a Piratinim, ouviu da biboca onde saltara, a conversa da moça com a Missé; e depois a seguiu de longe até que viu ambas se recolherem à casa da Fortunata. A filha do Lucas tremia com a ideia de deixar só a amiga e por isso a obrigou a ficar em sua companhia.

O Canho recolheu-se também; mas não pôde dormir. Toda a noite via debuxar-se diante dele o quadro vivo daquela tempestade sinistra. Rasgavam-se os relâmpagos; e do seio da luz celeste desprendiam-se duas centelhas que lhe traspassavam a alma e embebiam nela uma lava satânica. Eram os olhos de Catita.

Pela manhã dirigiu-se o gaúcho à casa de Neto, onde encontrou D. Juan Lavalleja, Verdum, Onofre, Crescêncio e outros republicanos orientais e rio-grandenses. O caudilho o incumbiu da comissão perigosa de reconhecer a posição e importância exata da força de Silva Tavares, comandante do Erval, bem como de espreitar seus movimentos.

Partiu o Canho como bombeiro. Assim chamam na campanha as vedetas destacadas que precedem os corpos militares, explorando o campo, e dando aviso da aproximação de qualquer partida suspeita. A etimologia dessa palavra, desconhecida na língua com semelhante significação, nenhum sábio por certo a aventará. No estilo pitoresco do gaúcho, o bombeiro é o peão que surge de repente, para não dizer que estoura como uma bomba, do meio da macega, e desaparece logo.

Nesse mesmo dia, soube Manuel na estrada do Erval que a força de Silva Tavares estava arranchada em uma estância à margem do Orqueta, nas vizinhanças do Serrito. Com efeito, seguindo as indicações e guiado por sua

perspicácia, verificou o gaúcho pela madrugada a exatidão da notícia. Restava porém saber quantos homens tinha o chefe legalista, e ver por seus olhos que gente era, para levar a Neto uma informação segura.

Aproximou-se da casa o mais que era possível sem denunciar-se; mas conheceu que perderia o tempo inutilmente, pois Silva Tavares, cuja finura e astúcia tinham fama na campanha, espalhara também seus bombeiros em todas as direções para prevenir um assalto.

Manuel conseguira iludir a vigilância de alguns dos bombeiros, empregando para esse fim todos os ardis imagináveis; mas corria o risco de ser descoberto a cada instante sem ter colhido os indícios necessários.

Logo que fechou a noite, ele voltou à restinga, e montado na Morena, aproximou-se sutilmente do rancho, onde conversavam os peões.

Mas então por que foi mesmo que você deixou as farroupilhas, Félix?

Ora, foi o diabo de uma rapariga, que depois de se divertir comigo, há mais de dois anos, começou a requebrar-se com um sujeito que apareceu de repente.

É costume delas!

Não admito; eu cá defendo as muchachas.

Pois defenda, que há de achar uma para lhe dizer na bochecha, como me disse a mim a Catita, que se eu matasse o namorado, primeiro matava a ela!

Que tal a pequena?

E como se chama o cujo?

Diz ele que é Manuel Canho; mas eu penso que é Manuel Cão; e senão vocês hão de ver como lhe deito a coleira vermelha; assim lhe ponha eu os luzios uma vez!

Então você escamou-se com medo.

Medo!

Não digo do sujeito, mas da rapariga.

O sujeito, desafiei-o; não quis brigar por nada. Então passei para os legalistas; quero ver se ele agora tem desculpa.

Nada mais importante ouviu o gaúcho nem sobre sua pessoa, nem a respeito da força e plano de Silva Tavares. Resolveu portanto apresentar-se francamente

na estância, como um viajante em trânsito.

Pela madrugada tirou os arreios do lugar onde os tinha escondido, e selou o Juca. Eram sete horas da manhã quando surgiu de repente no terreiro, sem que soubessem como ali aparecera.

Sua chegada, sem aviso prévio dos bombeiros, excitou logo as suspeitas de um homem baixo e gordo que se via pela janela de um quarto a embalar-se na rede. Erguendo-se com uma vivacidade e presteza admiráveis para sua corpulência, saltou na varanda, mas com o disfarce de chamar um peão. O rico pala indicava ser homem de posição. Manuel reconheceu o comandante, porém não pestanejou:

Que temos? disse o tenente-coronel, como se casualmente e só então visse o recém-chegado.

Nada; quero descansar, respondeu o gaúcho com a maior serenidade.

Donde vem o amigo?

Da capital.

Ah! Vem de Porto Alegre! Então viu a rusga. Conte-nos lá como foi isto.

Não tem que contar. Chegou o Bento com uns vinte farroupilhas de poncho amarelo; fez uma careta, e tudo começou a tremer.

E o amigo?

Eu, vou me chegando para casa.

Aonde?

Em Ponche-Verde.

Ah!… Mas você é um rapaz sacudido, e nós carecemos de gente.

Lá isso não! Também os outros precisam, e eu vim-me andando.

Manuel tinha-se apeado; mas conservava-se perto do Juca, pronto ao primeiro sinal.

Diga-me, passou por Piratinim?

Ontem por estas horas.

Que gente tem o Neto?

Há de andar por cinquenta.

Está bom; vá descansar. Olá,. Camaradas! acomodem aqui o amigo, gritou o oficial para um grupo de soldados e paisanos que se aproximava.

Ao ouvido perspicaz de Manuel aquele acomodem soou com timbre especial que o pôs alerta; e tinha razão, porque a gente espalhando-se pelo terreiro deitava-lhe cerco para evitar que escapasse. Nisto uma voz exclamou:

Agarrem que é o camarada de Bento Gonçalves.

Mas já o Canho estava na sela, e o impetuoso alazão arrancando, de um salto salvou o cerco, e disparou pelo campo fora. Dez ou doze balas acompanharam de perto o gaúcho, que as ouviu sibilar bem perto da cabeça. Então o intrépido rapaz voltou-se para cortejar de longe, agitando o chapéu no ar:

Já sei o que desejava, senhores, até mais ver.

Os bombeiros do rancho, ouvindo os tiros, saltaram na sela e puseram-se no encalço do fugitivo, que ao passar fronteiro à restinga soltou um grito vibrante:

Helô!…

Imediatamente a tropilha rompeu do mato e seguiu o cavaleiro que afastava-se com espantosa rapidez. O alazão não corria, voava, e com pouco desapareceu por detrás de uma coxilha.

Contrariado por ver escapar-lhe o inimigo, um dos peões, o que montava melhor animal, arremessou as bolas contra o resto da tropilha que ficara atrás não por serem maus corredores, mas por não poderem acompanhar a velocidade inaudita do alazão e da baia. Um dos animais caiu com os pés tolhidos pelas correias; mas, fazendo um esforço, conseguiu erguer-se. Passava nesse momento de corrida o Félix, que o lanceou nos ilhais, arremessando-o outra vez no chão.

Entretanto o fugitivo, depois de algumas horas vendo-se fora do inimigo, moderou a desfilada em que ia para dar fôlego aos animais.

Então, Morena, a coisa esteve quente? disse o cavaleiro sorrindo e passando a mão pelas clinas da baia, no momento em que ela emparelhava com o alazão. E o nosso Juca brilhou, hein? Foi a primeira vez que sentiu o cheiro da pólvora. Nós cá já conhecíamos o zunir das balas: é como um besouro!

Nisto Manuel vendo chegar o resto da tropilha e dando por falta do Morzelo, sentiu um aperto de coração. Sua vista ansiosa interrogou o Ruão, que soltou um rincho melancólico.

X

ÚLTIMO DEVER

Não era possível que Manuel abandonasse o Morzelo, seu amigo de infância, o confidente de suas mágoas, o companheiro fiel e dedicado de João Canho.

Nem de longe semelhante ideia perpassou em seu espírito. Morena e Juca eram sem dúvida os mais lindos e briosos corcéis, que jamais pisaram com a rija pata a verde grama dos pampas. Manuel os amava com entusiasmo e dedicação; mas ao velho amigo, votava ele amizade profunda, repassada de certo respeito, ou quase veneração.

O cansaço produzido pelo longo serviço; a rigidez dos músculos, ressequidos pela muita idade; o amortecimento do fogo e vigor de outrora, se diminuíam o valor físico do ginete, aumentavam a afeição de Canho. Ele tinha por estas debilidades do ancião uma piedade filial. Montado no Juca, ardente mancebo, ou na Morena, travessa rapariga, o gaúcho não escolhia caminho, nem rodeava uma cerca ou largo valado, que preferia salvar de um pulo. No Morzelo porém evitava todo o esforço que podia alquebrar as forças do velho; e poupava com solicitude os sobejos do antigo vigor, bem como os brios do veterano corcel, facilitando-lhes as gentilezas, para não humilhá-lo diante da baia e do alazão.

Esteve Manuel um instante perplexo, não porque nutrisse a menor dúvida sobre o que exigiam dele, em relação ao Morzelo, sua consciência e seu coração. Pensava como faria chegar a Neto o resultado da missão de que se incumbira.

A ponto justamente de seu desejo apareceram além três cavaleiros nos quais o gaúcho reconheceu à primeira vista o Chico Baeta, e mais dois parceiros do famoso pacau. Ao sinal de que lhes desejava falar, pararam eles à espera do gaúcho.

O Chico Baeta cortejou Canho friamente, como quem guardava dele profundo ressentimento. Não escapou ao gaúcho esta circunstância apesar da sua triste preocupação; mas tinha coisa mais séria a tratar do que as carrancas do amante da Missé.

Você vai para a vila? perguntou Manuel chamando-o de parte.

Conforme! respondeu o peão de mau modo.

É preciso que vá, e sem perda de tempo, tornou o Canho com autoridade. Diga a Neto… ouça! Diga que Silva Tavares está nas vizinhanças do Serrito, na

estância da encruzilhada do Orqueta com o Piratinim. Terá cem homens, metade soldados, o resto paisanada; mas a cada hora chega gente. Para atacar, o melhor é pelo passo da Maria Gomes; ganhar a estrada do Erval, e voltando cair sobre os sujeitos pelo fundo da estância. Mas o tenente-coronel é vivo como azougue, e está alerta. Adeus!

Curioso e interessado nos pormenores que o gaúcho lhe comunicava, esquecera Chico por momentos sua má-vontade, que tornou, passado o incidente, com a despedida de Manuel.

E por que não vai o senhor mesmo ganhar essas alvíssaras?

Tenho que fazer por cá.

Ora! Não há na vila quem o mereça?… disse o Baeta com um riso de mofa, em que se percebia travo de fundo pesar.

Canho interrogou com um olhar severo a fisionomia do peão.

Você tem alguma coisa comigo, Chico? É por causa do pacau? Bem viu que foi uma brincadeira: a rapariga lá a deixei naquela mesma noite.

Brincadeira, não! Dívida de jogo é dívida de honra. Eu não sou ladrão para tomar aquilo que perdi. O senhor ganhou a moça; ela é sua, lhe pertence. Senti cá dentro: mas não tinha que ficar zangado com o amigo, porque a sorte o favoreceu. Agora o que nunca pensei foi que se fizesse pouco caso da rapariga e a deixassem andar aí rolando pelas ruas como um trapo que o vento arrasta. A Missé não é nenhum peixe podre, Sr. Manuel Canho! Há aí alguma que lhe chegue aos pés, mesmo dessas mulheres de truz? Então quando ela se enfeita, mete a todas num chinelo! E para bailar o tatu? Que requebros, que denguices de minha alma! Ai, nem me falem!

O Chico Baeta enternecido mergulhou a cabeça pelo ombro para disfarçar o choro que lhe marejava do coração.

Uma rapariga como esta é para se tratar assim de resto, que nem rebotalho?… Quanta gente graúda não se daria por feliz de possuir um peixão daqueles? Sempre tão desejada e tão querida, quem nunca pensou que havia de nadar à toa pelas ruas, como matungo sem dono? Coitadinha, cortava o coração de a ver assim desprezada; quando me encontrava com ela, fazia tudo para a consolar: “Ele não te conhece, Missé; por isso… — Qual? me respondia; não o mereço.” E lá vão quase oito dias!

Mas, Chico!… atalhou Manuel atônito do que ouvia.

Não tem mas nem mês, Sr. Canho, retorquiu o peão formalizado. O senhor me afrontou duas vezes: a primeira vez me fazendo passar por um homem

namorado de uma mulher à-toa de que ninguém faz caso, assim um lorpa que apanha o cisco da rua. A segunda vez tratando de resto minha companheira que o senhor ganhou para sua namorada e não para sua escrava. É o que lhe digo; o senhor me insultou, e me há de dar satisfação.

Bem; eu lhe escutei calado; agora ouça. A Missé é a mais bonita moça que pode haver; naquela noite não sei com foi que nos perdemos, e você viu que no outro dia saí a toda pressa com a incumbência do Neto. Mas que ver, Chico, o preço que tem para mim sua namorada? Eu daria tudo para voltar agora mesmo à estância, e saber onde ficou um amigo que não trocaria por todas as raparigas do mundo. Quem sabe se o mataram?…

Que amigo é esse? perguntou o Chico.

Morzelo, o cavalo de meu pai. Se o tiverem morto, hei de vingá-lo! Mas Neto espera as notícias; quando eu voltar, será tarde sem dúvida. Por um homem seguro que vá a Piratinim já, sem tomar fôlego, embora arrebente, eu dou o que tenho de mais valor, dou a Missé. Quer ser esse homem, Chico?

Como?

Faço uma aposta. Se você chegar à vila ainda com dia, bateu nove; tira a desforra do pacau e ganha a rapariga. Mas você não é capaz!…

Sério!

Feche! exclamou Canho estendendo a mão.

Está fechada.

Mal soavam estas palavras, que já os dois cavalos arrancavam à rédea solta em direção oposta. Quando os peões devorando as lombas da várzea atingiam o dorso das fronteiras coxilhas e iam transmontar, voltaram-se para trocarem rápido aceno; dois gritos fenderam os ares.

Saudades à Missé!

Abraço no Morzelo!

Mesmo a correr, Manuel saltando para a garupa do animal, afrouxou os arreios que na rápida passagem pelo campo arremessou dentro da primeira moita, onde ficaram ocultos. Qualquer outro dificilmente acertaria depois com o lugar perdido no meio da vasta planície; mas para o gaúcho cada acidente da campanha era um traço, uma feição de sua fisionomia, e mesmo de relance gravava-se profundamente em sua memória.

Livre dos arreios, o intrépido peão lembrando-se que Juca já correra seis

horas, chamou a Morena, e de um salto se transportou para o outro animal, sem afrouxar a carreira em que ia.

De espaço em espaço deixava o Canho um dos animais da tropilha escondido nalguma sanga ou restinga. Agora só o acompanhava o alazão; mas não perto como de costume, e sim muito de longe, quase a perder de vista. Quando o gaúcho precisasse dele, bastava um sinal da baia.

Já durava algumas horas aquela corrida, quando surdiram longe alguns cavaleiros. Manuel tinha o maior empenho em não ser visto; sobretudo por aqueles homens que ele suspeitava serem os peões do rancho, ou pelo menos gente de Silva Tavares; era preciso deixá-los passar sem o pressentirem, para prosseguir em busca de Morzelo.

Ao avistar os cavaleiros não teve a menor surpresa nem hesitação. Desde muito que ele estava preparado para os encontros; prevenira qualquer situação em que se poderia achar: para cada uma inventara recurso, quando a posição não lhe oferecesse.

Assim, antes que os cavaleiros o descobrissem, pois de precaução ele corria deitado sobre o animal, já a baia estava mergulhada em um brejo coberto de tanchagens e aguapés, cujas folhas gigantes ocultavam a cabeça da égua e o corpo do homem.

Os peões não tardaram a passar.

O Félix está queimado! dizia a rir um dos cavaleiros.

Não abre a boca!

Pois se o cão raspou-se!

Manuel não ouviu mais do que estas palavras; porém não lhe escapou que o ferro da lança do rapaz estava ensanguentado de fresco.

Decorrida meia hora depois do primeiro encontro, Manuel descobriu não pela frente, mas à direita um troço de gente a cavalo. Era, sem dúvida, alguma partida pela qual o Silva Tavares mandara bater a campanha em roda da estância para evitar surpresas.

Desta vez a posição era crítica. Manuel estava em campo raso, onde não ser percebia touça de macega, ou moita de camboim, capaz de esconder um veado, quanto mais um homem e seu cavalo. O gaúcho porém não trepidou; já então montava ele o Juca. Não se imagina a rapidez incrível com que deixou-se escorregar ao longo de uma ondulação do terreno, sobre o qual o alazão deitou-se, cobrindo-o inteiramente com seu corpo. Entre o chão e o flanco do animal apoiado no cômoro de relva, havia um vão onde o gaúcho se estendera

comprimido pelo peso do quadrúpede; os interstícios que podiam denunciar o trajo, eram tapados pelos tufos de capim.

O troço de gente armada passou a duas braças do Juca, e não vendo mais que um animal deitado, como se encontra a cada instante na sombra, seguiram seu rumo, e sem a menor suspeita de que deixavam ali o inimigo.

Afinal avistou Canho além o rancho dos peões, e imediatamente distinguiu a meio caminho um vulto negro, que ele reconheceu. Era o corpo do Morzelo. Estaria vivo ou morto? O rincho triste e plangente da Morena, que assomara ao longe a sota-vento, era uma elegia de dor e saudade.

Quando Manuel chegou junto do corpo, tinha o coração túmido e os olhos cheios de lágrimas. Ainda vivia o velho corcel; mas estava moribundo. Lançar-se a ele; sondar-lhe a ferida; rasgar a camisa para estancar-lhe o sangue; foi o primeiro ímpeto do gaúcho. O cavalo fitou os olhos no dono, com uma expressão eloquente e expirou.

Ajoelhado junto ao cadáver, e abraçado com ele, Canho deu expansão à sua dor.

— Morreste, meu amigo; chegou tua hora. A nossa, a de teu companheiro de infância e de teus camaradas, talvez não esteja longe; talvez que vamos ter contigo muito breve! Mas eu sempre pensei que a ti, o bravo dos bravos, estava reservada a fortuna de morrer combatendo, e não pela mão traiçoeira de um malvado!... Morreste por dedicação; mas serás vingado, amigo! Eu juro sobre tua sepultura; e esses dois irmãos juram comigo.

O Juca e a Morena que gemiam sobre o corpo do companheiro, escavaram o chão com a pata, e dardejaram ao longe um olhar que parecia uma espadana de fogo.

Canho fez um esforço; tinha ainda um dever a cumprir para com o amigo: era o de dar-lhe sepultura, para que não fosse pasto dos abutres. Com o ferro da lança e as mãos abriu uma cova profunda na próxima capoeira; e arrastando o corpo de Morzelo o inumou nesse jazigo que ele consagrou com uma cruz, como se fosse o túmulo de um cristão. Para Manuel aquele era o símbolo do que há de santo na terra.

XI

DESÂNIMO

Fazia lusco-fusco.

Desenganados da caça que tinham dado ao bombeiro, voltavam os peões ao rancho, quando ouviram um estrépito medonho; e um turbilhão caiu sobre eles.

Era o Canho e sua tropilha à disparada; o homem soltara brados espantosos; os cavalos rinchavam com estranha ferocidade. Manuel os tinha habituado a combater; pareciam leões na peleja.

Os peões transidos, supondo-se atacados por força muito superior, dispersaram pelo campo fora. Um caiu ferido pela espada do gaúcho; ao outro alcançou o arremesso da lança; além o terceiro era colhido o laço enquanto o companheiro rolava com o animal esmagado pelas bolas. Se algum tentou levantar-se, os cavalos o acabaram a coices.

Dos dois peões que restavam, um escapara-se; o outro, Manuel o seguia de perto e arremessando-se como um tigre na garupa estringiu-lhe o corpo em um abraço. Era o Félix.

— Aqui estou! Não te querias encontrar comigo?

Isto dizia o gaúcho ao ouvido de Félix, metendo as chilenas no ventre do animal, e sem tirar os olhos do outro peão que adiante corria. Entretanto desprendendo o laço amarrava os braços do prisioneiro de modo a tolher-lhe os movimentos.

— Foste tu que lanceaste o Morzelo?

— Fui!

— E quem o boleou?... Responde, se não queres que os chimarrões te devorem vivo!

A ameaça era terrível.

— Aquele que lá vai, respondeu Félix.

— Ah! Então é preciso nos despedirmos; tenho pressa.

— Mata duma vez!

— Matar-te, a ti? Não; hás de viver, para namorar Catita ou alguma outra. sempre que ela olhar para ti, prometo que te lembrarás do bravo que assassinaste como um cobarde.

Ouviu-se então o ranger do ferro na carne e um terrível bramido. Saltando outra vez no Juca, Manuel abandonou Félix e continuou a perseguir o último dos peões; aquele que primeiro insultara e abatera o brioso corcel, atirando-lhe as bolas.

Durante a curta cena anterior o gaúcho não parara um instante: mas como então montava o cavalo de Félix, nenhum avanço tivera sobre o fugitivo. Agora, porém, de cada tranco do alazão, ganhava terreno. Contudo fora necessário que não lhe faltasse o espaço para alcançar o peão já muito distante. Era esse justamente o receio de Manuel observando a direção que levavam; a estância não podia ficar a muitas quadras; embora estivesse resolvido a seguir o matador do Morzelo até no seio do acampamento inimigo, quando chegasse, já o acharia refugiado dentro de casa e defendido pela força legalista.

Nisto luziram ao longe os fogos da estância; calculando a distância e a dianteira do peão, o gaúcho soltou um assovio.

— Morena!

Entre os dois animais era difícil distinguir o melhor corredor. Em grande distância o alazão vencia a mãe; mas no primeiro ímpeto a égua excedia ao próprio filho na velocidade. Por isso a chamava o gaúcho.

Poucos instantes depois o vulto esbelto da Morena perfilou-se com o alazão e Manuel passou rapidamente de um a outro animal.

— Upa!… Upa!…

A baia fendeu os ares como a asa negra do tufão; quando o peão surgia no clarão que derramava fogo pelo terreiro, os soldados atônitos viram precipitar-se um vulto negro, como uma águia em seu arremesso; e um corpo rolou aos seus pés.

Imediatamente correram às armas; soou a fuzilaria; e do turbilhão de fumo desenvolveu-se a sombra do gaúcho que fugia incólume entre uma chuva de balas. Já ele estava fora do alcance, quando recebeu nova descarga de um posto avançado, que o viu sumir-se ao longe nas trevas,

Manuel ouvira quatro tiros, e só duas balas tinham sibilado a seus ouvidos; uma se amortecera nas dobras de seu poncho batido pelo vento; mas a outra?

Morena devorava o espaço; nunca Manuel habituado à velocidade da égua sentira aquele ímpeto que lhe recordava a corrida vertiginosa da baia pelos

pampas à busca do filho recém-nascido. Depois de algum tempo julgando-se livre de perigo, quis moderar-lhe o impulso, mas ela desobedecendo-lhe pela primeira vez redobrou a rapidez.

Esta insistência fez-lhe supor que era perseguido; o faro e o instinto do animal excediam sua perspicácia. Nisto reparou na ausência do alazão; quanto aos outros animais, era natural que ainda estivessem descansando das fadigas daquele dia tão penoso nos lugares onde os deixara. Mas Juca? Por que não aparecia? Tivera acaso a mesma sorte do Morzelo?

Manuel chamou o alazão com o costumado sinal; um vento rijo impelia o somo na direção da corrida; e o silvo que soltara repercutiu-lhe longe, mas pela frente. Debruçando-se então, pruriu o focinho da baia para que ela chamasse o filho com o nitrido fremente que fendia os ares. A Morena ficou muda; e arremessando-se com um novo ímpeto perpassou nas trevas como a sombra fugitiva e silente do corvo arrebatado pela procela.

Ao cabo de algumas horas dessa corrida delirante, a petrina da baia começou a resfolegar com uma espécie de estertor. Um pressentimento cruel cerrou o coração do gaúcho, que de um salto arrojou-se no chão.

— Está ferida!

Quando os pés do gaúcho tocavam a terra, Morena que sustivera-se até aquele instante com supremo esforço, deixou-se cair exânime sobre a relva. A mão convulsa do gaúcho, tateando-lhe o corpo, sentiu a tépida umidade do sangue derramado pela anca do animal.

Faiscar lume, acender fogo com palha e gravetos, foi o primeiro movimento de Manuel. Ao brilho vivo da chama, a baia fez um esforço para erguer a cabeça, pondo no amigo os olhos amortecidos. Bem a compreendeu ele; o animal receava que o fogo desse aviso ao inimigo; mas naquele momento pouco importavam a Manuel os que o perseguiam; o verdadeiro, o terrível inimigo, era o golpe que ameaçava essa existência querida.

Prontamente examinara Manuel o ferimento e reconhecera sua gravidade. A bala penetrando de revés na anca se entranhara, mas não atravessou do lado oposto. Teria-se alojado e amortecido nas vísceras? Nesse caso o ferimento era mortal. Encontraria o osso da rodela e aí se alojara? Se assim fosse, não havia lesão essencial; mas o esforço inaudito que fizera o animal e a grande perda de sangue, o punham em risco eminente.

— Água!... murmurou o gaúcho.

Só então reparou que se achava à borda de uma capoeira nas cercanias de Piratinim. De um cordão da serra dos Tapes que passa junto à vila descem inúmeros arroios; Canho descobriu um à pequena distância: rasgando a própria

camisa, lavou a ferida e aplicou-lhe uma compressa para estancar o sangue.

De joelhos ao lado do corpo da Morena, com os olhos fitos na cabeça do lindo animal, o gaúcho engolfou-se numa cisma dolorosa e tão profunda que não percebeu um ligeiro rumor de folhas secas pisadas por um pé sutil.

— Assim devia ser!… balbuciaram seus lábios frouxos. Vivemos juntos, morreremos juntos, no mesmo dia. Morzelo, nosso velho amigo, foi o primeiro: deixou-nos esta manhã. Nós ficamos para vingá-lo; ele deve estar contente. Juca, a esta hora talvez já esteja com o padrinho; já terá conhecido o pai e o mano. A bala sem dúvida traspassou-lhe o coração, porque não soltou um gemido, não chamou nem por ti, nem por mim; foi mais feliz; não sofreu como tu, Morena!…

Um soluço abafou por momentos a voz do gaúcho.

— Foste tu quem te mataste, amiga, e para salvar-me! A bala em vez de atrasar a carreira, te deu asas; sentiste que me perseguiam, e voaste para me pôr fora do alcance do inimigo. E nem um gemido; nem um sinal por onde conhecesse que estavas ferida! Ah! se eu adivinhasse!… Para que fugirmos? Melhor era morrermos ambos combatendo, e vingando o nosso Juca! Eu só, não terei forças nem coragem! Que vale um homem meio morto; eu já morri no Morzelo, já morri no Juca; quando acabar de morrer em ti, que fico sendo? Uma cabeça sem corpo; uma mão sem braço! Então, melhor é dormirmos juntos no seio da terra.

Manuel correu os olhos em torno procurando um lugar onde abrir a cova que devia recebê-los a ambos. Uma faixa vermelha listrava o horizonte, anunciando a alvorada.

Neste momento o rumor tornando-se mais distinto excitou o reparo do gaúcho; mas com suprema indiferença pelo perigo, nem sequer volveu ele os olhos para perscrutar a causa. Que maior desgraça lhe podia sobrevir? Que mal ainda restava, de que valesse a pena guardar-se?

XII

A BALA

Raiava a manhã em Piratinim.

A rótula do oitão na casa de Fortunata abriu-se, e apareceu ali o gracioso rostinho de Catita, ainda amarrotado do sono.

Os lábios rubros começaram um bocejo que se desfez em um sorriso, enquanto as costas da mão esquerda encostada à fronte protegiam os olhos sonolentos contra a luz do dia. Tudo é gentil na mulher formosa; até esse desalinho do acordar.

A fresca brisa, que agitava os cabelos cacheados da menina em volta de sua cabeça, breve espancou-lhe as névoas do sono, e restituiu à tez a doce transparência da folha da rosa que se deslaça.

Ouvindo a voz da mãe, que a chamava, Catita se embuçou na mantilha e marrando em um lenço alguma roupa, correu ao quintal onde a esperava Maria dos Prazeres. Ambas desceram a encosta da colina, e seguiram em direção ao rio. O tempo estava quente para aqueles climas, e convidava ao banho.

Caminhando adiante com o pé ligeiro e o meneio airoso de seu andar, a rapariga devia enlear-se nalguma cisma; pois não se voltava para faceirar com a mãe, nem se abaixava para colher na relva estrelada de flores, as boninas de que tanto gostava. Em seus lábios risonhos esvoaçava um ligeiro descante, cuja letra mal se percebia:

Livre, ao relento,
Pobre, sem luxo,
N'asa do vento
Vive o gaúcho.

Dias antes a rapariga achara casualmente no fundo de sua memória o eco dessa toada; e desde então que a repetia, buscando o fio que a tecera à breve história de sua vida. Onde e quando a ouvira?

De repente desenhou-se em sua fantasia a cena passada três anos antes no alpendre da taberna em Jaguarão. No rapaz sentado a distância reconheceu o perfil de Manuel Canho, e compreendeu a estranha impressão que o gaúcho produziu nela já moça, quando o vira ultimamente.

Estas recordações volveram o espírito da menina às preocupações que o absorviam durante a semana. Ela sabia que Manuel partira como bombeiro para reconhecer a posição do inimigo; e pressentia quanto essa missão era perigosa. Voltaria dela o gaúcho? E voltando continuaria a mostrar-lhe o mesmo desdém?

Foi interrompida nestas cismas pela voz de Maria dos Prazeres.

— Não vamos muito longe, não, menina; podem os caramurus aparecer por aí de repente.

— Qual, mamãe! Eles são capazes?

— O seguro morreu de velho.

— Então agora que Neto já tem um poder de gente.

— Pois não disseram que ele saía com a tropa esta noite?

— Ficou para hoje.

— Que desgraças não vai haver com esta rusga, minha Virgem Santíssima!

apesar da insistência da mãe, Catita continuou a margear o rio até o sítio que oferecia melhor banheiro, pela completa solidão e espessura da folhagem que o recatava, assim como pela bacia espaçosa formada na curva da corrente.

Enquanto Maria dos Prazeres com sua costuma pachorra descansava sentada na relva à beira do rio, a rapariga caiu n'água como um passarinho que mergulha e se espaneja. Estava ela entregue ao inocente folguedo, nadando e fazendo passos de dança, quando pela abóbada de verdura que ensombrava o rio, se propagou o surdo tropel de um cavalo.

Nada mais natural naquela paragem; contudo a moça receando a aproximação de alguém, saiu apressadamente do banho. A mãe estava ainda de camisa, sentada no chão, a esfriar o corpo; de vez em quando riscava a flor d'água com a ponta do pé, que logo encolhia.

— Já acabaste?

— Já, mamãe.

— Está muito frio?

— Não senti!

— Uih!

Durante este curto diálogo, Catita escondida entre a folhagem, vestia-se ligeira,

acompanhando o tropel que se aproximava.

— Entre, mamãe!

— Já vou. Que pressas, gentes!

Nesse momento a ramagem farfalhou; um vulto passava. Catita cuidando reconhecer o cavalo de Manuel Canho, obedeceu ao primeiro impulso e o seguiu. Não se enganava; uma réstia de sol iluminou o pêlo aveludado do Juca.

— Que é, Catita? perguntou Maria dos Prazeres assustada.

— Creio que os caramurus aí vêm!

— Ai! meu São Brás!… Eu bem dizia!

A mulher de Lucas, metendo os pés na pachorra, sem importar-se com a transparência e frescura de seu trajo, nem com a sorte da filha, empurrou-se para a vila, onde chegou de uma batida, deitando os bofes pela boca. Tendo-lhe o mato arrancado metade da fralda, imagine-se em que estado chegaria a rechonchuda matrona. Felizmente era cedo e o quintal da casa de Fortunata se estendia até as abas do povoado.

Se Catita procurasse um meio para ficar só e livre de seguir seu impulso, não podia acertar melhor. Não foi porém a malícia que inspirou a lembrança, embora a aproveitasse. Reconhecendo o alazão, a rapariga acreditou que a chegada repentina do gaúcho significava a aproximação do inimigo; quando acudiu a reflexão, ela quis chamar a mãe e tranquilizá-la, observando que o perigo ainda estava longe, pois o Canho não se apressava em entrar na vila.

Mas sorriu e continuou a seguir o cavalo, o qual embora levasse um grande avanço, deixava na ramagem os traços de sua passagem e o caminho aberto. Ao cabo de alguns instantes ouviu a rapariga outro relincho, mas este era triste e soturno como um lamento. O alazão estava parado em um raleiro de mato.

Perto via-se, prostrado em uma cama alta de capim, o corpo da Morena; o sangue que lhe corria da ferida encharcava o chão. De instante a instante o generoso animal perdia o alento; já não tinha força de mover a cauda para afugentar as moscas e um reflexo baço e vítreo começava a cobrir-lhe a retina.

Ouvindo o gemido do alazão, os olhos da égua cintilaram, procurando o filho, mas logo amorteceram; a cabeça que só se erguera com um esforço tombou pesadamente, e súbito estertor percorreu-lhe o corpo.

Comovida profundamente com esta cena, Catita correu para o animal, e sentando-se no chão pôs-lhe no regaço a cabeça inerte que estreitou ao seio, cobrindo-a de carinhos e de lágrimas. Entretanto Juca lambia a ferida e o corpo

da baia, procurando com a baba cheia de seiva e vitalidade, estancar o sangue e restituir-lhe o calor aos membros entorpecidos.

De vez em quando a rapariga deitava o olhar em torno à procura de Canho; ela adivinhara sua presença recente no cuidado com que estava feita a cama da Morena, e no chapéu suspenso a um ramo seco de árvore. Naturalmente o gaúcho se afastara em busca de algum remédio.

Não se enganava.

Manuel reconhecera que não havia meio de estancar o sangue enquanto a bala estivesse alojada junto ao osso, impedindo a aderência das carnes e ligação dos vasos ofendidos. Tendo preparado a cama dentro do mato, e ajudado a baia a arrastar-se até ali, mal rompeu o dia partira para a vila com intenção de munir-se de um objeto qualquer que lhe servisse de tenta e de pinça.

Nesse momento Juca descobrindo um gozo que saíra do mato e farejava o sangue, o arremessou longe com a pata.

O cãozinho desapareceu.

XIII

OS CHIMARRÕES

Voltou Canho afinal com uma haste de ferro, arqueada na ponta à maneira de uma torquês: foi tudo quanto pôde obter de um ferreiro cuja especialidade era fazer pregos e arcos de barril. Quando entre uma fresta do mato, descobriu longe o grupo que formavam Morena, Catita e Juca, foi terrível a impressão.

— Morta? disse ele precipitando-se.

— Não! balbuciou Catita, mas tão timidamente que Manuel a compreendeu mais pelo gesto do que pela fala.

Os olhos do gaúcho encontrando os da rapariga, não se desviaram, como outrora. Quem eles viram não era mais a mulher bonita e sedutora, e sim um coração que entendia e partilhava sua dor; uma alma que naquele momento solene entrava na santa comunhão de suas afeições.

Ajoelhando em frente da moça, curvou-se quase sobre o seu regaço para observar a Morena; e com um gesto de angústia mostrou-se a lividez que se derramava pelo cristalino dos olhos do animal. Catita pressentira esse gesto, e duas lágrimas correram-lhe pela face.

— Enquanto a bala estiver dentro, o sangue não estanca e…

Um soluço abafou a voz do gaúcho, que preparou-se para tentar a operação. Só então abraçou o alazão, a quem na véspera julgara morto. O Juca estendeu o focinho para o horizonte, meneou a cabeça, olhou a mãe, e gesticulou. O que pretendia ele exprimir com isso? Manuel entendeu que o alazão perseguido correra toda a noite em sentido contrário, para fazer que o inimigo perdesse a pista da Morena.

Depois dos maiores esforços para extrair a bala, o Canho descoroçoado derrubara a cabeça aos peitos, ajoelhado ao lado do corpo da Morena, quando uma voz formidável reboou entre as árvores.

— Cá está o cujo.

Era o Lucas Fernandes, que rompendo o mato, se apresentou impávido ante os olhos da filha e do gaúcho. Lançando uma vista rápida à cena, própria para surpreender outro homem que não fosse o furriel, travou ele do braço do Canho.

— Há uma hora que andamos à sua procura, Manuel; aqui estão os amigos.

O Canho afastou-se para evitar que os estranhos penetrassem naquele sítio. À beira do mato encontrou Verdum, Ortis, Rolin e outros. Os orientais, sabendo da volta do bombeiro, tinham improvisado um ataque ao acampamento do Silva Tavares; Neto, de partida para Pelotas com o grossa da força, lhes cedera uns trinta peões e com esse punhado de gente pretendiam os caudilhos levar ao cabo a temerária empresa; sem o Canho porém sentiam que nada poderiam fazer.

Lucas aplaudira com entusiasmo o plano, e se incumbira de procurar Manuel que fora visto na vila ao romper da alvorada. Os caudilhos impacientes o tinham acompanhado em sua pesquisa.

Manuel ouviu três discursos, um de Ortis, outro de Verdum, e o último do furriel; cada um dos oradores expôs com veemência o plano de ataque e exaltou os resultados do esplêndido triunfo, que decidira da sorte da revolução, abatendo de uma vez o poder imperial.

— Em 1832 eram trinta e três; agora seremos trinta e sete, quatro de mais! exclamou Verdum, batendo no ombro do Canho. Que diz, amigo?

— Eu não posso! respondeu Manuel pausadamente.

Foi geral o espanto.

— Que é isso, homem?

— Acha que somos poucos!

Manuel encolheu os ombros.

— Os senhores são trinta e sete; ontem quando lá estive, eu era um só.

— Mas por que razão não quer você vir conosco, Manuel?

O gaúcho calou-se; o que ele sentia, os outros não poderiam compreendê-lo.

— Algum dos senhores abandonaria seu irmão e seu amigo quando ele está a expirar?

— Acima de tudo a pátria!

— Minha pátria é a campanha onde corre meu cavalo.

— Se fosse João Canho que me ouvisse neste momento, já ele estaria na sela.

A invocação do nome do pai abalou o coração do gaúcho, pois recordou-lhe a abnegação do antigo soldado quando se tratava de cumprir um dever. Nesse momento sentiu na mão o atrito de uns dedos sôfregos e a impressão de objeto

frio e pesado. Era uma bala. Catita com o tato admirável da mulher a extraíra da ferida, e viera mostrá-la timidamente a Manuel. Ali estava ela com os olhos baixos, trêmula, como se tivesse cometida uma falta.

O gaúcho cerrou-lhe a ponta dos dedos com força. A essa interrogação impetuosa respondeu o olhar ardente da rapariga.

— Sigam que eu já os alcanço.

Pronunciando estas palavras rapidamente, o gaúcho arredou com um gesto os companheiros, e correu ao lugar onde estava a Morena. O sangue estancara; e o animal babujava, ainda sem força para mastigar um molho de tenra grama.

A esperança iluminou o torvo semblante do gaúcho. Com um movimento convulso apertou ele ao seio o corpo trêmulo de Catita, e saltando no Juca desapareceu.

Teriam decorrido duas horas depois da partida de Manuel, quando o mesmo cãozinho que o alazão afugentara apareceu na orla do mato, e soltou um latido, a que respondeu perto um surdo regougo.

Catita estremeceu, vendo que estava cercada por uma matilha de cães chimarrões. Esses animais, criados nas charqueadas, às vezes se multiplicam prodigiosamente, e vagam em bandos pelos campos, como lobos carniceiros; naquela época andavam eles famintos, porque a revolução fizera abandonar a carneação das reses.

Compreendeu a moça o perigo da Morena e o seu próprio se não desamparasse o animal ferido à voracidade dos cães. Os molossos farejavam o sangue arregaçando as belfas e escancarando as fauces erriçadas de longos dentes acicalados. Longe ressoou o latido furioso de outra matilha que se aproximava.

Nem um momento a ideia de abandonar a Morena para salvar-se, passou pelo espírito da corajosa moça. Ajoelhando-se ao lado da baia, cingiu-a com seus braços, e encomendou a alma a Deus.

Nesse momento supremo, ante a morte horrível que a ameaçava, ela sentiu um grande consolo, lembrando-se que morria por Manuel.

XIV

VISÃO

Alcançando Verdum, Manuel embora disposto a partilhar a sorte do combate, declarou ao coronel que o ataque naquelas circunstâncias, com tão pouca gente, era uma imprudência; porque o inimigo estava alerta e não se deixaria surpreender.

O oriental insistiu; o resultado foi uma carnificina que ele pagou com a vida. Era a primeira derrota da revolução, a que devia seguir-se em poucos dias a do capitão Porciúncula no Arroio Grande.

Manuel e Juca bateram-se como leões e vingaram a Morena de uma maneira terrível. Quando passavam no meio de um turbilhão por entre os inimigos, dir-se-ia o gênio do extermínio cavalgando um corcel de asas de fogo.

Vem do que de seus companheiros já não restavam no campo senão cadáveres, o gaúcho como um tigre saciado da carnificina, escapou-se. Perseguido de longe pelo inimigo avistou ele adiante o furriel, cuja cavalgadura estropiada galopava sobre três pés.

Passar, suspender Lucas nos ares e encaixá-lo no lombo do Ruão, foi coisa de relance. O miliciano ainda supunha-se espetado na ponta da lança inimiga, que já corria à desfilada, tangido pelo gaúcho.

Era alta noite, quando avistaram as torres de Piratinim. Manuel dirigiu-se ao raleiro onde havia deixado Catita e Morena; a escuridão não permitia distinguir os objetos; mas ele reconheceu logo que o sítio estava deserto e fora recentemente o teatro de uma luta; havia ali um tépido odor de sangue. Com o coração estringido por um terrível pressentimento, faiscou lume do fuzil e acendeu um molho de capim seco.

— Cães! murmurou Manuel transido.

Que horrível espetáculo! No meio do chão revolto viam-se grandes charcos de sangue; e ossos ainda mal despojados da carne, esparsos aqui e ali pela orla do mato. Em um desses acervos de detritos animais, descobriu Canho um pano que ergueu com a ponta da faca e aproximou do fogo.

— Conhece? disse ele para Lucas pasmo ante esta cena.

A voz de Canho pronunciando aquela palavra tinha um acento medonho. Um

calafrio percorreu o corpo do alferes, cujo espírito parecia recuar espavorido ante a ideia que assomava. Seu olhar esbugalhado era uma ânsia e uma interrogação.

— É da saia de sua filha!

— Catita!

O nome da filha envolto em um gemido dilacerante, eis tudo quanto se exalou dessa alma selada pela estupidez da dor.

— Foi o senhor quem matou-as, a ambas, arrancando-me daqui. Agora havemos nós de ficar também; os cães naturalmente voltam.

Um estranho riso, que repercutiu na treva como o crocito da coruja, acompanhou estas palavras. O furriel era sem dúvida um homem destemido; mas aquele riso penetrou no seu cérebro como a lâmina de um estoque; súbita alucinação mostrou-lhe o quadro espantoso dos cães famintos esgarçando-lhe em lanhos as carnes palpitantes.

Assombrado, Lucas fugiu.

Manuel, porém, o perseguiu escarniçadamente, e conseguiu afinal agarrá-lo.

Como ia voltar com ele ao sítio donde saíra, encontrou em caminho um troço de dez cavaleiros.

— Quem vai lá?

— Passe seu caminho.

— Manuel!… Escute!

— Quem é?

— Não conhece mais o Chico Baeta? E os outros?

— Lá ficaram.

— Todos?

— Menos os dois que vê. Antes lá ficassem também.

— Até Verdum?

— Foi dos primeiros.

— A coisa vai mal. Agora mesmo chegou este camarada com uma notícia. O

Marques sabendo que Bento Gonçalves já estava em Camacã para reunir-se a Neto, mandou uma partida…

— Contra o coronel?

— Sim, para prendê-lo ou matá-lo, que é o mais certo.

Manuel não quis ouvir o resto; assobiou para chamar a tropilha; e saltando no lombo do primeiro cavalo que se aproximou partiu com o Chico e os outros peões, para baterem campo até Camacã, e derrotarem qualquer emboscada, ou morrerem defendendo Bento Gonçalves.

A notícia não era muito exata; o major Marques, o atual visconde de Porto Alegre, comtemporizava diante das forças de Porciúncula, esperando a junção com Silva Tavares, para atacar o chefe rebelde e derrotá-lo, como sucedeu em princípio de outubro.

Quanto a Bento Gonçalves, Manuel o encontrou dias depois na margem do Camacã além do passo do Mendonça. O coronel reunia alguma força para marchar sobre Pelotas, quando soube que Neto havia derrotado Silva Tavares no passo do Retiro.

Manuel, outra vez bombeiro, foi incumbido pelo coronel de espiar os movimentos da força do major Marques, o qual podia ameaçar Piratinim, e dirigir-se à capital desde que achasse o caminho desimpedido.

Eram oito horas do dia.

Oculto na coroa de mato, que cingia a crista de uma pequena coxilha a cerca de duas léguas de Piratinim, o Canho espreitava a campanha, especialmente um ponto distante, à margem do rio. Ali arranchara uma partida de exploradores destacados da força do major Marques.

Manuel a observava desde a véspera e suspeitava que achando a vila desprevenida, tentasse uma surpresa; por isso a precedia obra de uma légua, pronto a dar aviso aos rebeldes, no caso de ataque.

Com os olhos fitos no alvo, e o corpo debruçado sobre o pescoço de Juca, Manuel absorvia-se no pego de recordações dolorosas em que se debatia sua alma desde a noite terrível do combate. Nas trevas de seu espírito ressurgia, tocado pela doce luz da esperança, o quadro que ele vira partindo: Catita a velar com terna solicitude pela Morena, sua irmã na beleza e na dedicação. Súbito aqueles dois vultos queridos sumiam-se num turbilhão espesso; e o painel suave não era mais do que um charco de sangue coalhado de ossos.

A alma do gaúcho se embotara; nem para a vingança tinha mais as energias de outrora. Vingar-se de quem, de um vil animal faminto, que saciara a rafa? Nessa

existência fulminada só palpitava ainda uma fibra: a do dever, ou antes, da lealdade. Dedicara-se a uma causa: não podia repudiá-la.

No meio destas cogitações, o pêlo do alazão que Manuel cobrira de uma crosta de lama para disfarçá-lo, hispou-se com um ligeiro arrepio, e a ponta das orelhas afiladas canutaram-se com excessiva rijeza, o que denotava extrema atenção. Despertado por estes sinais, e vendo o largo peito do corcel que sublevava-se num amplo resfôlego, Manuel lançando rapidamente a mão às narinas do cavalo, pôde recalcar a tempo o possante nitro que se desatava já.

Devia ser bem poderosa a causa, que assim perturbava o inteligente corcel, fazendo-o esquecer sua prudência e calma inalterável em face do inimigo. O gaúcho embebeu o olhar na pupila cintilante do cavalo e pela primeira vez não o compreendeu. Entretanto nos ares passava uma repercussão quase imperceptível, como o zumbir de uma vespa.

Os exploradores ao longe arreavam os animais para partir. Manuel voltando às suas lucubrações, observava maquinalmente o que ali passava, mas através da visão horrível que não o abandonava; ele via tudo por entre aquele prisma negro.

Outra vez o quadro suave da despedida assomou a seus olhos; mas a pouco e pouco as imagens se debuxaram com mais vigor; os vultos animavam-se e viviam. A Morena se erguera espasmando os flancos; o talhe esbelto de Catita ondulava-lhe sobre o dorso, ufano deste troféu. A moça e a baia não formavam mais do que uma só existência e uma só pessoa. Era o tipo da beleza esplêndida da campanha; a rainha dos pampas; a gazela do deserto, a amante do centauro americano; a gaúcha enfim.

— Manuel!

Quando esta palavra suspirou entre as folhas, como um arpejo da brisa, Canho levou rapidamente as mãos ao rosto para espancar a alucinação dos sentidos.

Mas era realidade e não sonho a suave aparição. Catita assomava entre a ramagem, por onde perpassou ligeiro o vulto da Morena. foram seus lábios que murmuraram o nome dele; foram seus olhos que cintilaram na espessura.

— Viva! balbuciou o gaúcho.

É ocasião de referir a cena que se passou depois do assalto dos chimarrões.

Resignada a morrer, Catita ficara debruçada sobre o corpo da Morena. um dos molossos primeiro arrojou-se, e abocanhando-lhe a saia arrancou uma tira. Com o grito da moça, a égua despertou; e vibrando o casco, esborrachou o focinho do cão.

O curativo da ferida e a nutrição que recebera tinham restituído à baia algum

vigor; e fazendo um esforço pôde erguer-se sobre as três patas, e preparou-se para defender valentemente a vida da amiga que velara sobre ela com tanta solicitude.

Nesse momento os latidos que a moça ouvira em distância aproximaram-se; e um turbilhão passou ante seus olhos. Era uma rês com sua cria assaltada por outra matilha de cães. o animal já ensanguentado, às vezes voltava a face ao inimigo para defender o filho; mas acossado fugia após o bezerro.

Os molossos que haviam atacado Catita seguiram os outros e desapareceram com eles. Aproveitando o respiro, a moça rompeu com a égua por dentro do mato, e afastou-se o mais que pôde daquele sítio funesto. Morena a acompanhava a custo; de vez em quando cedia à fraqueza; mas afinal chegaram à vila.

Entanto a rês exausta da fadiga, depois de muitas voltas pelo campo fora, veio cair com o filho no mesmo lugar onde estivera a égua, pensando achar ali um refúgio. A matilha famulenta devorou-os ainda vivos: o banquete durara até a noite, poucas horas antes da chegada do Canho.

Já então Catita tinha abrigado no quintal da casa a baia, que seus desvelos breve restabeleceram. Depois de alguns dias, a moça pela manhã, quando ia ao banho, montava mesmo em pêlo na Morena, que gineteava com ela pelo caminho, juntas brincavam nadando no rio, e folgavam escaramuçando pelo campo.

Pareciam duas amigas de infância, a fazer travessuras de criança.

Nesse dia a baia despediu como uma flecha pelo campo afora; quando a moça a quis reter, ela soltou um nitrido vibrante e redobrou a corrida. O coração de Catita palpitou em doce alvoroço; pressentira a aproximação de Manuel.

Não se enganara; ao cabo de meia hora, a baia resvalou sutilmente pela coroa de mato, onde estava oculto o bombeiro: foi então que a moça murmurou o nome do Canho, a quem seus olhos agora distinguiam entre a folhagem.

Ei-los em face. Morena acariciou o senhor, e abraçou o filho com o pescoço. Manuel olhava Catita; e a moça embebia-se nesse olhar. Todo o tempo que a alma dele tinha deixado de beber essa imagem querida; todo o tempo que a paixão dela se tinha guardado, como o perfume de uma flor agreste, para influir-se no coração do amante; todo esse longo passado, não vivido, resumiu-se naquele olhar.

Entretanto os exploradores, que tinham visto a baia passar ao longe e sumir-se na coroa do mato, botaram os cavalos nessa direção, e suspeitando alguma emboscada, deram uma descarga para desmascarar o inimigo.

As balas que sibilavam por cima de suas cabeças, não arrancaram os dois amantes ao enlevo da paixão. Suas mãos se tocaram: Catita reclinou a frente enrubescida; e Manuel colheu a flor dos seus lábios mimosos que soluçaram num beijo.

O tropel que reboou perto arrancou o gaúcho àquele êxtase inefável. Impelindo a Morena com um gesto, acompanhou de longe com os olhos o vulto da moça que afastava-se rápida e sutil por entre a folhagem; depois arremeteu contra o inimigo.

Quem já observou os ziguezagues de um raio que listra o horizonte, pode fazer uma ideia do que foi a corrida do gaúcho pelo campo, através dos muitos inimigos que o atacavam. Passou entre eles como a centelha elétrica, deixando um rastro sinistro; e apagou-se de repente, submergindo-se no seio da terra.

Metidos, ele e Juca, em tremedal profundo, zombaram durante muitas horas das pesquisas dos exploradores.

LIVRO Q UARTO

UPA!

I

A TIRANA

Que bela noite de luar jaspeia os cerros de Piratinim!

Há uma festa na vila. O regozijo das primeiras vitórias da revolução associa-se ao prazer da novena. Lá no adro da matriz passeiam os bandos de moças e rapazes por baixo das arcadas e palmeiras iluminadas com lanternas de papel de várias cores.

Próximo ao coreto, no terreiro cingido por festões e colunas enramadas com folhas de canela, dançavam a tirana que é o lundu gaúcho. As violas trinavam no meio do coro formado pelas risadas, pelos ditos joviais, e pelo rosetear das chilenas.

Catita, de pouco chegada, acompanhava com vivo interesse as evoluções graciosas do par, que sapateava no meio do terreiro. Amiúde seu corpinho gentil arfava com a súbita expansão do passarinho que abre as asas para voar; o pezinho buliçoso e sôfrego calcava o chão com ímpeto, como se o quisesse repelir.

Ao lado da moça estava um mancebo elegante vestido a primor: tinha jaqueta curta de veludo azul com botões de prata; a calça larga da mesma fazenda rematava em franja de renda branca, pouco abaixo do joelho; o xale de touquim amarelo que servia de faixa, apertava à cintura um punhal com cabo de nácar e uma pistola de coronha tauxiada a ouro. Sobre as preguilhas de cambraia do peito da camisa, caíam as pontas do lenço de garça escarlate, que ele trazia como gravata. As botas acamurçadas de couro de terneiro, copavam-se de modo a mostrar a perna bem torneada que debuxava a meia de seda cor de castanha.

Esse casquilho era o nosso conhecido D. Romero, cujo semblante gentil e talhe garboso davam mais realce ao lindo traje. Atirando o pala e o bolívar em cima de um banco, o mancebo dirigiu galanteios à Catita, convidando-a à dança.

Enlevada com os elogios que fazia o mancebo à sua beleza, a moça pagava-lhe em ternos sorrisos; mas recusava o convite, apesar da tentação da viola. Afinal tanto insistiu o chileno que ela rendeu-se.

— Pois sim! murmurou a medo.

Catita não queria tomar parte da função por causa da ausência de Manuel; porém não pôde mais resistir. Há na natureza humana dessas excentricidades; o

coração que nas grandes lutas atinge ao heroísmo, é de uma tibieza incrível nas pequenas contrariedades.

Essa moça, que já uma vez arrostara a morte por causa de Manuel; que em um acesso de ciúme não recuara ante o maior sacrifício; que, para receber o primeiro beijo de seu amado, atravessara sorrindo por entre uma chuva de balas, seria capaz ainda em um assomo da paixão de repetir qualquer daqueles atos de intrepidez e abnegação, porém não tinha forças para cerrar os ouvidos aos dengues de um casquilho, nem para esquivar-se ao delírio do bailado voluptuoso.

O que é a vaidade na mulher, senão essa mesma vertigem que alucina o homem sob o nome de glória? Sede insaciável de luz, embriaguez de admiração, na qual muitas vezes afogam-se a honra e a virtude.

D. Romero saltara no terreiro, e bailava com a graça e a bizarria andaluza. Ninguém sapateava com mais garridice, fazendo retinir as rosetas das chilenas ao ritornelo cadente do fandango.

— Assim, roseteiro! diziam os rapazes com entusiasmo.

— Por vida que a Catita fica pelo beiço.

— Que esperança! E Canho?

— Leva carona!

O chileno tinha chegado a Piratinim quinze dias antes, e era novidade da terra. À tarde, quando ele saía a gauchar no seu lindo cavalo castanho não havia moça que não entreabrisse a rótula para deitar-lhe olhadelas matadoras. D. Romero, embora apreciasse e retribuísse essas demonstrações, assestara seus fogos sobre a filha do Lucas.

Depois de algumas voltas, o chileno atirou o desafio a Catita em um passo novo e floreado que todos lhe invejaram.

— Como arrasta a asa o peralta!

— Mas não pilha!

— Pois eu aposto.

Catita havia recusado o desafio de todos os rapazes da roda; e sabia-se o motivo, que era a ausência de Manuel. Agora estavam ansiosos por ver o que ela fazia. Uns apostavam pelo Canho, outro por D. Romero.

— Então!

Essa exclamação partiu dos últimos, vendo o talhe feiticeiro da menina colear-se, como o pescoço de um cisne.

Mas o frêmito de um corcel fendera os ares, atravessando por esse rumor festivo como lâmina buída que traspassasse um coração em júbilo. Um raio de lividez perpassou no semblante da moça, que retraiu-se por um supremo esforço. Para disfarçar o movimento e responder à atenção geral, travou da guitarra, que a seu lado acabava de afinar um cantor de modinhas.

Depois de alguns prelúdios, soltou Catita esse descante:

Entre tantos que me querem
A nenhum posso querer:
Sorte que todos preferem
Só um soube merecer.
Ai! ai! não vejo meu bem.
Já tarda, por que não vem?:

Repetia ela segunda vez o estribilho, quando abriu-se a roda, e um vulto, arrebatando a viola das mãos do tocador, saltou da sela no terreiro. Era Canho.

Não tarda, faceira, não
Tu chamaste; ele chegou;
Arreava o alazão
Quando a viola chiou.
Ta-ri, ta-la-ri, tá-tá.
Teu bem, caramba, aqui está.

Manuel já não era o mesmo homem. O amor tinha domado o rei do deserto, o centauro dos pampas: e o atirava de rojo aos pés de uma mulher. Ele dançava com bastante graça, fazendo ruflar as chilenas; e ninguém improvisava melhor no desafio. Entretanto quem o conhecesse passava por uma estranha surpresa, vendo aquele caráter indômito e rígido tão fora de sua natureza. O gavião real, arrulhando como a juriti, não produziria igual impressão.

Por sua vez Catita lançou-se de uma pirueta no torvelinho, com a veemência de um desejo por muito tempo sofreado. Não se imagina a rapidez das evoluções, a flexibilidade dos requebros, e a sutileza do passo, que meneavam esse corpinho gentil nas ondulações voluptuosas da dança gaúcha.

Quem disse, que eu lhe chamei,
Enganou-o, meu senhor;
Se meu coração já dei,
Não sou cigana de amor.
Ai! ai! não vejo meu bem;
Já tarda, por que não vem?

O desafio continuou por algum tempo entre Manuel e Catita:

Ai, vida que me maltratas
Com este fino bailar;
Por que logo não me matas
Se tu me queres matar.
Ta-ri, ta-la-ri, tá-tá.
Teu bem, menina, aqui está.

Já se queixa que o maltrato;
Quem foi que me fez assim?
Todo o homem que é ingrato
Não se chegue para mim.
Ai! ai! não vejo meu bem.
Se ele tarda, é que não vem!

Machuca este coração,
Machuca, bem machucado,
Que tu não bailas no chão,
Mas neste peito chorado.
Ta-ri, ta-la-ri, tá-tá.
Teu bem, menina, aqui está.

Coração de meu benzinho,
Não havia machucá-lo;
Que lhe fiz aqui seu ninho
No meu peito pra guardá-lo.
Ai! ai! não vejo meu bem
Tarda tanto; é que não vem.

Requebra, vidinha, assim,
Requebra-me esse corpinho,
Não tenhas pena de mim,
Que estou feito um cavaquinho.
Ta-ri, ta-la-ri, tá-tá.
Teu bem, menina, aqui está.

O cavaco é boa isca,
Chegando ao fogo se inflama;
Mas se meu peito faísca,
Não há quem lhe sopre a chama.

Ai! ai!, que perdi meu bem;

Não espero mais ninguém.

Tirana, meu bem, tirana,

Tirana de meu amor;
Por que assim você me engana
A fingir este rigor.

Ta-ri, ta-la-ri, tá-tá.

Já me vou, não torno cá.

Quem me dera, ser tirana,
Pois havia ser querida;
Nem daria a quem me engana,
Tanto amor e minha vida!
Ai, não fuja, não, meu bem,
Que me mata esse desdém!

O último verso de Catita foi um rasgo admirável da tática feminina.

Reparando que D. Romero de arrufado se afastava, a faceira improvisou aquele estribilho, que respondia a Manuel, e ao mesmo tempo consolava o chileno, a quem ela o enviou em um olhar provocador.

Quando Manuel cheio de prazer voltava à roda, depois da dança, avistou pela primeira vez o chileno, que nesse momento falava a Catita.

O coração do gaúcho confrangeu-se. A vista de uma serpente, elando-se ao corpo de sua amada e cingindo-lhe o colo, não produziria nele a angústia que sentiu.

Alguém, batendo-lhe no ombro, suspendeu talvez seu primeiro ímpeto.

Deste pancas na tirana. Gostei!

Era o Chico Baeta que trazia de braço a Missé. A rapariga saudou o gaúcho com um sorriso malicioso, lançando um olhar para o lado de Catita.

Então? Vens tomar uma guampa?

— Obrigado, respondeu Canho afastando-se.

II

SEÑORITA

Terminara a festa.

Manuel, encostado à ombreira da porta de Fortunata, estava olhando o azul do céu aljofrado pelo esplêndido luar.

A rótula abriu-se.

— Que me quer você, Manuel? disse uma voz suave.

— Dizer-lhe adeus, Catita. Vou a Buenos Aires! Já estou de partida.

— Que viagem é essa agora? exclamou a moça com voz trêmula. E para tão longe?

— O coronel mandou.

Catita sabia o poder que Bento Gonçalves exercia sobre o gaúcho.

— Quando se quer bem...

— Acabe, Catita.

— Não; para quê?

Manuel travou da mão da moça e falou-lhe com um tom rápido, apontando para o canto da rua onde se percebiam vultos de animais.

Ali está Juca e Morena. Vem, deixemos o mundo; o pampa será nossa pátria; ele é imenso; nós o encheremos com o nosso amor. Lá seremos nós dois unicamente; ninguém poderá separar-nos. Vem!

— Não, murmurou a menina assustada daquelas palavras e do tom em que eram proferidas. Tenho minha mãe.

— Ah! Então bem vê que devo partir. O coronel conta comigo.

— Mas volte depressa, eu lhe peço!

— E é preciso pedir-me, Catita?

A conversa prolongou-se; os dois amantes retardavam a hora da partida repetindo os protestos e as juras de seu afeto. Afinal chegou o instante da separação.

Adeus, Catita. Lembra-te que hoje só tenho a ti no mundo. Minha vida é teu amor; tu podes matar-me com uma palavra, com um olhar, como aquele que esta noite vi em teus olhos...

— Manuel!

— Aquele homem... disse Canho com a voz surda. Desde o primeiro instante em que o avistei, tive um pressentimento de que hei de matá-lo; e nunca ofendeu-me.

— Que me importa ele? Vai descansado, Manuel; tu levas minha alma, porque eu só vivo para ti. Lembra-te que eu já te amava com paixão, quando tu nem sequer me olhavas!

Um beijo selou estas últimas palavras; e Manuel arrancou-se dos lindos braços que lhe cingiam ternamente as espáduas.

Quando ele afastava-se, viu à claridade da lua um vulto que o fitava com um só olho, pois o outro, bem como grande parte do rosto, estava coberto de parches. Essa pupila única chamejando no meio daquela máscara tinha um aspecto sinistro.

Canho reconheceu Félix; e apoderou-se dele um sentimento de compaixão por aquele infeliz. Podia ser morto o inimigo, depois que o vencera em combate; mas desonrá-lo marcando-lhe a fronte com o estigma de seu ódio, não devia.

Foi com um aperto de coração que Manuel deixou Piratinim. Ainda o galope de seu cavalo reboava ao longe; Félix que o vira partir apalpou na cinta o cabo de uma navalha que trazia, e sorrateiramente foi se aproximando da rótula onde Catita se conservava absorta na saudade de tão repentina separação.

Como voltara Félix a Piratinim, depois do que era passado?

O mesmo ódio que o levara ao campo dos legalistas, o trazia de novo para os rebeldes. Desde que não se tratava de ensinar os castelhanos, pouco se importava que vencessem os caramurus ou os farroupilhas; contanto que ele se vingasse do homem a quem detestava.

Deixado por Canho no meio do campo, com um golpe que lhe fendera o rosto transversalmente, vazando o olho esquerdo e rasgando os lábios, o rapaz conseguira transportar-se a um rancho próximo, habitado por um peão com a mulher e os filhos. Aí ficou alguns dias curando-se.

Félix sabia que tinha de ficar horrivelmente desfigurado com o gilvaz. Nunca mais Catita o poderia amar, nem mesmo vê-lo sem repugnância. Que valia a vida para ele? Estava pronto a dá-la toda pela vingança: já não tinha neste mundo outra esperança, outro fim, outro destino.

Qual seria porém essa vingança? Queria uma, estupenda, medonha, feroz como nunca houvesse antes dele. Foi no delírio da febre de sangue, quando o cérebro fervia-lhe como o chumbo na retorta, que se gerou o horrendo aborto, jamais concebido pelo rancor, em uma imaginação alucinada.

Manuel amava Catita, embora negasse. Não tinha ele, Félix, em seu rosto a marca indelével desse amor cruel? Pois bem; quando o namorado estivesse de todo rendido pela moça; quando pusesse sua ventura em olhar para aquele rosto feiticeiro, então se levantaria a mão implacável da vingança, e...

— Eu farei dela, o que ele fez de mim; uma caveira viva! murmurou o enfermo estorcendo-se no delírio da febre. Catita ficará horrível. E eu matarei assim de fome a alma do cão, como ele matou-me a esperança de minha vida! Quem poderá amar a fúria? Só eu; como só ela me poderá amar!

O sonho dessa monstruosa paixão entre dois monstros brilhou nas alucinações do enfermo como o laivo sinistro de um relâmpago no meio do vermelho clarão de um incêndio.

O sobrinho de Lucas tendo chegado à vila na véspera, inventou facilmente um motivo para explicar sua presença no acampamento de Silva Tavares. Encontrando-se com alguns bombeiros inimigos, os acompanhara para obter esclarecimentos, que deviam servir de muito a Bento Gonçalves e Neto. Depois de alguns dias, desconfiados, os companheiros quiseram matá-lo, e ele batendo-se com valentia conseguira escapar-se.

— Mas ficaste ferido? perguntou o furriel.

— E logo no rosto! disse Catita com sincera compaixão.

— Isto foi depois! respondeu o rapaz secamente.

— Conte! insistiu a moça.

Félix cravou nela a solitária pupila, com uma expressão cruel.

— Eu lhe contarei um dia!

Missé que estava presente surpreendeu esse olhar torvo, e sentiu a repercussão do que passava na alma do peão.

Desde a noite do pacau, a existência livre e descuidada da rapariga sofrera

uma alteração profunda. Não fora porém o fato de ter o Chico feito dela uma parada de jogo, que produzira o abalo; longe de a ofender, aquela ação a enobrecera; sentia orgulho em sacrificar-se por seu amante, e prazer vendo a confiança absoluta com que seu homem dispunha dela, como de uma coisa inteiramente sua.

O que a humilhou cruelmente foi o desdém de Canho; depois de a ter ganho em uma partida tão disputada, deixou-a como uma coisa à-toa, que não valesse a pena abaixar-se para apanhar do chão. De que lhe servia ser bonita e sedutora, se um homem se julgava com o direito de escarnecê-la?

Este despeito seria passageiro talvez se não sobreviesse uma circunstância para avivá-lo a cada hora. Missé observou nas maneiras do Chico sensível mudança; as ardentes efusões e as repetidas carícias de outrora iam amortecendo. A causa desse resfriamento, a rapariga o pressentira logo: era o desdém de Canho, que influía indiretamente sobre o peão.

Quem não conhece os efeitos desse contágio moral, sobretudo quando uma organização elevada domina as individualidades inferiores? Chico, depois da indiferença do gaúcho, começou a achar sua amantes menos formosa, e a subtrair-se à fascinação que a rapariga tinha exercido sobre ele. Cada manifestação desse arrefecimento era um espinho que traspassava o coração de Missé.

Desde então gerou-se na alma da rapariga um desejo veemente e irresistível de ser querida pelo Canho, ao menos um dia, uma hora, quanto bastasse para aplacar sua vaidade ofendida. O amor de Manuel por Catita causava-lhe ciúme implacável.

Nestas condições a Missé devia compreender o olhar de Félix; havia uma afinidade entre as paixões que tumultuavam no seio de ambos.

Tal era a disposição de ânimo em que Félix espreitava da rua deserta o vulto da filha do Lucas, reclinada na janela, com a fronte pensativa apoiada na rótula. Um raio da lua, passando pela aberta do telhado fronteiro, esbateu contra a parede; e o lindo semblante da menina desenhou-se naquele limbo de luz com enlevadora suavidade.

O peão que cerrava com a mão convulsa o cabo da navalha, preparando o salto, ficou imóvel e extático ante aquela doce aparição que emergira da sombra. A beleza da menina ainda exercia sobre ele uma poderosa fascinação: sua coragem vacilou; a mão tremeu horrorizada. Então apagando-se a lembrança do que o trouxera ali, o rapaz embebeu-se na contemplação daquela imagem querida.

Quanto tempo esteve assim não o soube. De repente foi arrebatado àquele sonho inefável por uma dor cruciante. Catita gazeou na ponta dos lábios o

estribilho da cantiga do gaúcho, que Manuel costumava repetir ao som da viola.

Toda aquela admiração, que sentia Félix um momento antes, se transformou em raiva. Cerrando outra vez o cabo da navalha com terrível frenesi, arrojou-se ébrio de cólera e cego de furor.

Mas a imagem de Catita desaparecera. Tão fora de si estava o rapaz que não percebeu a causa. Um vulto se aproximara da rótula interceptando-lhe a vista, e proferira em voz baixa uma palavra castelhana:

— Señorita!

A moça assustada bateu precipitadamente a rótula: e D. Romero atordoado achou-se em frente de Félix que brandia a navalha. Quando o chileno sacava rapidamente da cintura o cuchillo para defender-se, o peão que tivera tempo de compreender a situação, recuou:

— Desculpe; não era o senhor que eu procurava.

E sumiu-se.

III

NOIVA

Um mês já tinha decorrido depois que Manuel partira de Piratinim para cumprir a missão que lhe dera Bento Gonçalves.

Era meio-dia. Francisca e a filha jantavam, quando ouviram o tinir de chilenas; o gaúcho entrava. Jacintinha saltou-lhe ao pescoço dando gritos de prazer; a mãe ergueu-se, mas não podendo correr por causa da emoção, de longe mesmo abençoava o filho enquanto não o podia abraçar.

— Por cá não houve novidade? perguntou Manuel sentando-se.

— Só muitas saudades suas, respondeu Jacintinha.

— E cuidados, acrescentou a velha.

— Então lembraram-se de mim?

— Pois isso se pergunta Manuel? disse a moça com doce exprobração. Está vendo que ingrato mãezinha?

— O compadre já venceu?

— Ainda não, mas não tarda.

— Então ainda voltas?

— Parto esta noite. Venho de Buenos Aires, onde meu padrinho mandou-me levar uma carta a Rosas. Aproveitei para lhe dar um abraço, não posso demorar-me.

Jacintinha, que tinha corrido ao terreiro para festejar e abraçar Morena, Juca e os outros amigos, entrou pálida, com os olhos úmidos:

— E o Morzelo, Manuel? disse a moça.

O gaúcho ergueu os olhos ao céu.

— Coitado!

Houve um instante de silêncio.

Durante o jantar a conversação rolou já sobre os sucessos da revolução, já sobre os acidentes da casa durante a ausência de Manuel. Terminada a refeição veio o mate, e o gaúcho, preparando um cigarro de palha, foi pitar no alpendre, onde o acompanharam a mãe e a irmã.

Antes de se aproximarem de Manuel, as duas mulheres trocaram entre si em voz baixa algumas palavras que acenderam nas mimosas faces de Jacintinha vivos rubores.

— Agora, quando as coisas se arranjarem, a mãe há de ir a Porto Alegre.

— Eu, meu filho? Daqui para a cova de teu pai. Não presto mais para nada.

— Ora deixe-se disso. E quem há de criar os seus netos... quando a Jacintinha casar?

— Sim, é tempo de pensar nisso; já está uma moça.

— E bonita, que faz gosto!

— Muito obrigada. Foi você que me pegou essa moléstia.

Não deixaram as duas mulheres de sentir no trato e na expressão de Manuel grande mudança; mas entregue ao prazer de o ver, não tinham tempo de reparar no tom expansivo e meigo com que falava o gaúcho; tão diverso do gênio seco e ríspido de outrora.

Continuando a conversa por algum tempo, observou Manuel que Jacintinha não cessava de fazer à mãe sinais misteriosos.

— Jacintinha tem algum segredo!

A velha sorriu e a moça fez-se de lacre.

— Fala, menina!

— Não! Fale você, mãezita!

— Pois sim.

— O que é?

— Espere! exclamou Jacintinha fugindo confusa e envergonhada.

Ficando só, Francisca referiu a Manuel que um moço castelhano de passagem por Ponche-Verde, gostara de Jacintinha e a pedira em casamento; porém ela respondera que nada decidia senão pela vontade de seu filho. Então ficou assentado esperarem pela volta dele, Canho.

— Jacintinha está caída pelo diacho do rapaz e ele merece porque é muito galante e tem alguma coisa de seu.

— Que faz ele?

— É mascate.

— Castelhano... mascate... Como se chama? perguntou o gaúcho com ansiedade.

— D. Romero Garcia.

— Ele!... exclamou o gaúcho erguendo-se arrebatadamente.

Por algum tempo Manuel percorreu o alpendre com passos agitados, até que dominado seu abalo, aproximou-se da mãe, que o observava surpresa, sem ânimo de fazer-lhe uma pergunta.

— Com esse homem é impossível! Jacintinha seria desgraçada. Ela que se esqueça desse sujeito; não faltam noivos galantes, sobretudo quando a noiva é de fazer inveja.

— Porém, Manuel...

— Não se fale mais disto.

Sabendo da resolução de Manuel, Jacintinha chorou amargamente; mas uma só queixa não proferiram seus lábios contra o irmão, que ela amava.

O Canho selava o Ruão, preparando-se para a partida, quando chegou-se a irmã que vinha despedir-se da Morena e dos outros animais. Havia em seus olhos os traços do pranto recente e na fronte uma sombra de mágoa.

— Você está triste, Jacintinha? perguntou o Canho, lembrando-se de Catita.

— Não, balbuciou a menina, debulhando-se outra vez em lágrimas.

Manuel amava, e sua alma passava então por aquela fase de bem-aventurança, que anuncia o despertar do coração e é por assim dizer a aurora suave do amor. Como podia ele ser de todo indiferente às mágoas de uma alma enamorada?

Esquecendo o mascate, Manuel pediu à irmã que lhe contasse como nascera sua afeição. Se fosse feliz, Jacintinha não teria forças para satisfazer a curiosidade de Manuel, mas era desgraçada. Referindo o romance de seu amor, a ingênua menina mal pensava que expunha o plano de sedução empregado pelo chileno, e do qual felizmente a salvara sua austera virtude.

A Canho, porém, não escaparam as intenções de D. Romero; e foi estremecendo de horror que ele ouviu estas palavras, com as quais a irmão concluiu:

"Na véspera da partida, ele ceou aqui; eu pedi-lhe muito que ficasse até você chegar; mas recusou, dizendo que só uma coisa o faria não sair de madrugada como esperava. Não sei o que era. Quando estava para se despedir, disse-me que havia de passar a noite no rancho com os olhos fitos na janela de meu quarto e por isso me pedia que a deixasse aberta.

Depois que ele se foi, eu me encostei na janela, para que me visse; mas comecei a sentir tanta fraqueza que não me podia ter; cuidei que ia desmaiar. De repente, não sei como, ele estava junto de mim, abraçando-me; eu queria fugir e chamar por mamãe, mas não tinha forças. Então me deu um beijo, que me fez desmaiar de todo, soltando um gemido. Mãezita correu para ver o que era e não viu mais ninguém. Ela diz que eu sonhei; mas eu ainda sinto aqui o beijo, que me queimou."

O pudor, esse anjo da guarda da menina casta, salvara Jacintinha, arrancando-lhe aquele gemido profundo que assustou a mãe. Canho compreendeu perfeitamente o perigo por que passara a irmã, e por vezes seus olhos dardejaram. De repente sentiu congelar-se o coração, lembrando-se que deixara Romero em Piratinim, perto de Catita.

Jacintinha, muda e palpitante, esperava com os olhos fitos na fisionomia do gaúcho, onde perpassavam os vislumbres das paixões que se agitavam nessa alma vigorosa.

— Não fiques triste, Jacintinha. Se esse homem for digno de ti, casará contigo. E te prometo que antes de um mês voltarei com ele. Estás contente?

— Mas o que acha você nele?

— Eu não o conheço; vou tirar informações.

Manuel dizia a verdade. Ele nada sabia desse indivíduo a quem encontrara por momentos quatro vezes apenas em sua vida, e de quem nunca se lembrara de indagar. E para quê? Antipatizara com aquela figura desde o primeiro momento em que a vira; e até onde ia essa ojeriza, ele o disse a Catita.

Uma ideia, porém, lhe acudira, que mudou o curso de seus pensamentos. Se o mascate não fosse um bandido, por que não o obrigaria a cumprir a promessa feita a Jacintinha, casando-o com ela? Assim ao menos esse ente inútil, senão prejudicial, serviria para dar alguma felicidade à mulher que o amava sinceramente.

Uma hora depois Canho montava a cavalo e partia à desfilada.

Ao despedir-se, já na sela, disse à Francisca, sorrindo com intenção:

— Daqui a um mês cá estou de volta!

Jacintinha corou.

IV

NA MISSA

Era domingo. O sino da matriz de Piratinim tocara a primeira vez chamando para a missa.

Já pronta, com seu vestido escarlate e mantilha preta, Catita esperava impaciente que a pachorrenta Maria dos Prazeres se acabasse de enfeitar. A menina ia da porta do quarto de sua mãe à porta da rua, donde lançava um olhar para o largo.

Passou a Missé.

— Não vem?

— Mamãe não acaba de se aprontar.

— Ele já deve estar lá! disse a rapariga com um riso malicioso.

Catita corando fugiu para dentro e achou a mãe ainda de anágua, mas já com o enorme pente de tartaruga pregado no cocó, à semelhança do tejadilho de uma antiga traquitanda. A moça voltou desesperada; lágrimas de despeito lhe saltaram dos lindos olhos.

— Não tarde muito, olhe lá! tornou a Missé com o mesmo riso brejeiro. Tantas que morrem por ele!…

— Eu não sei o que tem mamãe hoje! Nem de propósito!

— Quem sabe se já percebeu?

A menina deu um muxoxo.

Finalmente Maria dos Prazeres concluiu a obra monumental de seu penteado, e partiu para a missa com a filha.

A igreja estava cheia quando chegaram. Atravessando por meio do povo, Catita passou roçando com D. Romero. O chileno aproveitou o momento para apertar a mãozinha mimosa que refugava os folhos da saia, e murmurar uma palavra.

— À meia-noite na rótula?… Sim?…

Catita esquivou-se trêmula e foi sentar-se distante. Nesse momento teve um remorso; e pediu perdão a Deus, invocando a lembrança de Manuel.

Debalde procurou ela refugiar-se na oração e nas reminiscências de seu amor. Sentia fascinação irresistível que a atraía. A vaidade de cativar o bonito chileno, que tantas outras lhe disputavam, o prazer de triunfar de suas rivais, sopitava o remorso que a pungia.

Se ainda amasse Manuel com os extremos de outrora, estaria preservada de semelhante fraqueza. Mas aquela paixão, como todas as explosões violentas, foi súbita. A exuberância de sua alma bastava para nutrir durante a vida inteira um afeto ardente e profundo; porém ela a despendera durante alguns dias nas expansões do amor insano que rojara aos pés do gaúcho. Seu coração devia ficar fatigado, senão exausto; a vaidade embebeu-se nessa esponja seca.

Catita sofrera uma desilusão. O homem por quem ela se estremecia era o gaúcho terrível; o caráter indômito que afrontava o céu e desdenhava do perigo; o filho do pampa, que avassalava o deserto e calcava o mundo com a pata de seu corcel.

Esse herói de seus belos sonhos, esse rei de sua alma, ela o admirava com um entusiasmo ardente. Para merecer-lhe um olhar, o que não fez? Para ser por ele amada, não hesitou em sacrificar-lhe em tudo. Ela, tão altiva e sempre adorada, suportou sem queixar-se o desprezo; e sujeitou-se às maiores humilhações para merecer desse homem um sobejo que fosse de afeição.

Manuel, que uma repugnância invencível afastava dessa moça, apesar da fascinação de seu olhar, Manuel afinal a amou; e então, rompido o óbice que por tanto tempo contivera seu afeto, este se despenhou, como uma catarata, arrojado e impetuoso. O coração, durante tantos anos sopitado, sentiu ao despertar uma sede insaciável de amor.

Nos dias que se seguiram ao encontro na coroa de mato, e ao primeiro beijo trocado entre os sibilos das balas, Canho não se fartava de olhar e admirar Catita, de beber-lhe o sorriso dos lábios, a graça e perfume de sua formosura. Abandonando a luta da revolução recente, recolheu-se a Piratinim para estar perto da mulher querida e não perder um instante de adoração.

Catita viu o rei de seu coração, o senhor de sua existência, transformar-se de repente em um servo humilde e cativo, submisso a seus menores desejos. Libado o primeiro prazer desse triunfo, a moça foi insensivelmente subtraindo-se à poderosa influência que sobre ela exercia o gaúcho.

Manuel tinha o garbo natural do talhe e das maneiras; agora, que amava, sua fisionomia se embebera de uma expressão meiga e terna. Para quem não o conhecesse antes, era um taful quando vestia o seu chiripá de seda escarlate e sua jaqueta de merinó verde; ou quando dançava a tirana, requebrando o corpo e

arrastando a asa.

Mas para quem o vira outrora, aquela excessiva ternura embotava seu enérgico semblante; o sorriso namorado parecia hóspede nos lábios de ordinário cerrados pela contensão de uma vontade firme e rígida. Juca, o selvagem corcel, o livre bagual, filho dos páramos, já não reconhecia naquele mancebo guapo o seu amigo e irmão, o intrépido ginete, como ele fero e indômito.

A alma que uma vez subtrai-se ao domínio de outra, reage com um impulso irresistível. Na há pior déspota do que seja o cativo submisso, quando se revolta.

O amor de Catita, de escravo que era, tornou-se verdadeiro tirano. Submeter essa alma que a tinha dominado outrora aos mínimos caprichos; fazer do gaúcho terrível, que os mais bravos temiam, um brinco de moça faceira, e folgar com as paixões violentas daquele coração como uma criança imprudente com as lavas de um vulcão, foram os deleites dessa afeição.

Depois que Manuel partira, sentiu a Catita um vácuo em sua existência; os galanteios de D. Romero a divertiram a princípio, depois lisonjearam sua vaidade de moça bonita. A Missé desenvolveu então uma arte admirável para perder sua rival; não lhe escapava ocasião de excitar o orgulho da amiga e de facilitar ao chileno os meios de aproximar-se dela.

D. Romero conseguiu por duas ou três vezes falar à Catita na rótula; mas de longe em longe. A moça lembrava-se às vezes dos protestos que fizera a Manuel, e mostrava-se então esquiva e receosa.

Quando o chileno na igreja lhe pedira em voz baixa uma entrevista alta noite, a moça estremecendo procurou expelir de seu coração a imagem daquele homem; mas não o conseguiu. Momentos depois seus olhos o procuravam.

D. Romero com um gesto desdenhoso parecia tê-la esquecido; e sorria a alguém do lado oposto. Catita reparou: era uma rival. Seu olhar súplice pediu perdão.

Acabada a missa, quando ela passava corando perto do chileno, este murmurou de novo, mas com um tom breve e imperativo:

— Espera?

— Sim, balbuciou a moça.

Nesse momento ouviu um riso sardônico; voltando-se, avistou Félix que fitava nela a pupila sinistra, isolada naquele rosto sempre coberto da máscara hedionda. Teria ele escutado?

Catita afastou-se com uma aperto de coração.

Sua suspeita era real. Félix ouvira as palavras trocadas, e adivinhara o resto. Com o faro da vingança ele pressentira o namoro do chileno desde a noite da partida de Manuel; e por isso abandonara, ao menos por enquanto, seu primeiro plano. Ferir o coração de seu inimigo, fazendo da amante um horror, era cruel; mas torturá-lo com a perfídia da mulher amada, seria atroz.

V

CONFEITOS

À meia-noite, D. Romero embuçado em um poncho escuro, passeava defronte da casa de Fortunata.

Mais longe, na esquina da matriz, um vulto cosido com a parede e oculto pelo ângulo da rua, espreitava desde muito tempo os movimentos do namorado.

Eis que o primeiro galo soltou além nalgum quintal remoto o grito de alerta, a que os outros responderam sucessivamente; a rótula abriu-se timidamente, e fechou-se logo. Aproximou-se D. Romero, que sentiu através do gradil um hálito ardente e perfumado.

— Querida! murmurou o taful.

— O que é?

— Abra um pouquito.

— Não; tenho medo.

— Medo de quê, flor? De ser amada, como jamais foi outra mulher neste mundo? Ou medo de matar-me de felicidade, com a luz desses olhos formosos?

A rótula entreabriu-se de leve, mas quanto bastou para que o namorado passasse a mão, a fim de impedir que ela se fechasse de novo. A conversa continuou pela fresta.

— Eu trouxe um regalito para você, querida. Adivinhe o que é?

— Não sei!

— Pois olhe!

Alargou-se a fresta; e na sombra desenhou-se o perfil do rosto encantador da moça, que reclinava a fronte para olhar o objeto na mão do chileno.

— São confeitos mui lindos, disse ele. Quero adoçar este coração ingrato, que me faz tanto penar. Prove para ver como são gostosos!

D. Romero tirou então do cartucho, enfeitado com laço de fita e perfumado de baunilha, um confeito que retirou rapidamente quando a moça quis tocá-lo com o

dedo.

— Há de ser na boca!

— Ora!

— Que mal faz?

— Tenho vergonha.

— Tome; eu lhe peço.

Depois de alguma resistência, Catita consentiu em colher sutilmente com a ponta dos lábios o confeito que lhe oferecia Romero, o qual repetiu o galanteio por duas ou três vezes.

Um suspiro sublevou o seio da moça:

— Ai!… Estou tão cansada! Não sei de quê!…

— De ser cruel? perguntou o taful sorrindo.

— Que noite tão linda!… Como é bom gozar desta frescura.

Os lábios de Catita debulhavam as sílabas dessas palavras, com uma voz frouxa e lenta, enquanto os olhos se engolfavam no azul diáfano com um sentimento de delícia inefável. Depois, cedendo à languidez que a invadia, a fronte reclinou-se apoiando na ombreira da janela.

— Que preguiçosa! disse D. Romero gracejando.

Entretanto o vulto da esquina, cosido à parede, assistia de longe a esta cena em extraordinária agitação. Às vezes arrojava-se para diante com os dentes rangidos, levando à cinta a mão que apertava o cabo da faca. Nessas ocasiões porém algum motivo detinha; agarrava-se ao ângulo da parede, procurando um apoio para resistir ao ímpeto, e para dominar o impulso da carreira, que malgrado seu erguia-lhe os pés do solo precipitando-o. Por fim deixou-se cair de joelhos; e ficou ali estrebuchando como um homem na agonia.

Sem dúvida um sentimento mais poderoso sobrepujava o ciúme que no primeiro momento impelia o desconhecido contra o rival feliz. Mas a luta se renovava a cada instante; e ninguém podia prever o resultado final desse choque de duas paixões infrenes.

De repente um bramido rompeu do peito cavernoso do desconhecido, que se arremessou com um salto de tigre.

Vira a rótula escancarada e pressentiu o que ia acontecer. Quando chegou ao lugar, a janela estava completamente fechada; e o chileno havia desaparecido. Onde podia ele estar, senão dentro da casa?

O desconhecido quis atirar-se contra a janela, para despedaçá-la; mas foi subitamente paralisado pela mesma força que de outras vezes o sofreara. Dos beiços crespos de cólera escaparam-lhe, como uma golfada de fel, estas palavras envoltas em um riso de fera.

— Se não for este maricas, há de ser o outro, o cão!

Dobrando-se com um movimento de desespero, para arredar-se da janela, deitou a correr como um possesso pela rua fora.

Nessa noite, Lucas Fernandes estava de guarda à entrada da vila, em uma casa que servia de quartel. O furriel promovido a alferes fora ultimamente ferido em um combate; e por isso resignava-se a ficar em Piratinim, quando se combatia em Pelotas, Camacã e São José do Norte.

Tinha o miliciano se deitado depois que fizera o seu quarto a pitar e a palestrar com os camaradas; roncava, como um porco, atirado sobre o couro que lhe servia de cama. Eis que chega um homem a correr.

— Que é isso, Félix! disse um dos gaúchos que estavam de vigia. Há novidade?

— Quero falar ao Sr. Lucas.

— Sobre quê?

— O negócio é só com ele.

— Desembucha duma vez.

— Onde está o homem?

— Olha! Se fores capaz, acorda-o.

— É uma pedra no fundo dum poço.

Foram precisos com efeito os maiores esforços para despertar o furriel.

— Que diabo me querem vocês?

Félix murmurou algumas palavras rápidas ao ouvido do miliciano, que ainda tonto de sono, não percebeu-lhes o sentido.

— Hein!…

O rapaz repetiu; desta vez o pai de Catita, compreendendo, soltou um berro formidável.

— Hei de espatifá-lo!

E partiu a correr, brandindo furiosamente o chanfalho, e acutilando o vento com desespero. Félix o seguia de perto, conduzindo o troço dos soldados e gaúchos que estavam acordados e tinham ouvido o grito do miliciano.

Apesar da diligência empregada por Félix para chamar o Lucas, eram decorridas perto de duas horas depois que se fechara a rótula. Oculto na esquina desde o princípio da noite, o rapaz vira sair o furriel, mas ignorava o lugar para onde se dirigia; por isso antes de chegar ao quartel, havia batido em diversas casas, onde costumava ele passar as noites jogando e prosando.

A porta de entrada estava interiormente fechada. O pai, ferido na sua honra, não esperou que a viessem abrir; ajudado por Félix arrombou-a, enquanto os gaúchos punham cerco na casa pela frente e pelo quintal.

Ao estrépito da porta espedaçada, as duas matronas soltavam gritos estridentes, que de envolta com os latidos do cão, os miados do gato e o cacarejar das galinhas formavam um concerto horríssono. A habitação estava completamente no escuro; foi preciso que Félix, tirando fogo do isqueiro, acendesse um grane molho de palha arrancado a um rancho próximo.

Ao clarão desse facho, Lucas penetrou no interior; antes porém de entrar, voltou-se para os gaúchos que cercavam a casa e lhes disse com uma voz que a raiva estrangulava:

— Não o deixem fugir; mas não o matem. Quero trincá-lo vivo.

O ímpeto do furriel esbarrou no limiar do quarto da filha. Catita em pé, com os cabelos desgrenhados, as vestes decompostas e os braços abertos enchia o vão da porta, impedindo a passagem. O talhe curvado para diante e a fronte reclinada, exprimiam submissão à cólera paterna, ou intenção de afrontar o perigo.

— Sai! gritou o pai.

— Não.

Lucas arrojou-se levando por diante a moça que foi bater contra a parede do aposento, quase desmaiada. Em um momento foram corridos todos os recantos do quarto, mas inutilmente; ninguém encontraram.

— Viste com teus olhos? perguntou Lucas a Félix, sentindo renascer uma vaga esperança.

— Olhe! disse o rapaz apontando.

No poial da janela via-se o pala de D. Romero e o seu chapéu à bolívar. Esse vestígio de sua desonra, levantou no coração do pai ultrajado uma cólera tão violenta, que de um ímpeto arremessou a filha ao chão para esmagá-la debaixo dos pés.

Maria dos Prazeres que chegava, e já advertida do que ocorrera, acudiu envolvendo a filha com os braços.

— Misericórdia! meu Deus!

O grito de aflição da mãe aplacou no coração do pai a sanha feroz que dele se apoderara. Erguendo os olhos ao céu para pedir perdão da morte que estivera a consumar, Lucas estremeceu.

Entre dois caibros apareciam quebradas as ripas: as telhas que deviam cobri-las escorregando tinham deixado vão suficiente para a passagem de um homem de talhe delgado. Não havia dúvida; o chileno se escapara por ali e talvez não andasse longe.

Com um gesto, o furriel mostrou a aberta a Félix e aos gaúchos que assistiam à cena. De chofre esvaziou-se o aposento; todos haviam compreendido instantaneamente, e lançaram-se no encalço do fugitivo.

Enquanto os outros iam pelo chão bater os arredores, Félix cravando a faca na parede, e apoiando o pé na janela, alcançou um caibro e ganhou o telhado da mesma forma por que o fizera meia hora antes o chileno.

Ouviram-se então brados de furor e estrépito de armas, do lado da matriz. Lucas correu naquela direção seguido pelos peões: e dois tiros soaram repercutindo ao longe pelas cavernas dos cerros.

VI

VOLTA

O sol brilhava em meio de um céu do mais lindo azul. A aragem branda, esgarçando as nuvens que apareciam no horizonte, franjava de branco arminho esse manto aveludado.

Catita, encostada à ombreira da janela, cismava, contemplando os esplendores do dia.

O semblante sempre risonho e petulante da graciosa menina, estava amortecido pela mágoa. Fatigados e baços, os olhos apenas se inflamavam por momentos de efêmeros lampejos; e esse não eram mais as cintilações da estrela, porém os surdos vislumbres de um incêndio sopito. Nos lábios se desvanecera o delicado matiz; a vespa babujara essa rosa florida, pungindo-lhe o seio.

Um noite, algumas horas, bastaram para produzir nessa vida uma revolução profunda. A menina gentil e descuidosa já não existia; na expressão da fisionomia, como na atitude de seu corpo, ressumbrava a preocupação d'alma ao transpor o limiar desse caos que chamam o mundo.

Na folhagem de uma árvore fronteira à janela dois gaturamos, cuja penugem brilhava ao reflexo do sol como pingentes de esmeralda, se namoravam, adejando de ramo em ramo, e chilrando o seu canto mavioso; os olhos de Catita fitaram-se um instante naquela cena e se anuviaram. Duas lágrimas ardentes lhe desfiaram pelas faces.

Como se aquele pranto a humilhasse, a moça enxugou rapidamente os olhos, e erigiu a fronte arrostando o pesar que um momento a oprimira.

— Sou feliz!… Ele me ama!…

O lábio, murmurando estas palavras, esboçara um sorriso que se desfolhou como a flor pálida do outono, ao sopro ardente do suão.

Insensivelmente o espírito da moça, desprendendo-se deste incidente, voltou à preocupação constante, que desde a véspera o absorvia. Seu pensamento remontava ao dia da partida de Manuel, e acompanhava o curso de sua vida durante essa última fase. Chegava a um ponto em que um abismo se abria a seus pés, e ela se precipitara nele sorrindo, enlevada em um sonho voluptuoso.

Era no momento em que sentindo-se cansada recostara a fronte lânguida na

ombreira da janela. D. Romero estava ali a galantear; ela já não escutava suas palavras, mas sentia-se embeber da voz e dos olhares do cavaleiro.

Os dedos mimosos, que a princípio retinham a rótula com tamanho cuidado, afrouxaram deixando-se colher pela mão impaciente do chileno. Ela, Catita, pensou em esquivar-se, mas não pôde. Por quê? Não sabia se eram as forças que lhe faltavam, ou a delícia do êxtase que a engolfava.

Depois Romero debruçou-se na janela, cingiu-lhe o talhe, conchegando-a ao seio, e pousou um beijo ardente em seus lábios ávidos. Foi então que a rótula fechou-se sem que ela se apercebesse, e o sonho inefável continuou até o instante em que a despertou um estrépito horrível.

— É seu pai! disse Romero.

— Que quer ele?

— Matar-me!

Essa palavra a arrancou ao doce enlevo. Só então sentiu que estava na profundeza do abismo, e não no berço aéreo das nuvens, embalada pelo sopro acariciador das brisas celestes.

Como se dera esse transe em sua vida? Eis o que ela não compreendia, o que desde a véspera perscrutava sem cessar nos refolhos da consciência, e não achara ainda em sua alma a explicação, ou pelo menos os indícios da força poderosa que a precipitara.

Nessa cogitação, sobressaltou-se a moça; acudia-lhe uma circunstância mínima, que até então escapara. Fora depois de ter provado os confeitos que ela caiu no suave delíquio, desamparada inteiramente de sua vontade.

Tinha Romero usado de algum filtro para rendê-la ao seu amor?

Não se enganava Catita nesta suposição. De fato o chileno, resolvido a rematar naquela noite a aventura que já o detivera demais em Piratinim, e não querendo contar só com seu galanteio, recorrera a um meio eficaz e por diversas vezes empregado com feliz êxito.

Em seu giro constante, o mascate encontrara outrora nos pampas um velho guaicuru que tinha por costume embriagar-se com o suco de uma planta indígena. Bastava-lhe sorver dessa resina a porção contida na unha para cair em um torpor, que logo se transformava em rapto celeste.

D. Romero a troco de ferragens e munições comprara do índio velho uma porção da resina, e tendo experimentado por si mesmo o efeito, compreendeu que lhe podia prestar, em certas ocasiões, grande serviço, vencendo em minutos

resistências que durariam longos dias.

Fora um grumo dessa resina deitado sutilmente na cuia de mate, que ia-lhe entregando Jacintinha, se o pudor indignado não reagisse contra a ação do narcótico, arrancando o gemido doloroso que repercutiu no coração materno.

Os confeitos perfumados que ele dera a Catita estavam impregnados da mesma essência inebriante; mas a filha do Lucas, seduzida pela vaidade, não teve para protegê-la, nem o véu casto do pudor, nem a ara do amor materno.

Entretanto, quando lhe acudia a explicação tão sofregamente procurada; quando a intervenção dessa causa estranha lhe fazia compreender o que antes parecia impossível, Catita, por uma contradição inexplicável, repelia essa ideia e exclamava consigo:

— Não! Não foi isso!…

Em seu orgulho não se podia considerar uma vítima. Fora ela mesma, que decidira de sua sorte; e empenhara tudo ao homem a quem amava.

Eis que soa ao longe o relincho de um cavalo. Catita estremeceu. Aquela nota selvagem, afinada na grande harpa do deserto, ao sibilo do pampeiro, e ao crépito do raio, só a tinha o Juca, o brioso alazão.

Canho estava pois de volta.

Um calafrio percorreu o corpo da moça, que sublevou-se a meio para fugir espavorida, mas caiu pesadamente como um fardo inerte, sobre o poial da janela.

Era com efeito Manuel que chegava. Atravessando rapidamente a vila, apeou-se à porta da Fortunata. A casa parecia deserta; Lucas ainda não se recolhera da perseguição ao chileno.

Percorrendo os aposentos, chegou o gaúcho ao quarto onde estava Catita, ainda prostrada pela forte comoção. Ouvindo o tinir das chilenas de Canho, a moça fez um esforço inaudito e levantou a cabeça, mas sem erguer os olhos.

Manuel parara a alguns passos de distância, partido entre duas emoções: o soçobro de ver a amante, e a surpresa dolorosa dessa recepção glacial.

— Catita! balbuciou com a voz transida.

A moça cobriu as faces com as mãos, para defendê-las contra o olhar de Manuel, enquanto seu peito martirizado estalava em um soluço convulso.

— Ah!

Não foi uma exclamação; mas um rugido bravio que rompeu do peito do gaúcho, por entre os lábios cobertos de uma espuma sangrenta.

Ou porque a mesma veemência da aflição brandisse as fibras de sua alma, ou porque a vergonha daquela humilhação reagisse em seu coração contra o remorso, Catita por súbita transformação ergueu a fronte selada com uma calma impassível. Sua voz era firme, embora áspera como o ranger do vidro:

— Jurei que lhe pertenceria, Manuel: acreditava que lhe queria bem. Enganei-me; o homem que eu devia amar, era outro. Me perdoe; esqueça-se de mim que não merecia ser sua mulher.

Manuel ouvia o borborinho destas palavras; e sentia que lhe caíam, a uma e uma, dentro d'alma, como o granizo gelado que durante o inverno peneira sobre a campanha, e mata a semente no seio da terra.

À porta assomou a figura de Lucas Fernandes. Avistando-se, os dois corações, feridos pelo mesmo golpe, se lançaram um ao outro, como para se ampararem mutuamente contra o infortúnio:

— Desonrado, Manuel! exclamou o pai, apertando em seus braços o gaúcho.

Este não proferiu palavra; mas nas profundezas d'alma repercutiu o grito que ele conseguira sufocar nos lábios; e no semblante derramou-se todo o fel, que lhe extravasava do coração.

Lucas viu essa expressão de uma dor imensa: e arrancando a faca da cinta do Canho arrojou-se para a filha. No primeiro assomo Catita empalideceu, mas recobrando-se apresentou ao pai o seio para que ele o ferisse.

Durante esta cena rápida e muda, Manuel não se movera. Ele não se julgava com direito de deter a mão do pai que vingava sua honra; e no fundo d'alma talvez desejasse antes ver morta a mulher que amara, do que transformada em um ente desprezível.

Uma vertigem passou pelos olhos de Lucas, e a faca lhe resvalou da mão inerte. Canho o arrastou para fora.

Passada aquela grande comoção, o pai contou ao amante, no meio de blaterações de furor e soluços de cólera, a cena que na véspera ocorrera e as informações que lhe dera Félix, a respeito dos acontecimentos; bem como a diligência inútil que tinham empregado para apanhar o chileno. Manuel escutava em silêncio. Seus lábios pareciam selados como um túmulo. A serenidade das grandes cóleras da natureza enquanto se não desencadeiam, derramava-se em sua fisionomia, que parecia embutida em máscara de aço.

Um piquete tinha parado na rua; a alta estatura de Bento Gonçalves assomou

na porta.

— Já de volta, Manuel? disse ele dirigindo-se ao gaúcho.

Este permaneceu imóvel sem dar o menor sinal de ter ouvido o coronel e se apercebido de sua chegada.

Bento Gonçalves surpreso daquela atonia voltou-se para as outras pessoas presentes interrogando-as com o olhar. Lucas abaixou a cabeça. Foi a Fortunata que referiu o que havia ocorrido.

O coronel aproximou-se de Canho e apertou-o nos braços com efusão, procurando em sua alma uma palavra de consolo para tão grande dor.

— Vem; teremos combate esta noite!

Despertado por aquela voz generosa, Manuel compreendeu o pensamento do guerreiro; mas um triste sorriso fugiu-lhe dos lábios. Tomando a mão do coronel a impôs sobre o coração, como se quisesse exprimir com aquele movimento que o tinha já morto e extinto. Depois, entregando a carta de Rosas a Bento Gonçalves, apartou-se lentamente.

VII

O PINHEIRO

A essa hora corria D. Romero à rédea solta pela campanha.

Evadindo-se de casa da Fortunata pelo telhado, o chileno ganhou rapidamente um mata-pasto que havia por detrás da matriz, e no qual, por precaução, ocultara ele seu cavalo, deitando-lhe uma focinheira de couro para impedir que rinchasse.

O mascate era um aventureiro prudente e sagaz. Embora a empresa não parecesse oferecer o menor risco, ele sabia por longa experiência que de repente surgem complicações imprevistas. Por isso era seu costume trazer sempre as armas na cinta e o cavalo ao alcance da mão.

Foi sua salvação. Se não tivesse tão pronta a fuga, infalivelmente cairia nas mãos dos peões que o perseguiam, dirigidos e instigados por Lucas e Félix. Assim mesmo, antes que pudesse apanhar o cavalo foi atacado por três que o seguiam mais de perto. Conhecendo que sua salvação dependia de um ato de desespero, o chileno investiu com fúria contra os agressores, desfechando-lhes repetidos golpes de espada, e dois tiros de pistola que os feriram e atordoaram.

Aproveitando-se desse momento de vacilação pôde ele saltar no cavalo e desaparecer. Quando Lucas chegou ao lugar, nem mais se ouvia o estrupido do galope.

Vendo-se fora da vila, antes que o furriel montasse a cavalo para persegui-lo, Romero, que até então não tivera outro pensamento senão fugir, tratou de orientar-se no meio da campanha e seguiu no rumo do oriente.

O chileno tinha-se dirigido para aquele lado da província com intenção de percorrer as vilas e povoados do sertão até Cruz Alta. Daí se ainda fosse tempo de ir à feira de Sorocaba, se passaria a Curitiba com os marchantes e invernistas; senão entraria na Confederação por São Borja.

Como a ninguém comunicara sua intenção, pensou que podia seguir com segurança a rota já traçada. Esperava alcançar no dia seguinte a Encruzilhada, donde mandaria buscar sua bagagem, que ficara na locanda.

O sol transmontava.

D. Romero, tendo corrido durante o resto da noite e boa parte da manhã, descansara algumas horas em um rancho, e continuava agora a jornada mais

tranquilo. Montava outro animal; o castanho galopava ao lado.

Embalava-se o chileno nas recordações de sua aventura, quando o animal deu sinal de inquietação, copando as orelhas para trás e insuflando as narinas. O cavaleiro voltou-se, e em toda a extensão que abrangia seu olhar do algo da coxilha, nada avistou.

Mas o inquieto animal resfolgava esforçando por tomar o freio. Romero pensou que fosse a vizinhança de alguma onça das matas de Canguçu; pouco disposto a perder o tempo com essa caça, soltou as rédeas e deixou o cavalo disparar. Às vezes parecia-lhe ouvir longe um surdo estrépito, como o do mar batendo na praia do Albardão; mas esse rumor passava com a lufada.

Entretanto o cavalo redobrava de velocidade, e parecia sentir a aproximação do perigo.

Afinal convenceu-se o chileno que não se enganava; e voltando-se descobriu longe um ponto negro, como a asa de uma águia que rasasse pela terra. Era a vingança que voava sobre ele; tal foi o pressentimento que cerrou o coração do fugitivo.

O vulto crescia de momento a momento. Romero passou-se para o castanho, seu destemido parelheiro, e debruçado sobre o pescoço do animal confiou-lhe a sua salvação. O brioso cavalo compreendeu o que o senhor esperava dele, e arrojou-se a toda carreira.

Mas não era um homem: era um turbilhão que o perseguia. Observando uma última vez, viu o fugitivo destacar-se perfeitamente do alto da colina, no azul do céu, o vulto sinistro do Canho. Juca, sentindo que fora reconhecido, e já não tinha necessidade de emudecer, soltou o nitrido.

A vasta solidão, como uma lâmina imensa de bronze, percutida pelo raio, vibrou aquele grito estridente, cujos ecos, reboando no espaço, se propagaram ao longe pelo ermo.

O chileno sentiu gelar-se o coração; entretanto esse homem era bravo e muitas vezes na sua vida afrontara o perigo com o sorriso nos lábios. Mas o gaúcho lhe inspirava misterioso terror; desde o primeiro dia em que o viu, sentira essa obsessão inexplicável.

Certo de que sua hora aproximava-se, o fugitivo contava os instantes pelo tropel do alazão que se aproximava com rapidez espantosa. Já ouvia-lhe o ornejo, terrível como o surdo rugir do tigre; e armava as pistolas para fazer face ao inimigo.

Nisto assomou-lhe pela frente, à distância de duzentas braças, um troço de cavaleiros.

Nas situações desesperadas, uma intervenção estranha desperta sempre a esperança. O chileno lembrou-se que podia ser uma partida de legalistas; e nesse caso estaria salvo.

A revolução já havia triunfado em toda a província. O marechal Barreto e o tenente-coronel Silva Tavares se tinham refugiado no Estado Oriental com os destroços das forças do governo.

Mas a presença do novo presidente Araújo Ribeiro reanimara a resistência. Alguns chefes legalistas, como o coronel Albano, o major Marques e outros, se empenhavam em levantar gente. Já o capitão Procópio, à frente de 500 homens, batera os rebeldes e os expulsara do distrito do Rio Grande até São Gonçalo.

A estrela do chileno não o tinha abandonado. Era justamente uma partida que ia reunir-se ao coronel Albano na Encruzilhada. Bastou ao fugitivo uma palavra para ser bem recebido.

— Os rebeldes me perseguem!

— Aonde? perguntaram vinte vozes.

Romero voltou-se. O Canho tinha desaparecido. Ainda os legalistas bateram os arredores por algum tempo; mas aproximando-se a noite, dirigiram-se à povoação.

Na Encruzilhada, Romero, que levava a bolsa bem fornida, ajustou seis capangas destemidos para o acompanharem; despachando um portador para avisar os seus camaradas do lugar onde o deviam encontrar, partiu para Rio Pardo.

Estava ele há quatro dias nessa vila, esperando pela bagagem. Arranchara-se na casa de um lojista, seu conhecido de outras vezes que por ali passara. Ali se julgava seguro, mas por precaução não saía à rua senão guardado pelos camaradas.

Ao lado morava uma antiga apaixonada em quem ele procurava soprar a chama extinta. Lembrada da facilidade com que o taful se desprendera de seus laços, a moça andava arisca; mas afinal, depois de muito rogada, prometeu esperar o namorado na janela, ao toque de recolher.

Era noite há muito, e noite escura. D. Romero deixou que seus inseparáveis capangas se acomodassem; e ganhando a sala conchegou-se à janela do canto, que ficava encostada à casa vizinha. Os dois sobrados eram da mesma altura, e ambos tinham janelas de balcão, de modo que os amantes debruçados podiam quase tocar-se.

Estava a rua completamente deserta. Uma sombra apareceu na janela

próxima.

— Amor, sua mãe já dorme?

— Para quê?

— Para conversarmos mais perto?

— Cuida que eu já esqueci?

— Ingrata! Assim me paga as saudades que curti ausente dela!

— Eu não acredito!

— Quem me trouxe a Rio Pardo? Não foram esses lindos olhos que de longe me arrastam, e de perto me repelem?

— Ai!

Soltando um gritozinho de susto, a moça retraíra-se para dentro.

— Que é? perguntou o chileno.

— Não ouviu, ali defronte?

Em face havia o muro em ruínas de um quintal abandonado. Malvas silvestres e arbustos cobertos de abóboras formavam uma vegetação luxuriosa que estofava as brechas do valo junto do qual se elevava um pinheiro.

— Foi o vento, disse o chileno.

— Vi uma pessoa em cima do muro.

— Ora! Havia de ser o pinheiro! replicou o chileno rindo-se.

— Tive um susto!… suspirou a moça esquivando-se.

Romero aproveitou o ensejo para escalar a grade, a fim de passar ao balcão vizinho.

— Espere!

A moça foi até ao meio da sala para assegurar-se de que todos dormiam, mas não teve tempo. Um grito cortado atravessara o espaço. Arrastando-se à janela, trêmula e fora de si, apenas vira um vulto que perpassou no ar e sumiu-se. Era porventura o arremesso de algum abutre, que soltara o pio lúgubre, caindo sobre a presa?

O chileno tinha desaparecido.

Todos os esforços dos capangas, acordados em sobressalto, foram inúteis para descobri-lo.

VIII

A FACA

Embora seja domingo, as ruas de Piratinim estão desertas. Os habitantes recolheram-se fugindo aos raios abrasadores do sol.

Faz um calor de sufocar.

O céu tem o lívido azul de uma lâmina de aço. Algumas nuvens brancas e densas que surgem no horizonte parecem estanhadas na atmosfera pesada e baça.

A trechos passa uma lufada ardente, como o bafo de uma fornalha. Lânguidas e flácidas pendem as folhas das árvores, crestadas por esse respiro do deserto. Os pássaros emudecem; o gado bufa, e toda a natureza anseia como opressa por uma angústia inexprimível.

Os peões, vaqueanos da campanha, pressentem a aproximação do pampeiro.

A essa hora, Lucas, presa de viva inquietação, percorria de uma extremidade à outra o corredor da casa. Quando passava pelo quarto da filha, insensivelmente abafava os passos, e escutava na porta, com a sofreguidão de perceber qualquer rumor. Chegado à entrada da varanda, onde terminava o corredor, parava um instante e deitava um olhar oblíquo à Maria dos Prazeres, que estava no canto habitual da janela, a cochichar com a cunhada.

Depois de uma pausa, em que se manifestava bem claramente a oscilação de seu espírito entres os sentimentos encontrados que o agitavam, continuava o interrompido passeio.

O furriel tinha envelhecido anos nesses poucos dias, decorridos depois da fuga do chileno. Essa tenacidade que nenhum revés abatera nunca, antes carecia da luta e do perigo para não consumir-se, não pôde resistir ao golpe que sofrera com a desgraça da filha.

Fora ferido na honra, que é o cerne da raça gaúcha, altiva e cavalheiresca. O extermínio da família inteira não o esmagaria, como a vergonha atirada à sua face e na pessoa da filha a quem ele adorava.

O corpo direito e inflexível do furriel vergou ao peso daquela desgraça; os pesares sulcaram seu rosto abrindo rugas profundas; até a voz estrepitosa que no formidável diapasão parecia condensar todas as energias dessa organização,

mostrava ter-se espedaçado no grito da dor, e se tornara rouca e surda.

Desde a noite fatal, Lucas evitava de encontrar-se com a filha, a qual por seu lado, sentindo a família retrair-se, se refugiara nessa esquivança, para entregar-se completamente a seu infortúnio.

Naquele dia, porém, o amor do pai, até então subjugado pelo pundonor do soldado, reagiu. O furriel pensou que a filha também sofria, e teve pena dela. Ao mesmo tempo uma ideia sinistra relanceou em seu espírito.

Lembrou-se que no momento de sua alucinação, quando se arrojara sobre Catita para traspassar-lhe o coração, a faca do Canho, caindo no chão, se escondera sob a fímbria do vestido, e ali ficara. Através do horror que ainda lhe inspirava aquele ímpeto homicida, ele via o olhar morno da moça fito na ponta do ferro; e o sorriso de escárnio com que ela parecia despedir-se da existência.

Muitos dias tinham passado depois daquele acontecimento; e era natural que o tempo houvesse apagado no espírito da moça qualquer pensamento funesto. Todavia o furriel estava inquieto e a custo continha sua impaciência.

Não se animando a bater à porta do quarto e chamar Catita, adiantava-se disposto a informar-se com Maria dos Prazeres do que fazia a filha. Mas o pudor de seu profundo ressentimento o tolhia, receoso de mostrar-se fraco diante da mulher e da irmã.

Afinal, não pôde resistir, e avançou até ao meio da varanda.

— Onde está ela? disse com voz soturna.

— Lá no quarto, respondeu a mulher.

— Fazendo o quê?

— Chorando. Que mais? tornou a Maria dos Prazeres levantando os ombros.

— E… e a faca?

— Que faca, Sr. Lucas?

O furriel pôs os olhos na mulher, surpreso de que ela não o compreendesse, e afastou-se logo sem responder.

— Sabe, comadre; o homem não anda bom, não! Depois dessa desgraça, parece que lhe virou o miolo.

— Não é para menos! acrescentou a Fortunata.

O pressentimento de Lucas não o enganava; o perigo que pressagiava seu coração de pai era real.

Catita, sentada no seu quarto, contemplava justamente a faca do Canho, esquecida a um canto desde o dia em que seu pai a ameaçara. Naquela manhã, no meio das tristes cogitações que a assaltavam de novo, seu olhar percebera na sombra a cintilação do aço.

Foi o luzir de uma esperança.

De que lhe servia a ela a vida senão de sofrimento e vergonha? O assomo de orgulho que no primeiro instante a excitara a ponto de considerar a sua desgraça como uma glorificação do amor, abateu-se. O homem por quem se perdera, aparecia-lhe agora no seu verdadeiro aspecto, como um sedutor vulgar.

Ao mesmo tempo, pensava que sua falta a tornara um suplício constante, senão um opróbrio, para aqueles que mais a queriam. Viva, eles a desprezavam; morta, haviam de chorá-la e, quem sabe, talvez lhe perdoassem.

Sua consciência como um juiz severo a condenou, e ela aceitou consolada essa expiação, que seria o termo de seu martírio. Resolvida a realizar imediatamente seu pensamento, ajoelhou-se diante de um registro de Nossa Senhora. Sua oração foi breve; ela sentia a impaciência do desespero.

Apanhando a faca, apalpou o lindo seio para dirigir o golpe pela palpitação, e atravessar logo o coração. Apoiou o ferro na ombreira da janela e se atirou sobre, para cravar nele o peito.

Mas estacou trêmula.

Ouvira o relincho argentino, que outrora lhe anunciava a chegada de Manuel. Absorta na emoção daquele acontecimento, e numa vaga expectação, ficou a moça por muito tempo imóvel, na mesma posição em que a surpreendera o incidente.

Um sorriso de júbilo despontara em seu lindo semblante fanado pelas lágrimas. Por que voltava Manuel, a quem não esperava mais ver? Ela sabia que o gaúcho só tinha em Piratinim uma coisa que o prendesse: era seu amor.

Como o frouxo vislumbre de uma alvorada que se desprende a custo das sombras da noite e de repente some-se no seio da procela, assim desvaneceu-se o sorriso nos lábios da moça.

— Não! balbuciou. Ele não pode mais amar-me!… Nem eu a ele…

De novo seus olhos se embeberam no espelho da lâmina de aço, e sua alma refugiou-se na ideia de morrer.

— Se ele quisesse matar-me!

Nesse momento bateram com força à porta. A moça conheceu a voz de seu pai, que dizia:

— Abre, Catita!

Depois de um instante de hesitação em que a moça perscrutou debalde a razão desse chamado do pai, e da sofreguidão alegre que denunciava sua voz, ela ocultou a faca embaixo do travesseiro da cama e abriu a porta.

Lucas entrou de um ímpeto, e travando das mãos da filha, disse-lhe açodado:

— Ele está aí! Veio para se casar contigo! Assim é como se nada tivesse acontecido!... Não vês como eu choro de alegria?... Há de ser hoje mesmo, agora, neste instante. Já se mandou avisar o padre. Vai te vestir. Não te demores.

Catita ouvia o pai de surpresa em surpresa. As palavras de Lucas a arrebatavam a tal ponto à realidade de sua triste posição, que ela não se animava a interrompê-lo para pedir-lhe uma explicação, temendo que a ilusão se desvanecesse, e sua alma fosse de novo precipitada no desespero.

Foi quando seu pai terminou, que lhe escapou dos lábios essa exclamação:

— Então ele ainda me quer?

— Pois duvidas?

— Depois do que houve?

— Por isso mesmo!... Anda, veste-te.

Desta vez a moça pensou enlouquecer. Lucas saiu deixando-a naquele pasmo de uma angústia cruel.

IX

O LAÇO

Afastando-se de Bento Gonçalves no dia de sua volta a Piratinim e depois da cena cruel que se passou no quarto de Catita, entre o pai e a filha, Manuel se dirigira à locanda onde tinha arranchado o chileno.

Examinando o chão em torno da casa, notou o rasto de um animal que ele reconheceu imediatamente, apesar de o ter visto poucas vezes. Uma coisa que o peão observa logo no cavalo é o andar; de duas vezes que encontrara o chileno a gauchar no castanho, lançou Manuel um rápido olhar ao animal. Não foi preciso mais.

O rasto seguia ao longo da rua; apesar de apagado pelo casco de outros animais e pelas pisadas da gente a pé, o gaúcho foi acompanhando aqueles vestígios, até o campo que servia de rocio à vila. Aí a pista, perfeitamente distinta e fazendo uma volta, dirigia-se ao mata-pasto por detrás da matriz, donde se afastava pela campanha fora.

Quando Canho se curvava para melhor examinar o rasto, Juca e a Morena o acompanhavam reparando nos seus movimentos e farejando o chão. Ao sair da vila, os dois animais conheciam a pista tão bem como o gaúcho, e podiam segui-la a galope.

Romero levava seis horas de avanço; porém Manuel tinha os dois melhores parelheiros de toda a campanha e a sua atividade infatigável.

Ao cair da tarde ele avistou longe no horizonte o fugitivo; e com pouco mais o teria alcançado, se não fosse a intervenção da peonada do coronel Albano. Tendo avistado a partida antes do chileno e suspeitando que fosse de legalistas, Manuel previu o que ia acontecer.

Encoberto pelo esteiro de mato que bordava as margens de um arroio, o gaúcho contornou a lomba de uma grande coxilha, ganhando a frente aos legalistas. Assim quando estes batiam a campanha na direção de Piratinim à caça do farroupilha, este, oculto em um pequeno cerro do lado da Encruzilhada, observava seus movimentos.

Desde então Manuel não perdeu mais de vista a Romero. Com a paciência de um caçador, espreitando a ocasião segura para desfechar o bote, o seguiu até Rio Pardo.

Defronte da casa do lojista, onde se aboletara o chileno, havia aquele pardieiro coberto de uma vegetação espessa e frondosa, que pelo fundo se unia com o mato da entrada da vila. Ali oculto, Manuel passava o tempo a espiar os movimentos de Romero.

O mascate pouco saía, e sempre acompanhado pelos seus capangas. Em casa era raro chegar à janela, isso mesmo com muita precaução. Embora se julgasse escapo da perseguição, tinha a prudência de não se expor.

Canho contava que essa incessante cautela se desvaneceria com o tempo, sobretudo em alma tão fútil e inconstante como a de Romero. Não se enganou: na quinta noite um recado da vizinha fez-lhe esquecer tudo o mais.

Quando Manuel, de pé sobre o muro, alcançava o tronco do pinheiro a fim de subir à copa, a moça o avistara, mas de relance apenas; tanto que Romero volvendo os olhos não viu mais do que o esguio tronco de árvore.

Oculto entre a rama dos galhos, esperou até o momento em que o chileno subiu à sacada para alcançar a janela vizinha. Então o braço projetou-se; o laço arremessado com força apanhara o namorado pela cintura, semelhante à garra fatal e invisível de um grifo que o arrebatasse pelos ares.

Ao mesmo tempo que atirara o laço, Manuel se arrojara ao chão; de modo que a trança de couro correndo na forqueta de um galho, à guisa de cabo, suspendeu Romero sobre o pardieiro, sem que o corpo arrastasse pela rua.

Atirar-se ao mascate, amordaçá-lo com o poncho, ligar-lhe pés e mãos, atá-lo ao costado do Ruão, e partir levando consigo o prisioneiro, não gastou ao Canho o momento que durou a surpresa do chileno. Quando este deu acordo de si, galopava pela campanha em posição horizontal.

Às oito horas da manhã parou Canho para dar repouso aos animais e almoçar.

O gaúcho encostou Romero, sempre atado de pés e mãos, ao tronco do ombu, que oferecia aos viajantes uma sombra refrigerante. Correndo o campo laçou uma vitela, e sem dar-se ao trabalho de matá-la, tirou-lhe da ilharga um pedaço de lombo. Instante depois a carne assava no tampo de couro, que o calor do fogo, encolhera, tornando-o covo como uma panela.

Manuel soltou os braços do chileno, atirou-lhe com sua ração de carne, e tratou de tomar a sua parte da refeição.

Desde que tinha caído nas mãos do gaúcho, Romero ainda não lhe ouvira uma só palavra. Manuel o tratava como ao novilho fujão que se laça no campo e se leva à soga para o curral. Não se dignava nem mesmo ameaçá-lo com um gesto. E para quê? Aquele torvo semblante era a fisionomia de uma tempestade; sentia-se a faísca do raio no olhar lívido que rutilava da pupila negra.

Quando Romero deu acordo de si, admirou-se de estar vivo ainda. Que pretendia dele então o Canho? Queria entregá-lo a Lucas ou matá-lo aos olhos de Catita?

Enquanto comiam os dois viajantes, um homem arrastando-se pelo chão por entre a macega, se aproximava sorrateiramente do ombu. Pelo emplastro de pano que trazia no rosto era fácil conhecer Félix.

Chegando a duas braças do tronco, parou indeciso. Ali estavam dois homens a quem ele votava ódio mortal: um lhe tinha mutilado o rosto, o outro lhe mutilara a alma; aquele o fizera hediondo, este o transformara em fera; ele tinha sede de sangue, mas como o tigre, de sangue quente, bebido no coração donde borbota.

Félix andara até aquele dia à pista do chileno, e voltava desesperado quando de longe avistou Juca e logo pressentiu que Manuel andava por perto. Descobrindo os dois viajantes, não se imagina a raiva que sentiu por ver o gaúcho senhor da vingança, tão cobiçada por ele.

Afinal decidiu-se o rapaz; apontando o trabuco para Manuel, armou a caçoleta; mas o rangir do ferro ainda soava, quando o gaúcho, a quem nada escapara, caiu sobre ele e arrancou-lhe a arma da mão.

Félix enfurecido precipitou-se sobre o chileno para cravar-lhe a faca no coração; mas achou-se em face de Manuel que ao cabo de breve luta o desarmou.

— Mata-me de uma vez, demônio! gritou o rapaz em um acesso de raiva; ou antes acaba logo de matar-me, pois já começaste. Olha, o que fizeste de mim.

Arrancando o pacho que lhe cobria o rosto, o desgraçado mostrou uma coisa horrível; um rosto fendido a meio, que parecia rir satanicamente com os lábios disformes daquela boca artificial.

Manuel sentiu um movimento de compaixão, que logo sopitou. Impassível e taciturno, passou do rosto mutilado do rapaz ao semblante de Romero um olhar frio que transia. O chileno estremeceu de horror ante aquela ameaça.

Entretanto o gaúcho atou-lhe de novo os braços e pondo-o no costado do Ruão partiu, apesar da sanha de Félix que, vendo sua vingança próxima a escapar-lhe, arrojou-se ainda uma vez contra o gaúcho, procurando ao menos insultá-lo para que ele o matasse. Baldado esforço; porque o braço ágil e robusto de seu adversário o conservava em distância.

Horas depois paravam dois cavaleiros à casa de Fortunata. Lucas chegando à porta reconheceu com surpresa Manuel e Romero a quem o gaúcho soltara os laços na entrada da vila.

A um volver d’olhos do Canhis que partira:

— A noiva.

Como se um raio de luz rompesse a crosta dessa alma, o pai compreendeu tudo e correu ao quarto da filha.

X

A BODA

Há almas de esponja, que o menor revés espreme; mas também o menor bochecho d’água basta para inchá-las.

Romero tinha uma dessas almas. Aniquilado pela ameaça que pesava sobre ele, apenas compreendeu o desígnio de Manuel pôs-se ao nível da posição criada pelos acontecimentos. Aceitou portanto o papel de noivo, com boa graça e rosto alegre.

Logo ocorreu-lhe que não estava em traje de cerimônia; e comunicou este pensamento a Maria dos Prazeres, a qual achou-lhe toda a razão, pois não concebia que um homem se casasse com roupa do diário e amarrotada.

Sabendo que sua bagagem ainda estava em Piratinim, dirigiu-se Romero à locanda, acompanhado por Manuel; enquanto Lucas ia apressar o padre coadjutor, e convidar a melhor gente da vila. A notícia do repentino casamento não produziu grande surpresa; todos achavam natural a reparação; e estimavam concorrer para a alegria da boda, que não era somente a festa da ventura, mas sobretudo a festa da honra.

Trajado a primor, D. Romero tornou à casa de Fortunata, que já estava cheia de moças e rapazes ansiosos de verem a noiva.

Esta não se fez esperar.

Catita vinha resplandecente de beleza. Coroava-lhe a fronte a auréola de júbilo celeste que devia cingir as virgens mártires expirando em um êxtase de bem-aventurança. Havia em seu rosto a expressão vaga e indefinível que resta, quando a alma se desprende da terra para remontar ao céu.

Depois que Lucas a deixara debatendo-se em uma incerteza cruel, a moça julgou compreender o sentido das últimas palavras de seu pai. Manuel queria sacrificar-se para salvá-la: ela não devia aceitar o sacrifício; mas não tinha ânimo de recusá-lo. Esse amor ardente e generoso era uma bênção que a purificava.

— Ser dele e morrer! balbuciou.

E vestiu-se com suas roupas mais garridas.

Assomando à porta com a fronte baixa, não viu nenhuma das pessoas ali

reunidas na sala. Só passado o primeiro vexame, coando a medo o olhar entre os cílios, procurou Manuel; mas quem encontrou foi D. Romero que lhe ofereceu a mão sorrindo com faceirice e requebrando o talho gentil, realçado pelo rico traje.

— Señorita! dizia ele fazendo uma mesura.

A moça teve uma vertigem. Sua alma arrebatada violentamente ao corpo hirto submergiu-se em um abismo de vergonha e dor. Desde então ela não teve mais consciência de si. O chileno tomou-lhe a mão fria como gelo e a conduziu sem a mínima resistência.

Durante essa cena rápida, Manuel de pé, a um canto do aposento, parecia de todo estranho ao que passava. O olhar frio e baço, fito no chileno, era o único vínculo que prendia essa consciência à vida externa.

Mudo como uma sombra, sinistro como uma aparição, fazia lembrar o espírito satânico das lendas da média idade, esperando o momento de arrebatar ao inferno a alma do precito.

O vestido de Catita roçou-o e ele não a viu. Uma nuvem densa ocultava-lhe tudo quanto não era aquele homem, cuja passagem deixara em sua vida o rastro da fatalidade.

O acompanhamento seguiu para a matriz que regurgitava de gente. Já o sacristão acendera os círios do primeiro altar da epístola, e o coadjutor, de roquete, descia os degraus da capela-mor.

A cerimônia foi breve. No momento de pronunciar as palavras que deviam ligar para sempre sua existência à dessa moça a quem seduzira, o chileno hesitou, volvendo automaticamente a vista em torno, como se procurasse um ponto de apoio a seu espírito perplexo; mas encontrou o olhar de Manuel, e curvou a cabeça.

Momentos depois os noivos entraram na casa, que uma festa improvisada havia transformado durante a cerimônia, adornando-a com ramos de flores, palmas de coqueiros e lanternas de copos pintados.

O sol acabava de esconder-se no horizonte; flocos de vapores cor de fogo se erguiam lentamente no ar e condensavam-se na atmosfera. Os arrebóis do ocaso tinham listras rúbidas que pareciam laivos de sangue. A brisa do crepúsculo, de ordinário fresca e embalsamada com o hálito das flores, vinha impregnada de súlfur e exalava um sopro morno.

Fazendo honra ao banquete, os convidados não se apercebiam desses presságios do próximo temporal; nem ouviam os mugidos dolentes do gado carpindo o morrer do dia.

A função durou até meia-noite e foi muito divertida. D. Romero nadava em prazer; a única sombra que podia anuiar o seu horizonte, era a torva fisionomia de Canho, e esta havia desaparecido desde o começo da festa.

Já todos os convidados se despediram, repetindo ainda uma vez os parabéns, e fazendo votos pela felicidade dos noivos. A casa repousa em silêncio, apenas interrompido pelo eco da tirana, que ainda ressoa ao longe de algum peão saudoso da festa.

Catita, sentada no seu quarto com as mãos cruzadas sobre os joelhos, o busto vergado como o cálix de uma flor cheia de orvalhos, e os olhos cravados no chão, perdia-se em um pélago de dor. A mísera não sabia qual era maior vergonha e suplício para ela: se a falta passada, se a reparação tardia. Antes tinha ela o direito de desprezar o homem que abusara de sua inocência; agora esse homem era seu esposo; ela o recebera de Deus, aos pés do altar, como o companheiro de sua existência.

Entretanto Romero entregue a pensamentos muito diversos, contemplava sua noiva com volúpia. Nunca a vira tão bela, como naquela atitude de mórbida languidez, que punha em relevo os contornos suaves do talhe. Nesse momento esquecia quanto ocorrera nos últimos dias para lembrar-se unicamente que a linda moça era sua noiva.

Quando seus olhos saciaram-se da imagem sedutora, o chileno aproximou-se: um calafrio percorreu o corpo de Catita, que estremeceu sentindo em sua mão o contato dos dedos do marido.

— Querida!… murmurou Romero.

— Deixe-me! suplicou a moça.

— Não seja má! Tenha pena do que sofri nestes dias de ausência; se não me lembrasse de sua felicidade, cuida que daria ao trabalho de fugir e defender-me? Deixava que me matassem logo; mas eu sabia que não me matavam a mim unicamente! Diga, tantas saudades curtidas longe daqui não valem um beijo, um só?

Pronunciando estas palavras, o chileno cingiu com o braço o talhe da noiva, procurando estreitá-la ao peito; porém ela, estrincando o corpo como uma serpe, escapou-se daquele abraço que lhe causava horror, e refugiou-se em um canto do aposento.

— Nunca! tinha ela exclamado com veemência.

E o lábio erriçado pela ira e pelo terror, depois que arremessou essa palavra impetuosa, ficou vibrando como a lâmina sonora de um estilete percutida com força.

Essa energia e súbita resistência surpreenderam um momento ao chileno, que respondeu com um motejo.

— Por que me quer tanto mal assim, muchacha? É por que sou agora seu marido?

Catita compreendeu o sarcasmo.

— É por ser meu marido, sim, que eu lhe tenho horror. Até ontem o senhor não foi mais do que a minha desgraça: eu podia perdoar-lhe e esquecer. Hoje é a minha vergonha! Antes me queria amarrada na forca, do que unida ao mais vil dos homens.

A moça abatida com o estupor que lhe causara a presença de Romero, se tinha deixado arrastar àquele casamento; mas agora na solidão de seu aposento, ameaçada pelas carícias do ente desprezível, sua alma reagia contra o opróbrio dessa cruel situação.

— Serei tudo que você quiser, Catita; mas o meu crime qual foi, senão o amor cego que lhe tenho?

— Seu amor seria para mim um insulto!

— Lembre-se que já fui bem castigado com o receio de perdê-la para sempre. Não acha que mereço seu perdão? Eu suplico de joelhos.

Romero caminhava para a moça, que recuou horrorizada até o leito. Aí no desespero de se ver sem defesa, à mercê daquele homem, que era seu marido, acudiu-lhe uma lembrança. Metendo a mão trêmula por baixo do colchão apalpou o cabo da faca de Manuel.

Entretanto Romero aproximando-se passara o braço pelo colo da noiva, e inclinou-se para beijá-la. Catita retraiu-se violentamente, e o ferro grilhou em sua mão. Ouviu-se um grito de aflição.

A faca rolou pelo chão, ao tempo que a moça caía desmaiada sobre o leito. Faltaram-lhe as forças pensando que já o coração de Romero estava traspassado pelo ferro; quando este apenas cortara as roupas e arranhara a epiderme.

O chileno sorriu vendo a moça inanimada. Esse amor travado de ódio, a luta violenta que prostrara aquela mulher, o excitavam.

— Agora é minha!

Nesse momento alguém travou-lhe do punho. Era Manuel.

XI

PRANTO

Pouco falta para a madrugada.

A noite arrasta-se pesada e lúgubre no meio de uma calma assustadora, que estranha a natureza. Nem um sopro de aragem bafeja a terra, encandecida ainda pelo intenso calor do sol. As estrelas rubras e imersas em um limbo escuro, parecem tochas a bruxulear na sombra de um templo forrado de crepe. No horizonte opaco se debuxam as cúpulas das árvores, semelhantes a massas de granito.

Essa estagnação de luz, de ar e vida, imprimia à natureza uma imobilidade medonha; dir-se-ia o orgasmo que precede à convulsão e ao delírio.

Dois vultos passaram. Caminhavam rapidamente ao lado um do outro, e dirigiram-se a um ermo bronco e erriçado de fraguedos que ficava nas abas da vila. Quem os visse de longe a par como camaradas de prazer e ventura, não suspeitaria decerto que iam matar-se.

A algumas braças de distância seguiam dois animais a passo. Eram Juca e a Morena que de longe acompanhavam o senhor; como se pressentissem a desgraça iminente, eles tão altivos sempre e tão impetuosos, caminhavam tristes e cabisbaixos, pisando sutilmente para não despertarem os ecos da noite.

Chegados a uma rechã, que ficava entre uma charneca profunda e uma fraga alcantilada, Manuel parou voltando-se para o companheiro, e enrolando no braço esquerdo o seu poncho.

D. Romero tivera a cautela de armar-se e, bem disposto como estava a acabar de uma vez com essa obsessão que sobre ele exercia o gaúcho desde a primeira vez, resolvera matar esse homem, quebrando sua influência maléfica, ou sucumbir logo, morrendo às suas mãos.

Sem proferir palavra, sem trocar uma injúria ou ameaça, os dois inimigos atacaram-se com a faca em punho e com uma sanha terrível. O chileno não era mais o rapaz enervado pelos prazeres; o rancor percutindo as energias sopitadas dessa organização, tornara o casquilho de ontem um campeão formidável.

Durante algum tempo não se ouviu mais do que o triscar do ferro quando as facas se roçavam, e o resfolgo da respiração. Mas afinal o chileno conhecendo que não podia lutar contra o punho de aço do gaúcho, deu um salto para trás e

pôs-se fora do alcance da faca.

Tirando então da cintura as pistolas desfechou os dois tiros sobre o Canho. Uma das balas embebeu-se nas rugas da bota; a outra, queimando os cabelos do gaúcho, bateu contra o rochedo. Romero não teve tempo de ver o efeito dos tiros; antes que se dissipasse a fumaça, Canho se precipitara sobre ele como um tigre, o arremessara ao chão, e lhe calcara o pé sobre o pescoço.

A estrangulação foi rápida. Uma crispação violenta percorreu o corpo do chileno, e deixou-o já cadáver.

Manuel em pé, com os olhos no semblante do morto, teve uma cruel decepção. A vingança terrível, que devorava sua alma, ali estava sem pasto para saciar-se, diante daquele mesquinho despojo. As más paixões humanas têm a mesma natureza das feras. O tigre sedento, que depois de percorrer a selva não acha para mitigar-lhe a calma mais do que o resto de um reptil exangue, deve sentir aquele desespero.

O gaúcho empurrou com a ponta do pé o cadáver, que rolou pelo despenhadeiro; e dirigiu-se ao lugar onde percebia os vultos de Juca e Morena, que tinham assistido imóveis à luta. O silêncio e a espécie de estupor moral que se apoderara do Canho desde o dia fatal da perdição de Catita, se comunicara a seus dois amigos e companheiros. Eles três não formavam mais do que uma alma, uma vontade, cujo foco era o coração do gaúcho.

Se não estivesse tão concentrado em si mesmo e abstraído do mundo exterior, ao aproximar-se Manuel teria percebido uma sombra que se esgueirou por detrás da folhagem de alguns arbustos.

A mão do gaúcho, encontrando os arreios nas costas da Morena, começou automaticamente a apertar a cincha, que é costume afrouxar enquanto o anima descansa. Em meio desse movimento maquinal o espírito foi arrebatado por um turbilhão de pensamentos. A fronte derrubou-se, e um soluço rompeu do peito arquejante. Pela primeira vez em sua vida aquele homem soube o que era o pranto, e chorou como uma criança.

Nesse momento a mesma sombra que sumira-se pouco antes, assomou entre a folhagem, indecisa se devia avançar ou retrair-se.

Entretanto Manuel, com a alma já desafogada daquela ânsia que o sufocava, cingiu nos braços o colo da Morena e do Juca, e estreitou-os fortemente ao peito; a voz que desertara de seus lábios, balbuciou enfim algumas palavras truncadas pelo ofego:

— Aqui estou, meus amigos! Fui ingrato; amei-a mais do que a vocês e ela me traiu, me abandonou! Era mulher; sabia falar; havia de mentir. Oh! eu bem quis fugir-lhe, eu que desde menino aprendi a conhecê-las. Mas a fatalidade me

arrastou.

A angústia sufocava-lhe a voz por instantes:

— Há quatro anos que vocês me acompanham e até hoje um só dia não cansou a dedicação que têm por mim; também nunca me prometeram coisa alguma. Ela, jurou-me seu amor e um mês depois era... uma desgraçada!

Manuel esmagou as lágrimas que lhe saltavam dos olhos; e constringiu o seio para sufocar-lhe o arquejo.

— Fujamos deste mundo infame! Vamos ao deserto, onde o homem é fera como o tigre. Lá ninguém há de ser enganado pelo amigo e traído pela mulher. Cada um só conta consigo; se quer um irmão tem o seu cavalo fiel. Noiva, encontra-se no primeiro rancho: de manhã não se conhecia, à noite já esqueceu. Vamos, amigos, vamos aos pampas! Lá, somente lá, naquela imensidade, poderei matar esta sede que eu sinto n'alma, esta sede de espaço, que me sufoca. Correr!… Quero correr! correr sem parar, correr sem fim, até que se abra o inferno para nos devorar!…

A sombra imóvel resvalou. Sentindo que procuravam travar-lhe da mão, o gaúcho voltou-se, e viu um vulto de mulher ajoelhada a seus pés.

— Manuel!

Nesse momento o orbe imenso da lua assomava no horizonte como a boca da forja que exala um fumo ígneo. Seu rúbido clarão, desdobrando-se pelo ermo, debuxou o semblante pálido de Catita com os cabelos desgrenhados e a alucinação na fronte.

Manuel recuou transido de horror, voltando o rosto para subtrair-se à visão que o perseguia.

— Eu te suplico, Manuel! Não me fujas, não me abandones neste desprezo que eu sinto de mim mesma! Mata-me! Esmaga-me a teus pés, como uma coisa vil. Abençoarei a morte, por mais cruel que seja, dada por ti.

Ofegante, despedaçada pela dor, arrastou-se aos pés do gaúcho, rojando a fronte pelo chão, e umedecendo com os soluços o pó que seus cabelos levantavam.

XII

O PAMPEIRO

Um ruído surdo reboou pelas grotas e algares que alcantilavam o cerro abrupto. Parecia que a terra arquejava com o estertor de um pesadelo.

Ao mesmo tempo uma exalação ardente como o vapor de uma cratera derramou-se pela solidão. As feras uivavam longe na profundeza das selvas; e as aves espavoridas passaram soltando pios lúgubres. Os dois cavalos, com o pêlo eriçado, resfolgavam aquele bafo ígneo, semelhante ao fumo de uma batalha; eles o conheciam: era o sopro da pátria selvagem; era o fôlego do pampa.

De repente a lua sepultou-se. Céu e terra submergiram-se num oceano de trevas. O aluvião das procelas se arremessara do horizonte e inundara a imensidade do espaço. Houve então um momento de silêncio pavoroso; era a angústia da natureza asfixiada pela tormenta.

Afinal ribombou o trovão na vasta abóbada negra, sobre a qual o relâmpago despejava cataratas de chamas. Não era uma tempestade; mas um turbilhão de tempestades, bacantes em delírio, que tripudiavam no céu. Como os touros acossados pelo gaúcho arremetem com fúria e rompem a selva bramindo, assim o tropel das borrascas disparava pelo espaço.

O pampeiro, varrendo dos cimos dos Andes todas as tempestades que ali tinham condensado os calores do estio, verberava na imensidade as pontas do látego formidável com que ia açoitar o oceano.

Atônitos e mudos de espanto, os animais contemplavam o grande paroxismo da natureza. A voz do trovão, o verbo das grandes cóleras celestes, sopitava todos os gritos e todos os rumores. A terra pávida e estupefata recebia a tremenda flagelação no meio das gargalhadas satânicas do raio que surriava fustigando as escarpas do rochedo.

Únicos, no meio dessa horrível subversão, aquele homem e aquela mulher não se apercebiam dos furores da procela; dentro de suas almas lhes tumultuava outra furiosa tormenta que as devastava com sanha mais terrível que a do raio.

Abraçada aos pés do gaúcho, Catita murmurava:

— Nunca amei senão a ti, Manuel, eu juro. Não digo isto para que me perdoes. Não mereço, não quero perdão. Mas vê o que sofri, e estou sofrendo neste momento. Tu foste traído; e eu que me traí a mim mesma?... Eu que me detesto

mais do que tu podes detestar a infeliz que te enganou?... Amar, e sentir-se indigna desse amor, não há maior suplício, Manuel!

A alma do Canho se crispava, semelhante ao mísero que tomado de vertigem à beira do precipício se estorce e contrai para escapar à fascinação do abismo, e debalde estende as mãos convulsas em busca de algum frágil apoio. Com os olhos fitos no semblante da moça, que os relâmpagos cingiam de uma auréola fulmínea, a alma do gaúcho se arrojava de novo nas torturas atrozes por que passara durante os últimos dias, esperando assim subtrair-se à irresistível atração dessa mulher, a quem amava ainda, mas com assomos de furor.

— Manuel, por piedade, Manuel, não me fujas. Ouve! A mulher que tu amaste não existe mais, morreu, ninguém sabe dela. Esta que te fala, nunca a viste, não a conheces; é uma desgraçada que por acaso encontras em teu caminho e que te implora de joelhos a esmola de uma palavra, de um olhar. Não te pede senão compaixão para este desespero com que te ama. Que te custa? Deixa-me seguir-te ao deserto; quando minha presença te aborrecer um dia, atira-me, ou deixa-me no rancho abandonado onde nunca mais voltarás, mas onde eu ficarei te esperando sempre até morrer consumida pela doce esperança.

Durante esta súplica férvida e soluçante, Manuel lutava com a comoção que o invadia. voltado com o impulso do homem que se precipita, ele estacava como suspenso por uma força ingente; entretanto o que o detinha era apenas a mão frágil de uma mulher.

Afinal, cedendo à fascinação, curvou-se lentamente para Catita, que viu ressumbrar-lhe na fisionomia o soçobro d'alma.

— Ah! tu és bom! Tens dó de mim!

— Não! exclamou Canho com veemência.

Repelindo a moça arrebatadamente, ia correr ao lugar onde o esperavam os animais, quando Catita com um ímpeto bravio atalhou-lhe o passo:

— Leva-me contigo ou mata-me! exclamou cerrando convulsivamente as mãos do gaúcho.

O olhar alucinado de Manuel pousou um momento no semblante de Catita e sondou a profundeza do precipício que se abria quase a seus pés, iluminado pelo lívido clarão do relâmpago. Sua mão terrível abarcou na cabeça da moça as longas tranças negras, revoltas pelo sopro da tempestade, e arrastou-a até a borda do abismo.

Rasgou-se nesse momento o céu e a meio do algar, suspenso aos galhos de uma árvore seca, apareceu o cadáver do chileno:

— Olha! Ele te espera! disse Manuel suspendendo a moça para arremessá-la no precipício.

Mas Catita lhe cingira os braços ao pescoço; seu hálito crestou-lhe o rosto. A esse contato desamparou-o toda sua força; os braços lhe caíram inertes e ele afastou-se com o passo trôpego, vacilando como um ébrio. A moça, espavorida do que fizera, seguia Manuel com um olhar pasmo.

Nesse momento um sopro glacial cortou como uma corrente de gelo a atmosfera abrasada.

O peito de Manuel dilatou-se num amplo respiro. Semelhante ao homem que saísse de uma caverna abafada, ele bebia aquele ar frio às golfadas; com os lábios descerrados, os braços abertos, parecia receber um amigo a quem estreitava ao peito.

— O pampeiro!... exclamou.

O filho do deserto, assomando no horizonte, soltou seu primeiro bramido, que sibilou no espaço e fendeu como uma seta o ronco do trovão. Imediatamente as tempestades que trotavam no firmamento fugiram pávidas para os confins da esfera, como um bando de capivaras ouvindo o berro da jiboia.

O pampeiro é a maior cólera da natureza; o raio, a tromba, o incêndio, a inundação, todas essas terríveis convulsões dos elementos não passam de pequenas iras comparadas com a sanha ingente do ciclone que surge das regiões plutônicas como o gigante para escalar o céu.

Ei-lo, o imenso atleta que se perfila. Seu passo estremece a terra até as entranhas; a floresta secular verga-lhe sob a planta como a fina relva sob a pata do tapir; seu braço titânico arranca os penhascos, as nuvens, as tempestades, e arremessa todos esses projéteis contra o firmamento.

Luta pavorosa que lembra as revoltas pujantes do arcanjo das trevas precipitado pela mão do Onipotente nas profundezas do báratro. O maldito, prostrado no seio das chamas eternas, ressurge possesso levantando-se para ascender ao céu; nada lhe resiste; a abóbada do firmamento treme abalada por seu ímpeto violento. Mas que Deus incline a fronte, e Satã cairá fulminado pelo olhar supremo.

O ímpeto do tufão toma todas as formas da ferocidade; sua voz é a gama de todos os furores indômitos. Ao vê-lo, o terrível fenômeno afigura-se uma tremenda explosão da braveza, do rancor e da sanha que povoam a terra.

Aqui o pampeiro surge e arremete como cem touros selvagens escarvando o chão; ali sente-se o convólvulo de mil serpentes que estringem as árvores colossais e as estilhaçam silvando; além uiva a matilha a morder o penhasco

donde arranca lascas da rocha, como lanhos da carne palpitante das vítimas; agora são os tigres que tombam de salto sobre a presa com um rugido espantoso. Finalmente ouve-se o ronco medonho da sucuri brandindo nos ares a cauda enorme, e o frêmito das asas do condor que rui com hórrido estrídulo.

E tudo isto, sob um aspecto descomunal e imenso, não é senão a voz e o gesto do gigante dos pampas, concitado das profundezas da terra, para subverter o orbe.

Manuel recobrara o alento respirando o ressolho do tufão, e vendo-se envolto por essa grande alma do deserto. O fracasso dos rochedos arremessados às nuvens e chocando-se no espaço; o estrépito das florestas convulsas que estalavam entre as garras do ciclone; o ruído das casas arrancadas ao chão que se desfaziam no ar trituradas como um torrão de argila; todos esses ecos de ruína e devastação deleitavam aquele coração enganado.

O espírito de Manuel sentia naquele momento a necessidade de cavalgar o tufão como a um corcel bravio, e precipitar-se com ele pelo espaço, arrasando tudo em sua passagem e matando em sua alma a sede horrível que sentia de mortes, desastres e catástrofes.

Quando ia montar na baia, outra vez o prendeu a mão de Catita que se precipitara com veemência e esforçava para retê-lo. Mas repelindo-a com rudeza, saltou ele no lombo da Morena que desapareceu como a folha arrebatada pelo sopro do pampeiro.

Levado pela corrida veloz, Manuel sentiu no peito uma constrição que em seu desvario lhe pareceu de uma tenaz ardente. Catita se lançara na garupa da Morena no momento de partir; era sua mão delicada que lhe esmagava o coração.

Sem forças para desprender-se daquela cadeia, queimando-se ao tépido contato do talhe voluptuoso da moça que estreitava-se com ele, o gaúcho soltou um bramido, como se chamasse em socorro seu o pampeiro, e precipitou-se numa corrida louca e esvairada, cuidando fugir assim ao tormento.

Mas abriu-se diante a fauce escâncara do abismo. O pálido clarão da lua, surgindo dentre as brumas da procela, iluminou o alcantil que sumia-se pelo antro profundo. Agarrado a uma ponta de rochedo, à borda do despenhadeiro, via-se o busto de Félix com a faca nos dentes, lutando com o tufão e devorando com os olhos a distância que ainda o separava do gaúcho.

A Morena ia estacar; Manuel, reclinando-se ao pescoço, gritou-lhe:

— Upa!

Ouviu-se um anseio, um estridor de ramos partidos, o baque de um corpo no

fundo do algar, o estrupido de um galope ao longe; e a voz formidável do ciclone cobriu todos esses pequenos rumores. Súbito, porém, como se o filho do pampa só houvesse deixado as estepes nativas para buscar o gaúcho e levá-lo ao deserto, a natureza quedou-se. Cadáver depois da tremenda agonia.

O sol despontava.

A manhã límpida e serena esparziu a doce luz por aquela terra convulsa. No meio dos sobejos da borrasca, entre as estilhas dos troncos seculares, as farpas de rochedo e o solo revolto, o tenro grelo da semente rompia o seio da terra; e a flor azul de uma trepadeira estrelava suas pétalas aveludadas.

SOBRE O AUTOR



José de Alencar (José Martiniano de Alencar) nasceu em Messejana, CE, em

1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de dezembro de 1877.

Era filho do padre, depois senador, José Martiniano de Alencar e de sua prima Ana Josefina de Alencar, com quem formara uma união socialmente bem aceita, desligando-se bem cedo de qualquer atividade sacerdotal.

O advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo é o patrono da Cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras.

Entre suas obras estão: Cartas sobre a confederação dos Tamoios (1856); O Guarani (1857); Cinco minutos (1857); Verso e reverso (1857); A noite de São João (1857); O demônio familiar (1858); A viuvinha (1860); As asas de um anjo (1860); Mãe (1862); Lucíola (1862); Os filhos de Tupã (1863); Escabiosa (sensitiva) (1863); Diva (1864); Iracema (1865); Cartas de Erasmo (1865); As minas de prata (1865); A expiação (1867); O gaúcho (1870); A pata da gazela (1870); O tronco do ipê (1871); Sonhos d'ouro (1872); Til (1872); O garatuja (1873); A alma de Lázaro (1873); Alfarrábios (1873); A guerra dos mascates (1873); Voto de graças (1873); O ermitão da Glória (1873); Como e porque sou romancista (1873); Ao correr da pena (1874); O nosso cancioneiro (1874); Ubirajara (1874); Senhora (1875); Encarnação (1893, póstumo). Obra completa, Rio de Janeiro: Ed. Aguilar, 1959.